1953

NOVEMBRO

N.438

EU SEI TUDO



É PRECISO **SABER** DORMIR ★ QUEM TROUXE A SÍFILIS PARA AS AMÉRICAS? ★ A TERRA, ESTA DESCONHECIDA ★ E SE A SUA CASA PEGAR FOGO?

ARROZINA

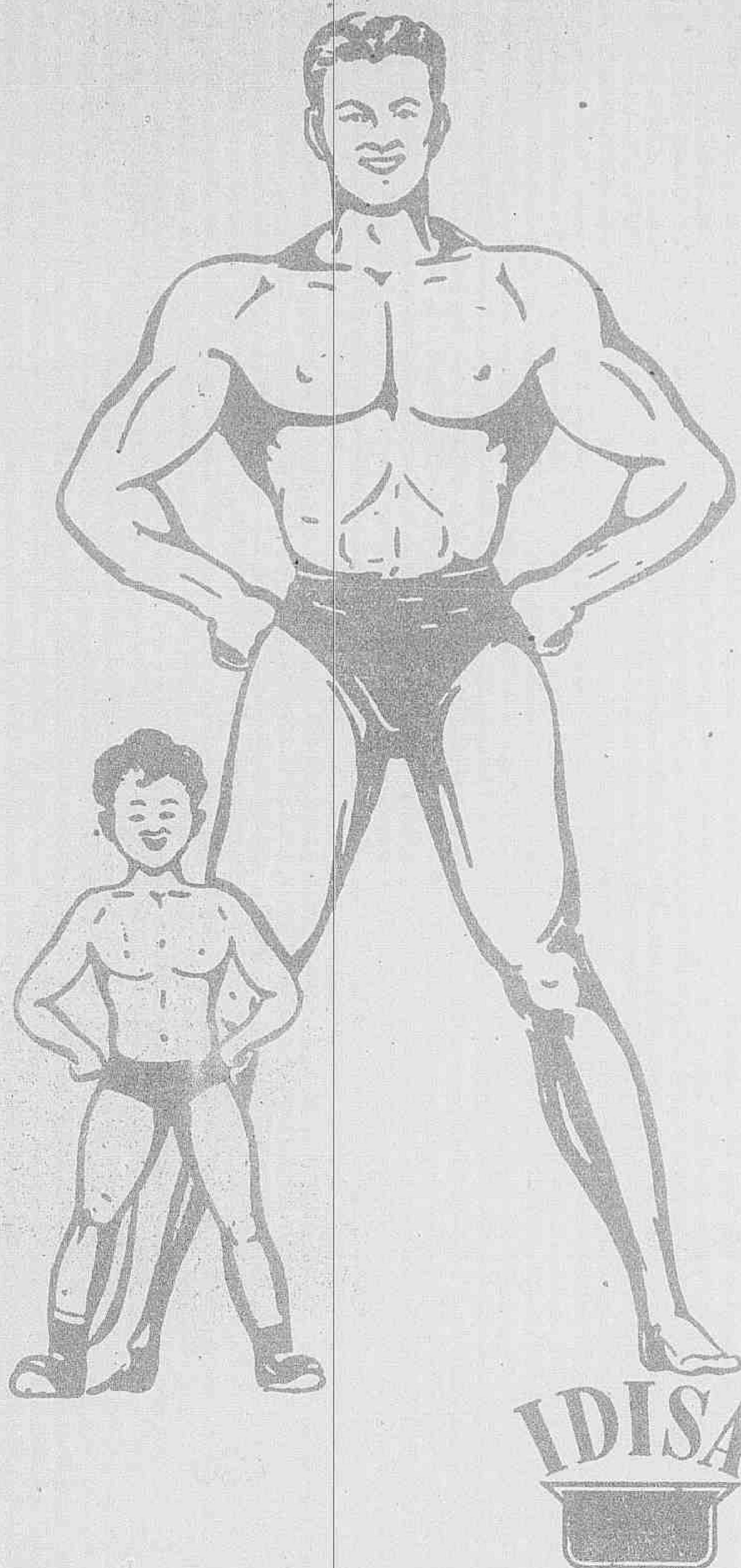
O alimento ideal dos bebês



JÁ ALIMENTOU DUAS GERAÇÕES DE CAMPEÕES



Encontra-se ARROZINA em tôdas as farmácias e drogarias do Brasil



Instituto Dietético Infantil S.L.

FÁBRICA: AV. ODILA, 1549 - Cx. Postal, 4334 - ESCRITÓRIO: R. MARIA PAULA, 136 - Fone 33-4263 - S. PAULO ★ FILIAIS NAS PRINCIPAIS CIDADES DO BRASIL

FILIAIS:

RIO DE JANEIRO
Rua Juan Pablo Duarte, 42 — D. Federal

BAHIA — SERGIPE
Rua Carlos Gomes, 3-A — Salvador

PERNAMBUCO — PARAÍBA
Rua da Saudade, 323 — Recife

RIO GRANDE DO SUL
Rua Riachuelo, 959 — Pôrto Alegre

CEARÁ — PIAUÍ — MARANHÃO
Rua Pedro Pereira, 755 — Fortaleza

DEPÓSITOS E REPRESENTANTES NOS DEMAIS ESTADOS

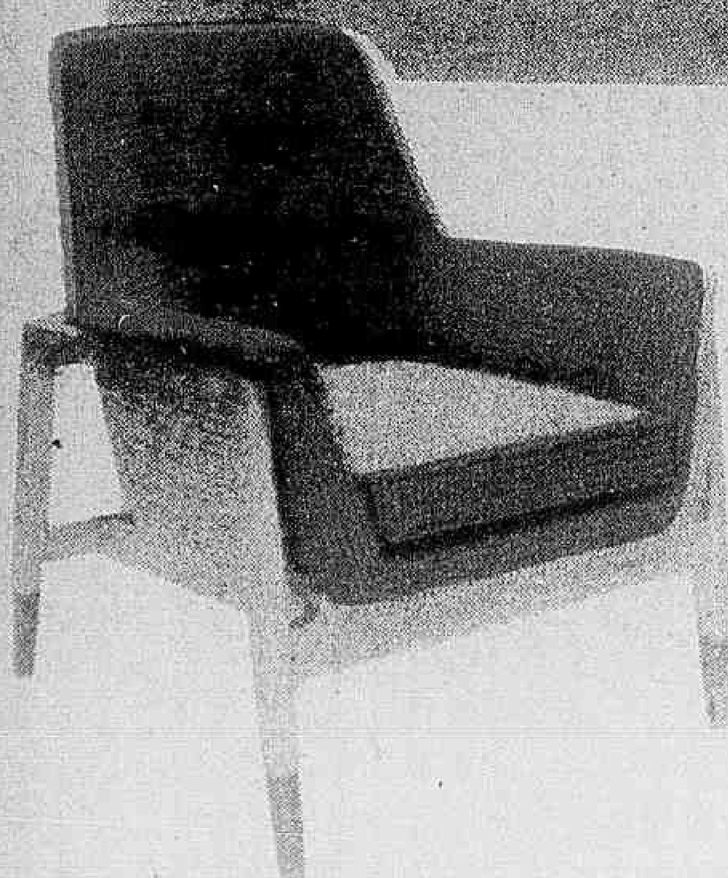


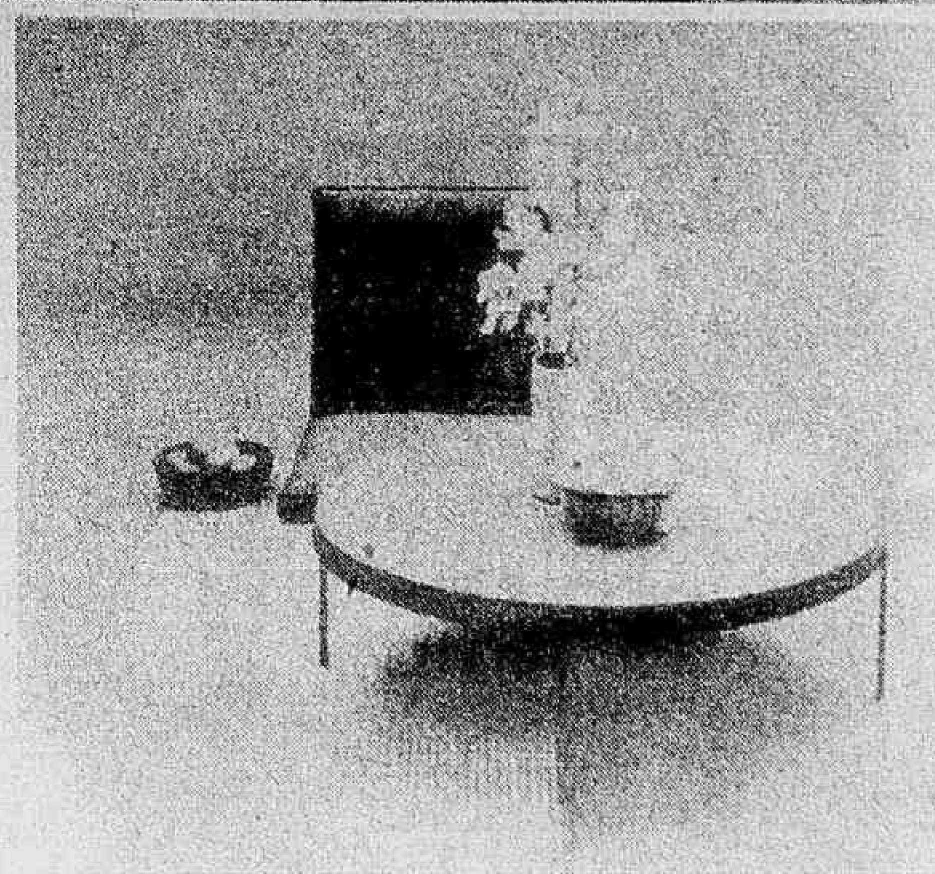

Um Sapato que dispensa ADJETIVOS
Agora
CR$ 149,00
AT. SEMOG/.
insinuante
é a maior e melhor sapataria da America Latina e é tambem uma galeria a sua disposição com agua geladinha sempre as suas ordens.
CARIOCA, 46 E 48
SETE SETEMBRO, 199-201
SOLA DE COURO C/SALTO DE BORRACHA, OU TODO SOLADO DE BORRACHA.
ÓTIMA VAQUETA.
CÔRES: LARANJA, MARRON OU PRETO.
NUMERAÇÃO DE 34 á 44.
REMETEMOS PARA TODO O BRASIL PORTE POR PAR CR$ 5,00.
NÃO FAZEMOS REEMBOLSO.



Para o SEU LAR

Ao alto: mesa redonda (extensível), combina com cadeiras de assento de couro trançado. Pequeno «buffet»-armário. Uma estante aberta divide a sala-de-jantar do «living».

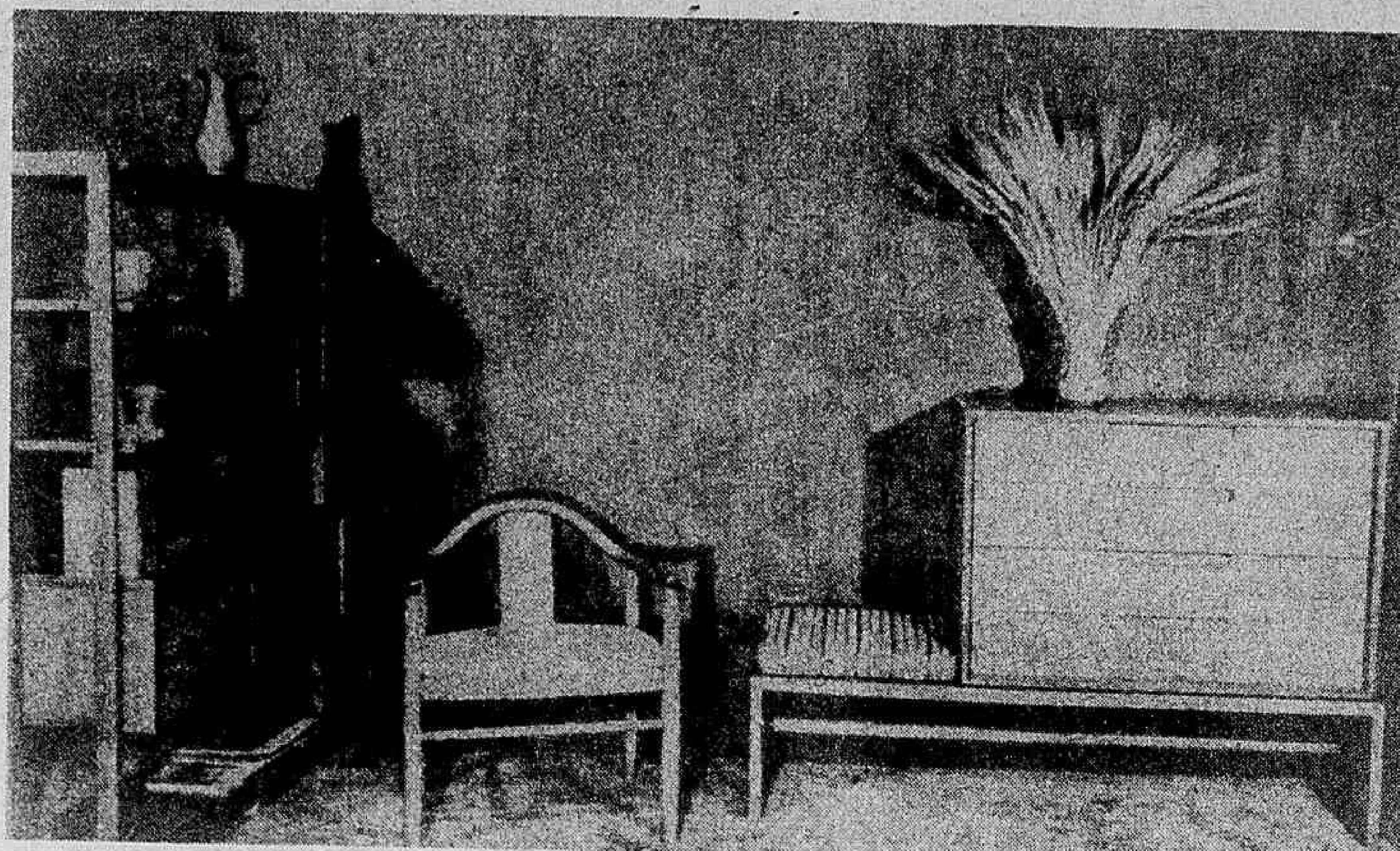




★

À esquerda: cadeira anatômica, pertencente a uma coleção de móveis suecos modernos.

Ao alto: mesinha de quatro pés, muito curtos e de ferro, combina com cadeira de matéria-plástica e tapetinho de corda. De múltipla utilidade num «living» ou jardim de inverno.



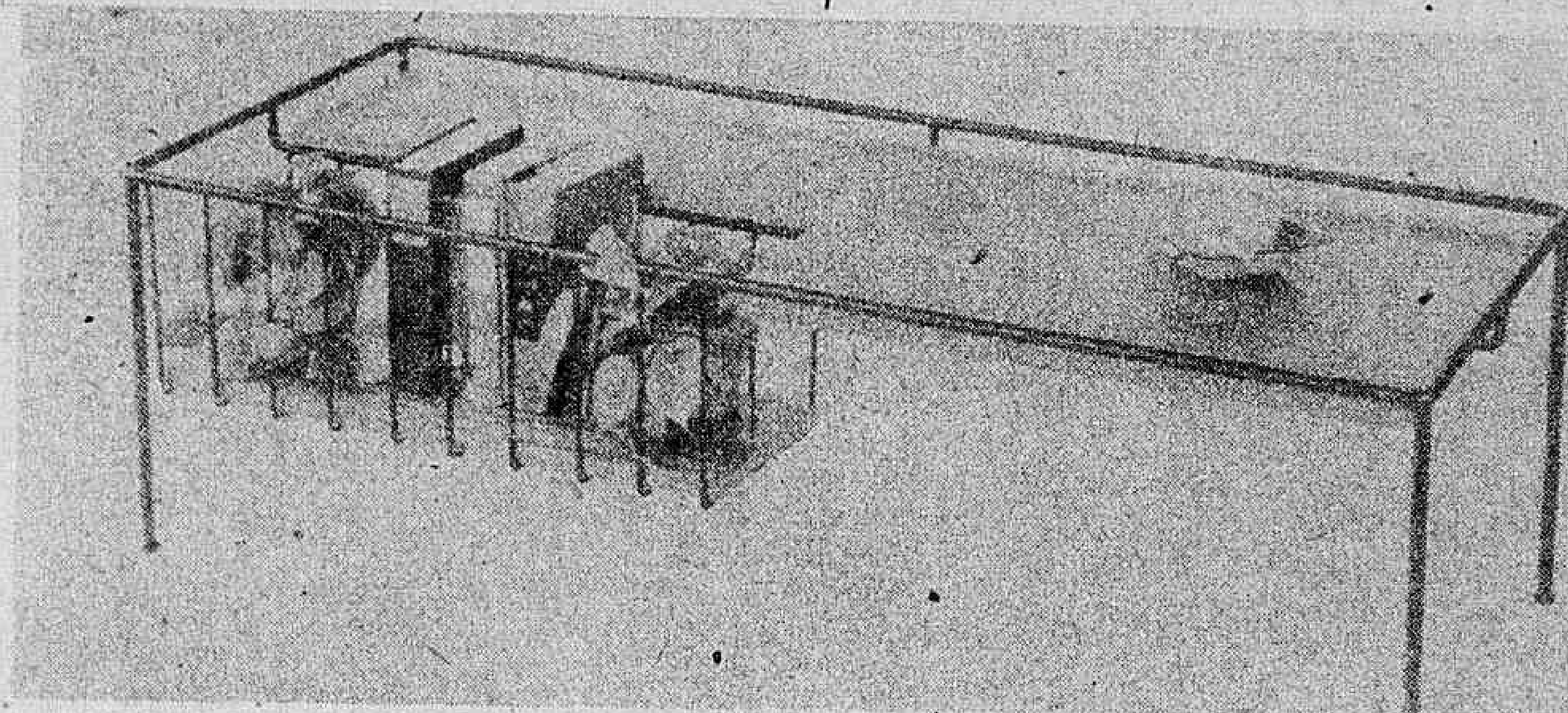
À esquerda: dormitório para solteiro, idealizado para dar todo o confôrto, no mínimo de espaço.

Do próprio estrado do leito, surge a cômoda, grande, de gavetas largas e profundas.

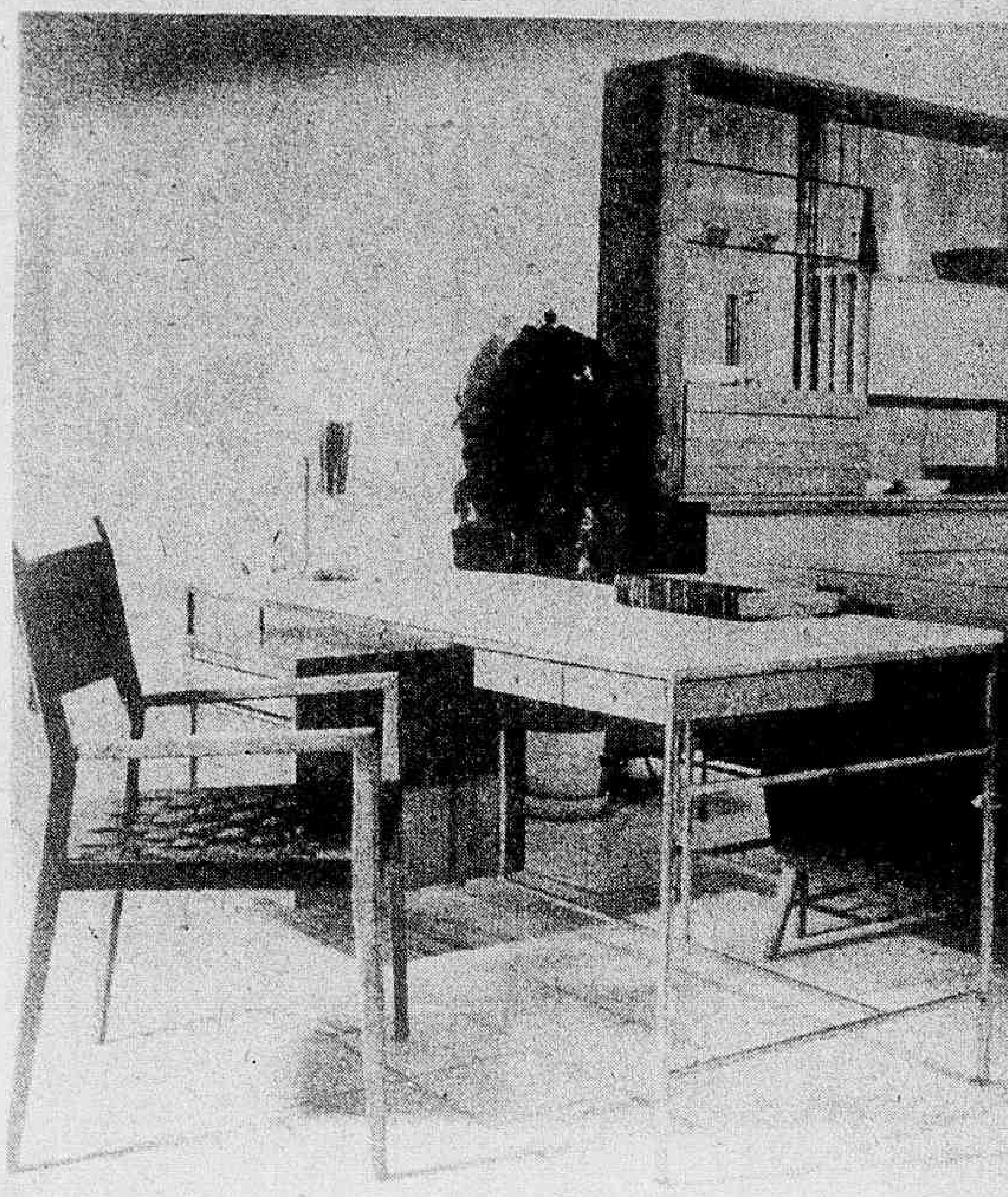
Combina com a cadeira para leitura, ao lado da estante aberta, o que facilita a limpeza geral.

Poderá ser laqueada ou encerada.

À direita: linda mesinha, que cabe «em qualquer lugar», podendo servir como porta-livros, para servir café e como simples aparador. Fàcilmente, poderá ser combinada a côr da madeira e dos ferros, segundo o gôsto e o ambiente. Embaixo: pequeno escritório, com mesa com pés de ferro, duas gavetas para papéis e, num dos extremos, aparador de ferro para arquivos de aço ou de madeira. Cadeira com assento de couro trançado.



Embaixo: uma das mais engenhosas mesinhas já fabricadas. Possui «laterais» dobráveis e duas gavetas prateleiras, que correm, fàcilmente, em trilhos laterais, podendo servir para suportar louça de grande dimensão. Os pés, com roldanas, permitem que seja locomovida à vontade.





Águas da Prata

(ESTADO DE SÃO PAULO)

«A VICHY BRASILEIRA»

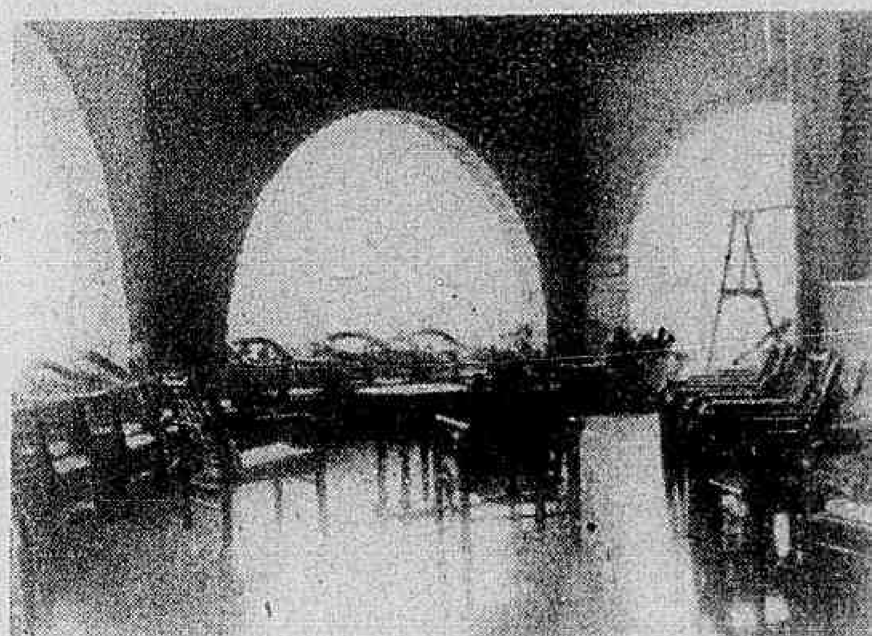
★ Entre as riquíssimas fontes hidrominerais, de que é fértil o Brasil, as ÁGUAS DA PRATA são de resultados surpreendentes nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de pedoroso auxílio no tratamento da gôta. Estância de maravilhosa beleza agreste e pitoresca, situada a 818 metros acima do nível do mar, de clima ameno em tôdas as estações do ano, ÁGUAS DA PRATA oferece aos seus aqüistas recantos e passeios encantadores, tais como os de «Piscina do Boi», «Cascatinha dos Amôres», «Fonte Antiga», «Fazenda das Carpas», «Fazenda Retiro», «Fonte do Paiol», **«Fonte Vilela»**, «Pedra Balão» e muitas outras de riqueza paisagística sem igual. A natureza juntou a mão do homem outros atrativos e comodidades, capazes de satisfazer o mais exigente aqüista. Fonte Vilela — Poderosa água radioativa, com 89 «matches» de radioatividade, para a cura das moléstias dos rins.



O confortável salão de estar, comunicando-se com a sala de jantar.

GRANDE HOTEL PRATA

★ O mais bem montado da Estância, com 55 apartamentos e 55 quartos, confortàvelmente mobilados e telefone em todos os aposentos, está situado a dois passos das principais fontes de água mineral e responde a todos os requisitos modernos. Para divertimento e comodidade de seus hóspedes, dispõe de Salão para crianças, para chá e jogos; ótimo salão de Estar e para Festas; Cinema modernamente instalado; Bilhar e Snooker, Barbearia e Manicure.



Um aspecto da majestosa varanda do Hotel, recanto ideal para repouso.

COZINHA DE 1ª ORDEM e REGIMES DIETÉTICOS

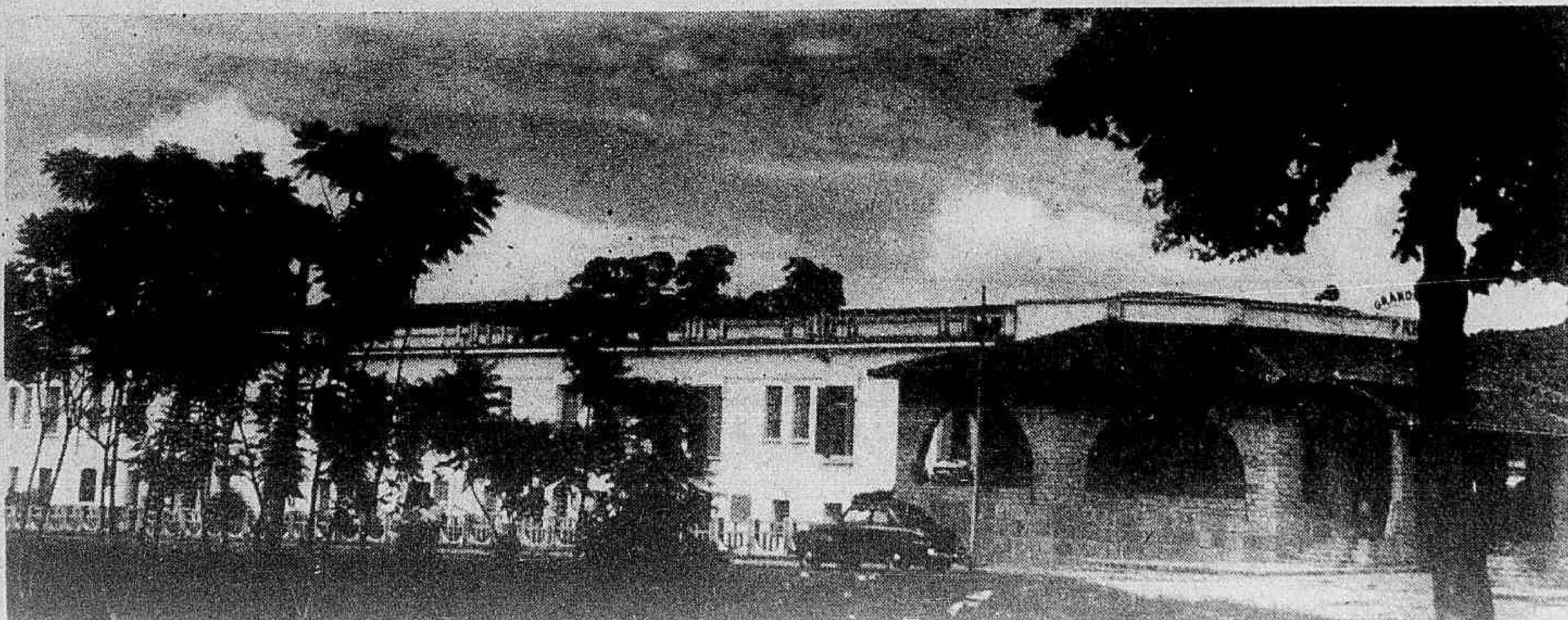
RESERVA DE APOSENTOS

★ Pelas Emprêsas de Turismo ou diretamente para o GRANDE HOTEL PRATA, Águas da Prata, Estado de São Paulo, por carta, telegrama ou pelo telefone nº 20. Até 30 de dezembro, 20% de desconto nos preços da tabela.

AGUAS DA PRATA é servida pela magnífica Empresa de ônibus VIAÇÃO COMETA S. A., que circula por centenas de cidades do país e que mantém 10 ônibus diários para S. Paulo.



A grande e alegre sala de jantar belamente arejada e iluminada.



Vista geral do Grande Hotel Prata.



MAGAZINE MENSAL ILUSTRADO — CIENTIFICO, ARTISTICO — HISTÓRICO E LITERARIO, FUNDADO EM 1917

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA, Diretor: Gratuliano Brito. Redator-chefe: Mário Renato de Castro. Redação: Rua Visconde de Maranguape, 15, Rio de Janeiro. End. Tel.: «Revista». Telefones: Redação — 22-4447; Administração e Publicidade — 22-2550. Chefe de Publicidade: Severino Lopes Guimarães. Distribuição e venda em S. Paulo: Agencia Zambardino, Rua Capitão Salomão, 69, tel.: 34-1569. Representantes: em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes de Melo, 34, 2dt., Lisboa. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spano, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Inter-Prensa, Florida, 29, tel. 33, Avenida 9109, Buenos Aires. Número avulso em todo o Brasil — Cr$ 5,00. Número atrasado — Cr$ 6,00. Assinatura anual: Registrada — Para o Brasil: Cr$ 60,00; para o estrangeiro: Cr$ 100,00.

Uma Estranha Criatura

HERMIONE ERA MOÇA ESTRANHA, FRÁGIL, COM LINDOS OLHOS AZUIS... MAS, SUA HISTÓRIA E' ESPANTOSA...

Por CYRIL HARE ★ Tradução de SYLVIA JAMBEIRO



QUANDO Richard Armstrong, explorador e alpinista, desapareceu, numa nevasca em Korakoram, sua única filha, Hermione, tinha completado vinte anos. Êle lhe havia legado uma porção de estranhos conhecimentos — e nada mais.

A fim de ter uma ajuda mais tangível, teve ela que recorrer ao tio Paulo, que estava em situação de ampará-la generosamente. Paulo Armstrong se contentara com limitar as suas explorações dentro de uma milha quadrada, a oeste de Temple Bar, em Londres, e estava satisfeito com os resultados.

Hermione era moça bonita, frágil, com grandes olhos azuis observadores, queixo enérgico e uma bôca, que só se abria para falar quando estritamente necessário. Não veio dar aos tios trabalho algum e submetia-se, passivamente, a tôda sorte de brincadeiras a que seus robustos e atléticos primos, Johnny e Susan, a submetiam; mas conservava seu modo de ser. E, naquela casa, alegre e barulhenta, ela passava quase despercebida. No inverno seguinte, Susan Armstrong morreu, vítimada por uma queda, durante uma caçada.

Seis meses mais tarde, Johnny, brincando, simplesmente, de saltar do trampolim da piscina da casa de seus pais, sofreu um escorregão ridículo e, caindo, quebrou o pescoço na borda da piscina.

Paulo e a espôsa adoravam os filhos, o que era muito justo. O golpe duplo e doloroso tirou-lhes a razão de viver e quando, pouco depois, uma pneumonia os vitimou: êles não opuseram resistência.

Embora a própria Hermione insistisse em atendê-los, recusando a recomendação dos médicos para que contratassem uma enfermeira profissional, o fim do desditoso casal não se fêz esperar.

Com êste vultoso número de mortes na mesma família, Hermione tornou-se uma herdeira considerável.

Com a calma deliberação que sempre a caracterizou, Hermione resolveu procurar um marido, de acôrdo com sua nova situação. Depois de cuidadosa seleção, escolheu Freddy Fitzhugh. Foi, de tôdas as maneiras, uma escolha excelente. Freddy era homem de ação, bem relacionado, muito atraente, e nada tinha de tolo. O noivado e o namôro não foram sensacionais, mas, apenas, satisfatórios e formais. Anunciaram o noivado e numa bela manhã de primavera, foram até Bond Street para escolher o anel.

Freddy levou Hermione ao Garland's, o aristocrata entre os aristocratas dos joalheiros, e o grande Garland veio atendê-los, pessoalmente, numa sala especial, no fundo da loja.

Hermione examinou as pedras que lhe foram mostradas com desapaixonada meticulosidade e discutiu as qualidades e defeitos com autoridade de técnico, o que deixou Freddy muito desapontado e o joalheiro meio divertido.

Finalmente, decidiu fazer recair sua escolha sôbre uma pedra tão superior às outras como Freddy havia sido superior aos seus outros pretendentes. E saíram.

Durante êste tempo a loja não havia estado parada.

Pouco depois de Freddy e sua bem-amada terem entrado pela porta particular da sada especial do joalheiro Garland, dois homens corpulentos entraram na loja e pediram ao vendedor do balcão para mostrar-lhes alguns braceletes de diamantes

Êsses homens logo mostraram ser tão difíceis de satisfazer na escolha, como o fôra Hermione, sem demonstrar, contudo, o mesmo agudo conhecimento de pedras preciosas que ela revelara possuir e logo o balcão ficou coberto por brilhantes no valor de alguns milhares de libras, para que êles escolhessem.

Para o pobre do empregado do balcão, aquilo parecia não chegar a um fim; para êle, aquêles compradores nunca tomariam uma decisão.

E foi, então, exatamente quando mr. Garland conduzia Freddy e Hermione até à porta, que tudo começou a acontecer, de repente. Uma grande **limousine** negra se aproximou da porta



da loja e esperou, com o motor funcionando. No mesmo momento, um dos homens, com a velocidade de um relâmpago, passou a mão em uma meia dúzia de braceletes e correu para a porta, enquanto seu companheiro fazia o empregado de Mr. Garland desmaiar, com um violento sôco no estômago.

Freddy, que se detivera um instante para dizer qualquer coisa ao joalheiro, olhou, assustado, e viu, com horror, que Hermione estava só, na porta, bem no caminho do assaltante. Ela, porém, não fêz nenhuma tentativa para esquivar-se, quando êle investiu em sua direção. Freddy, naquela confusão, só pôde pensar que ela estaria paralisada de mêdo e não tinha fôrças para correr.

Quase sem esperanças, correu em auxílio dela, no momento exato em que o homem enviava vigoroso sôco em direção ao rosto da moça.

Mas, o golpe não atingiu o alvo. Com um sorriso superior, Hermione mudou de posição no momento preciso e defendeu-se. Um segundo depois, o assaltante voava, como que atirado por uma estranha mola, e ia bater, de cabeça, contra a vitrina, espatifando-a e espalhando estilhaços de



A morte dos seus primos, Johnny e Susan Armstrong, foi um trágico acontecimento na vida de Hermione.

vidro para todos os lados. Tudo isso se passou em, apenas, alguns segundos.

— Você nunca me disse que conhecia tão bem o Jiu-Jitsu, Hermione — falou Freddy, quando, finalmente, deixaram a loja.

— Judo! — corrigiu Hermione. — Meu pai fêz questão de que eu aprendesse com um verdadeiro campeão. Isto, às vêzes, é providencial! Mas, naturalmente, estou muito sem prática...

— Sim, estou vendo... E, Hermione, há várias coisas a seu respeito que são surprêsas para mim.

E despediram-se. Hermione tinha hora marcada, no cabeleireiro. Freddy, por sua vez, foi caminhar um pouco pelo «Central Park». Depois, êle tomou um táxi para Fleet Street, onde passou o resto da tarde examinando os arquivos e recortes de vários jornais. Encontraram-se, novamente, na hora do jantar, naquele mesmo dia.

Freddy foi direto ao assunto.

— Estive relendo as reportagens sôbre o acidente de seu primo Johnny — disse êle.

— E daí? — perguntou Hermione, mostrando-se polidamente interessada no que êle dizia.

— Foi muito estranha a maneira como êle caiu do trampolim para bater, justamente, na borda da piscina! Como foi mesmo que tudo aconteceu?

— Expliquei tudo, direitinho, ao inspetor. Eu levantei no momento exato em que êle escorregou e nada pude fazer.

— Foi muito azar para Johnny...

— Sim, muito, realmente...

— E muito azar, também, o daquele camarada, que assaltou a joalheria, hoje de manhã, que você se virasse no momento exato em que... Bem, eu acho que você não disse ao inspetor que sabe tão bem empregar o Judo...

— Não, naturalmente que não disse...

— Muito azar, também, o da sua prima Susan... cair de maneira fatal naquele dia da caçada...

— «Aquilo» foi puro acidente. Eu disse a ela que era preciso muita fôrça para segurar aquêle cavalo!

— Vou conceder a você o prazer de pensar que eu acredito nesta última explicação... mas, nosso noivado está desfeito!

Hermione olhou para o belo anel que tinha no dedo. Depois, fechou fortemente a mão e, de punho cerrado, disse:

— Não posso evitar que você quebre o compromisso do nosso noivado, Freddy, mas vai lhe custar muito caro...

— Verdade?

— Muito caro mesmo!

Mas, Freddy achou que valia qualquer preço livrar-se daquele compromisso com uma criatura tão estranha.

Valia qualquer preço; qualquer dinheiro!

Freddy nada tinha de tolo.

★ ★

OS TOUROS, AGORA, SÃO MAIS PERIGOSOS

NADA menos de 200 "matadores" da Espanha estão sèriamente preocupados. E não é para menos, pois as autoridades determinaram que os touros, especiais para as "touradas", os famosos "Minuras", deverão ter quatro anos de idade e pesar, no mínimo, 520 quilos. Há, ainda, outra exigência — e mais séria — os animais deverão ser apresentados com os seus chifres "naturais" e não mais aparados e tornados rombudos, como vinha sendo feito até então, contrariando as *regras* do combate.



Essas exigências das autoridades surgiram, simplesmente, por que, de ano para ano, os touros apresentados eram menores, mais magros e frouxos. Isto, naturalmente, permitia que os "matadores" realizassem façanhas próprias para encantar os turistas, que nada entendem de touradas, mas que desgostavam os verdadeiros *aficionados*, que não engoliam essas "valentias", com animais inferiorizados fìsicamente.

Agora, os espanhóis, amantes das touradas, esperam que tudo retorne aos emocionantes espetáculos anteriores a 1936, quando morriam vários "toreadores" em cada temporada.

Mas, segundo revelam os telegramas, muitos dos mais famosos e mais ricos "matadores" decidiram, da noite para o dia, retirar-se da "arena", pendurando *capa* e *espada*.

★ ★

OS DOIS ÁTOMOS MAIS PESADOS DO MUNDO

OS dois átomos mais pesados, entre os já conhecidos, foram fabricados no laboratório das radiações da Universidade da Califórnia, em Berkeley. São os de berkelium, 245, e o do califórnium, 246. Êsse novo isótopo de berkelium tem um período de cinco dias, aproximadamente; o do segundo, o califórnium, é de trinta-e-cinco horas.

Caminhemos com AS PERNAS!



É muito natural servir-se das pernas para caminhar; no entanto, por mais estranho que possa ser, numerosas são as pessoas que não as utilizam com êsse fim, locomovendo-se com o auxílio dos músculos das costas, enquanto as pernas, musculosas embora, servem, apenas, para sustentar o corpo.

O caminhar consiste em uma série de equilíbrios perdidos e novamente achados, que podem ser efetuados de diversas maneiras. *Essencialmente*, são dois êsses métodos: caminhar com o auxílio das costas e com o auxílio das pernas.

No caminhar com as costas, a tarefa de equilíbrio se efetua com a inclinação do tronco para a frente, até que o corpo começa a tombar e, em seguida, retomar, vivamente, êsse equilíbrio, avançando, ràpidamente, uma perna. Imagine-se o leitor aprumado, com um pé para a frente, na posição normal do caminhar. Enquanto a cabeça, os ombros e o tronco se inclinam para a frente, a perna se estende, e a linha de gravidade se desloca, igualmente, de acôrdo com a direção dos artelhos, dando uma sensação de queda. Uma vez que essa linha de gravidade chega aos artelhos, a outra perna avança, vivamente, para receber o pêso do corpo e oferecer uma nova base de sustentação, que interrompe essa queda. Como a gravidade impele o corpo para a frente e para baixo, o passo deve ser rápido, a fim de interromper êsse movimento.

A perna que avançamos para não tombar não nos fará avançar, caso o pêso do corpo esteja repousando sôbre ela. Ela se move, apenas, para que o corpo abandone a sua posição de inclinação, fazendo-o endireitar; assim, sendo o passo pesado, provoca um abalo que se reflete em todo o corpo.

Esta caminhada "de gorila" obriga a manter o corpo constantemente inclinado para a frente, numa posição essencialmente precária. O gorila, porém, pode adotar esta posição, pois conta com um par de braços compridos, que alcançam o solo, quando o seu corpo está inclinado para a frente e lhe servem, em tal caso, de base suplementar de sustentação. O mesmo, entretanto, não acontece com os sêres humanos: o nosso centro de gravidade se desloca, sem cessar, para diante do polígono de sustentação, de modo que a garvidade exerce uma forte atração para baixo, sôbre o tronco, que não está firme. Isto resulta numa ameaça para a coluna vertebral e para os músculos, relativamente fracos, das costas. Por outro lado, a gravidade exerce uma forte atração para do ventre para baixo e para a frente, contra a parede abdominal, que ela distende.

O modo de caminhar *com auxílio das costas* é desprovido de graça. E, o que é pior, representa um mau rendimento, uma vez que obriga a pessoa a utilizar os músculos do tronco para efetuar, com perigo e dificuldade, aquilo que pode ser executado, muito fàcilmente e firmemente, pelos músculos mais resistentes das pernas.

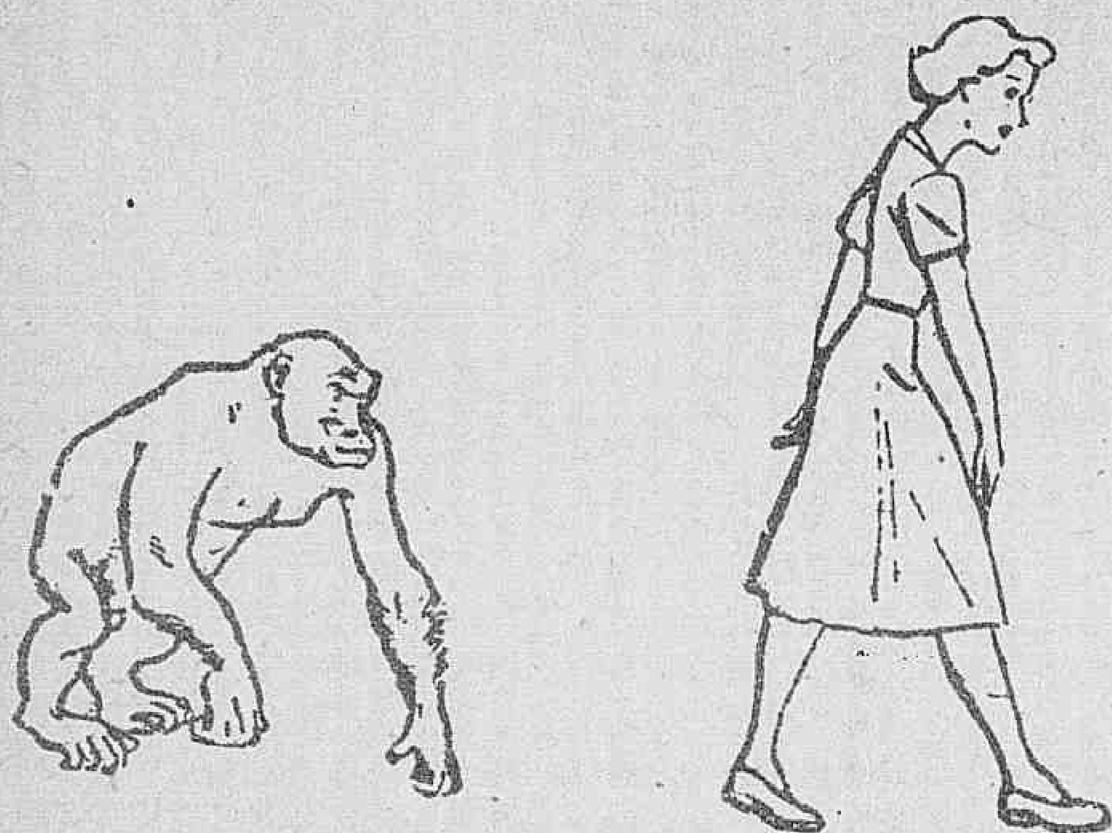
No caminhar com auxílio das pernas, a pessoa é propulsionada para a frente pelos possantes músculos que aquelas possuem, em lugar de ser impulsionada pela ação da gravidade sôbre a parte superior do corpo.

Partindo de uma posição correta e equilibrada, o pêso se desloca, ligeiramente, para a esquerda, ao mesmo tempo que a perna direita, por um movimento de oscilação, passa para diante do corpo. Uma vez que o calcanhar direito toca o chão, o pé e a perna esquerda começam a exercer uma pressão que tem por efeito transferir o pêso equilibrado do corpo sôbre a base da perna direita.

A perna esquerda se adianta, em seguida, sob o corpo sustentado pela perna direita, e vai fixar-se mais além, pronta para receber o pêso do corpo, uma vez que a perna direita se eleve, por sua vez, do solo.

São, portanto, as pernas que fornecem a energia necessária para o trabalho de caminhar.

Prepara-se, assim, uma nova base de sustentação para o corpo, em sua nova

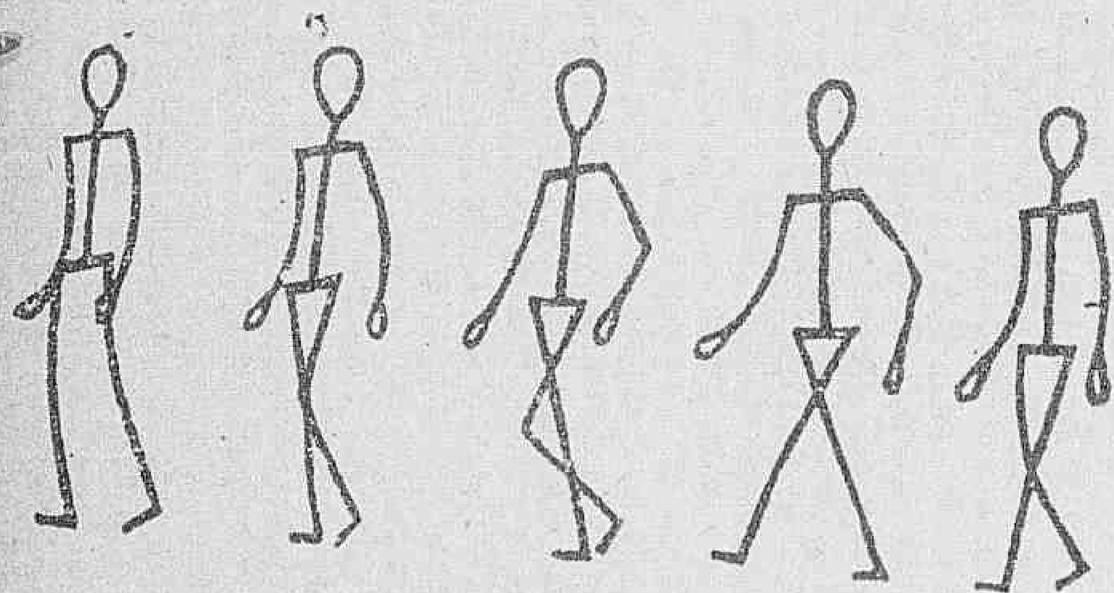


posição, uma vez que êle abandona o estado de equilíbrio que adotara na posição anterior, e a perna avançada está pronta para receber sua carga, fácil e progressivamente, sem tensão nem esfôrço.

Podemos dizer que êsse modo de andar é "regulado pela coxa", contràriamente àquele do gorila, que é "regulado pela cabeça".

Estando o corpo, constantemente, sustentado numa posição *estável*, é possível ao ser movimentar-se a todo instante, seja para a frente, seja para trás. Com isso o corpo ganha uma espécie de "margem de segurança" no caso de um acontecimento imprevisto.

O essencial da fôrça-motriz do corpo, para a frente, provém dos músculos das pernas e êstes, sendo grossos, poderosos



e bem adaptados aos movimentos de oscilação e impulso, permitem que se caminhe, durante um largo tempo, com fadiga relativamente pequena.

A análise, que abaixo apresentamos, de certos defeitos, dentre os mais correntes, no caminhar, pode chamar a atenção sôbre certos desvios individuais e auxiliar a pessoa a procurar corrigir o modo de caminhar.

A caminhada "à la Charles Chaplin" consiste em ziguezaguear, da direita para a esquerda, e, dêste movimento em diagonal, resulta um desperdício considerável de energia. Uma vez que a pessoa firme o pé, os artelhos são dirigidos para o exterior e o pêso, portanto, para diante do pé, uma vez que êste deixe o solo; o corpo, por sua vez, se dispõe em diagonal para ajustar a direção querida.

A caminhada em Rumba implica um resvalamento exagerado do pêso sôbre a perna de sustentação, o que provoca um apreciável movimento lateral dos quadris. Compara-se, ordinàriamente, êste tipo de caminhada ao caminhar do cavalo, no qual o pêso repousa, momentâneamente, sôbre um ou outro pé, enquanto o avanço é detido, mas, também, ocorre, igualmente perfeita, na caminhada de sequência rápida.

A caminhada do castor apressado dá a impressão de um grande dispêndio de energia para alguém que não tenha um minuto a perder. Os braços são balançados, ràgidamente, para a frente e para trás, descrevendo um grande arco de circunferência (quando, numa caminhada eficaz, os braços se balançam relaxados e sem esfôrço, *de modo natural*). O *castor apressado* transtorna a ordem da caminhada: balança os braços tão vigorosamente, que faz o tronco perder o seu equilíbrio e, a fim de neutralizar êsse efeito, os quadris têm que se deslocar para frente e para trás, com não menor vigor e amplitude.

Desta *luta contra a resistência* resulta uma caminhada desajeitada e sacudida, vindo, exatamente, ao encontro das intenções daquele pequeno animal, que deseja se movimentar apressadamente. De fato, o castor faz bastante *figura*, com êsse seu modo de caminhar, mas, quando chega ao seu destino, está atrasado e esfalfado pelo esfôrço dispendido.

A caminhada da "melindrosa apressada" se parece muito com a do *castor apressado*, mas, enquanto êste agita, vigorosamente, os braços, descrevendo um arco imenso, a "melindrosa apressada" não balança os braços *senão a partir do cotovêlo*. Mantém a parte superior dos braços colada ao corpo, com os ombros firmes, bem postos e ligeiramente curvados; a cabeça parece sair dos ombros e observar o mundo ambiente com olhos melosos. Ela avança com passos vivos e tesos, quase sem dobrar os joelhos e essa tensão a obriga a efetuar passos menores

do que se avançasse, normalmente, *com as pernas*. Dispende uma prodigiosa energia, cuja maior parte é perdida, servindo, ùnicamente, para vencer a resistência provocada por suas maneiras afetadas.

O Pé Salpicador de Lama leva muitos caminhantes a desagradáveis resultados e, principalmente, o de estar sempre queixando-se de manchar a parte posterior da bainha das calças, que vivem cheias de lama. Constitui interessante exemplo da maneira como um desvio, aparentemente insignificante, do caminhar pode acarretar prejuízos. Quando o pé deixa o solo, há um ligeiro desvio do calcanhar para o exterior. Essa ràpida mudança de direção projeta gotículas de lama ou de água suja, que se aderem ao salto, na direção oposta e o outro pé vem a constituir, para elas, um alvo fatalíssimo.



O caminhar afetado de certas mocinhas, que, lembrando um pouco o dos pombos, é adotado porque elas assim acreditam ser "mais distinto" e "mais feminino". Os artelhos são dirigidos para o exterior, em vez de para a frente, como seria correto e as cadeiras balançam, seguindo uma curva exterior, a fim de levar o pêso do corpo sôbre os artelhos, diagonalmente opostos.

O balanço não tem limite e os passos são curtos, sendo necessário dobrar a sua quantidade para cobrir uma mesma distância e os pés se fatigam em razão da tensão anormal que sofrem sôbre o lado exterior.

O caminhar da orgulhosa parece ligeiro e exuberante, o corpo subindo e descendo a cada passo, como se se tivesse molas no calcanhar. O impulso final dos artelhos é dirigido mais para cima do que para a frente. O corpo se eleva, com êste impulso, e só desce quando o pé, que avançou, retornar ao chão. Êsse movimento ondulatório, de cima para baixo, constitui, pura e simplesmente, um dispêndio de energia. Levantar de 7 a 8 centímetros, em cada passo, um corpo de 65 quilos, não é pouca coisa, evidentemente.

O caminhar displicente é caracterizado por um passo arastado e uma deficiência do contrôle dos movimentos corporais. O corpo fica parcialmente inerte, braços e cabeça oscilando, sem vigor, a cada movimento. Cada um dêsses movimentos inúteis absorve energia e o caminhante se sente, a cada passo, mais e mais cansado e mole. Ao mesmo tempo que assim esgota suas energias, aumentam sua lassidão e seu desalento. O caminhante displicente não é, apenas, pouco amável — é, também, pouco estimado.

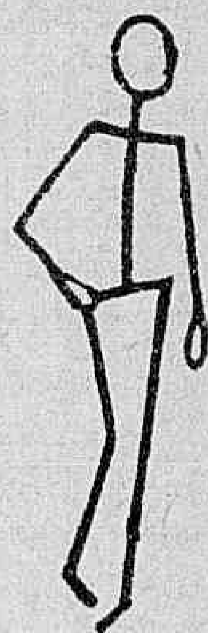


Acabamos de passar em revista os mais correntes entre os diversos tipos de caminhar, que redundam num gasto inútil de energia. Mas, convém examinar, igualmente, outros mais, particulares a certos indivíduos.

As moças, que usam saltos altos, devem resolver um problema diferente de locomoção.

Por exemplo, muitas delas, que se deslocam, fàcilmente, com calçados do tipo esporte ou de repouso, tornam-se, imediatamente, desajeitadas e desagradáveis com "toilette" de gala.

É possível, entretanto, manter-se de pé e caminhar com graça, mesmo com saltos altos, desde que a posição e os movimentos sejam adaptados ao pé inclinado e ao sapato de base instável, que o sustenta. Essa adaptação a uma posição diferente do pé deverá ser efetuada com o todo, por inteiro, em seu conjunto, abandonando a tentativa de o conseguir dobrando os joelhos, sacudindo as cadeiras e dando maior volume ao ventre. A totalidade do corpo deve ser levada, ligeiramente, para trás, seguindo uma vertical e a partir dos tornozelos, a fim de atingir o equilíbrio nessa nova posição.



Caminhar com saltos altos exige maior atenção do que com os saltos rasos, pois não se trata de um modo normal de calçar. É preciso, porém, não apelar para um caminhar bamboleante, miúdo ou encurvado. Quanto mais se acelerar o andar, com saltos altos, mais difícil é manter uma posição bonita e equilibrada: as mulheres apressadas deveriam, antes de tudo, usar saltos baixos.

GRAÇAS ao radar, os cientistas que exploram os mistérios da molécula, possuem, agora, um valioso instrumento capaz de medir as distâncias entre os átomos até um limite de um centésimo de milionésimo de polegada. Lançando ondas de radar através de uma substância e medindo o poder que resta, é possível obter resultados mil vêzes mais acurados do que era permitido com os melhores instrumentos ópticos.



MAS QUE "PÊSO"!

(EPISÓDIO REAL)

ERAM duas horas da manhã de sábado, 21 de julho de 1951, quando o automóvel chegou, estacionando, mansamente, próximo à Northridge Milling Company, situada no número 8729 do Reseda Boulevard, em Van Nuys, Estado de Califórnia. Quatro pessoas estavam sentadas, em silêncio, no interior do veículo, estacionado a cêrca de 50 metros do edifício.

Finalmente, um homem saiu do automóvel; estava descalço, e caminhou, em silêncio, até à esquina. Alguns minutos depois, três outros indivíduos deixaram o auto, carregando cordas. Caminharam para os fundos do prédio, escalaram um tapume, e chegaram, finalmente, diante da porta de serviço. Forçando a fechadura, penetraram no edifício.

Com facilidade e precisão, prosseguiram pela passagem escura, até uma outra porta, que também abriram, entrando num pequeno compartimento. Um dos componentes do trio se muniu de uma lanterna, focalizando a luz num enorme e escuro cofre, situado num dos cantos.

— Está vendo, Johnny? Parece pesado — falou um dos homens.

— Ora! Que esparava, então? Um cofrezinho de brinquedo? — respondeu, de modo sarcástico, o homem chamado Johnny. — Trate de passar as cordas em volta dêle, para que possamos tirá-lo daqui.

Os homens trabalharam, de modo diligente, durante alguns minutos, conseguindo, então, mover o cofre de forma satisfatória. Após muito esfôrço, lograram arrastar o cofre até à porta pela qual haviam entrado. Johnny ordenou, então, aos companheiros que descansassem um pouco, enquanto tratava de abrir o portão do tapume, que haviam pulado ao penetrar no pátio dos fundos do edifício.

Após alguns minutos, voltou, dizendo: — Consegui abrir a fechadura, Frank, mas vamos precisar de auxílio para carregar o **monstro** até ao automóvel. Vá dizer a Dusty que esqueça a sua função de vigia e venha ajudar.

Depois que Frank se afastou, o terceiro companheiro de Johnny perguntou, num cochicho:

— Acha que êste cofre está tão cheio de dinheiro, quanto você pensava?

— Escute. Já disse mais de vinte vêzes... — respondeu Johnny. — Quando ouvi aquêle motorista de caminhão, lá no bar, falando a respeito dos pagamentos que a companhia faz aos sábados, vi que tínhamos uma excelente oportunidade de arranjar «grana». Calculo que encontraremos aí dentro uns doze mil dólares!

Pouco depois, Frank voltou, em companhia de Dusty. Johnny deu logo ordens para que cada um suspendesse por um dos cantos do cofre. Os quatro fizeram esforços inauditos para transportar o pesado cofre até ao portão do tapume, onde, com grande alívio, o depositaram no chão.

— Vamos! — falou Johnny, com a respiração ofegante. — Não podemos deixá-lo aqui! Temos que chegar ao automóvel o mais depressa possível.

Novamente conjugaram seus esforços e, desta vez, só arriaram o cofre quando se encontravam na traseira do veículo. A mala do carro foi ràpidamente aberta e os homens fizeram um último e desesperado esfôrço para levantar o cofre e colocá-lo no automóvel. Em seguida, suando por todos os poros e arquejantes, entraram no veículo. Quando Johnny sentou diante da direção, suas mãos tremiam tanto que mal pôde guiar o auto.

Às nove horas daquela manhã, Ralph Langon, gerente da companhia, fitava, sem grande aborrecimento, o local de onde o cofre fôra retirado; tinha ao lado dois empregados. Disse, então:

— Bem; não há dúvida que é uma vantagem para vocês, o pagamento ser feito quinzenalmente. Se isto houvesse acontecido no último sábado, ou na semana próxima, vocês teriam que aguardar mais alguns dias para receber o pagamento. Mas, como o roubo ocorreu hoje, os ladrões levaram o cofre completamente vazio!

— EU disse que foi assassinato. — A prima Abby depôs um copo de leite quente na mesinha de cabeceira. Colocou uma cápsula ao lado do copo.

— Eis a sua cápsula. Pode tomar sòmente uma, como já sabe.

O aviso foi acompanhado por um olhar severo, por trás dos óculos de aros de ouro.

NEM SINAL DE CRIME

ENQUANTO O HOMEM DOENTE OUVIA O SINISTRO RELATO DE ABBY, A PRÓPRIA NOITE PARECEU CERCÁ-LO COM A AMEAÇA DA MORTE.

Por MIGNON G. EBERHART



MEU nome é James Wickwire; sou banqueiro, solteiro, já idoso. Com exceção de um empregado, Wilkins, moro, sòzinho, numa pequena e confortável casa na rua Setenta e Seis — em New York, naturalmente. Eu estava em convalescença de uma doença, durante a qual a prima Abby se prontificara a orientar as enfermeiras treinadas, dirigir, gentilmente, o serviço de Wilkins e tratar de mim, com extrema fidelidade.

Eu estava em bom estado de ânimo; o médico dissera, naquela manhã, que eu tinha tôdas as possibilidades de ficar bom. Mas, existe, indubitàvelmente, algo, a respeito de um grito de assassinato, que penetra os véus mais rosados.

— Está se referindo a Henry? — perguntei, quase gritando.

A prima Abby não era uma enfermeira treinada, mas tinha um certo garbo e eficiência. O seu conhecimento prático de enfermagem fôra herdado, provàvelmente, do seu pai, único médico da aldeia em que eu nascera — e onde, também, nasceram a prima Abby e outros de uma extensa família.

Era a respeito de um dêsses parentes, o primo Henry Wickwire, que estávamos falando. Sua morte ocorrera alguns meses antes.

O vestido da prima Abby fêz **frou frou**, quando caminhou para a cabeceira da minha cama.

— Agora, trate de deitar e dormir, para recuperar as energias.

Mas, eu, longe de querer dormir, insisti:

— Você disse que achava ter, o primo Henry, sido assassinado! Por quê?

— Será que isto nunca lhe ocorreu?

— Naturalmente que não! Aquilo foi suicídio! Êle ingeriu pílulas sedativas. Não houve qualquer dúvida a respeito.

HENRY Wickwire permanecera na cidadezinha, ensombreada pela grande quantidade de olmos, que enfeitam suas ruas, e conseguira reunir uma boa fortuna, depositada em bancos e investida em fazendas e granjas. Eu pensava que, a não ser pela morte prematura de sua jovem espôsa, muitos anos atrás, êle levara uma vida agradável e feliz. Ficara mesmo bastante surpreendido ao saber do seu suicídio.

Abby tornou:

— Mas eu não me enganei. Êles **decidiram** que foi suicídio. Agora, você deve dormir um pouco.

— Mas, você falou que fôra assassinato! Por quê?

Os olhos azuis de Abby estavam pensativos, por trás dos óculos. Com seu rosto gordinho e sua aparência de eficiência carinhosa e esforçada, ela bem se parecia com a menina atrevida e afetuosa que fôra, nos dias de meninice.

— Bem — falou, vagarosamente — isso me ocorreu... V. precisa tomar o seu leite e ir dormir. Não sei o que o médico vai dizer.

Os médicos sempre simpatizavam com a prima Abby. Ela apareceria onde quer que se apresentasse um caso de doença em nossa família e, de algum modo, como uma irresistível, embora bem intencionada fôrça, tomava a direção de tudo, na casa.

Sem ligar às suas recomendações, redargui:

— Tolice! Por que você julgou que não foi suicídio? Além disso, **quem** iria matá-lo? Há, sòmente, aquêle rapaz — Bob. Henry adotou-o, afinal de contas?

— Oh, sim! Êle o adotou. Bob herdou a fortuna de Henry. Disse que pretendia escrever a você. Será que êle o fêz?

— Não; certamente que não. Por que escrever-me? Para falar sôbre a morte de Henry?

— Bem, não vamos conversar mais nada esta noite.

Segurei uma ponta da sua saia branca, dizendo:

— Sente-se e conte-me tudo, agora. Não que eu pense que Henry foi assassinado e que tenha sido...

Ela hesitou, respondendo:

— Eu não devia contar. Promete ir dormir, logo que eu terminar?

— Sim.

A prima Abbk tornou a suspirar e encaminhou-se para a cadeira de braços, junto da lareira, apanhando o seu tricô. Naquele momento, ocorreu-me a idéia de indagar, a mim próprio, por que ela não havia casado. Mas, perguntei, apenas:

— Henry não chegou a tratá-la com... excessiva gentileza, em certa ocasião?

Ela ergueu os ombros, respondendo:

— Oh! Isto foi há muito tempo. Mas, casou com Leila.

— Sim. Mas não houve uma certa tragédia a respeito da morte dela?

A prima Abby prosseguia com o tricô.

— Isso foi muito triste. Ela rolou as escadas...

Sùbitamente, lembrei-me de Leila, linda, esguia e delicada, com uma pele alva, de magnólia, cabelos pretos e macios e olhos cinzentos. Ela estivera doente; por alguma razão, abandonara o leito, chegando ao patamar da escada, rolando até o pavimento inferior. Morreu sem recobrar a consciência.

— Foi verdadeiramente trágico — disse eu. — Pobre Henry!

— Sim. Pobre Henry! Eu estava cuidando dela. Saíra do quarto e Leila julgou ter ouvido o seu gatinho chorar. Saiu e foi procurá-lo, rolando todos os degraus.

— Como soube disso?

Um ponto mal dado, atraía a atenção de Abby.

— Oh, nós deduzimos isso. O gatinho estava no corredor, lá embaixo. Sim, coitado de Henry! Mas, cêrca de um ano depois, êle trouxe essa criança para casa, Bob. E, finalmente, acabou por adotá-lo.

— Você informou a Bob que julgava ter sido assassinato a morte de Henry?

Ela assentiu, com um meneio de cabeça.

— Devo dizer que êle me tratava de modo pouco afável. Foi, então, que informou que escreveria a você.

— Mas não escreveu. Não recebi uma palavra sequer! Não posso dizer que o culpo, pois deve estar um tanto perturbado — retruquei. Pouco afável não parecia, exatamente, o têrmo a aplicar quanto aos sentimentos de um homem que, talvez pudesse ser acusado de haver matado o seu benfeitor.

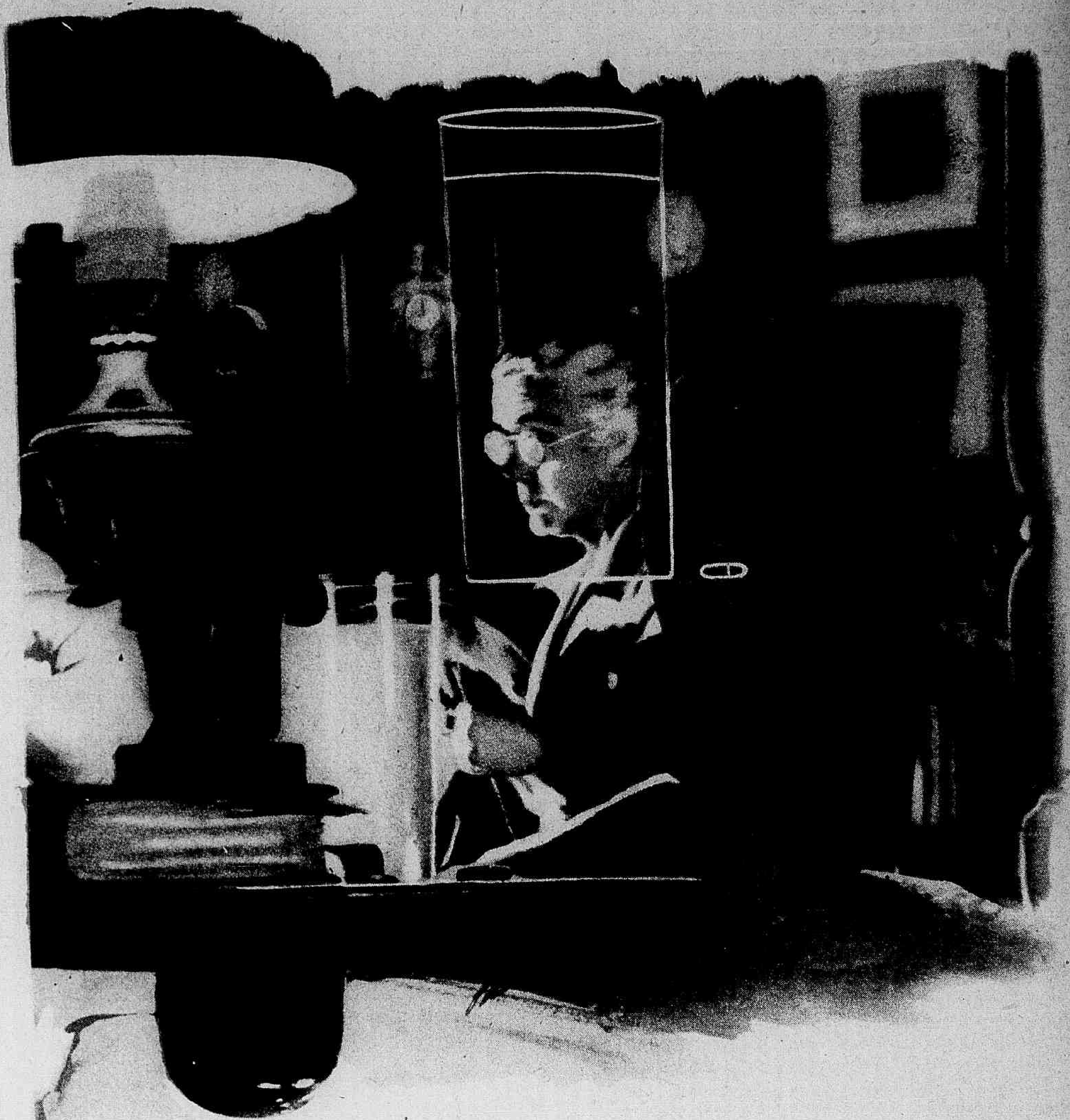


Abby adivinhou meus pensamentos e disse, ràpidamente:

— Não o acusei! Pelo menos não o farei enquanto tal não for, absolutamente, necessário.

— Mas, por quê... — recomecei.

— Por causa das pílulas, naturalmente! E, além disso, havia muito dinheiro em jôgo. Pelo menos, para mim, parecia muito. Jamais tive grandes posses, como você sabe. Até mesmo uma pequena quantia parece muito para mim. Não que isto tenha importado algum dia. Tenho conseguido viver relativamente bem.



Fui assaltado por um sentimento de gratidão, não sòmente em relação a mim mesmo, como em relação a vários outros componentes daquela cadeia de primos. Era imprescindível que reflebtíssemos sôbre o fato de que Abby merecia ser recompensada mais substancialmente do que com simples palavras.

— Talvez você se sinta mais aliviada, em relação ao futuro, sabendo que figura em meu testamento. O que pretendo deixar-lhe será o bastante para assegurar uma pequena renda a você — falei, ràpidamente.

— Isto é muita bondade da sua parte, primo James. Não esperava ser agraciada de tal forma. Você não devia...

— Saiba que todos nós devíamos ter feito muito mais por você. — Agora, eu me sentia vibrante e um tanto indignado. Será que a velha... isto é, a tia Sofia, não incluiu você no seu testamento? Afinal de contas, você tomou conta dela por tanto tempo, antes que morresse!

— Ela me deixou uma certa quantia em dinheiro. Não precisava praticar tal e, até hoje, sinto-me bastante agradecida.

— E Henry? Será que todo o seu dinheiro reverteu para o rapaz?

— Êle deixou qualquer coisa para mim, também. Naturalmente, Bob herdou a quase totalidade da fortuna do seu benfeitor. — Seu rosto mudou de expressão. — **Quisera** não ter pensado no que pensei!

Esta última frase trouxe, novamente, à minha mente a desconfiança de que Henry tinha sido assassinado.

— Por que pensou dessa forma?

Ela continuou a fazer os pontos do tricô, ainda por alguns segundos, e, depois, replicou:

— Recorda-se do meu pai?

— Como poderia esquecê-lo? Foi um homem estranho, impaciente, azêdo mesmo, e dado à aplicação de métodos ortodoxos com seus pacientes.

— Supunha que o chamariam de antiquado, na atualidade. Êle nada conhecia a respeito das novas drogas e remédios. Você precisava ver as coisas que encontrei no seu laboratório quando fui limpá-lo, após sua morte. Só haviam remédios e poções antigas, que ninguém ousaria utilizar, agora.

— E que fêz com tudo isso?

— Oh, joguei tudo fora, com exceção dos venenos! As drogas... perigosas, quero dizer. Derramei-as na pia da cozinha. Qualquer médico da atualidade acharia graça, conhecendo alguns dos remédios que êle utilizava; mas meu pai sabia o que fazia e foi, em seu tempo, um bom médico.

Aparentemente, a prima Abby estava reunindo fatos relacionados entre si, enquanto prosseguia no seu trabalho com os novelos de lã.

— Prossigamos com o caso de Henry. Acha que Bob **podia** ministrar-lhe aquelas pílulas?

— Não vejo como poderia fazer. Chegou em casa, mais ou menos, às 23 horas. Não ouvi Bob se dirigir ao quarto de Henry.

★

ESTÁVAMOS sòzinhos na casa. Os toros de madeira ardiam, no interior da lareira; meu quarto, no terceiro pavimento da casa, parecia muito acima da calma e solidão da noite. Eu devia estar calmo e à vontade, mas começava, pelo contrário, a sentir uma inquietação inexplicável. Homicídio é uma palavra terrível. Digamos que Abby tivesse razão e que Bob houvesse matado o seu benfeitor.

Se a noção que Abby me impingira tinha alguma verdade, então, alguém precisaria tomar uma providência e eu notava, com apreensão, que êsse alguém teria que ser, òbviamente, eu! Mas não desejava ser obrigado a um ato dêsses.

A sensação de desconfôrto, que me invadira, tornava-se cada vez maior. Não me agradava, em absoluto, essa conversa a respeito de homicídio. E a casa estava muito quieta. A neve abafava os sons exteriores e Wilkins tirara a noite de folga, por gentileza de minha prima.

Abby não chegava a nenhuma conclusão esclarecedora, com o seu relato. Naturalmente, agora, eu precisava analisar todo o caso e verificar qual o fato que dera origem a uma idéia tão absurda por parte de minha prima.

— Você, com certeza, observou alguma coisa que lhe sugeriu essa idéia de morte provocada. Talvez fôsse qualquer coisa de que não se recorda...

— Oh, não! — disse ela. — Sei, exatamente, o que me levou a pensar assim. Tanto que contei a Bob, mais tarde.

— Que foi?

Minha pergunta fôra muito rápida e audaciosa. Ela começou a juntar os seus novelos e a parte que já tricotara. Respondeu, depois:

— Eu não devia ter dito a você nem uma palavra a respeito dêsse assunto. O médico recomendou repouso e...

Procurei recuperar o terreno perdido com esta última resolução de Abby. Por isso, retruquei:

— Acho que você anda se preocupando com coisa que não aconteceu. Vamos deixar o assunto bem claro. Tomarei minha pílula, agora, e já estarei dormindo antes de que você termine a história.

Ela hesitou. Senti, novamente, a quietude que reinava na casa. Minha lâmpada para leitura fôra apagada antes de Abby trazer o leite quente. A fraca luz do abajur da mesinha-de-cabeceira fazia um pequeno círculo sôbre o copo de leite, que já não emitia mais fumaça, e a pequenina cápsula branca, ao lado do mesmo, fazia-me recordar os tempos de criança, quando era obrigado a tomar certos remédios. O médico fôra positivo quanto às pílulas:

— Tome uma. Ou mesmo duas, se fôr necessário. Mas, não mais!

A prima Abby se levantou, foi até ao banheiro e voltou com um copo d'água. Deu-me a pílula e eu a engoli. Aparentemente, ela aceitou a minha proposta, pois, pouco depois, tornou ao banheiro, levando o copo, e veio sentar-se, novamente, na cadeira de braços, recomeçando o tricô.

— Como sabe, Henry estava convalescente. O médico informara, um dia antes, que êle havia melhorado. Portanto, não creio que nosso primo pudesse pensar em cometer suicídio.

O médico me dissera isso, também, justamente naquela manhã. No entanto, Henry não tinha qualquer apêgo à vida, a não ser a memória de sua linda e infeliz espôsa.

Eu tinha o banco... e minha confortável casa, que começava a parecer, definitivamente, desacolhedora. Ocorreu-me, então, para meu espanto e mêdo, que não havia modo de pedir socorro se, por acaso, viesse a necessitar. Wilkins não estava na casa, para responder ao chamado de minha campainha...

Mas, isso era tolice. Em primeiro lugar, eu não tinha necessidade, aparente, do seu auxílio; em segundo, havia uma extensão do telefone em minha mesinha-de-cabeceira; e, em terceiro, Abby, calma e solícita, estava ali, tricotando, plàcidamente.

A história era simples e Abby contou-ma de modo simples.

— Eu já estava lá há várias semanas. Henry tinha um coração fraco, como você sabe. Mas, naquela noite, nada aconteceu. Li um pouco para êle e conversamos, ligeiramente, enquanto eu tricotava. Mas, cometi, então, um êrro imperdoável. O médico deixara um novo estoque de pílulas

(Cont. na pág. 115)



TEMOS QUE PAGAR



MINHAS duas avós acreditavam em retribuição. Uma delas, que foi, por longos anos, missionária em países distantes, afirmava que os prêmios, como as punições, aguardavam os mortais na outra vida; a segunda, uma **Quaker**, confiava, também, na Justiça Divina, mas, nem por isso, deixava de acreditar em que, aqui mesmo, na terra, teríamos que pagar por nossos atos.

Durante muitos anos, minha avó **Quaker** viveu em nossa companhia, sempre gentil, de gênio alegre e, sem dúvida, inteligente. Conservo uma carta que meu pai escreveu para ela, na passagem do seu octagésimo aniversário, na qual êle diz, logo no início: **«Para a mãe mais encantadora que algum homem já teve»**. E êle era, apenas, o seu genro, não o seu filho. Minha avó sempre me afirmava que, sendo eu desobediente e má, encontraria, **sòzinha**, o meu castigo. Certa vez, teimei em andar de patins no lajedo da cozinha. Logo fui chamada a ordem. Não liguei. Pouco depois, sofria uma queda e, como resultado, perdi dois dentinhos, ficando com um terceiro arruinado. Sem nada dizer, ela me conduziu ao dentista, onde meus sofrimentos se prolongaram por mais de uma hora.

Nesse dia — e nos outros que se seguiram — ela não precisou de repetir que eu pagaria por todos os meus atos.

Passei a acreditar nisso, piamente. E acredito, ainda hoje! Por um mau pensamento ou ato, pelo mais leve pecado de omissão ou comissão, por uma injustiça, indelicadeza ou mentira, temos que pagar — **aqui mesmo**. Cada dia, que vivemos, temos que escolher entre o bem e o mal. Se optamos pelo último, temos que pagar.

Muitas vêzes, ninguém nem sabe. **Sòmente o culpado**. Mas é o suficiente.

Ouço, às vêzes, alguém dizer: **«Fulano fêz isto e aquilo. Mas, você vai ver... Nada lhe acontece!»** Por mim, não acredito! O que aqui faz, aqui mesmo paga. Minha avó afirmou isso, certa vez, e sua neta, uma vez ou outra, tem pagado.

Por FAITH BALDWIN

QUEM não sonhou, algum dia, de olhos abertos, imaginando estar em Paris, Viena, Londres, Buenos Aires...?

Perdão! Essa era conversa habitual de nossos avós. Hoje teríamos que trocar tôdas essas faustosas capitais do nosso mundo por coisas mais distantes, como a Lua, Marte, Vênus, etc. Porque uma das vantagens do «viajar em imaginação» é que podemos cobrir distâncias ilimitadas. E o **horizonte** do homem moderno já passou da estratosfera.

Os homens atuais pensam no meio de transportar-se para a Lua, não mais em sonho, mas em realidade. No momento, não conhecemos mais restrições, quer de tempo ou de espaço. Muito breve, estaremos desembarcando com o primeiro foguete, no grande **Oceano das Tempestades**. Enquanto êsse momento não chega, vamos deixar de lado o nosso aparelho interplanetário e caminhar para o grande ponto de partida de nossa jornada imaginária: o fundo do grande vale-cratera **Herodotus**.

O sol se põe, ali, na planície imensa, mas, para nós, no fundo do vale-cratera, não faz diferença. Nenhum raio de sol pode chegar até nós, e o céu que vemos é negro.

De fato, a escuridão é mais intensa do que é possível imaginar na Terra. No nosso planêta, raramente fica completamente escuro. Durante o verão, as noites têm sempre uma penumbra crepuscular; e, mesmo em pleno inverno, há sempre uma relativa claridade, ainda quando o céu esteja coberto de nuvens escuras.

Mas, êste não é o caso na Lua, onde não há o ar indispensável para difundir a luz. A Terra brilha intensamente, mas não podemos vê-la, daqui, onde a escuridão seria absoluta se não fôssem algumas estrêlas lá no alto.

Faz um frio cortante e usamos roupas próprias, que nos protegem, sem o que, possìvelmente, não sobreviveríamos, pois a pressão é nula e a temperatura nesta região é 140º abaixo de zero, o suficiente para liquefazer o ar em condições normais. Não há atmosfera para difundir o calor solar, e as camadas da superfície não permitem que qualquer calor penetre no interior.

Mas, vamos olhar um pouco as estrêlas.

Não estão **piscando**. O que chamamos «piscar» é um simples efeito atmosférico, que não ocorre aqui, na Lua, onde não há atmosfera. As estrêlas brilham como pontos fixos luminosos, muito diferentes das mansas e trêmulas estrêlas que vemos nos céus, quando olhamos da Terra.

A Terra, vista da Lua, aparece quatro vêzes maior do que a Lua vista da Terra. Cercada por auréola luminosa, permanece no mesmo lugar, girando em seu próprio eixo, da esquerda para a direita.

Além disso, parece haver aqui uma quantidade muito maior delas. Astronômicamente falando, o envólucro atmosférico da Terra é, por assim dizer, um impecilho para os observadores; eis porque daqui, da Lua, podemos ver as estrêlas com mais nitidez.

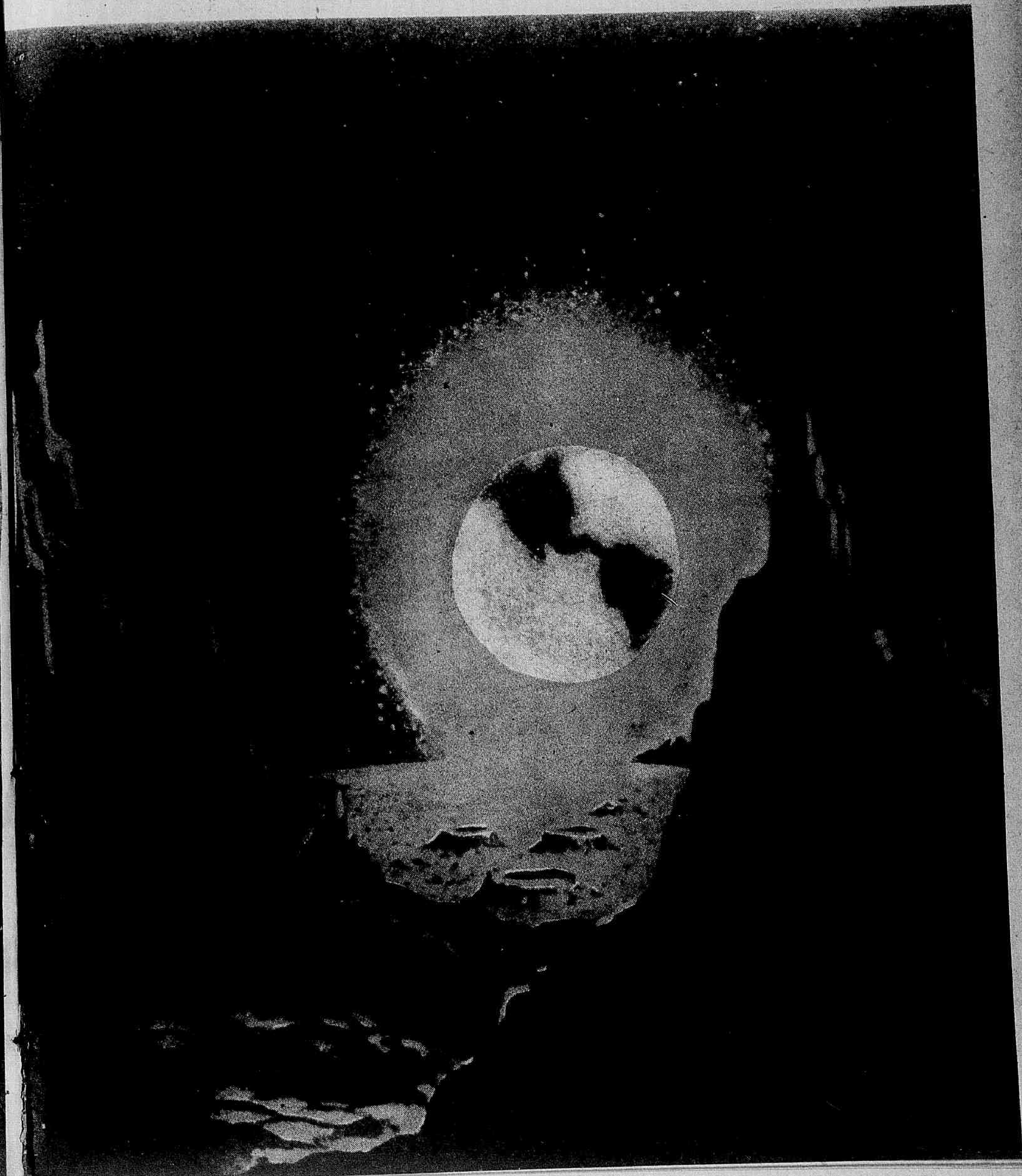
QUANDO A IMAGINAÇÃO VIAJA... UM



NÃO HÁ CREPÚSCULO NA LUA — Outro fato estranho, na Lua, é que as estrêlas parecem mover-se com extrema lentidão. A Terra gira no seu eixo em 24 horas, de modo que uma estrêla, no equador, leva, apenas, 12 horas para cruzar o céu, de horizonte a horizonte, enquanto que, na Lua, mais vagarosa, o mesmo fato leva quinze dias para se processar. Teremos oportunidade, mais tarde, de verificar isso observando o curso do nascer do Sol.

Não há crepúsculo na Lua. O sol aparece sem aviso; os primeiros raios surgem, de repente, no

REPORTER NA LUA



horizonte, clareando o céu, que antes era negro; mas, depois, leva mais de uma hora para que o disco completo do sol seja visto.

Há muitos outros fatos estranhos acêrca do céu visto daqui, mas já é tempo de voltarmos nossa atenção para o próprio **vale**. À luz das nossas tochas, podemos ver que, embora as rochas, em nossa volta, sejam tremendamente frias, não são úmidas, como nas cavernas da Terra. É preciso não esquecer que umidade significa água **e não há água na Lua!**

Se nos movermos para o oeste, ao longo do vale, notaremos menor profundidade até o ponto denominado **Cabeça de Cobra**. Êste ponto, de formato curioso, é, evidentemente, uma cratera, pois tem uma depressão mais ou menos circular, da qual descem sulcos inclinados até o largo e plano vale **Herodotus**.

Há, também, uma ramificação que leva para o norte e é por esta que vamos seguir. Temos uma longa caminhada à nossa frente; depois de 40 milhas — ou mais — chegamos a uma espécie de encruzilhada que leva, pelo lado este, através da planície, até uma craterazinha.

Ainda não vimos a Lua, na verdade, mas vamos dar mais uma olhadela à Terra; para isto é bastante subir o vale e trepar na sua borda externa. Sigamos, agora, para a pequena cratera **Bruce**, na **Baía Central**, bem no centro do disco aparente da Lua. Para chegar até aí, viajamos através do **Oceanus Procelarum**, pelo lado norte do **Mare Nubium**, passando por perto da majestosa cratera de **Copernicus** e a antiga **Stadius**. O sol já se pôs e a paisagem, daqui, é um mistério dentro da escuridão lunar. É, portanto, uma viagem fantástica, por entre as crateras fantasmagóricas e silenciosas da planície solitária.

O GLOBO MARAVILHOSO

— Ao chegarmos à cratera **Bruce** já é meia-noite lunar. Isto significa que é **Lua-nova**, na Terra, e, em conseqüência, **Terra-cheia**, na Lua. O nosso planêta natal nos parece, então, uma esfera maravilhosa, cheia de luz, brilhando, acima da nossa cabeça, com um fulgor esplêndido e radiante.

Mesmo sem auxílio de aparelhos, podemos distinguir detalhes consideráveis; por exemplo: o globo terrestre nos parece 14 vêzes maior do que a Lua vista da Terra. Os continentes e os mares estão bem visíveis — as Américas são fàcilmente identificáveis e também uma área azulada, marcando o Oceano Pacífico, e outras, cobertas de branco, que são as zonas polares.

Verificamos, também, que há uma camada de ar envolvendo o nosso globo, cujo contôrno circular não é nítido e firme, mas, antes, cercado por uma auréola luminosa muitas vêzes mais fascinante do que a mais perfeita coroa solar.

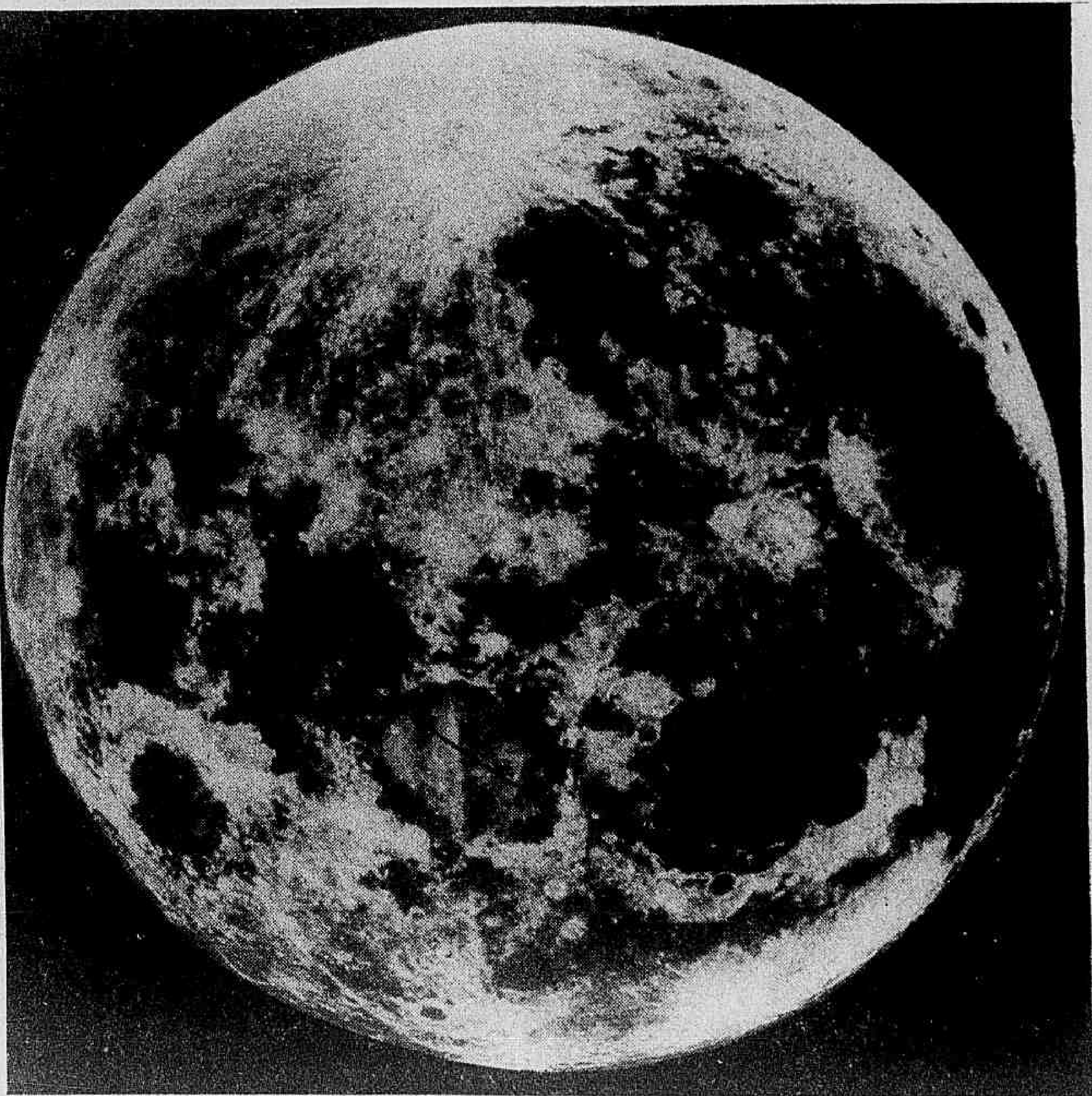
A Terra parece parada no espaço, embora o seu movimento seja comprovado pela mudança de posição dos mares e continentes, **da esquerda para a direita**. As Américas não tardam muito a sair do nosso campo de visão e, agora, a África e a Europa podem ser vistas; com o auxílio do nosso binóculo, podemos mesmo distinguir a pequenina Inglaterra, tornada, então, de tamanho insignificante, à distância de um quarto de milhão de milhas.

De vez em quando, uma estrêla parece **espiar** por trás do disco da Terra, mas temos certa dificuldade em vê-la, porque as estrêlas se misturam e somem na auréola da atmosfera terrestre.

Teríamos que esperar uma semana para ver a **Terra-cheia** transformar-se em **Terra-minguante**, mas em vez disso, vamos ganhar tempo indo de **Bruce** para uma região muito diferente — a chamada **«Montanha das luzes eternas»**. Fica bem distante e teremos que atravessar o **Mare Vaporum**, o **Haemus Montanhoso** e o **Mare Serenitatis**, circundando a cordilheira do **Caucasus**.

A **Montanha das luzes eternas** fica perto do **Polo Norte** e a formação mais próxima, marcada no mapa, é **Shakleton**, uma planície murada, de cêrca de 50 milhas (o Estado da Paraíba cabe dentro), abrindo a sudoeste, para a planície **Gioja**, um pouco menor.

Shakleton também vai dar numa área mais acidentada, de igual tamanho, e que contém o **polo**.

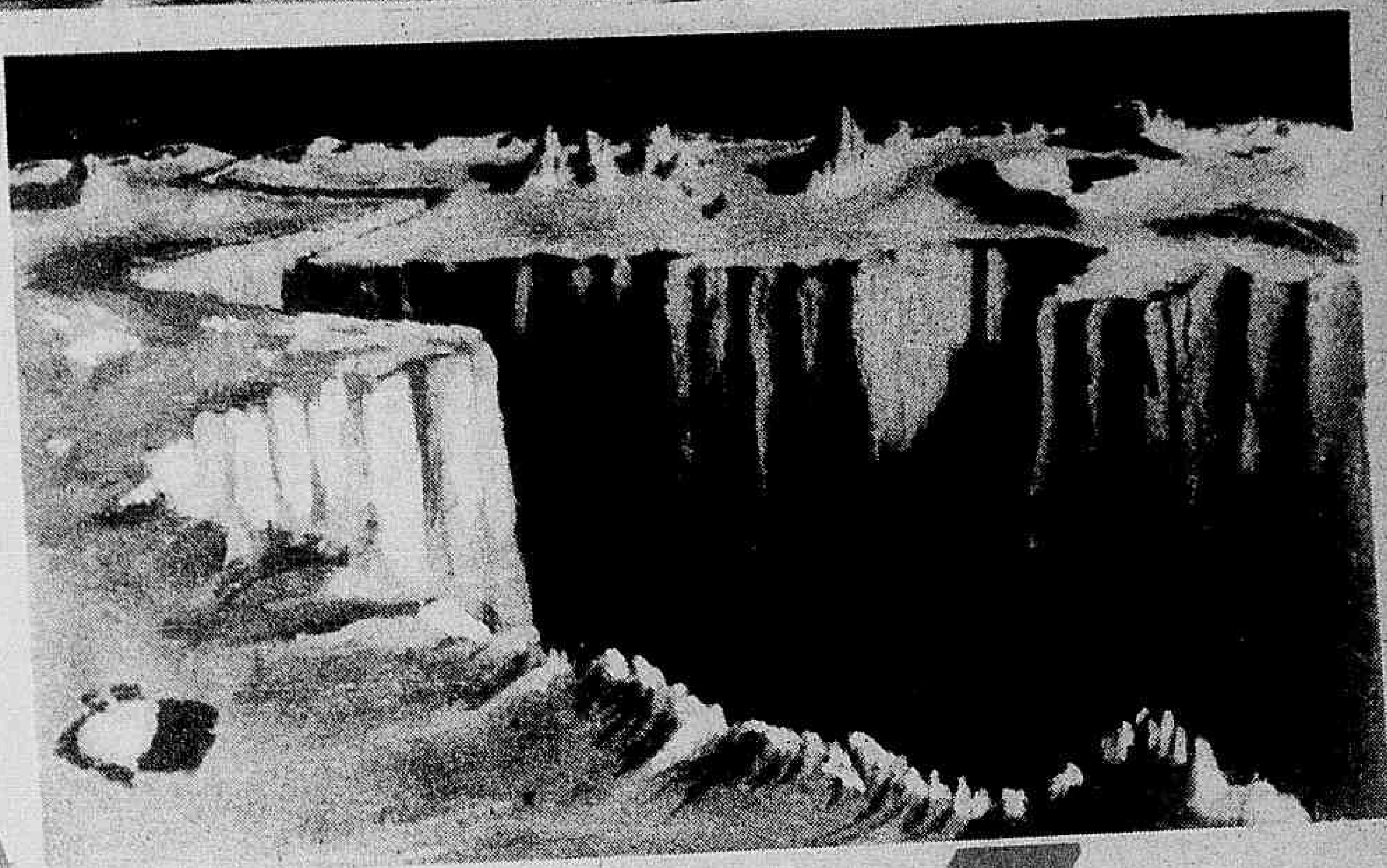


Através do telescópio, a Lua aparece a nossos olhos como uma grande massa de mares negros e imensas e numerosas crateras.

alturas, e a noite não existe. Em redor de nós, um labirinto de picos e crateras; lá embaixo, podemos ver a Terra, meio turva, agora, e temos a impressão de que vai encostar nos picos que marcam o contôrno do horizonte. E lá, muito embaixo e em volta, apenas sombras e escuridão.

Os raios de sol, que iluminam as montanhas onde estamos,

Olhando do oriente do Mare Nubium para a linha de rochedos, que marcam o grande abrimento (a famosa Muralha Reta) — grande queda na superfície lunar.



As montanhas de que tratamos ficam um pouco para o lado esquerdo desta região e, como estamos a uns 10 000 pés acima do nível da superfície, temos, daqui, uma excelente vista dos arredores.

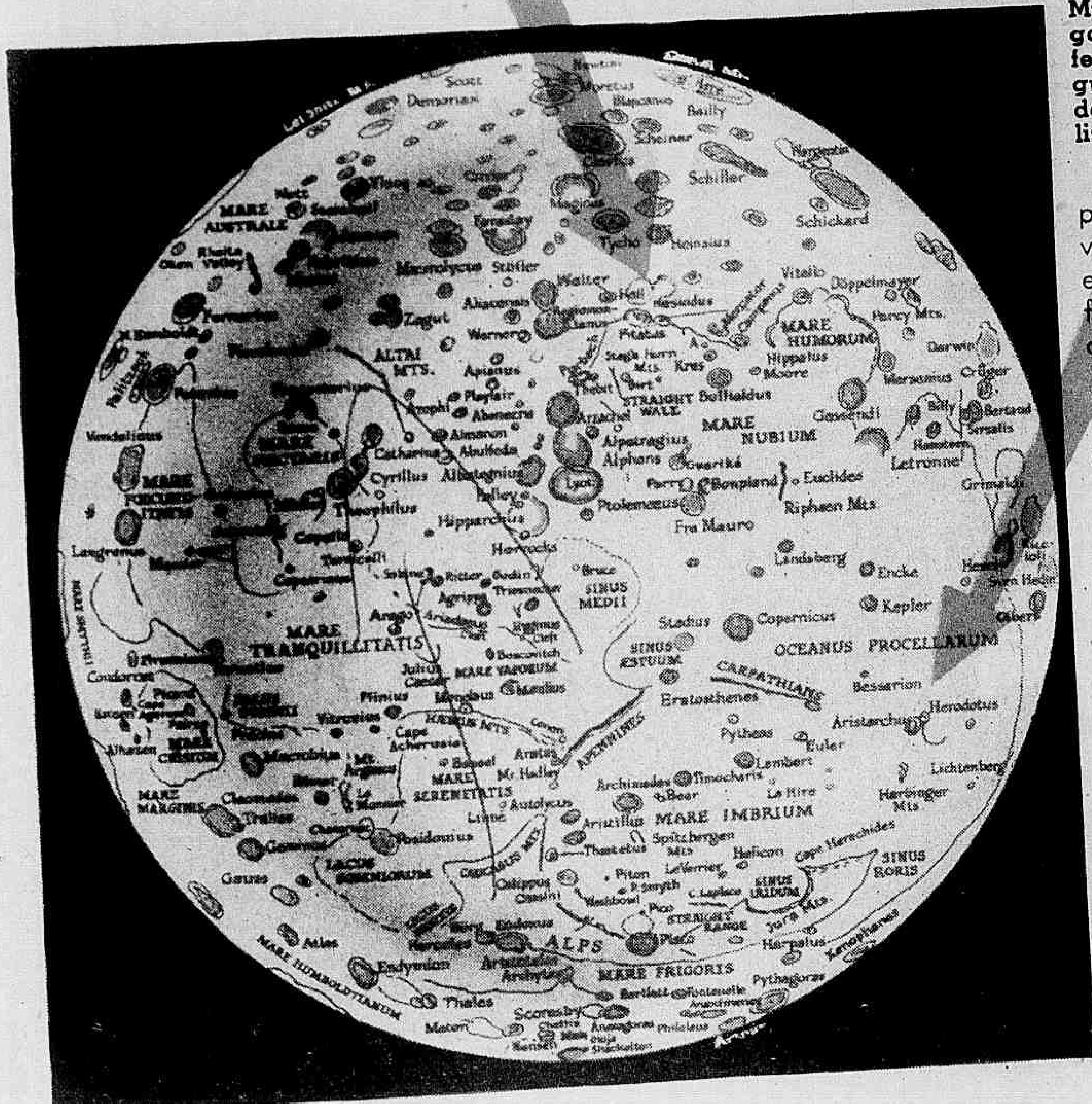
Estamos expostos a intensa luz solar, pois as montanhas, graças à sua posição, estão sempre sob a luz do sol. O sol nunca se põe, ali, naquelas

Muito mais profunda que qualquer garganta existente na Terra, é esta fenda, com meio quilômetro de largura (Vale Sohroter), na superfície da Lua. Em seu interior está localizada a grande cratera Herodotus.

parecem parar, bruscamente, nos vales, e temos a impressão de que estamos num pedaço da Lua que foi cortado do resto, num mundo que é nosso e de mais ninguém.

Distante 350 milhas do polo está a planície **Pythagoras**, imensa e que merece bem ser visitada, ainda que, para isso, tenhamos que atravessar uma região muito acidentada. Viajando, pois, no tempo e no espaço, chegamos, exatamente, depois que o sol apareceu no horizonte e verificamos que **Pythagoras** está plenamente iluminada pelos seus raios. Há uma elevação central — um maciço rochoso — elevando-se 5 000 pés acima do solo, mas com elevação progressiva suave.

Verificamos, também, que o tôpo não termina em arestas agudas, mas numa espécie de planalto, sem picos; no centro, descobrimos algo interessante: algo que lembra um vulcão terrestre — uma cratera pequena, com bordos salientes e profunda depressão no centro.



Êste guia da Lua — que o leitor pode observar no clichê que estampamos acima — dá nome para todos os mares e crateras.

SUPERFÍCIE DESNIVELADA — Êste não é o ponto mais alto do maciço, pois há um pico, lá para o lado este; porém, como estamos numa área de uma milha de diâmetro, é claro que levaremos algum tempo para chegar até lá. Atravessamos um trecho, caminhando pelo bordo e chegamos à cratera pròpriamente dita. Não é preciso escalar pontos altos, embora, de vez em quando, tenhamos que saltar dez ou doze pés de distância — ou de altura — pois a superfície é completamente desnivelada. Quando chegamos bem ao centro, verificamos estarmos numa depressão circular, embora as rochas ao redor não sejam muito altas, e podemos ver — apesar delas — os picos muito longe.

Podemos, sem dúvida, ver melhor, se subirmos a um dos picos e isso não é muito difícil. Estamos, agora, no ponto mais alto da cadeia de montanhas e olhamos para baixo, para a formação tôda e, à primeira vista, ficamos desapontados.

Sabemos que **Pythagoras** tem 85 milhas de diâmetro, com lados de 17 000 pés acima do solo, mas não nos parece sensacional; não vemos sequer um precipício, de onde estamos. A montanha central tem um declive suave, do tôpo ao solo, e sua formação é áspera e rochosa. Dois outros pontos, tão altos quase como êste onde estamos, podem ser vistos ao sul, iluminados pelos raios do sol. As paredes laterais, de aspeto esponjoso, parecem rasas, lá no horizonte.

Por causa da curva, relativamente aguda, da superfície lunar nunca temos a impressão de estar numa depressão. Até agora já nos encontramos na Lua há mais de uma quinzena e, embora estejamos viajando apenas em imaginação, temos que descansar e comer. Nosso aparelho interplanetário está à nossa disposição, porém o nosso farnel não desperta o nosso apetite. Nenhuma planta nasce ou cresce na superfície lunar; portanto, temos que trazer tudo da Terra, e nossa refeição será, então, de conservas.

TERRA NO CÉU — Preferimos deixar a escolha do nosso próximo ponto de observação para o nosso pilôto; e, quando despertamos, vemos que chegamos a uma planície que sabemos ser perto do centro, pelo nosso mapa marcado; a Terra está alta no céu — não mais **Terra-cheia**, mas **quarto-crescente**. O sol também está alto no horizonte, brilhando com uma intensidade absoluta, pois não há o ar para amortecê-lo.

A superfície sôbre a qual estamos é um tanto escura, comparada com a de Pythagoras, e não vemos colinas ao redor.

Mais longe um pouco, podemos ver uma espécie de cordilheira que, mais tarde, verificamos pertencer a uma cratera, de cinco milhas de diâmetro, com grande depressão no centro, e lados de inclinação suave. Vemos, também, umas outras tantas saliências e reentrâncias escarpadas, ásperas, e torna-se bastante difícil, para nós, identificá-las.

É para nós uma surprêsa saber que a tal cratera de cinco milhas de diâmetro é **Lyot** e que estamos bem no anfiteatro da grande planície conhecida por **Ptolomeus**.

Vista da Terra **Ptolomeus** parece uma caverna; talvez porque os seus lados caíam bruscamente para a depressão central; certamente **Ptolomeus** está circundado por picos, que se elevam a milhares de pés acima do solo, mas, da posição em que estamos, não conseguimos vê-los; o horizonte parece perto de mais. Mesmo que nos dirijamos para os bordos, ao nordeste da cratera de **Ptolomeu**, distante 30 milhas, chegaremos ao outro lado sem fazer escalas.

Há amplas aberturas nas paredes de **Ptolomeus** e, assim, passamos, sem notar, por estas rachas dos bordos, para fora da cratera e percebemos, então, que há uma diferença muito grande entre o solo daquela e o do exterior, sendo o primeiro muito mais liso e suave do que o outro.

E, enquanto o sol vai subindo naquele céu estranho, vamos para o nordeste, passando pelas ruínas de **Hipparchus** (majestosa, quando vista da Terra, mas obscura vista de perto), as crateras gêmeas de **Godlin** e **Agrippa** e atravessamos a parte este, relativamente plana, do **Mare Tranquilitatis**.

A manhã lunar tem a duração de uma semana terrestre e, à medida que viajamos, vamos observando que a Terra se vai estreitando.

Ao meio dia, atingimos a nossa meta: **Monte Argaeus**, no lado oeste do estreito que separa o **Mar da Tranqüilidade** do seu vizinha, **Mar da Serenidade**.

Desta vez, temos, realmente, a impressão de altitude. Mesmo da Terra, já podemos ver que o **Argaeus** é bastante alto, calculado pela longa sombra que projeta quando o sol está em posição. Olhando lá de cima, descortinamos, 8 000 pés abaixo, uma vista maravilhosa.

O Argaeus não é apenas um pico, é um maciço, de feitio mias ou menos triangular, cheio de canais e barrancos e, embora as inclinações sejam íngremes, particularmente perto do estreito, de um modo geral não são precipícios. As arestas agudas das rochas são fàcilmente notadas.

O estreito, em si mesmo, é relativamente plano, com suaves depressões e rachas e pequeninas crateras. Há, também, uma fenda estreita, que circunda a base do **Argaeus**, seguindo, depois, em direção ao sul.

Mais para oeste, a inclinação é mais suave e a superfície é mais áspera, embora estejamos observando de um ponto muito distante.

Além do estreito, cêrca de 100 milhas distante — e para lá do horizonte — fica o **Cabo Acherusia**, outro promontório rochoso, com metade da altura do **Argaeus**, e marcando o extremo oeste da cadeia de montanhas do **Haemus**. Mais ao norte desta está **Plinius**, a «cratera-sentinela», guardando a entrada do **Mare Serenitatis**.

Agora, vamos visitar o **Washbowl**, que bem pode ser classificado de mais um **capricho** lunar. Encontra-se dentro da cratera **Cassini** e é uma formação estranha, com paredes baixas, no **Mare Ibrium**, perto dos **Alpes**.

Para alcançá-lo, teremos que passar pelo **Argaeus** e atravessar o **Mare Serenitatis** — e talevz parando para examinar o muito discutido **Linneu** e, depois, seguindo pelo estreito que separa os **Apeninos do Caucasus**.

Este estreito não é tão regular quanto o que separa o **Argaeus** do **Acherusia**, pois tem depressões e rachas profundas, aqui e ali, e o solo é extremamente áspero. Caminhar por ali, no entanto, não seria difícil, uma vez que descobrimos ser possível dar saltos de 20 pés acima do solo! Acontece, apenas, que a caminhada do **Argaeus** até ao **Washbowl** seria muito longa. Se fôssemos, por exemplo, de automóvel, a 60 milhas por hora, levaríamos sete horas de um lado a outro!

Passando pela cratera **Thaetetus**, chegamos, finalmente, às bordas de **Cassini** e, atravessando mais 1010 milhas de solo liso, chegamos a outra cratera menor: **Cassini-A**, de 11 milhas de largo. É dentro da **Cassini-A** que está o **Washbowl**.

Visto da Terra o **Washbowl** parece mais um pico, porém subindo ao seu ponto mais alto, vemos que é uma cratera pouco profunda, com grossas paredes ao redor e um minúsculo orifício central de apenas algumas centenas de jardas de diâmetro. É possível percorrê-lo todo em meia-hora apenas e, se o sol não iluminasse as suas paredes externas, não poderíamos distinguí-las, olhando da Terra.

A sudoeste o nível do planalto é mais baixo até chegar a **Cassini-A**, além do horizonte; para o outro lado, não se dá o mesmo. Examinando o interior de **Cassini-A**, chegamos à conclusão de que se trata de uma formação muito antiga.

Examinando mais detalhadamente, descobrimos colinas e sulcos e, a algumas milhas a oeste, achamos um pico, talvez tão alto quanto o **Shropshire's Wrekin**.

Vamos, agora, para o sudoeste; passamos, outra vez, pelo **Thaetetus** e subimos, então, em direção ao **Apeninos**. O terreno se torna mais e mais áspero e, finalmente, os topos de grandes montanhas aparecem no horizonte. Vemos o **Monte Hadley** subindo 15 000 pés para o céu e que está às escuras, embora o sol esteja bem acima do horizonte e seu brilho esconda as estrêlas.

A partir daí, as montanhas se agigantam em nossa volta até que, olhando em qualquer direção, só vemos rochas e rochas e, de vez em quando, um pico.

SIGNIFICARIA A MORTE — Cada vez em que nos movemos passamos, bruscamente, de uma claridade ofuscante para a escuridão completa. E, nas sombras onde o sol parece ter sido cortado de todo, o frio é tanto que expor-se por uma fração de segundo significaria a morte.

Finalmente, quando nos afastamos da planície, ainda cercados de montanhas, chegamos a uma pequena formação — **Aratus** — com seis milhas de largo e onde o solo se afunda e as paredes atingem, apenas, o nível do solo exterior. O centro côncavo tem, como as outras crateras, depressões, saliências e rachas e, de dentro, a visão é muito limitada, as paredes em volta lançam sôbre nós sombras negras e geladas.

Gradualmente, e com a lentidão própria dos corpos celestes vistos de fora, a Terra se move, agora vista como **crescente**, e o sol desaparece atrás de uns picos distantes, enquanto sombras descem sôbre nós, mais e mais negras, até que a cratera onde estamos fica envôlta em gelada noite lunar. A nossa última visita será, talvez, a mais interessante de tôdas. Vamos para **Straight Wall**, no **Mare Nubium**, ao sul do **equador**. Como não há mais sol no **Aratus**, nós o abandonamos na sua escuridão e encaminhamo-nos para os **Apeninos**.



Uma das milhares de pequenas crateras que pontilham a superfície da Lua. Embora o céu seja quase negro, o brilhante resplendor das rochas torna impossível ver as estrêlas durante o dia.

Straight Wall fica a uma boa distância daqui. Para atingí-lo, voltamos pelos **Apeninos**, atravessamos **Mare Vaporum**, passamos por **Bruce** e chegamos à costa oeste do **Mare Nubium**, além de **Ptolomeus**.

MERGULHO NAS TREVAS — O chamado **Straight Wall** é, na verdade, um penhasco, com 60 milhas de comprimento e terminando, ao sul, numa série de colinas conhecidas como **Stag's Horn Mountains**. A planície este cai, bruscamente, uns 240 metros, apresentando uma série de penhascos rochosos, que nos deslumbram pela magnificência.

À medida que caminhamos para o sul, tornam-se mais suaves — um pouco — mas, sempre há o que apreciar. Chegamos, agora, por exemplo, a uma

seqüência de pequenas crateras-duplas e, mais algumas milhas para o este, surge **Birt**, com 11 milhas de diâmetro. As paredes de **Birt** são bastante elevadas, porém, ainda assim, não nos dá a impressão de absurdo, em virtude da posição do horizonte, **que está sempre perto**.

Chegamos, finalmente, ao primeiro dos picos do **Stag's Horn** e a vista vale bem o risco que corremos para alcançá-lo, circundando-o pelo sul e aproximando-nos da parede do **Straight**.

O aspeto, daqui, é diferente. A planície, embora tendo também as características das outras, é um tanto mais áspera e as paredes não podem ser vistas de onde estamos. A oeste, está o que nos parece a crista de uma cordilheira e, subindo a esta, descortinamos, do outro lado, os penhascos que já nos são familiares.

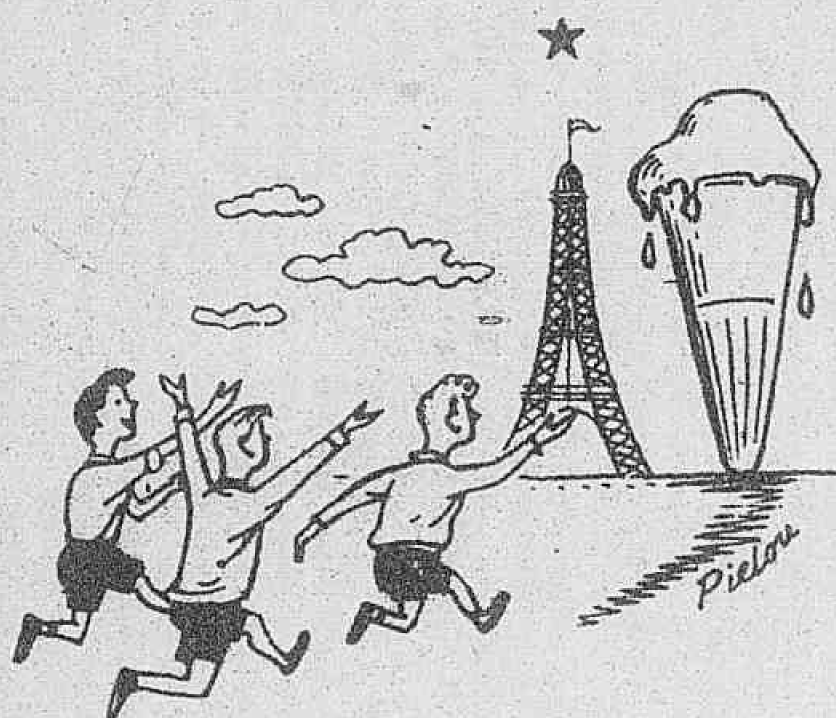
Lá embaixo, bem distante, está a planície com suas reentrâncias e saliências, sulcos e rachas, crateras grandes e pequenas e arestas agudas, que projetam sombras, que se alongam à medida que o sol se vai escondendo no horizonte, dando-nos a impressão de que vai tocar nos picos mais próximos e desaparecendo, depois, quase que imperceptìvelmente.

Vendo o manto negro cobrir tôda a região, sentindo o frio glacial que anuncia a noite lunar e fitando as estrêlas fixas e refulgentes no céu negro, onde só o brilho maravilhoso do globo terrestre nos conforta, concluímos a nossa viagem imaginária à Lua...

* *

UM RECORDE GELADO

QUANTO tempo pensa o leitor ser necessário para tomar um sorvete em "casquinha" mais alto que a Tôrre Eiffel? Três garotos norte-americanos — os irmãos Kenneth, Stephen e Cabell Winston — realizaram essa façanha em, exatamente, um ano. E' bom explicar, desde logo, que não estavam tentando quebrar nenhum recorde. Sua proeza foi, por assim dizer, acidental. O pai dêsses meninos, residente com a família em Baltimore, Estado de Virgínia, foi bastante feliz para surpreender e prender um ladrão, que fugia de uma sorveteria, depois de haver roubado, da caixa registradora do estabelecimento, a importância em dólares equivalente a quatro mil e seiscentos cruzeiros.



O proprietário da sorveteria ficou tão agradecido ao sr. Winston que resolveu oferecer um sorvete diário a cada um dos filhos do herói durante um ano inteiro.

Isto ocorreu em setembro de 1952. No último mês de setembro, quando ficou encerrado o prazo do oferecimento, os três garotos haviam devorado 3 552 "casquinhas"... no valor total de 6 300 cruzeiros — o que, afinal, redundou em prejuízo maior para o "sorveteiro" do que se tivesse perdido os 4 600 cruzeiros para o ladrão, um ano antes.

* *

SETENTA E QUATRO CARACTERES ALFABÉTICOS — BRR!

NOSSOS filhos, seguindo o que fizemos nós mesmos, aprendem, com relativa facilidade, o ABC, pelo método moderno, podendo ler e escrever em poucos dias de aprendizagem. No entanto, nossos avós tremiam quando se lhes punha diante dos olhos, pela primeira vez, o grande mistério das vinte-e-seis letras.

Mas, de qualquer maneira, é grande consôlo saber que o ler e o escrever seguiu um longo e vagoroso processo até chegar à simplificação atual.

Um alfabeto de 74 caracteres fonéticos e ainda 50 outros sinais ideográficos estêve em uso duarnte o pre-Homérico período do rei Nestor, que foi *"o mais sábio dos gregos"*.

Isto é o que nos informa um recente relatório apresentado por famoso arqueologista da Universidade de Cincinnati, Estados Unidos, que, durante dez anos, estêve literalmente perdido nesse assunto.

Êsses símbolos, que atualmente estão sendo reproduzidos, para estudo, de algumas *tablettes* encontradas no palácio velho de 3 000 anos e que foi residência daquele rei, em Pylos, na Grécia, oferece, aos futuros decifradores, a oportunidade emocionante de descobrir, finalmente, a chave esclarecedora de muitos mistérios dos velhos textos.



E SE A SUA CASA PEGAR FOGO?

OS 5 PRIMEIROS MINUTOS PODEM SER OS MAIS IMPORTANTES EM SUA VIDA! NO ENTANTO, QUANDO O FOGO COMEÇA, VOCÊ, TALVEZ, TENHA TEMPO, DE SOBRA, PARA SALVAR SUA CASA OU A FAMILIA.

O espetáculo dos incêndios é dos mais violentos que se possa assistir. Atrai e aterroriza as massas, sem distinção entre os que são vítimas diretas e os que não passam de espectadores. É velhíssima a sedução das labaredas, que prendem o olhar pelo próprio terror que inspiram. São belas e são trágicas.

O mais grave é que os mais calmos perdem a ação, ficam com o pensamento e com os músculos paralisados diante do imprevisto dos incêndios.

Não há muito tempo, logo ao findar a noite e quando o dia vinha surgindo cinzento, os veículos dos bombeiros, com seu estrondo característico, cruzavam, velozmente, as ruas mais centrais de Washington, na direção de uma casa, que ardia na rua K. Quando os bombeiros lograram entrar na mesma, encontraram um quadro trágico; todos os ocupantes do edifício jaziam, sem vida, ao pé da escada interna. Muitos dêles — talvez todos — teriam podido salvar-se procurando saída pelas janelas do segundo andar, em lugar de precipitar-se pelas escadas, aos empurrões, aos gritos, desesperados e arquejantes, até cair sufocados pelo calor e os gases.

— É o não saber como agir, em caso de incêndio — comentava o comandante dos bombeiros — o que provoca êsses desastres.

E acrescentou, cheio de pesar: — Ano após, morrem milhares de pessoas, devido a essa lamentável ignorância e ao pânico que dela se deriva.

Ao formular um plano de conduta que deve ser seguida em caso de incêndio, é preciso que nêle participem todos os membros da família. Há pais, por exemplo, que afirmam (erradamente) que dêsses planos não devem fazer parte as crianças.

Ouvimos, recentemente, quando se palestrava, numa reunião familiar, sôbre os horrores dos incêndios e sôbre a necessidade de haver um plano geral de defesa, de que participassem todos os da família, uma senhora declarar:

— Os maiores, sim; mas não vou falar de incêndios à minha filhinha de sete anos. É muito nervosa e, com isso, ficaria em constante alarma. Se viesse a ocorrer uma desgraça de tal natureza, eu me encarregaria de salvar minha filhinha.

Mas, o deplorável é que essa boa intenção nem sempre poderia ser realizável. Há um par de anos ocorreu um incêndio em certa residência cam-

pestre, devido a defeitos na chaminé do fogão (defeitos conhecidos e que pretendiam consertar... um dia). Quando os ocupantes da casa despertaram e compreenderam o que ocorria, já todo o andar térreo estava prêsa das chamas. Um corredor central separava o dormitório dos pais do que era ocupado pelos dois filhos do casal. O pai correu pelo corredor, para salvar os seus filhos. Justamente nesse momento, apavorado, um dos meninos, abrindo a porta do quarto, correu, também, na direção da escada. A sucção, determinada pelas portas abertas, precipitou uma terrível língua de fogo, escada acima, e, naquela fogueira, morrem, abrasados, pai e filho. A mãe, ao contrário, escapou com vida, juntamente com o outro menino, porque ambos saíram por uma janela que dava para o telhadinho de uma varanda. Se existisse um plano de salvamento, plano conhecido pelos maiores e pelas crianças, é muito provável que aquelas duas vidas não seriam perdidas.



Tais planos adquirem singular transcendência quando tais catástrofes ocorrem altas horas da noite e que, por isso mesmo, ganham grande intensidade, antes de que despertem os oupantes do edifício incendiado. E o perigo se agrava porque formam maioria os que dormem em verdadeiras arapucas ou gaiolas.

Ouvimos, de um ex-chefe de bombeiros, muita coisa relacionada com essas desgraças e, principalmente, um fato, relativo a um seu amigo, pai de numerosa família, e que havia feito, do sótão de sua residência, dois dormitórios para suas filhas, já mocinhas, e que chegou mesmo a exibir, orgulhoso, numa das visitas que o antigo comandante de bombeiros lhe fêz.

«— Quando vi aquilo — acrescentou o bombeiro — não me contive, prevenindo-o de que, no caso de haver incêndio na casa, as suas filhas estariam, pràticamente, condenadas à morte, pois não contariam com qualquer saída.»

Alarmado, ante o perigo que não previra, nosso homem não consentiu que as filhas dormissem aquela noite no sótão. No dia seguinte, mandou colocar fortes ganchos na parte exterior das janelas dos bonitos dormitórios, para dêles fazer pender duas escadas de corda, que permitissem às mocinhas, em caso necessário, descer, sem perigo, até ao solo. Não contente com isso, mandou instalar uma campainha elétrica, acionada por uma bateria, independente da corrente ordinária, para advertí-las, oportunamente, do perigo, tão logo se declarasse um incêndio.

Só depois de tomadas essas precauções, as suas filhas tiveram permissão para ocupar seus dormitórios.

Naturalmente, há casos em que as condições peculiares de algumas residências não permitem eliminar os riscos da natureza dos já indicados. Quando tal situação exista, convém abrir uma porta de comunicação com outra habitação, para contar, em caso de extrema emergência, com uma saída segura. Também é possível isolar, por meio de um tabique, alguma seção do corredor que permita, aos ocupantes, em um momento dado, passar de uma habitação para outra, sem que se exponham aos perigos representados pelos gases ou as temperaturas excessivamente elevadas.

Falando dêsses e outros perigos, o ex-chefe dos bombeiros, antes citado, salientava a importância de evitar que se produzam correntes de ar dentro da casa.

«Mesmo em dias calorosos — recomendava — convém fechar, quando se dorme, as portas que abrem para os corredores. Uma corrente de ar pode, por sucção, encher de gases o quarto de dormir e provocar, pela asfixia, a morte de seus ocupantes, sem necessidade de que as chamas cheguem até êles.

Se, com a porta do corredor fechada, o leitor despertar e sentir o cheiro de fumaça, o primeiro ato que deve executar é o de apalpar a citada porta, a fim de verificar se está quente. Caso não esteja, deverá abrí-la uns quatro ou cinco centímetros, apoiando contra ela o próprio corpo, a fim de evitar que uma pressão repentina a abra de par em par. E é preciso não esquecer: embora não apareçam chamas, podem estar presentes gases deletérios.

Comprovado que a escada está livre de ameaças, é indicado fazer descer, sem demora, as crianças e as pessoas de idade. Um adulto deverá acompanhar as crianças, enquanto outro chamará os bombeiros. Convém que se tenha, de memória, o número do telefone do quartel de bombeiros mais próximo, porém, para maior segurança, convém tê-lo anotado em algum cartão, junto do aparelho telefônico. Em último extremo, chame-se a tele-

fonista de auxílio e procure-se sempre dizer, concisamente, o que fôr necessário, sem atropêlo nem excesso de palavras: «Incêndio em minha casa. Rua Tal, número sete, quatro, zero...» E não desligue enquanto a pessoa que recebeu a chamada não tiver repetido, corretamente, o enderêço.

Se o incêndio não assumiu maiores proporções, é possível que o leitor possa sufocá-lo sòzinho. A precaução mais efetiva é manter, sempre à mão, em cada andar, um extintor, devidamente carregado. Porém, convém não esquecer: quando se trata de algum curto-circuito, não deve ser empregado líquido algum. Quem o fizer poderá morrer eletrocutado. Deve ser, imediatamente, desligado o interruptor de corrente elétrica, para prevenir perigos adicionais. É, também, prudente ter sempre, ao alcance da mão, uma lanterna elétrica.

Quando houver necessidade de abandonar, precipitadamente, a casa em que se vive, nem sempre há tempo, nem sequer a necessária presença de espírito, para não deixar atrás roupa indispensável e papéis importantes. Entre as escassas pessoas que se mantêm prevenidas contra esta contingência estão aquelas que já sofreram a dolorosa experiência de ver suas residências queimadas, tendo sido obrigadas a abandoná-las sem ter, no dia seguinte, nem sequer um par de sapatos para calçar. Hoje, isto não aconteceria, pois sempre têm, à mão, duas maletas com roupa suficiente para alguns dias. Chamam a isso a sua «bagagem de incêndio». Para lançar duas valises pela janela, é suficiente um par de segundos.

Naturalmente, no caso do fogo estar prestes a invadir a casa inteira, o que importa é salvar a própria pele. Se é preciso cruzar algum corredor cheio de fumaça, convém, antes de correr pelo mesmo, cobrir o nariz e a bôca com uma toalha molhada, tendo, prèviamente, o cuidado de realizar uma profunda absorção de ar, que permita conter a respiração até que se alcance a saída. Sendo isso possível, feche-se a porta que ficou para trás. Com essa manobra, é possível evitar uma corrente de ar que atrairia as chamas para o caminho que ainda teria que percorrer. Da mesma forma, quando se passa de uma sala para outra, convém fechar, ràpidamente, as portas intermediárias.

Quando a saída fôr representada por janelas que não se abram para o telhadinho inferior de alguma varanda ou garagem, convém aguardar a chegada dos bombeiros, a menos que as chamas estejam muito próximas. Porém, se fôr necessário saltar, as probabilidades de salvar-se não são escassas. A experiência demonstra que, assim, alguns milhares de pessoas se salvaram, sem sofrer danos sérios. Apesar disso, se o indivíduo verificar que tem tempo e não tenha visto ainda sair chamas

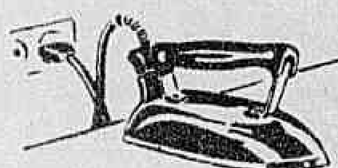
TEMPERATURAS NORMAIS NO INTERIOR DE UMA CASA

TEMPERATURAS QUE INCENDEIAM MATERIAIS CASEIROS



CIGARROS E FÓSFOROS

780 — Cigarros, fósforos, fogões e equipamentos elétricos produzem bastante calor para provocar incêndio. Em muitos casos, essas temperaturas são, fàcilmente, controladas. Os aparelhos mais modernos possuem automáticos realmente protetores, quando estão funcionando bem. Porém, os aparelhos elétricos de tipo antiquado, com bastante uso e sem o devido cuidado, podem tornar-se perigosos.



620 — FERRO ELÉTRICO (Não automático)



542 — PURA LÃ

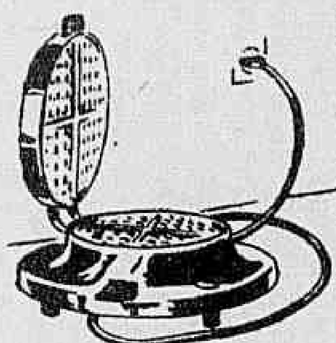


518 — SUPERFÍCIE DE LÂMPADA INFRA-VERMELHO



455 — TINTA A ÓLEO

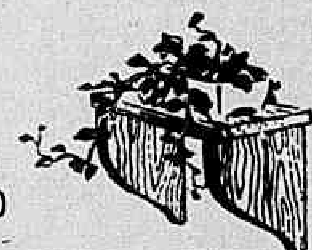
388 AZEITE (Oliva)



370 — APARELHO DE WAFFLE

361 TOUCINHO

MADEIRA



330



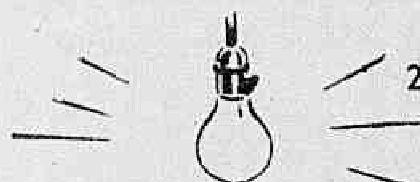
GRADE DE FOGÃO A GÁS

277

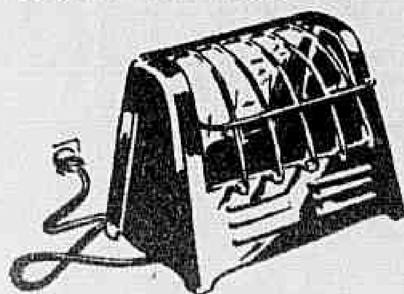
230



JORNAL



202 — SUPERFÍCIE DE LÂMPADA DE 100 WATT



110 — GRADE DE IRRADIADOR DE CALOR

Muitos artigos caseiros inflamam em temperaturas entre 222 e 277 graus c. Além da madeira e do jornal (acima indicados), a lã impura queima a 233°; o algodão a 243°; a tinta a óleo a 245°; o «rayon» a 251°; a turpentina a 257° e o querosene a 272°.

pelas janelas do andar inferior, é preferível improvisar alguma corda para descer. Ésse recurso salvador poderá ser improvisado com lençóis e outras roupas de cama, cujas extremidades sejam atadas firmemente.

Com auxílios semelhantes, têm descido crianças e pessoas idosas. Certa mãe meteu seu filhinho, de seis meses, em um saco para roupa suja, que atou à extremidade de uma corda feita com cordões de cortina, para descer o pequenino fardo. Depois, também, ela se salvou, com a ajuda da mesma corda improvisada. Se um corredor do andar superior, cheio de fumaça, impede socorrer os que estejam cercados em outro cômodo, a experiências oferece exemplos do que pode ser feito com probabilidade de êxito. Um pai de família, cujo quarto de dormir ficou isolado dos demais por um corredor invadido pelas chamas, escapou, com a espôsa, por uma janela, correu à garagem, tirou o automóvel da mesma e foi pará-lo sob uma janela de outros dois dormitórios, colocou sôbre êle uma escada, que a mulher sustentou, e, assim, chegou à janela do quarto dos filhos, quebrou a vidraça, e salvou os meninos e a sogra. Todos já estavam semi-sufocados pela fumaça, porém, sua intervenção foi ainda oportuna.



Ter uma escada extensível, que chegue até ao segundo andar, é precaução que pode ser salvadora. Poderia ser guardada em local exterior, de maneira a ser aproveitada, sem dificuldade, no caso de emergência. Se com ela fôr guardado um rôlo de cordas e um pequeno machado, o indivíduo estará melhor preparado para enfrentar o perigo.

Porém, se a escada fôr guardada na garagem, bom será contar com um jôgo adicional de chaves, que se conserva em local fàcilmente acessível. Os minutos contam, poderosamente, em caso de incêndio.

Para fazer um estudo da casa familial de tipo médio são necessários, apenas, vinte minutos. Mediante êsse estudo, poderão determinar-se os lugares da casa que ofereçam sérios perigos no caso de incêndio na mesma, podendo, igualmente, ser determinados os meios de escapar. Convém formular um plano, perfeitamente detalhado, sôbre o que deva ser feito, em caso de incêndio. Graças a planos assim, muitas vidas se salvaram, poupando-se muitas dores de cabeça. Ésse plano deverá incluir a necessidade de contar com um adequado seguro contra incêndios e a conveniência de manter listas, devidamente documentadas, dos bens cobertos pela apólice.

O que considere exageradas essas precauções deveria informar-se dos dissabores dos que já tenham sido vítimas de algum incêndio.

E, repetimos: não devem esquecer de incluir, no plano de ação que adotem, a todos os membros da família e, também, as crianças e as criadas. Todos devem saber, com absoluta precisão, o que farão se a casa se incendiar. Graças a isso, podem, ser evitadas espantosas tragédias.

Ésses são os recursos para o incêndio já declarado. Por isso, convém saber como é possível evitar os incêndios. A parte elétrica, naturalmente, é a grande responsável e, por isso, convém que todos saibam muita coisa a êsse respeito.

Mais de cinco mil residências sofreram os estragos do incêndio, em nossa terra, em razão de defeitos na instalação elétrica. Nos Estados Unidos, êsse número foi um pouco superior a 26 000. E compreende-se, sabendo que, na grande nação do norte, boa porcentagem das residências são construídas totalmente de madeira e, além do mais, são servidas por um sem número de aparelhos eletrônicos. Nesses incêndios, morreram mais de quinhentas pessoas, elevando-se os prejuízos a vários milhões.

Muitas dessas mortes e destruições foram o resultado do pouco entendimento que muita gente tem sôbre um dos menores, mas, também, um dos mais importantes objetos de uma casa: o pequenino fusível. Constitui o fusível, numa residência moderna, um dos maiores fabricantes de dores de cabeça. Estão sempre queimando e interrompendo a luz, o rádio, a televisão, etc. Mas, se queimam, é porque, justamente, estamos sempre carregando, mais e mais, a instalação com dispêndio de eletricidade.

COMO TRABALHA O FUSÍVEL — Cada circuito elétrico, numa residência comum, tem uma capacidade para suportar 15 ampères, aproximadamente. Um ampere é a medida de quantidade de eletricidade. Desde que o consumo elétrico é indicado em watts, o leitor pode, para qualquer finalidade prática, figurar que 100 watts utilizam um ampère de corrente.

Quando a dona de casa ou a empregada está na cozinha, passando roupa, o ferro de engomar está usando nove ampères. Uma lâmpada de 100 watt, brilhando no teto, está usando outro ampère, a máquina de lavar, com a televisão, que o garôto faz funcionar, no «living», gastam mais três ampères; some-se a isso a batedeira ou o liquidificador e temos 15 ampères em uso, que é a capacidade do circuito. Mas, a cozinha se torna sufocante e a patroa liga o ventilador, além do exaustor. Puff! Tudo pára, porque o fusível queimou. O pequeno pedaço de metal, na caixa registradora, entra em fusão e corta o circuito.

Se a dona da casa é inteligente, trata de substituir o fusível, depois de desligar, cautelosamente, as alavancas. Depois, terá o cuidado de não usar tantos aparelhos elétricos ao mesmo tempo.

Porém, a maioria não faz assim. Mal ligado o novo fusível, torna a carregá-lo, com múltiplas exigências de corrente — quando não usa uma simples moeda, em lugar de um verdadeiro fusível. Durante um curto instante, o fusível supercarregado ou a moeda permite que tudo corra normalmente. Porém, o fusível fica superaquecido, queima os fios e, possìvelmente, dará início a um incêndio.

O uso crescente de aparelhos elétricos numa residência é, portanto, a causa principal do número,

sempre maior, de incêndios. E devemos somar a isso o fato de que grande parte das residências são bastante antigas, com o seu sistema elétrico deficiente para as atuais exigências da vida. Quando foram instalados não contavam as donas de casa com as geladeiras, enceradeiras, batedeiras, liquidificadores, exaustores, ventiladores, rádios, eletrolas e TV. Não estão, por conseguinte, à altura de suportar tanta carga. A não ser nas residências de construção recente, quase podemos apostar que as outras, mais antigas, não estão com o seu sistema elétrico perfeito. Que é possível fazer, para remediar o mal?

Segundo as Companhias Seguradoras indicam, a melhor solução é fazer, quanto antes, um balanço das próprias possibilidades elétricas. Trata-se de somar a amperagem de tôdas as lâmpadas e aparelhos usados num mesmo circuito. Para tanto, é bastante verificar, em cada lâmpada ou aparelho, junto da placa de fabricação, qual a quantidade de watt que está indicada. A seguir, dividir por 100. A seguir, dividir tudo, de maneira a ter uma medida justa do que pode ser usado de uma só vez.

Ter o cuidado de não usar, num só circuito, uma combinação de fôrça superior a 15 ampères. A boa regra manda não usar, a um só tempo, mais de dois aparelhos de produção de calor (torradeiras, panelas, frigideiras, ferro de engomar, etc.). São os que gastam maior amperagem. Três dêles em uso, geralmente, ultrapassam o limite de resistência do fusível.

Poderá acontecer (e isto é o pior de tudo) que um fusível continue a funcionar, mesmo com uma sobrecarga de amperagem. Pior, porque êle está funcionando **mais do que deve**. Com isso, provocará a queima dos fios e o conseqüente curto-circuito, provocador de devastadores incêndios.

Se o leitor vive em casa velha, cuide de mandar examinar o seu sistema elétrico. Só assim saberá se pode possuir os mesmos aparelhos elétricos que o seu vizinho, morador em casa recém-construída. Provàvelmente, haverá a necessidade de dividir melhor a instalação, adicionando um novo circuito.

No caso de não poder arcar com essa despesa ou encontrar dificuldade por parte do proprietário do prédio, então melhor será fazer um balanço do seu sistema elétrico e só ter em uso o que fôr permitido, de cada vez.

Só assim estará livre de um incêndio, cujas proporções não podem ser medidas por antecipação.

★ ★

RESOLVA OS SEUS PROBLEMAS

GLENN L. Martin, o conhecido fabricante de aviões, contava o seguinte, não há muito, numa roda de amigos: Antes de que nascesse nêle o seu interêsse pelos aviões, dedicava-se à venda de automóveis. Uma certa manhã, o seu chefe o enviou a uma cidadezinha próxima, a fim de tentar vender um automóvel. Ao regressar, algumas horas depois, indagou-lhe se havia realizado a operação.



— Não — respondeu o interpelado. — Não visitei o suposto comprador porque não tive tempo.

— Não teve tempo? Em que empregou, então, tôdas essas horas?

— Em consertar o automóvel de outra pessoa.

— Hein?

Martin explicou a seu chefe que não julgara prudente tentar vender um automóvel naquela cidade, enquanto o dono de um veículo, de igual marca, no mesmo local, revelara o seu descontentamento com o automóvel que possuía. Tendo verificado o que ocorria, dedicara todo o seu tempo reparando o veículo do descontente.

— Quando voltar — acrescentou, concluindo — estarei em condições de sugerior ao suposto comprador que peça informações ao dono do automóvel que consertei, que agora é nosso amigo e grande propagandista!

TENDO mudado, recentemente, de casa, tive a desagradável surprêsa de notar que as galinhas do meu vizinho passavam o dia todo no meu quintal, estragando as minhas plantas. Não desejando andar com queixas e discussões, decidi recorrer para outras medidas. Uma noite, levei vários ovos para o fundo do quintal, escondendo-os entre os canteiros. No dia seguinte, quando minha vizinha e mais dois membros da sua família estavam à vista, fui ao quintal munida de um cêsto e, ao voltar, disse, em voz alta, para meu filho:



— Veja só! Hoje encontrei oito ovos. Creio que vou fazer para você o bôlo gostoso que você queria...

E exibi os ovos, de maneira que também os visse a minha vizinha.

No dia seguinte, já não apareceram galinhas no nosso quintal e, daí por diante, não voltaram mais.

Rosalind Sink — Los Angeles

★

O fato da correnteza de um rio ser mais rápida no centro que nos lados, é coisa que pode ser comprovada a qualquer momento. A razão está em que, nos bordos, a velocidade da massa d'água é diminuída pelo roçamento da mesma com as asperezas da margem: vegetação, pedras, etc., que provocam remoinhos, contracorrentes, etc. O centro, ao contrário, por sua profundidade maior, está livre dessas travas.

As empregadas de Einstein são mais caras que as nossas

ÊSTE ARTIGO PODE SER LIDO POR QUALQUER PESSOA, MESMO SEM NENHUM CONHECIMENTO CIENTÍFICO. E QUEM O LER FICARÁ DESLUMBRADO...

FREQUENTEMENTE, ouvimos as coisas mais extraordinárias sôbre os autômatos. Até mesmo um autômato que fumava cachimbo já foi exposto ao público. Aliás, não se tratava de uma brincadeira mas de uma importante experiência. Por meio de filtros, colocados em tôda extensão do trajeto seguido pela fumaça no interior do autômato, conseguiu-se determinar que o fumo para cachimbo contém, exatamente, três miligramas de nicotina, enquanto que um cigarro não apresenta senão um miligrama.

Cuidado, apreciadores de cachimbos!

Tranqüilizemo-los, porém, afirmando que, se gozarem de boa saúde, a nicotina não lhes fará mal algum.

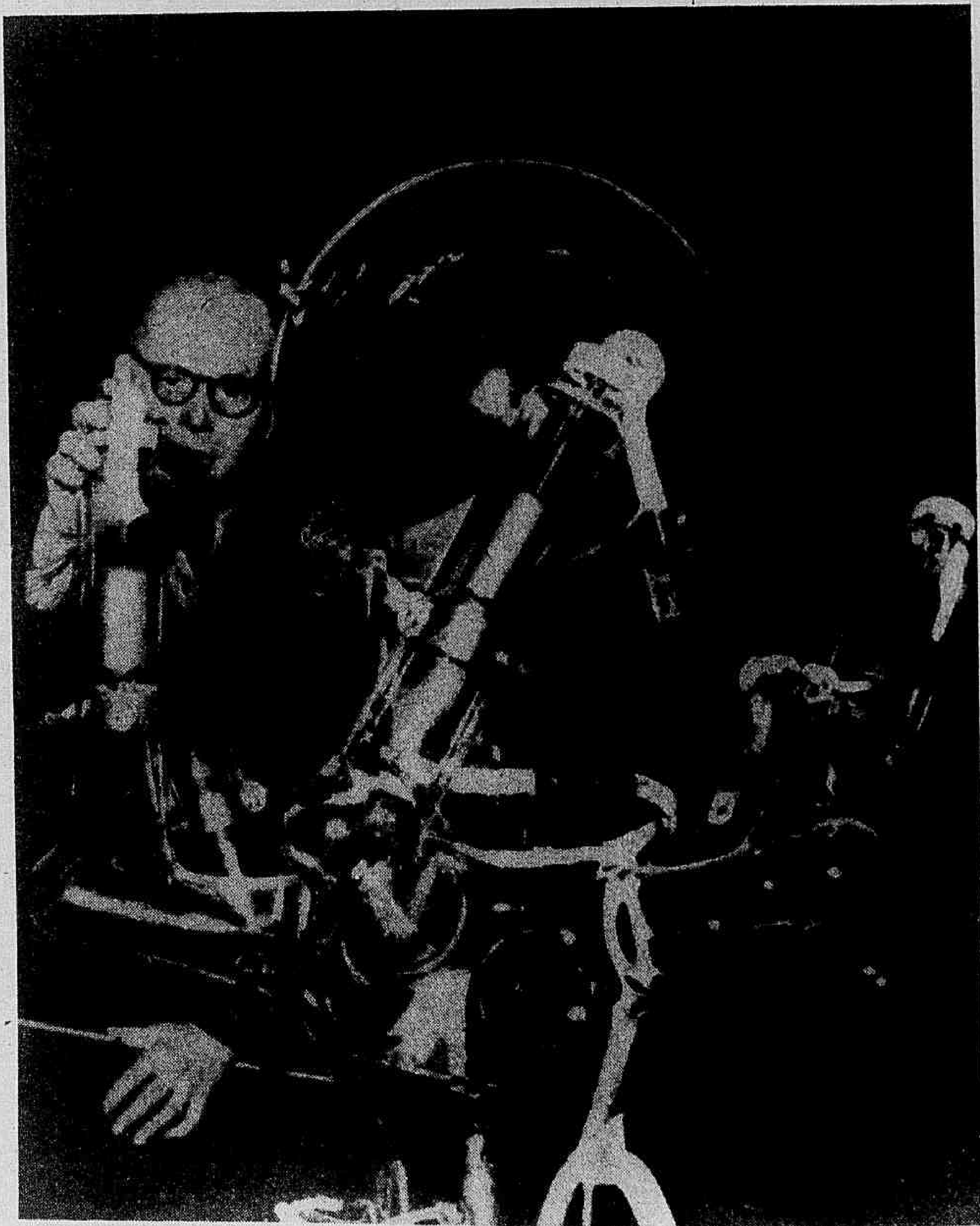
A recente exposição eletrônica, realizada no parque situado próximo a uma das portas que, antigamente, davam acesso à cidade de Paris — a Porta de Versailles, na verdade, apresentou, ao público, mais divertimentos do que **futuras realidades**. Foi-lhe apresentada «a voz artificial» — um mecanismo de fêltro pardo, com uma **bôca** de borracha, por onde é emitida uma voz humana.

Tudo isto nada apresenta de excepcional. No dia em que o homem inventou, ao mesmo tempo, as máquinas e células fotoelétricas, que **podem** abrir e fechar portas, pela simples alteração da luz, a eletricidade tornou-se, para o mundo moderno, um verdadeiro «pau para tôda obra».



PARA manejar uma alavanca, levantar um pêso, aquecer, esfriar ou secar alguma coisa, a construção dos autômatos era coisa fatal. E os que já existem, em geral, não são mais que simples passatempos. Sua verdadeira importância apresentar-se-á quando as maquinarias, vivificadas por meio de válvulas, fizerem, por si sós, o trabalho, não apenas de dez ou cem homens, mas de **três mil, em um só minuto**.

Nesse dia, aquêles que atravancam a vida nas cidades poderão voltar ao interior e à vida do campo. E será essa uma revolução sem precedentes, cujas conseqüências não podem ser prognosticadas. Mas, o que é bem mais interessante — e muito mais extraordinário — porque não se trata, simplesmente, da aplicação de processos eletromecânicos para a abertura ou fechamento de portas, parada ou movimento de máquinas; é a ciência das máquinas calculadoras. E essa ciência assume maior importância à medida que nos convencemos de que as máquinas de calcular serão os elementos indispensáveis à civilização futura.

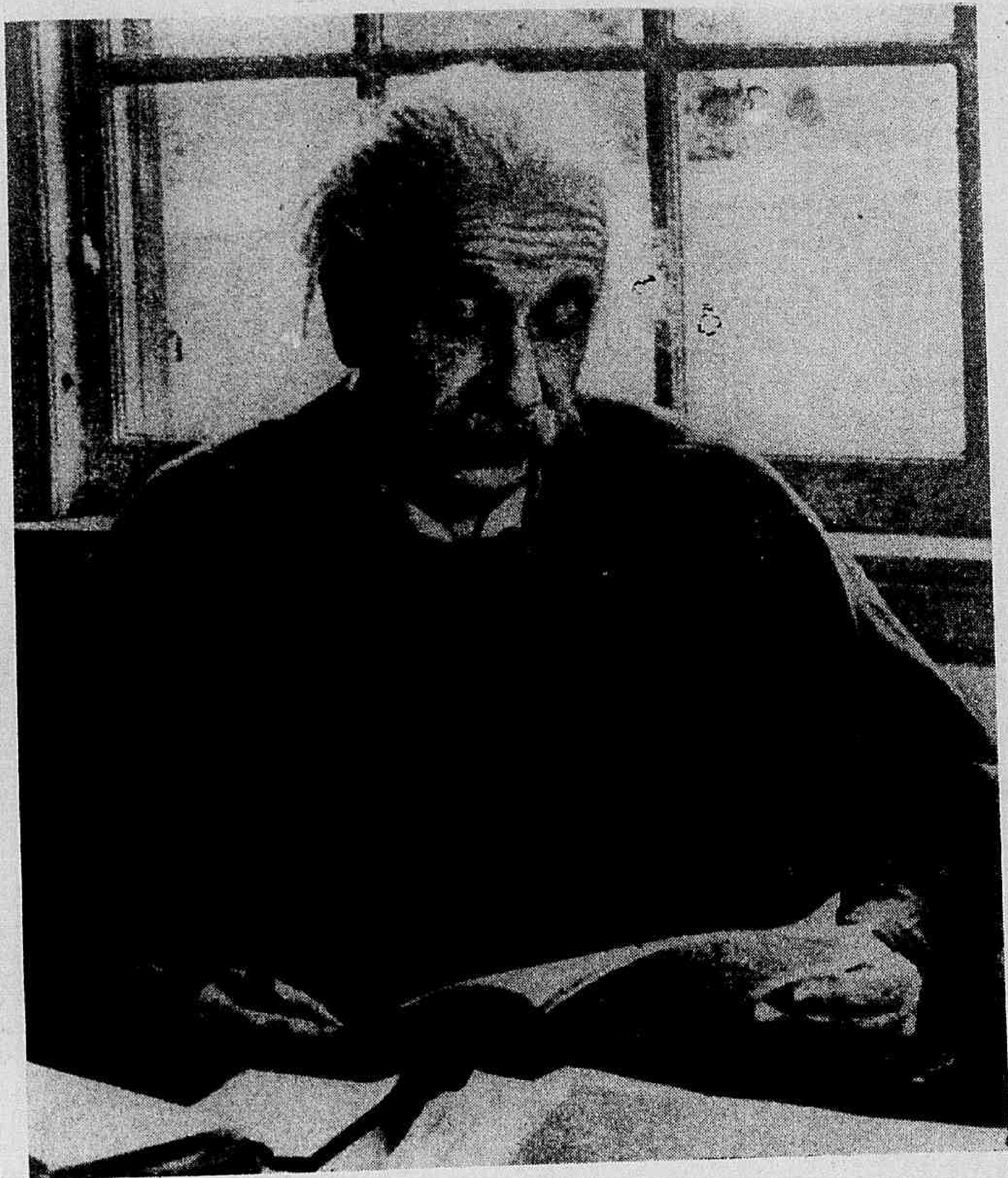


UMA FÓRMULA DE AUTORIA DE EINSTEIN EXIGE: — Um lápis, uma fôlha de papel e, em seguida, cem mil horas de cálculo!

Quando um Einstein, cercado de alguns alunos, em seu laboratório de Princeton, fala a uns poucos sábios, são raros os que compreendem. A maior parte dêsses sábios, de diversas idades, encontrou um asilo, oferecido pelo govêrno americano, e nada

têm que fazer senão **pensar**. Da maneira mais desinteressada, sem idéia de lucro de espécie alguma, estudam problemas de química, física ou matemática, dos quais poderão derivar, talvez, conseqüências inesperadas como, por exemplo, surgiu o **nylon.**

Quando o dr. Carruthers pediu, aos proprietários de Wilmington, créditos para a realização de grandes trabalhos, preveniu a todos êles, afirmando que êsses trabalhos não tinham fim de lucro e que, provàvelmente, não trariam proveito algum às suas fábricas. Foi, assim, **por acaso**, enquanto buscavam outra coisa, que conseguiram criar uma matéria-plástica, mais tarde denominada



ESSAS LAMPADAS DE RADIO, gigantescas, passam a ser a base de tôdas as indústrias existentes e, também, de tôdas as ciências.

«nylon»! É idêntico o caso dos sábios de Princeton. Talvez trabalhem inùtilmente; talvez descubram coisas fabulosas...

Recentemente, êsses «sábios de Princeton» necessitaram de realizar um cálculo da divisão do átomo de urânio. Há alguns anos, sem dúvida, não o teriam conseguido, **porque um simples calculista necessitaria de cem anos para fazer o trabalho,** sendo que não se poderia diminuir o prazo, mesmo que se empregassem **cem homens**, pois cada cálculo não poderia ser realizado separadamente! Portanto, fàcilmente, entendemos o entusiasmo dos sábios pelo aparecimento de máquinas que tornarão possíveis os trabalhos de Einstein e das grandes inteligências que o cercam.

★

AS reações das moléculas químicas, os deslocamentos do ar sôbre a asa de um avião, os movimentos dos eléctrons, tudo isto põe em circulação um número infinito de algarismos.

Alguns dêsses problemas não podem ser resolvidos a não ser por cem vidas humanas somadas, **mas uma após a outra e não simultâneas.**

Isto significa que as máquinas elétricas permitirão um colossal impulso de qualquer nova ciência, assim como a eletricidade, substituindo o motor a vapor pelo motor a gasolina e a velas, permitiu o vôo do avião, favoreceu o nascimento do telefone e do rádio, dando meios para a primeira mensagem de Marconi, através os mares...

★

TUDO se encadeou, a seguir. E aí está como vamos viver um verdadeiro romance de Wells...

A que se assemelham êsses imensos calculadores? A instrumentos de rádio muito complicados.

Tranqüilizem-se! Não vamos descrevê-los! Seria trabalho para um manual técnico e desejamos que qualquer de nossos leitores nos entenda, até mesmo sem nenhum conhecimento de Matemática.

A primeira máquina, denominada **Bessy**, foi ultrapassada pela **Mark II**, construída em Harvard, para a Marinha dos Estados Unidos.

A **Mark II** trabalha dez vêzes mais depressa que a **Bessy. Mark III**, vinte e cinco vêzes mais rápida que a **Mark II**, e duzentas e cinqüenta mais que a **Bessy**.

E a velocidade aumentará, em proporção quase infinita, a tal ponto, que um chefe de laboratório já afirmou que será necessário inventar problemas mais difíceis, se se desejar manter as máquinas em funcionamento!

★

ENTRETANTO, o custo destas máquinas é colossal. A **Mark II**, por exemplo, custou tão caro que sòmente o Estado pôde suportar as despesas de sua fabricação.

Existem, é verdade, máquinas particulares e, como exemplo, podemos citar a existente no I.B.M., em New York. Contudo, não é possível utilizar-se

dela à **vontade**. O I.B.M. cobra Cr$ 30.000,00, por hora de aluguel.

Mesmo assim, Cr$ 30.000,00, por hora, ainda representa uma economia compensadora, se considerarmos **o que seria necessário pagar a cem químicos trabalhando durante cem anos!**

Mas, aqui, damos a palavra ao professor Wiener, inventor da Cybernética. (Do grego **kubernetes**, significando **pilôto**. Arte de governar na classificação de Ampère.)

— A Cibernética — disse êle — não é bem a ciência dos pobres matemáticos, que fazem adições. É a ciência da comunicação das idéias e do seu contrôle. O fato do homem haver inventado os «robots» não tem nenhum interêsse: olhos artificiais, orelhas, mãos, etc., são simples detalhes.

«De fato, temos termômetros, indicadores de pressão e, positivamente, não haverá nada, dentro de poucos anos, que não possamos fazer simplesmente calcando botões.

«Para onde vamos? Muito mais longe, sem dúvida: para o instante em que alguns trabalhadores manuais dominarão tôdas as máquinas de uma usina — e, por «manuais», entendam que apenas terão que calcar botões.

«Mas, vamos, também, verdadeiramente — e isto é mais extraordinário — para os **cérebros artificiais**, que comandarão tudo. E isso, forçoso é reconhecer, será uma verdadeira revolução.

«Nêles colocaremos, como fazemos na máquina de calcular ordinária, os elementos de um trabalho e o engenho **pedirá**, automàticamente, as matérias principais que estejam faltando. Tudo **inspecionará e dirigirá** para os armários e as máquinas, pagará o pessoal — reduzido a dez homens — fará apitar a «sereia» da fábrica, etc. E não vejo o que impedirá o engenho de pagar, também, as diferentes faturas.

«A seguir, iremos para um nível superior, o da máquina que poderá estabelecer um plano.»

Vamos parar, porque desejamos, apenas, fazer o leitor sonhar. Mas, realmente, não é isso verdadeiramente vertiginoso?

É fora de dúvida que as máquinas atuais, as que foram postas ao serviço de Einstein e de seus colegas, **examinam** as cifras que lhes são fornecidas, exatamente como o faria um cérebro humano; que **medem** essas cifras, **comparando-as** com outras informações e que essas outras informações saem, no momento desejado, das gavetas do que podemos chamar: sua memória.

Estamos, agora, diante da máquina que substitui o cérebro humano. E atingimos um tal ponto, que, quando um grande fisiologista, o dr. Mac Culloch, ouviu as explicações de um dos trabalhos dessas máquinas, empalideceu terrìvelmente e, a seguir, com voz trêmula e medrosa, declarou:

— Os senhores sabem o que fizeram? Reproduziram a quarta camada do cérebro!

As partes essenciais do cérebro — segundo explicou o dr. Mac Culloch — são pequeninas células nervosas, chamadas «neurons». São reunidas por filamentos. E tudo isso recorda, estranhamente, o que se passa nessas máquinas.

O neuron, pequenino acumulador vivo, envia sua corrente num fio, toca um ponto chamado Synaps, que **detém** ou deixa passar, como uma lâmpada de T.S.F., e transmite ou não os fios a um outro neuron.

Todo o mundo está de acôrdo em que as máquinas atuais (referimo-nos as já em funcionamento) marcham mais depressa que o cérebro, a razão de mil vêzes mais rápidas, mas que suas memórias não são assim tão prontas.

Os cartões perfurados, que se lhes fornece, são consultados um pouco, como os livros de uma biblioteca; sòmente isso as retarda. Nós, humanos, projetamos mais rápidamente, sôbre o écran interior dos nossos olhos, as imagens imediatas de que necessitamos.

Que interêsses práticos tem tudo isso?

Milhares de fins diversos. São mesmo inimagináveis, até o presente. O professor Bigelow, de Princeton, está em vias de construir certa máquina, com a qual deseja predizer o tempo com longa antecedência.

Durante a última guerra, quarenta operadores, com quarenta máquinas ordinárias, de calcular, tentaram medir os elementos, pressão barométrica, velocidade do vento, topografia, etc. Porém, o tempo mudava mais depressa do que êles podiam encontrar um total. **As máquinas modernas darão o resultado em poucos segundos, apenas**.

Também preparam um estenógrafo mecânico. Segundo parece, não há razão para que as palavras não sejam registradas com absoluta correção, corrigindo-se, automàticamente, as faltas de gramática e, findo êsse primeiro trabalho, a máquina não entre a escrever, ela própria.

Alguém lembrou a necessidade da construção de uma máquina para jogar xadrez... e que fôsse invencível. Isto, por certo, virá mais tarde... pois não devemos esquecer que uma só dessas verdadeiras usinas custa 50 milhões de cruzeiros!

Mas, não devemos esquecer, também, que os primeiros aparelhos de rádio custavam quantias loucas, ao passo que, atualmente, são encontrados em todos os lares e nos cantos de tôdas as ruas. Que os primeiros aparelhos telefônicos valiam fortunas e que os mesmos, hoje, valem, comparativamente, uma ninharia.

Tudo isto não é nem mesmo o segrêdo do futuro. É UMA CERTEZA!

Porém o mais curioso de tudo é que as máquinas têm seus nervos. Já houve o caso de estações telefônicas, supercarregadas, agir como loucas (o têrmo é justo). Não havia, porém, qualquer **lesão**. Quando o serviço diminuiu, a máquina se refez da crise.

Da mesma forma, às vêzes, elas se mostram de mau-humor. Assim, por exemplo, as máquinas que Einstein e seus amigos empregam em Princeton, para os seus imensos cálculos, estão, geralmente, de mau-humor, pela manhã. Sentirão frio? Seus músculos elétricos não terão esquentado o suficiente?

A verdade é que respondem mal, cometem erros, acendem lâmpadas vermelhas, que assinalam êsse mau gênio e essa má-vontade para trabalhar, só entrando em bom funcionamento após uma ou duas horas.

Portanto, o leitor não deverá sorrir, quando alguém lhe falar de robbots. Estão êles em vias de tornar-se uma coisa assustadora.

A FÔRÇA DE UM JURAMENTO

PAUL FÈVAL

— Nada... Mas, sob que pretexto vais ser apresentada ao Regente, Flor, minha querida ciganinha?

Dona Cruz mordeu os lábios.

— Minha boa amiga — respondeu, instalando-se numa cadeira — aqui não há cigana... nunca houve nenhuma cigana... foi, apenas, uma quimera... uma ilusão... uma mentira... um sonho. Há, sim, a nobre filha de uma princesa... nada mais, nada menos!

— Tu! — exclamou Aurora, estupefata.

— Mas, que tem isso de extraordinário? Como sabes, os ciganos são férteis nestas coisas... Introduzem-se nos palácios pelas chaminés, quando o lume está apagado, apoderam-se de alguns objetos de valor e nunca deixam de levar consigo a jovem herdeira... Eu sou, portanto, uma herdeira da Europa, segundo me deixaram antever...

Ignora-se se dona Cruz brincava ou falava a sério. Talvez nem mesmo ela própria o soubesse... A sua volubilidade levara-lhe ao rosto moreno côres vivas, e os olhos negros brilhavam como nunca, cheios de inteligência e ousadia. Aurora escutava, de bôca aberta. O seu rosto traduzia a ingenuidade crédula e o prazer que sentia com a felicidade da amiga.

— Ainda bem! — disse. — E qual é o teu nome, Flor?

Dona Cruz compôs as pregas do vestido e respondeu, cheia de importância:

— Neves!

— Nevers! — exclamou Aurora. — Um dos mais brilhantes de França!

— Pois é verdade!... Creio mesmo que ainda somos aparentadas com S. Majestade.

— Mas, como?...

— Como?... — repetiu dona Cruz, deixando os seus ares nobres e voltando àquela alegria que lhe ficava tão bem — isso é que eu não sei. Ainda não me deram a honra de me fazer conhecer a

---

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Estamos no vale do Luron, junto ao castelo de Caylus-Tarrides. Para ali, em 1699, o marquês, viúvo, se retirara com sua filha Aurora. Pouco depois, Felipe de Lorena, duque de Nevers, foi repousar em suas terras, no Jurancon, onde se enamorou de Aurora, havendo quem murmurasse que aquêle amor «avançara muito». Quatro anos depois, Nevers já não habitava no Jurancon, porém outro Felipe ali surgira: Felipe Polyvene de Mântua, príncipe de Gonzaga, com quem o marquês queria casar a filha, pois Gonzaga era o único herdeiro de Nevers, que era solteiro e possuía uma das maiores fortunas da França. Em uma tarde do outono de 1699, em uma estalagem próxima ao castelo, se reúnem vários espadachins, contratados por Peyrolles, secretário de Gonzaga, com o fim de atacar e assassinar Nevers, dando, assim, ao príncipe, a fortuna de sua vítima. Entre os «bravos» se encontram Cocardasse e Pessepoil, que têm um único ídolo na vida: o jovem cavalheiro Henrique de Lagardère, o maior espadachim de França. Nesse dia, aparece também, junto às muralhas, o cavalheiro Lagardère que, sendo recebido festivamente pelos espadachins, lhes comunica estar de viagem para o exílio, porém que, antes, pretende cruzar a espada com Nevers. Os bandidos dizem ao cavalheiro o que vão fazer e propõem ajudá-lo. Lagardère recusa, indignado, expulsando-os do local. Permanece, porém, junto às muralhas e vê chegar dois homens: Gonzaga e Peyrolles. Ouve quando o secretário diz ao príncipe que «tudo estava arranjado, mas que não pudera apoderar-se das fôlhas do registro do casamento, porque tinham sido arrancadas, mas que, morto Nevers, Gonzaga desposaria Aurora, ficando com tôda a fortuna do duque». Peyrolles então, julgando ser Lagardère um dos capangas, chama-o e lhe dá uma «senha» mandando-o esperar junto à janela da muralha. Quando êles se retiram a janela se abre e surge Aurora que, julgando falar com Nevers, entrega a Lagardère sua filha e o registro de casamento. Pouco depois, chega Nevers, a quem o cavalheiro informa o que se passa, prometendo ficar ao seu lado. Trava-se a luta e Gonzaga, vendo as coisas mal paradas, ataca e mata Nevers, pelas costas, covardemente. Mas Lagardère foge com a criança, tendo antes ferido o príncipe numa das mãos. Passam-se os anos. Obrigada pelo pai, Aurora desposara Gonzaga. Êste abre um banco nos jardins do seu palácio, e vende bancas para quem queira especular. Entre os compradores, surge um corcunda — Ésopo, que compra a última banca que restava e vê o príncipe contratar os serviços de Cocardasse e Passepoil, que ali apareceram. Gonzaga havia pedido a reunião de um Conselho de Família para, entre outras coisas, apresentar à Aurora a sua filha, Aurora de Nevers. Para isso, Peyrolles havia arranjado uma jovem espanhola, a quem o príncipe convencera ser a filha de Nevers. A espanhola, cujo nome era Flor, declarou que conhecera, na Espanha, uma mocinha da sua idade chamada Aurora, e que a havia visto em Paris, à rua de Chantre. Começada a reunião, Gonzaga, após hábil discurso, manda entrar Flor, que não é reconhecida por Aurora como sua filha. Para maior assombro de Gonzaga, Aurora anuncia que irá ao baile oferecido pelo Regente de França. Isto porque, uma voz misteriosa repetira a divisa de Nevers — «Aqui estou» — e lhe prometera apresentar-lhe a filha no baile. Terminada a reunião, Peyrolles informa ao príncipe que Lagardère está em Paris, pois Faenza e Saldanha foram mortos pelo «bote de Nevers». Quando Gonzaga ordenava que Cocardasse e Passepoil fôssem ao endereço de Aurora, fornecido, inocentemente, por Flor, surge o corcunda, que se prontifica a falsificar a assinatura de Lagardère num bilhete para Aurora. Faz mais: pede a Gonzaga um salvo-conduto para Lagardère, prometendo, assim, atraí-lo a uma cilada. Em casa, Aurora aguardava a chegada do seu amigo, fazendo anotações em seu «Diário», onde contava o que fôra a sua vida, em companhia de Henrique, desde que começara a ter entendimento das coisas e até onde lhe permitia a memória. Nesse diário conta, entre outras coisas, a viagem que havia feito com Henrique aos fossos de Caylus, quando lhe foi revelado que ali mesmo ela nascera e que êle próprio a recebera das mãos de sua genitora, numa noite trágica. Termina seu manuscrito apelando para essa mãe desconhecida, para que, enfim, aperecesse e que a amasse e também a Henrique. Pouco depois, estando Aurora a sonhar com o seu amado protetor, surge Flor, a ciganinha. Como pôde descobrir onde Aurora morava? Um corcunda a guiara até ali!

minha árvore genealógica. Quando perguntei, responderam-me: "Silêncio!..." Parece-me que tenho inimigos. Como sabes, minha querida, a grandeza provoca invejas. Não sei nada, mas é indiferente; deixo-me arrastar com perfeita tranqüilidade.

Aurora, que parecia refletir havia alguns momentos, interrompeu-a e disse de repente:

— Flor, e se eu soubesse qualquer coisa mais, acêrca da tua própria história?

— Palavra que isso não me surpreenderia... já coisa alguma me admira; se sabes a minha história, guarda-a para ti; o meu tutor deve-me contar esta noite, pormenorizadamente... O meu tutor e amigo é o senhor príncipe de Gonzaga.

— Gonzaga! — repetiu Aurora, estremecendo.

— Que te sucedeu?

— Disseste: Gonzaga?

— Sim... Gonzaga, o príncipe de Gonzaga, o que defende os meus direitos, o marido da duquesa de Nevers, minha mãe!

— Ah! — exclamou Aurora. — Êsse Gonzaga é o marido da duquesa de Nevers?

E, dizendo isto, recordava a visita às ruínas do castelo de Caylus. Todo o drama noturno se erguia diante dela... os personagens ontem desconhecidos, já hoje tinham nomes... A criança de que falará a hospedeira de Tarrides, a criança que dormia durante a terrível batalha, era Flor.

— E o assassino?...

— Em que pensas? — perguntou dona Cruz.

— Penso nesse nome de Gonzaga — respondeu Aurora.

— Por quê?

— Antes de te dizer, perciso saber uma coisa: gostas dêle?

— Moderadamente — replicou Flor — podia gostar mais... mas, êle não quis...

Aurora ficou calada.

— Vamos, fala — exclamou a antiga cigana, batendo, impaciente, com o pé no chão.

— Se gostasses muito dêle...

— Fala, já te disse!

— Mas, visto ser o teu tutor, o marido de tua mãe...

— Com mil diabos! — praguejou a suposta Aurora de Nevers. — É preciso dizer-te tudo, não é verdade?... Pois bem: vi minha mãe! Respeito-a muito e há mais, estimo-a porque sofreu, mas, quando a vi, o meu coração não vibrou, os meus braços não se abriram. Ah! Aurora! — exclamou, num verdadeiro ímpeto de paixão. — Parece-me que devia sentir uma alegria doida, quando me encontrasse na frente de minha mãe!

— Também assim o creio! — respondeu Aurora.

— Fiquei fria, insensível. Fala; se te referes a Gonzaga, nada receies, e mesmo que se tratasse da duquesa também o podias fazer...

— É, apenas, de Gonzaga — prosseguiu Aurora. — Êsse nome de Gonzaga encontra-se, nas minhas recordações, misturado aos meus terrores de criança, a tôdas as minhas angústias de moça. A primeira vez que o meu amigo Henrique jogou a sua vida para me salvar, ouvi êsse nome; ouvi-o, mais tarde, quando fomos atacados numa herdade, nos arredores de Pamplona. Na noite em que te serviste dos teus feitiços, para adormecer os meus guardas, na tenda dos chefes dos ciganos, o nome de Gonzaga feriu-me os ouvidos, pela terceira vez. Em Madrid, era ainda Gonzaga e no castelo de Caylus, mais uma vez Gonzaga!

Dona Cruz, por seu turno, refletia.

— Dom Luís, o teu lindo cinzelador, disse-te, alguma vez, que eras a filha de uma grande dama? — perguntou ela, bruscamente.

— Nunca! — respondeu Aurora. — No entanto, estou convencida disso.

— Palavra que não gosto de meditar durante muito tempo, minha querida Aurora! — exclamou a antiga cigana. — Tenho muitas idéias no meu cérebro, mas são confusas e parece não quererem sair... Quanto a ser fidalga, creio que isso estava melhor para ti do que para mim; porém, a minha opinião é que não merece a pena estarmos a quebrar a cabeça com êstes enigmas. Embora seja cristã, conservo ainda a fé dos meus pais, daqueles que me criaram: aceitar o tempo como estiver; os acontecimentos, tal se apresentarem e consolarmo-nos, dizendo: é o destino! Há, no entanto, uma coisa que não posso admitir: Gonzaga ser um salteador, um assassino! É demasiadamente bem educado para isso. Ora, na Itália há muitos Gonzagas, uns verdadeiros, outros falsos. O teu é, com certeza, um falso Gonzaga. Dir-te-ei, além disso, que, se o príncipe de Gonzaga fôsse teu perseguidor, mestre Luís não te traria justamente para Paris, onde o príncipe tem a sua residência.

— Mas, também — disse Aurora — vê as precauções de que me rodeia... Proibição de sair, de chegar à janela...

— Ora! — disse Flor. — É por ser ciumento...

— Oh! Flor! — exclamou Aurora, em ar de censura.

Dona Cruz fêz uma pirueta, depois mostrou o seu sorriso mais bonito.

— Só serei princesa daqui a duas horas, por conseguinte, ainda posso dizer o que me apetece. Sim, o teu lindo tenebroso, o teu mestre Luís, o teu Lagardère, o teu cavalheiro-andante, o teu rei, o teu deus, tem ciúmes!... Mas, não mereces tudo isso?

— Flor!... Flor!... — repetiu Aurora.
— Ciumento! Ciumento! E... ciumento! Nada mais, nada menos! E não foi por causa do príncipe de Gonzaga que saíram de Madrid. Então eu não sei... — sim... eu que sou um pouco feiticeira... — que os apaixonados já sabem medir a altura das tuas janelas?...

Aurora tornou-se rubra como uma cereja. Por pouco feiticeira que fôsse, dona Cruz compreendeu, imediatamente, que acertara. Olhou para Aurora, que não ousava erguer a vista.

— Pronto! Ei-la corada de orgulho e prazer — disse, beijando-a na fronte. — Estás satisfeita por sentirem ciúmes teus! Êle continua bonito, como um astro, e mais meigo do que uma criança? Vamos... dize... confessa aqui junto do meu ouvido, em sêgredo: ama-o?

— E por que há de ser baixinho, em sêgredo? — perguntou Aurora, erguendo o rosto.

— Então, em voz alta, se preferes.

— Pois, em voz alta, direi: amo-o!

— Ora, até que enfim... Aí vai um beijo pela tua franqueza! E — prosseguiu Flor, fitando a amiga com os seus olhos profundos — és feliz?

— Evidentemente.

— Muito feliz?

— Pois se êle se encontra aqui!...

— Ótimo! — exclamou a cigana.

Depois acrescentou, lançando um olhar em redor, olhar um pouco desdenhoso:

— *Pobre dicha, dicha dulce!*

Era a tradução do provérbio! "O amor e uma cabana..."

Quando dona Cruz examinou tudo, disse:

— O amor, aqui, não é demasiado! A casa é feia, a rua escura, os móveis horríveis. Bem sei o que me vais dizer, minha querida amiga; a resposta obrigatória: "Um palácio sem êle..."

— Pois enganas-te — interrompeu Aurora — a minha resposta é diferente: se eu quisesse um palácio, bastava-me dizê-lo!

— Ah!

— **Tal qual!**

— Então, êle agora é assim tão rico?

— Nunca pedi, fôsse o que fôsse, que não me satisfizesse, i m e d i a - tamente, o desejo...

— De fato — murmurou dona Cruz, que já não ria — êsse homem não se parece nada com os outros. Possui um nem sei quê de estranho e superior. Só diante dêle baixei o meu olhar... Tu não sabes... mas, há homens que têm poderes mágicos... O teu Lagardère deve ser um dêles.

— Que loucura! — exclamou Aurora.

— Já os tenho visto! — pronunciou a cigana, com gravidade. — Vejamos, pede qualquer coisa que muito desejes, pensando nêle.

Aurora principiou a rir. **Dona Cruz** sentou-se ao pé dela.

— Só para me dares prazer... **suponho** que não é coisa assim muito difícil, **minha** querida Aurora... — pediu **Flor, acariciando-a.**

— Estas falando sério? — **perguntou** a jovem, admirada.

Dona Cruz colocou os lábios **junto do** ouvido de Aurora, e murmurou:

— Amei alguém... era louca!... Um dia êle colocou a sua mão na **minha** fronte e disse: "Flor, êsse homem **nunca** te poderá amar!..." Estava **curada. Bem** vês que êle é um pouco **feiticeiro.**

— E êsse a quem amavas — **perguntou** Aurora, tornando-se pálida — **quem era?**

A cabeça de dona Cruz pendeu **para o** ombro... Não respondeu.

— Era êle! — exclamou Aurora, **com** terror intraduzível. — Tenho a **certeza** de que era êle!

Capítulo XXVIII

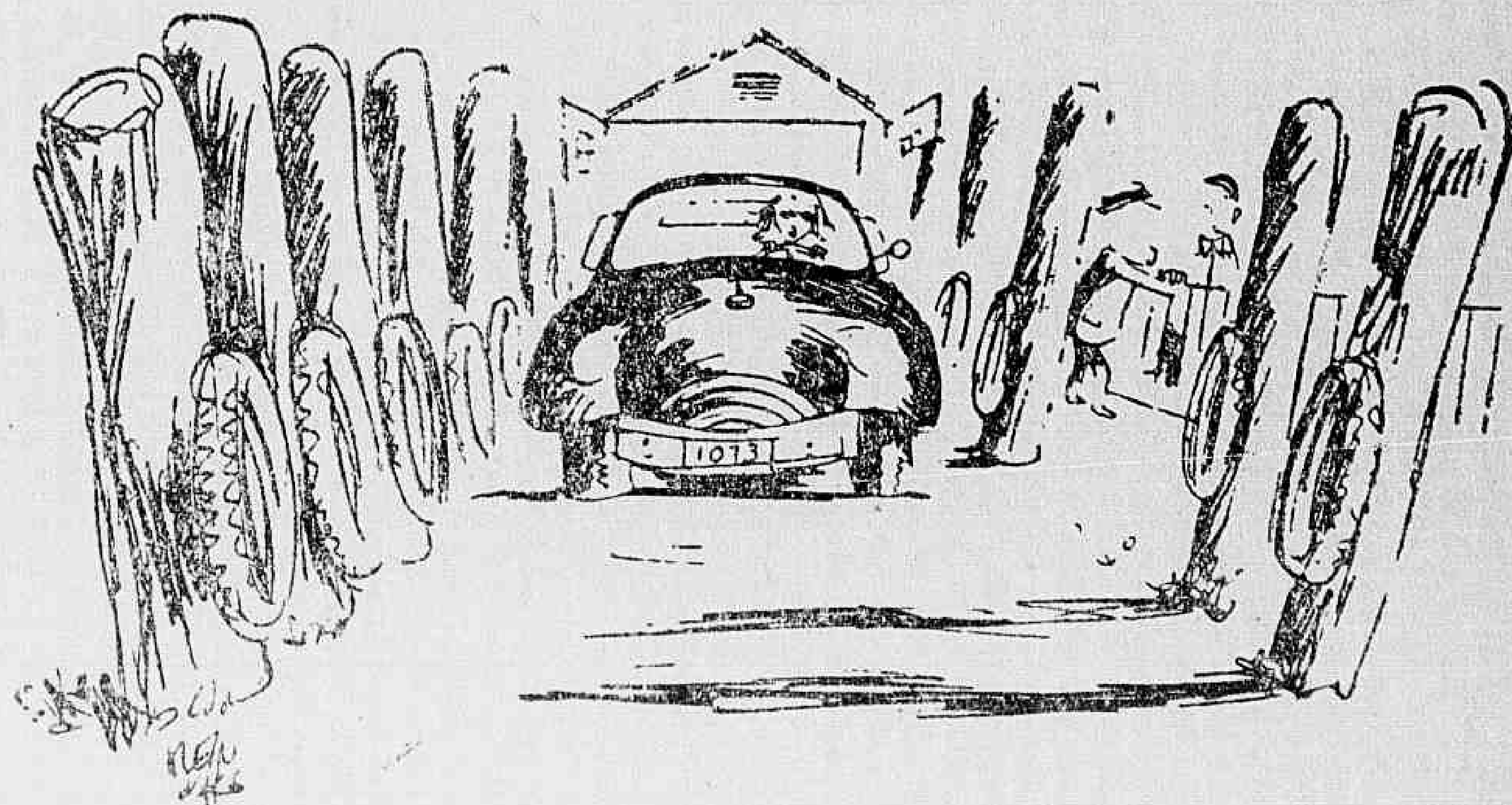
OS TRÊS DESEJOS

Dona Cruz tinha os olhos **úmidos. Um** tremor febril agitava os membros **de Aurora.** Ambas eram belas e estavam **lindas.** As características das suas naturezas, **naquele** momento, é que se **encontravam** completamente trocadas: a **melancolia** suave envolvia dona Cruz, em **geral tão** alegre, tão petulante e tão ousada; **um** clarão de paixão ardente **brilhava nos** olhos ternos de Aurora.

— Tu... minha rival! — **murmurou.**

Dona Cruz, apesar da resistência **de Aurora,** puxou-a para si e, beijando-a, **disse:**

— Mas, êle ama-te! Ama-te **e só a ti** amará!



— E tu?

— Eu?... Estou curada!... Posso ver, sorrindo, sem ódio, com satisfação, a tua mútua ternura; como vês, o teu Lagardère é feiticeiro!

— Não estarás enganando-me? — perguntou Aurora.

Dona Cruz colocou a mão sôbre o coração e disse, de cabeça erguida e de olhar bem firme:

— Mesmo que, para a tua felicidade, fôsse necessário o meu sangue, tê-lo-ia!

Aurora lançou-lhe os braços em redor do pescoço.

— Mas, eu quero a minha prova! — exclamou dona Cruz. — Não me recuses!... Deseja qualquer coias, peço-te!

— Não tenho nada para desejar...

— O quê?... Nem um só desejo?

— Nem um único!

Dona Cruz obrigou-a a levantar-se e arrastou-a até à janela. O Palácio Real resplandecia.

— Nem sequer vontade de ir ao baile do Regente? — perguntou Flor, bruscamente.

— Eu? — balbuciou Aurora, cujo coração palpitava apressadamente, sob o vestido.

— Não mintas!

— E por que razão havia de mentir?

— Bem... Então, quem cala... consente. Desejas ir ao baile do Regente!

E bateu as mãos, enquanto contava:

— Um!

— Mas — objetou Aurora, que se prestava, a sorrir, às veleidades da amiga — não tenho nada... nem jóias, nem vestidos...

— Dois! — disse dona Cruz, batendo as mãos, pela segunda vez. — Desejas jóias e vestidos! Mas, presta atenção: é preciso pensares nêle... não sendo assim, nada feito!

À medida que as coisas avançavam, a cigana tornava-se mais séria. Os seus lindos olhos negros já não possuíam a mesma expressão firme.

Aquela criança encantadora acreditava em bruxedos; tinha mêdo, mas... sentia que a curiosidade era superior aos receios.

— Agora, pede a terceira coisa! — disse para Aurora, baixando, insensìvelmente, a voz.

— Mas, eu não quero ir ao baile do Regente! Acabemos com esta brincadeira!

— O quê? — insinuou dona Cruz. — Nem mesmo que tivesses a certeza de lá o ires encontrar?

— A quem?... A Henrique?...

— Sim, ao teu Henrique, que te acharia mais bela e linda com os teus brilhantes adornos.

— Sendo assim — disse Aurora, baixando os olhos — parece-me que gostava...

— Três! — exclamou a cigana, batendo, ruidosamente, com as mãos.

Neste momento, porém, ia caindo. A porta da sala baixa abriu-se, com grande ruído, e Berrichon precipitou-se, quase sufocado.

— Aqui estão as coisas que trouxeram para a menina! São mais de vinte caixas com vestidos, sêdas, rendas e flores!... Entrem! É aqui que mora o cavalheiro de Lagardère!

— Desgraçado! — exclamou Aurora, assustada.

— Não tenha mêdo! Sei o que faço! — replicou João Maria, com ar importante. — Já não há necessidade de nos ocultarmos. Abaixo o mistério!

Como descrever, porém, a surprêsa de dona Cruz?

Ela evocara o diabo e o diabo, dòcilmente, respondia ao seu apêlo, sem se fazer esperar! Flor era cética, e, como todos os céticos, supersticiosa.

Dona Cruz passara a sua infância com os boêmios errantes, numa espécie de vida maravilhosa; ficou de bôca e olhos muito abertos.

Pela porta da sala baixa, entraram cinco ou seis pequenas, seguidas por outros tantos homens com embrulhos e caixas. Dona Cruz perguntava a si mesma se ali dentro haveria, de fato, vestidos e flores ou apenas fôlhas sêcas. Aurora não pôde deixar de sorrir ao notar a estupefação da amiga.

— E então? — perguntou-lhe.

— É bruxo! — balbuciou a cigana. — Eu bem dizia!

— Entrem !— gritava, entretanto, Berrichon. — Entrem todos!

Floristas, bordadoras e costureiras dispuseram os embrulhos em cima da mesa, que estava ao meio da sala.

Atrás dos fornecedores vinha um pajem, sem qualquer escudo ou distintivo. Dirigiu-se, imediatamente, a Aurora, a quem saudou respeitosamente, antes de lhe entregar um embrulhinho, delicadamente atado com fitas de sêda. Depois, inclinou-se de novo e saiu.

— Ao menos espere por uma resposta! — gritou Berrichon, correndo atrás dêle.

O pajem, porém, já voltara a esquina da rua e falava a um fidalgo, envolto numa grande capa. Berrichon não o conhecia.

— Tudo pronto? — perguntou o personagem ao pajem.

E, a uma resposta afirmativa dêste, acrescentou:

— Onde deixaste os nossos homens?

— Aqui próximo... na rua Pierre-Lescot.

— Já lá está a liteira?

— Duas liteiras!

— Duas liteiras?... Por quê? — perguntou o fidalgo, surpreendido.

Nesse momento, a dobra que lhe ocultava o rosto descaiu um pouco... O seu rosto pálido e o queixo saliente fariam reconhecer, a quem o visse, o senhor de Peyrolles.

— Não sei... — respondeu o pajem — mas tenho a certeza de que estão lá duas liteiras.

— Qualquer mal-entendido, com certeza — pensou o intendente de Gonzaga. Ainda pensou em ir deitar uma vista de olhos à casa de Lagardère, mas a reflexão o deteve.

— Se me vissem, estava tudo perdido! — murmurou. — Não... voltas ao palácio — disse para o pajem — a tôda velocidade e vais ter com Cocardasse e Passepoil, a quem dirás: "O vosso trabalho já está combinado; basta apresentarem-se..." Disseram o nome da pessoa a quem pertencia a casa, quando lá fôste entregar a carta?

— Sim... cavalheiro de Lagardère.

— Bem, então não repitas êsse nome, ouviste? Se êles te perguntarem, diz-lhes que em casa só há mulheres!

— E venho com êles?

— Só até aqui, de onde lhes mostrarás a porta.

O pajem partiu a correr e o senhor de Peyrolles, puxando a capa para o rosto, perdeu-se entre a multidão.

Entretanto, Aurora acabava de abrir a missiva que o pajem levara.

— É a letra dêle! — exclamou.

— E aqui está um convite igual ao meu! — acrescentou dona Cruz, cuja surprêsa não tinha limites. — Êle não se esqueceu de coisa alguma!

Entretanto, Aurora lia a missiva assim redigida:

"Minha filha:

"Sou eu quem lhe envia tudo isso. Quis fazer-lhe uma surprêsa. Vista-se, faça-se bonita... Uma liteira, com dois lacaios, irá buscá-la, a fim de a levar ao baile, onde a espera

Henrique de Lagardère."

Aurora passou a carta a dona Cruz, que esfregou os olhos antes de principiar a ler.

— E acreditas nisto? — perguntou, ao terminar a leitura.

— Evidentemente — respondeu Aurora — tenho até as minhas razões para acreditar!

E, dizendo isto, sorria, com ar seguro. Não lhe dissera Henrique para não se surpreender com coisa alguma? Dona Cruz não estava longe de ver na segurança de Aurora, em tão estranhas conjecturas, um resultado do poder dos espíritos.

No entanto, o conteúdo das caixas e dos embrulhos encontrava-se, agora, em cima da mesa. Dona Cruz verificou não serem fôlhas sêcas, mas, sim, um vestido completo, e um dominó de cetim côr-de-rosa, igual ao seu. O vestido era lindíssimo, a última moda. A marquesa d'Aubignac, filha do financista Soulas, fizera a sua fortuna e a sua reputação na Côrte, com um vestido igual, que lhe fôra oferecido por Law.

O vestido, porém, não era nada. As rendas e os bordados eram magníficos.

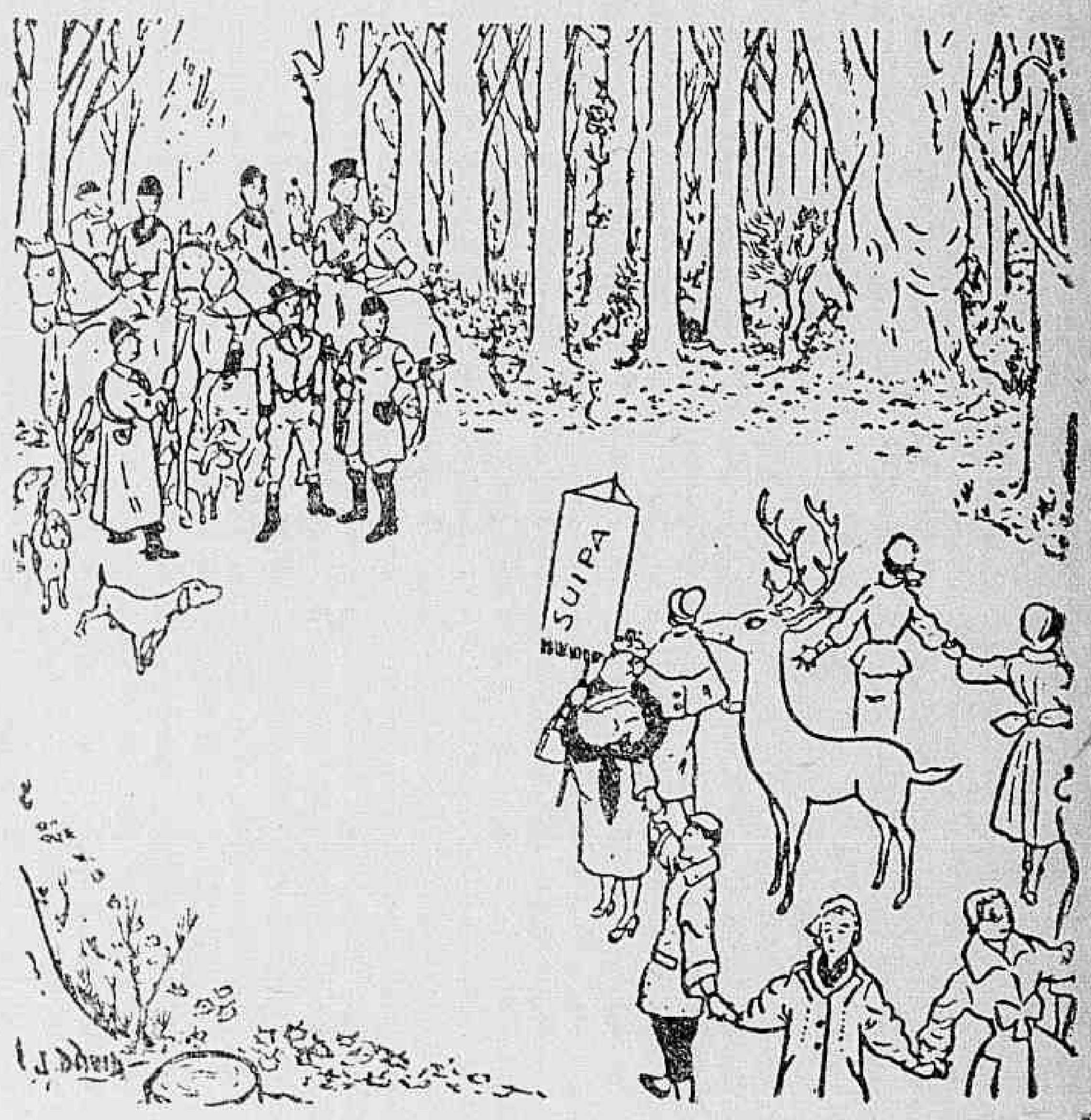
— É um feiticeiro! — repetiu dona Cruz, fazendo o inventário de tudo aquilo. — É feiticeiro, não há dúvida! Não é com o ofício de cinzelador que se pode ganhar o bastante para presentes como êste!

E, de súbito, veio-lhe à memória a idéia de que tudo aquilo, em determinada hora, se podia transformar em serradura ou em aparas de madeira.

Berrichon admirava tudo e não deixava de exprimir a sua admiração. A velha Francisca, que acabava de entrar, abanava a cabeça de modo significativo.

Havia, no entanto, um espectador desta cena, de quem ninguém suspeitava e que não era, por certo, o menos curioso. Estava escondido detrás da porta do aposento superior, e dali, por uma fresta, espreitava com tôda a precaução. Dêste elevado pôsto de observação, via os objetos expostos.

Mas, não era o excelente mestre Luís, com a sua cabeça nobre e ar melancólico. Era um homenzinho vestido de prêto, aquêle que levara dona Cruz, o que falsificara a assinatura e a letra de Lagardère,



— Nada posso fazer, senhor! Êle se colocou sob a proteção da Sociedade União Internacional Protetora dos Animais.

o que alugara o casinhoto de Médor: era o corcunda Esopo!

Ria, esfregando as mãos.

— O príncipe de Gonzaga sabe fazer as coisas e aquêle marôto do Peyrolles, decididamente, é homem de bom-gôsto!

O corcunda encontrava-se ali desde a chegada de dona Cruz, esperando, com certeza, o cavalheiro de Lagardère.

Aurora era filha de Eva. Ao ver todos aquêles esplendores, o seu coração palpitara. Eram coisas enviadas pelo seu querido amigo: dupla alegria! E Aurora não fêz sequer aquela reflexão que ocorreu a dona Cruz: não pensou sequer que aquilo tudo devia ter custado muito dinheiro a Henrique! Entregava-se, completamente, ao prazer de se sentir feliz, de vibrar, sob a emoção das raparigas no momento de serem apresentadas à sociedade. Não ia encontrar no baile o seu amigo e protetor? Uma só coisa a embaraçava: não ter camareira e a boa Francisca ser melhor para a cozinha do que para ajudar a fazer *toilettes*.

Nesse instante, duas raparigas, como se lhe tivessem adivinhado o pensamento, avançaram dizendo:

— Estamos às suas ordens!

A um sinal seu, os portadores e portadoras afastaram-se, depois de cumprimentar respeitosamente. Dona Cruz puxou o braço de Aurora.

— Vais entregar-te nas mãos destas criaturas? — perguntou.

— E por que não?

— Vais vestir aquêle vestido?

— Evidentemente...

— És corajosa!... Muito corajosa! — murmurou a cigana. — Sim... de fato — prosseguiu — aquêle diabo é de uma galanteria estranha. Mas, enfim, está bem! Torna-te bonita, porque isso em coisa alguma te poderá prejudicar.

Aurora, dona Cruz e as duas camareiras entraram no quarto de dormir. Francisca ficou sòzinha, na sala, com o neto.

— Quem é aquela jovem tão luxuosa? — perguntou a excelente criatura.

— Qual?...

— A do dominó côr-de-rosa.

— A morena?... Tem uns olhos tão cintilantes!

— Viste-a entrar?

— Não. Já aqui estava quando cheguei.

Francisca tirou o "tricot" da algibeira e principiou a refletir.

— A falar com franqueza — disse, na voz mais grave e solene que conseguiu arranjar — não percebo nada do que se passa.

— Quer que lhe explique, avó?

— Não, mas se me quiseres fazer um favor...

— Ah! Parece que a avòzinha está brincando! Se lhe quero fazer um favor?...

— É calar-se quando eu falo — interrompeu Francisca. — Ninguém me tira a idéia de que há qualquer enrêdo em tudo isto...

— Não percebo por que, avó...

— Fizemos mal em sair. O mundo é mau. Quem sabe se a Balahault não nos induziu...

— Pode lá ser!... Além disso, o caso está claro como água... A nossa menina levou o dia vendo passar os carros com as flores e as folhagens para o Palácio Real e suspirava enquanto via tudo aquilo. Mestre Luís perdeu a cabeça, comprou-lhe um convite, e, de caminho, adquiriu também êstes vestidos e tôdas estas coisas...

— Mas aquilo representa uma fortuna! — comentou Francisca, parando com o "tricot".

Berrichon encolheu os ombros.

— Como é ingênua, avó!... Cetim velho bordado a falso, com pequenos bocados de vidro...

Nesse momento bateram à porta da rua.

— Quem será? — disse Francisca, de mau-humor. — Põe a tranca.

— Para quê?... Agora, já não andamos brincando de esconder!

Bateram de novo, com mais fôrça.

— E se fôssem ladrões? — pensou, em voz alta Berrichon, que não era muito valente.

— Ladrões! — exclamou a excelente mulher. — Agora que a rua está iluminada como se fôsse dia e cheia de gente?... Vai abrir.

— Parece-me que sempre é melhor pôr a tranca! — disse Berrichon.

Não teve tempo, porém, de executar o seu pensamento. Quem estava lá fora, cansara-se de bater. A porta entreabriu-se discretamente e um rosto másculo, de grandes bigodes, surgiu no limiar. O dono dos bigodes lançou em redor um olhar rápido.

— Com mil diabos! Deve ser aqui o ninho da pomba!

Depois, voltando-se para alguém, que ainda se encontrava do lado de fora, acrescentou:

— Podes entrar! Só está em casa uma respeitável mulher com o neto...

E, enquanto falava, avançou para Francisca e para João Maria, de mão no punho da espada e fazendo oscilar, majestosamente, as dobras da capa. Debaixo do braço, levava um embrulho.

Por sua vez, o outro entrou. Era, também, um espadachim, embora menos terrível. Era mais baixo, mais magro e um pobre bigode esforçava-se, em vão, por figurar, com importância, no rosto do herói, que levava, também, um embrulho debaixo do braço. Lançou, igualmente, um olhar em redor, mas um olhar mais demorado e atento.

Berrichon arrependeu-se, amargamente, de não ter pôsto a tranca a tempo. Deslizou para detrás da avó que, mais corajosa, perguntou:

— Que desejam?

Cocardasse fêz um grande cumprimento — sim, porque os nossos leitores já adivinharam, com certeza, nestes dois personagens, os nossos espadachins — e piscou o ôlho a Passepoil, que lhe respondeu com sinal idêntico. Isto, com certeza, queria dizer muitas coisas. Berrichon tremia como varas verdes.

A pomba, como Cocardasse lhe chamara, devia encontrar-se no quarto fechado, por baixo de cuja porta se via um raio de luz. No outro lado da sala havia uma porta com a chave na fechadura.

Passepoil tocou no cotovêlo de Cocardasse e disse, baixinho:

— A chave está por fora!

Cocardasse fêz-lhe sinal de ter compreendido.

— Venerável senhora — disse — nós vimos tratar de um assunto importante... Não é aqui que mora?...

— Não! — respondeu Berrichon. — Não é aqui!

Passepoil sorriu e Cocardasse torceu as guias do bigode.

— Eis um adolescente que promete!... Como sabe êle que a pessoa a quem procuramos não está aqui, se não chegamos a dizer o nome?

— Vivemos aqui os dois sòzinhos! — replicou a avó, sêcamente.

— Passepoil! — disse o gascão.

— Cocardasse! — respondeu o normando.

— Já alguma vez pensaste que uma senhora tão venerável pudesse mentir com tanto descaramento?

— Não... — respondeu o outro.

— Vamos! Basta de conversa! — disse Francisca, já furiosa. — Isto não são horas de vir incomodar ninguém! Fora daqui!

— Tem certa razão no que diz — observou Cocardasse — no entanto, não podemos ir embora sem têrmos obtido uma resposta e passado revista à casa...

— Evidentemente — respondeu Passepoil.

— Proponho, pois, visitar a casa honestamente e sem grande barulho.

— Muito bem! — disse Passepoil.

E, aproximando-se de Cocardasse, acrescentou, em voz baixa:

— Prepara o teu lenço... já tenho o meu. Toma conta do rapaz que eu encarrego-me da velha.

Nas grandes ocasiões, Passepoil mostrava-se muita vez superior a Cocardasse. O plano estava já traçado.

Passepoil encaminhou-se para a porta da cozinha. A intrépida Francisca precipitou-se para lhe impedir a passagem, enquanto Berrichon tentava fugir para a rua, a fim de gritar por socorro. Cocardasse agarrou-o por uma orelha e disse:

— Se gritas, estrangulo-te!

Berrichon, aterrorizado, não pronunciou nem mais uma palavra. Cocardasse atou-lhe um lenço sôbre a bôca.

Entretanto, Passepoil, depois de levar umas três arranhaduras e duas puxadelas de cabelo, conseguiu amordaçar Francisca, sòlidamente. Levou-a para a cozinha, para onde Cocardasse já transportara Berrichon.

Há quem diga que Passepoil aproveitou a situação em que se encontrava Francisca para lhe depor um beijo na fronte... Se assim foi, fêz mal; desde pequena nunca fôra bonita...

Mas Berrichon e a avó ainda não tinham chegado ao fim do seu penar. Ataram-nos um ao outro, prenderam-nos fortemente e depois fecharam a porta da cozinha à chave.

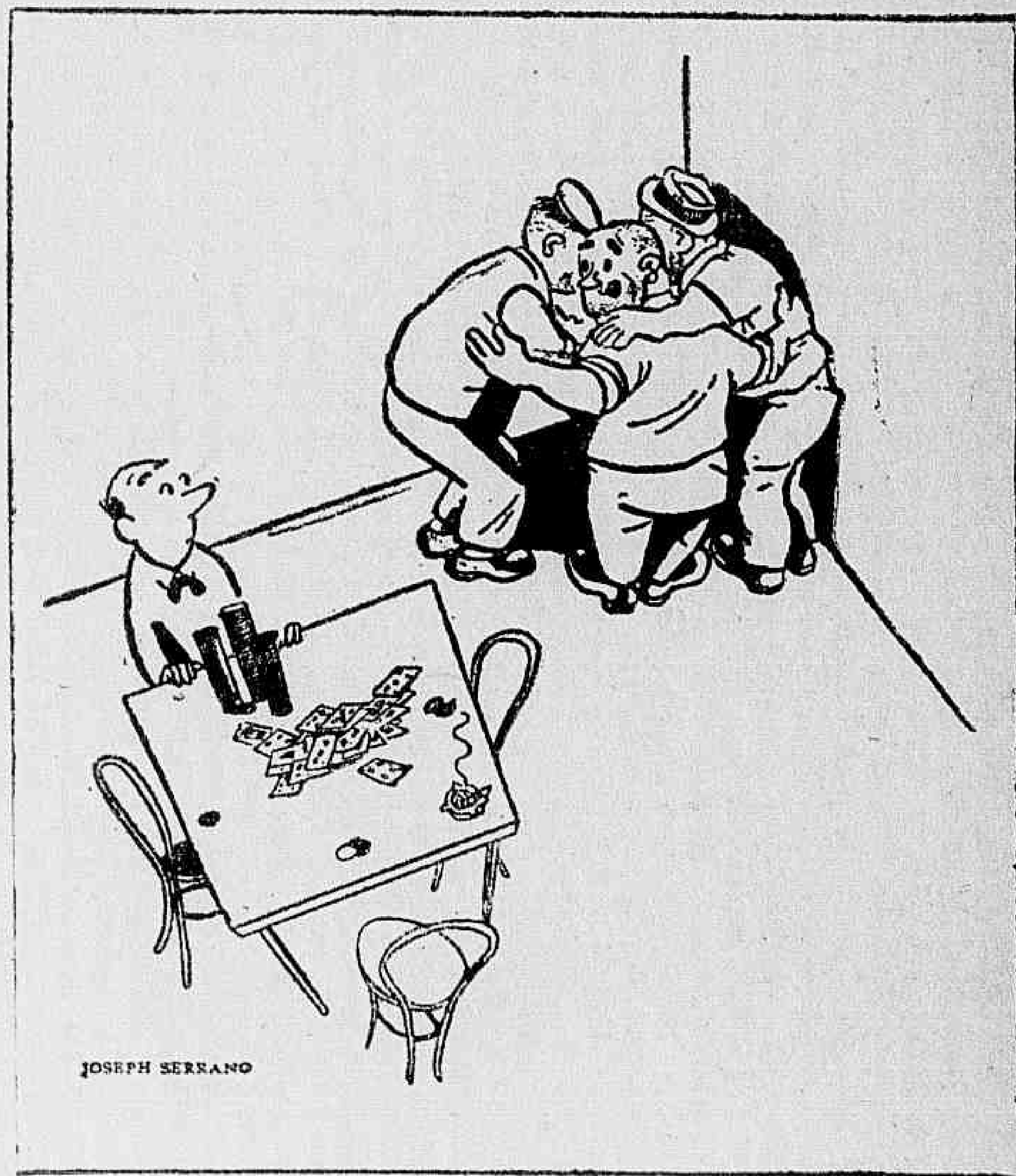
Cocardasse e Passepoil estavam, enfim, senhores do terreno.

Capítulo XXIX

DOIS DOMINÓS

Na rua de Chantre, tôdas as lojas estavam fechadas. Entretanto, as mulheres do povo, que ainda não se tinham deitado, formavam uma grande multidão e tagarelavam à porta do Palácio Real.

A Guichard, a Durand, a Balahault e a Morin eram tôdas da mesma opinião: nunca se vira entrar tantas nem tão ricas



— Você nos desculpa um momento, sim?

"toilettes" nas festas de Sua Alteza! A Balahault, considerada pessoa importante, julgava, em último recurso, os vestidos, primeiramente discutidos pela Morin, pela Guichard e pela Durand. Mas, por uma hábil transição, depois de discutirem os vestidos, chegavam às pessoas... De entre tantas damas, poucas havia que, aos olhos da Balahault, ainda conservavam tôda a pureza.

Não era, porém, por causa disto que elas se apertavam e comprimiam nas vizinhanças do Palácio Real, defendendo os seus lugares dos que chegavam atrasados, enterrando-se na lama com uma indiferença digna de todo o elogio: já estavam fartas de ver as damas, os grandes senhores e os príncipes! A Côrte inteira já passara... os presidentes não tinham conta; olhavam-se os embaixadores por cima do ombro! E a multidão continuava firme e até aumentava, de minuto para minuto. Por quem esperava?

Não mostraria tanta perseverança para ver o Regente. Tratava-se, na verdade, de outro personagem!...

Seria o jovem rei?... Também não... Alguém que estava mais acima. Era o Deus, o escocês... Law, a providência daquele povo que ia tornar-se milionário!

Era Law de Lauriston, o salvador e benfeitor!... Era Law, o mesmo que, meses mais tarde e nesse mesmo local, a mesma multidão procuraria estrangular!...

Entretanto, a rua de Chantre, escura e deserta, apesar da vizinhança de tanta gente e de grande iluminação, parecia adormecida. À primeira vista, não se descobria viva alma. Mas, a alguns passos da casa de mestre Luís, do outro lado da rua, num recanto formado pela demolição recente de dois pardieiros, seis homens, vestidos de côres escuras, conservavam-se imóveis e mudos. Atrás dêles havia duas cadeirinhas... Êsses, não esperavam por Law! Tinham os olhos fitos na porta fechada da casa de mestre Luís, desde que Cocardasse e Passepoil haviam entrado.

Os dois espadachins, depois da sua vitória sôbre Berrichon e Francisca, colocaram-se em frente um do outro, olhando-se com mútua admiração.

— Bem! O mais difícil está feito! — disse Cocardasse.

— Pelo menos, por enquanto, nem sombras de Lagardère! — observou Passepoil. — Parece-me que vai correr tudo às mil maravilhas!

— Sim, porque Lagardère deve estar muito longe!

Ambos esfregaram as mãos, muito contentes.

— Não percamos tempo — prosseguiu Cocardasse — sondemos o terreno... Olha, aqui estão as duas portas...

E designava o aposento de Aurora e o alto da escada. Passepoil afagou o queixo.

— Vou deitar uma vista de olhos pelo buraco da fechadura... — disse, dirigindo-se para o quarto de Aurora.

Um olhar terrível de Cocardasse fê-lo deter-se.

— Com mil diabos! Nunca permitiria uma coisa dessas!... A pequena deve estar fazendo a "toilette": respeitemos a decência!

Passepoil baixou os olhos, humildemente.

— Ah! meu nobre amigo! — exclamou. — Como te deves considerar feliz por ainda conservares boas maneiras.

— Essa é boa! Sou assim mesmo e tenho a certeza de que a convivência com um homem como eu acabará por te corrigir! O verdadeiro filósofo domina as suas paixões!

— E eu sou escravo das minhas — suspirou Passepoil — mas... porque elas são muito fortes!

Cocardasse acariciou-o paternalmente.

— Bem, vai ver o que há lá em cima! — disse.

Passepoil subiu imediatamente, como um gato.

— Fechada! — disse, tentando abrir a porta de mestre Luís.

— E pelo buraco da fechadura?... Neste caso, a decência permite-o...

— Tudo negro como o carvão...

— Bem, desce!... Recapitulemos as instruções do excelente senhor de Gonzaga...

— Prometeu-nos — disse Passepoil — cinqüenta pistolas a cada um.

— Sob certas condições. Primeiro...

Em vez de prosseguir, Cocardasse pegou no embrulho que levava debaixo do braço. O amigo imitou-o.

Neste momento, a porta que Passepoil achara fechada, ao cimo da escada, girou nos gonzos, sem o menor ruído, e a figura pálida do corcunda surgiu na penumbra... Escutou... Os dois mestres-de-armas olhavam para os embrulhos com ar indeciso.

— Será absolutamente necessário? — perguntou Cocardasse, batendo no seu, com ar descontente.

— Pura formalidade — replicou Passepoil. — O senhor de Gonzaga disse-nos: "Levarão as roupas de lacaios" e nós trazemos as roupas, fielmente, mas... debaixo do braço...

O corcunda riu.

— Debaixo do braço! — exclamou Cocardasse entusiasmado. — Tens espírito, lá isso é verdade!...

(Continua no próximo número)



HENDRIK DUBBELS (1620-1676)

"Natureza Tranqüila" — Para o estudo dos diversos aspectos da pintura holandesa, vem sendo utilizada, desde muito tempo, uma série invariável de nomes de famosos artistas, entre os quais figuram os representantes mais caracterizados das diversas categorias pictóricas. Esta situação excepcional de alguns artistas, como representação de certos grupos, sempre foi aceita sem controvérsia, e os mesmos nomes passaram de geração em geração, até nossos dias, encarnando as distintas tendências. A riqueza da produção artística holandesa deu origem à celebridade de que gozam êsses artistas. No entanto, na maravilhosa herança que o século XVII holandês nos legou, vão surgindo, cada dia, nomes de artistas muito estimáveis e até hoje completamente desconhecidos. Entre os pintores de marinhas, sobressai o nome de Willem van de Velde e, a seguir, os de Vroom, Beerstraetem, de Wlieger, etc. O nome de Hendric Dubbels sôa tão pouco, que chega a parecer que êsse artista tenha desempenhado, na pintura holandesa, um papel bem secundário. No entanto, isto foge à verdade, pois, em sua época, gozou do aprêço dos seus contemporâneos e seu nome era tão popular como o de Velde. O Rijksmuseum, de Amsterdão, possui três quadros valiosíssimos dêsse artista. O mais interessante dêles, que representa uma vista de praia, com as ondas quebrando contra a margem, apresenta Dubbels como um severo observador da Natureza, como um pintor excelente, que sabe transportar para a tela, com absoluta fidelidade, todo o jôgo de côres que a mobilidade das ondas engendra. Os outros dois quadros não apresentam Dubbels como um dos artistas mais eminentes da sua época. Quis êsse pintor de marinhas, acima de tudo, dar a impressão atmosférica do instante que seu quadro reproduz. Amplas perspectivas e um colorido grisáceo são os elementos com que joga, principalmente, a fim de conseguir êsse efeito. O quadrinho, que aqui reproduzimos, é uma pequena obra-prima de composição. Nêle predomina uma calma, uma sensação de tranqüilidade, que se impõe, de maneira estranha, ao observador. As águas permanecem imóveis, as nuvens, cada vez mais compactas, vão cobrindo o céu, e a perspectiva infinita do mar aumenta essa sensação de letargia. Um barco permanece imóvel, sem que o mais leve sôpro de ar enfune a sua vela. No primeiro plano, um pescador — figura cheia de mobilidade — arrasta, penosamente, suas rêdes. É estranho que um talento pictórico tão extraordinário, como o de Dubbels, não goze de mais simpatia por parte do grande público. Isto é devido à escassez de suas obras, motivada, sem dúvida, pelas distintas tarefas a que o grande artista se dedicou durante tôda a sua vida — *W. Steenhoff*

MARAVILHAS DA CIÊNCIA

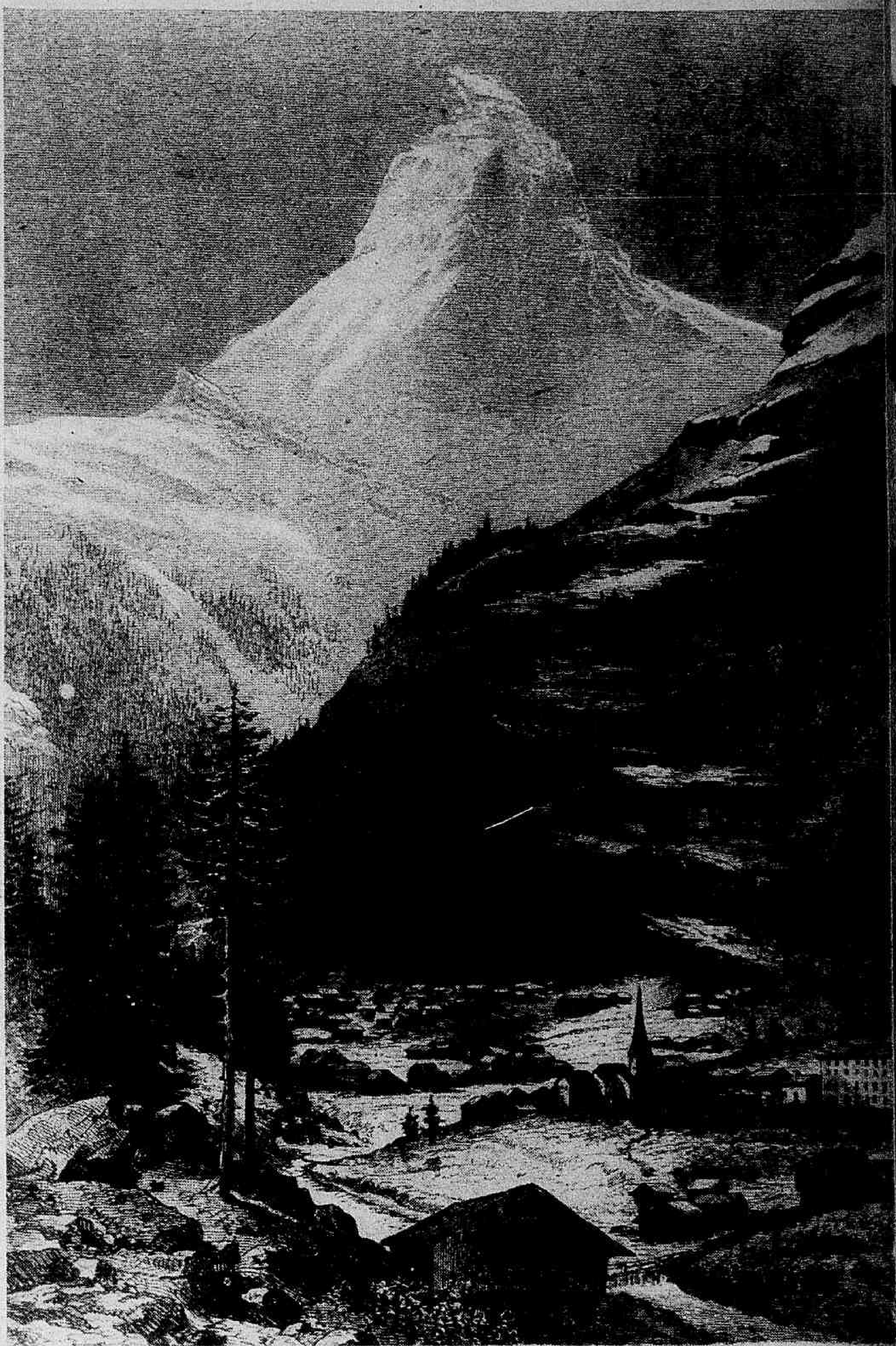
OS RIOS DE GÊLO

ESPETÁCULO IMPRESSIONANTE

AS TORRENTES GLACIÁRIAS MARCHAM COM BELEZA E TERROR.

Por DE MATTOS PINTO

CADA divisão da terra firme se caracteriza por uma especialidade, que a marca e caracteriza entre as demais. Os continentes, como os indivíduos, se sobressaem pelo tipo original, pela forma intrínseca, que constitui a sua figura sísmica e imprime, ao todo geral, uma nota diferente. A Ásia ostenta o Himalaia e as terríveis estepes, duma soberba e enfadonha monotonia. A África possui o milagroso Nilo e os areiais do Sahara, onde reinam as miragens e as dunas movediças. A Cordilheira dos Andes se impõe, na América, com o Amazonas e o Mississipi, o mais volumoso e o mais longo curso de água. Na Oceania há a Nova Zelândia e os seus lagos ferventes, com as ilhas dispersas da Polinésia e os milhares de recifes coralíferos. Mas, deparamos, na orografia européia, com um dos mais anormais espetáculos do globo, o fenômeno glaciário. Nos desfiladeiros dos Alpes, marcham rios sólidos e brancos de gêlo, cercados por verdes folhagens, pomares e pinheiros, que contrastam com as neves perpétuas do Monte Branco e do Tirol. E êsse acontecimento geológico empresta, ao cenário da Europa, uma fisionomia mais peculiar do que as quisílias da sua política, velha e trivial como o instinto de ambição, que comanda todos os povos, desde a infância da sociedade.



Paisagem do Vale de Zermatt, vendo-se o perfil branco do Monte Cervin, na fronteira da Suíça e da Itália, na região dos Alpes.

INVADINDO A PAISAGEM DAS NEVES ETERNAS

Nenhum outro panorama retém mais o alpinista do que os píncaros da Suíça e da Áustria, vestidos de uma alvura que resplandece. Vistas do alto, as pirâmides de gêlo impressionam pela rude beleza e pelo silêncio, que só as avalanches quebram. Oriundas da pre-história geofísica, em tempos perdidos para o homem, renascem, todos os anos, as geleiras, alimentadas pelas neves perpétuas, que o Sol não extingue, nem mesmo retarda. A formação de um campo de gêlo depende de circunstâncias várias, acidentes topográficos, vales e grutas, despenhadeiros e baixa temperatura, ventos propícios, sem as quais a queda da neve quase nada produz.



Geólogos e naturalistas escalam as montanhas sepultadas pela neve, pesquisando vestígios de eras pre-históricas, bem como os efeitos que as nevascas deixaram marcados sôbre a face da Terra.

A geleira resulta menos da altitude, muito mais do relêvo orográfico, cujas saliências recolhem o vapor d'água solidificado, que se desprende da atmosfera. Não basta uma superfície qualquer, exige o fenômeno uma depressão, um barranco, um recorte material capaz de servir de reservatório. Nas cavidades das montanhas, que se elevam de dois a três mil metros, a neve se aglomera, até constituir uma massa considerável. O nevado marca a fase intermediária, entre os flocos, que vagam no espaço frio, e o gêlo compacto. A neve depositada adquire a espessura de dois a três metros, mais ainda nas gargantas profundas. Em conseqüência do pêso, funde-se uma parte e liberta-se o ar aprisionado entre os glóbulos, regressando à atmosfera. Mas, a temperatura abaixo de zero, que predomina nas altitudes superiores, congela a neve em fusão. Nevascas contínuas se sucedem, preparam o nascimento da geleira, que não tardará a deslizar pela montanha, na direção da planície. A geleira de Fondeurle, no departamento francês de Drome, fica situada numa caverna, a mil e setecentos metros de altitude. A água, insinuando-se através das fendas, cai no interior, a setenta metros de profundidade, e congela-se. Durante o estio, o frio persiste nesses recantos, porque o ar não se refaz, isolado, como se acha, das correntes exteriores. A êsse mesmo gênero pertence a geleira de Besançon, que o duque de Levis explorou em 1727. O problema glaciário muito deve ao médico e naturalista alemão Johann Gottfried Ebel, que deixou um guia célebre sôbre as particularidades geológicas da Suíça e as suas montanhas de neve. Por que não se renova o ar se a água penetra? A tal argumento replicam os físicos que os vapores frios, mais pesados do



A Geleira de Aletsch nasce na altitude de quase três mil metros, sendo a maior da Europa. Mede dois quilômetros de largura e vinte e três quilômetros de extensão. Descendo da montanha, o movimento central da massa congelada arrasta cascalhos, sendo visível o deslocamento pelas deformações da superfície.



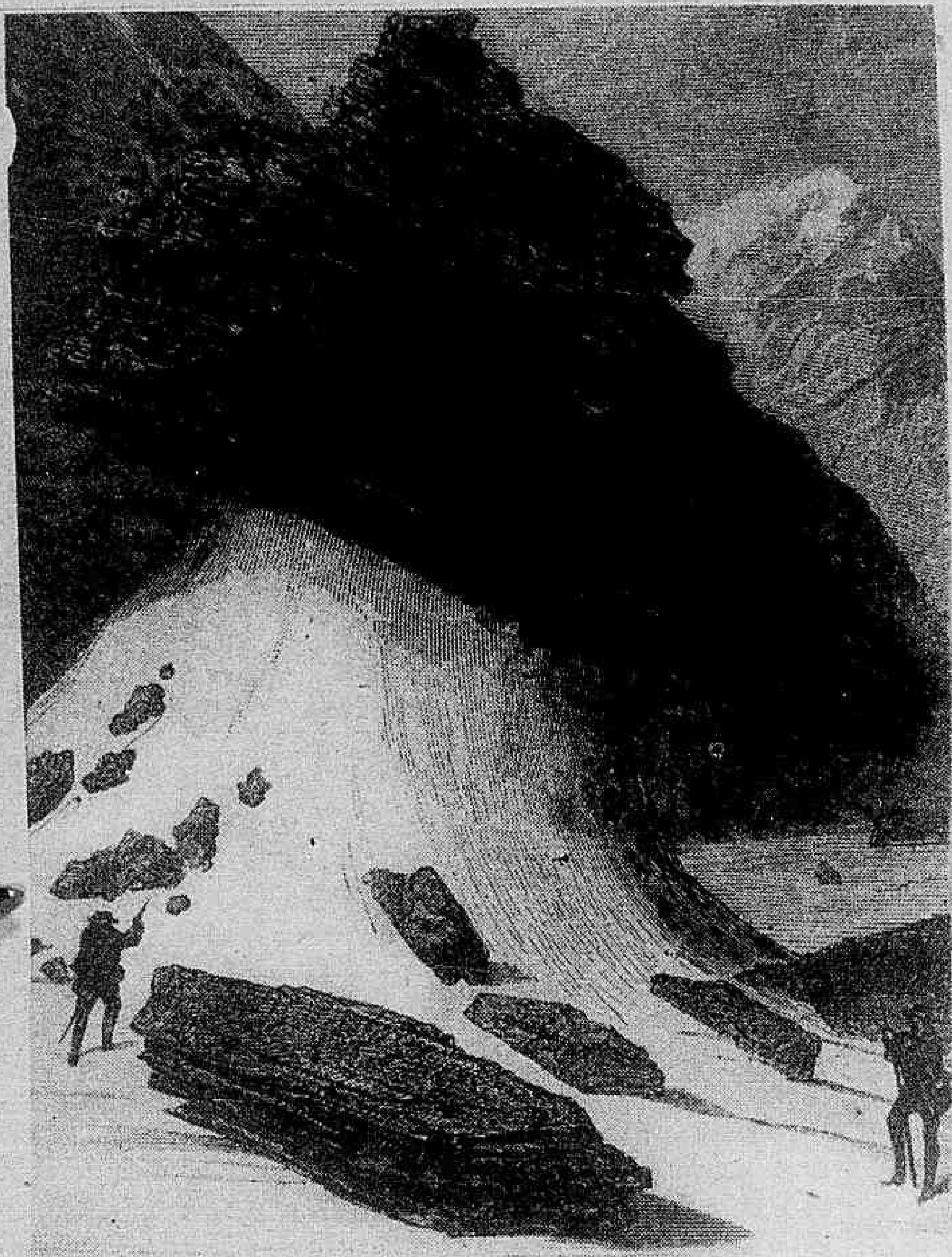
Rochas estriadas e cobertas por antigas geleiras, conforme uma gravura de autoria do naturalista Agassiz, que deixou extensos e numerosos estudos realizados sôbre os campos que foram sepultados pelo frio.

que o ar quente, descem para o fundo e permanecem estacionados. Situada a oitocentos e cinqüenta metros acima do Lago de Genebra, entra na mesma ordem a Geleira de Saint-George, que se encontra no Jura. Durante uma excursão de naturalistas, examinou-a M. A. Pictet Turretini, que averiguou a falta de renovação da atmosfera interna. Nesse ambiente fechado e úmido, amontoa-se uma camada de gêlo, cuja largura mede cêrca de treze metros e a extensão vai a vinte e cinco metros. Os circos nevosos, que se espalham pelos cimos alpestres, representam reservatórios inexgotáveis e naturais. Um metro cúbico de neve equivale a oitenta e cinco quilogramas, ao passo que um metro cúbico de nevado pesa de trezentos a seiscentos quilogramas, conforme o estado físico. Um metro cúbico de gêlo sobrepuja a todos, com o pêso de novecentos quilos. Em virtude da gravidade, a mole branca tende a resvalar pelo declive montanhoso. A enorme quantidade de geleiras, que revestem os vales dos Alpes Suíços, devem sua existência ao relêvo orográfico. A dez graus abaixo de zero, a neve extremamente sêca transforma-se quase em poeira e, sacudida pelas correntes aéreas, perde-se por todos os lados, sem possibilidade de congelação. Por isso, as montanhas isoladas deixam de exibir geleiras, como sucede numa parte dos Pireneus, enquanto o inverso ocorre na Suíça, retalhada por estreitos rochosos e tortuosas gargantas. As neves perpétuas sustentam a vida dos campos conge-



Meteorologistas, naturalistas e geólogos reúnem-se para a escalada das grandes altitudes das neves perpétuas, investigando o regime dos ventos, as espécies vegetais resistentes ao frio e a estrutura do solo.

lados, que fazem a majestade do Monte Branco. Durante o estio, o Sol derrete uma porção de neves aglutinadas, a água se infiltra nos depósitos e congela, durante o frio noturno. Georges Altmann julga que nada há comparável às alvas pirâmides dos Alpes, que não desmerecem, em beleza, diante das Pirâmides dos Faraós. Impressionam, sobretudo, porque traduzem o mais paradoxal efeito da radiação solar. A estrêla do sistema planetário vaporiza, com o seu calor, as águas dos rios e do oceano, que, alijadas pelas ventanias, percorrem os continentes, sob o feitio de brumas e ciclones, alcançando, enfim, os píncaros das mais altas montanhas.



Blocos erráticos arrastados pela Geleira de Aar, na altitude de dois mil, duzentos e sessenta metros, na Suíça. A torrente glaciária arrasta as pedras, até que a radiação solar, fundindo o gêlo, forma uma pirâmide sob o bloco errático.

Solidificados pela ínfima temperatura, os vapores transformam-se em neve e convertem-se em gêlo. Complicado mecanismo meteorológico, longo e contraditório, pelo qual o astro, a cuja atração obedecem os planêtas, engendra um fenômeno totalmente antípoda, as neves eternas. A natureza forma as mais belas paisagens, utilizando processos que escapam ao pintor e ao viajante ocioso, que só aprendem a aparência das coisas.

AS GELEIRAS CAMINHAM PELOS VALES E DESGASTAM AS MONTANHAS

O mundo alpestre reserva ao explorador bruscas e extraordinárias sensações, mais inéditas do que uma visita ao Congo e ao Thibet, cujas paragens se assemelham em tantas partes a outras zonas geográficas. Num espaço relativamente restrito, comparado com a área total da Europa, os alcantis suíços e tiroleses manifestam os fenômenos típicos do Pólo, sem se aproximar dos excessos climatéricos da Groenlândia e da Terra Adélia. Cabe ao naturalista suíço Horace Benedict de Saussure, cujos estudos abrangeram rochas e plantas, meteorologia e avalanches, atmosfera e química, fósseis e climas, a glória de haver iniciado, em 1760, com as suas pesquisas de naturalista, as ascensões do Monte Branco. Só no ano de 1786, conseguiu o guia Jacques Balmat subir quatro mil e oitocentos e dez metros. Benedict de Saussure ofereceu prêmios a quem descobrisse uma trilha capaz de levar até ao cimo e, assim, nasceu o alpinismo, oriundo das ciências naturais. Com a ousadia de verdadeiro geólogo, Horace Benedict de Saussure escalou o Monte Branco, pela primeira vez, no dia 1º de agôsto de 1787. Daí em diante, outros seguiram seus passos, ansiosos de admirar as escarpas vestidas de neve durante o ano inteiro, no centro do continente populoso e civilizado. O naturalista suíço dividiu os campos glaciários em duas espécies inconfundíveis, com bem determinados caracteres físicos. Às geleiras de primeira ordem, pertencem as massas congeladas que se formam nas gargantas, entre paredes, constituídas de gêlo puro, encaixadas nas rasgaduras da montanha. Entre as geleiras de segunda ordem, incluem-se os depósitos inclinados nas vertentes, que recebem o sôpro destrutivo do ar, entregues à radiação do Sol e cujo tipo mais clássico acha-se nos Pireneus, no amontoado de Maladeta. Os nevados suspensos, de fraca densidade, resistem muito menos do que as massas profundas, protegidas pelas depressões. Convencionou-se designar por Mar de Gêlo, as intensas formações, que descem até aos vales, cujas leis físicas de avanço refletem os mesmos sinais das torrentes de água nos seus leitos. A atmosfera e a vida geológica reagem uma sôbre a outra, marcam incontestáveis efeitos que se entrelaçam. O Sol não funde tôda a neve que cai e há excesso de queda, sôbre o volume anual que se liquefaz. Processa-se, dêsse modo, clara tendência para o crescimento da geleira e essa progressão avança sempre, do que resulta o fenômeno dos blocos erráticos. Durante muitos séculos, ficaram intrigados os viajantes com a presença de certas pedras, algumas enormes, no êrmo das planícies, afastadas dos montes rochosos. Explicaram os primeiros geólogos que as águas diluvianas arrastaram os calhaus, mesmo os grandes fragmentos, até os lugares baixos, hipótese provisória, que a experiência desmentiria. No princípio do século XIX, ouviu o geólogo Charpentier a singela contestação de um guia alpino, que deu, como origem dos blocos erráticos, ùnicamente, a marcha das geleiras. Charpentier observou o fato e convenceu-se da verdade, tanto como os naturalistas que o sucederam. Todos sabem, hoje, que o gêlo serve de transporte às escórias graníticas, pedras, seixos diversos, cascalhos, que caminham na sua superfície. Muitas vêzes, a enxurrada se alinha no meio da geleira, onde se faz mais intenso o movimento e presenciamos verdadeiro desfile de resíduos, como em Zermatt e Monte Rosa, na Suíça. Em certas regiões

da Inglaterra e da Alemanha, quando se liquefazem as massas congeladas, os habitantes deparam com estranhas pedras, vindas de longe. O simples curioso pode verificar, nos Baixos Alpes, os calhaus que viajam no dorso das geleiras. Auguste Engelspach, que explorou o setentrião da Europa e traçou as «Considerações Sôbre os Blocos Erráticos», viu, no Mar Báltico, em Memel, volumoso pedaço de gêlo com nove metros de extensão, que carregava um granito triangular, de um metro de diâmetro, cuja constituição indicava o seu ponto de partida, nas terras da Finlândia. Quem anda, através dos planos inclinados suíços de Aar, encontra, nas subidas das montanhas, figuras geológicas deveras interessantes. Queremos nos referir às Mesas das Geleiras, assim designadas porque blocos de gêlo, isolados, transportam consigo pedaços de rochas consideráveis. Quando

região. Quando o esquecimento cobrira as devastações, o fenômeno voltou, duzentos e vinte e três anos mais tarde. Entre a zona de Valais e do Piemonte, fica um vale escarpado, difícil terreno, com montanhas a pique, sôbre um fundo aparentemente tranqüilo, no qual correm as águas do Dranse. Essa região, mais conhecida pelo nome de Vale de Bagne, dispõe de uma paisagem formosa e cruel, fìsicamente traiçoeira. Os gelos retiveram a água e constituíram um lago de setenta metros de profundidade e outros cento e trinta metros de largura, sôbre uma extensão de quatro quilômetros. No dia 16 de junho de 1818, rompeu-se a geleira e o lago precipitou-se, mugindo, sôbre a planície serena, feliz, com os seus camponeses laboriosos. À passagem de trinta e seis milhões de metros cúbicos de água, desmantelavam-se as casas, os bosques ruíam, arrancados



Magnífico panorama do mundo alpestre e das torrentes glaciárias, que marcham como rios de gêlo, conduzindo blocos graníticos de vários tamanhos, que contrastam, fortemente, com o leito branco da geleira.

êsses volumes se apresentam quadrados e planos, a imagem da mesa chega à perfeição, sugerindo a obra de algum escultor excêntrico. Forma-se a Mesa da Geleira, devido à sombra da rocha que abriga o gêlo, impedindo a fusão pelo Sol.

O PODER DEMOLIDOR DAS AVALANCHES

As geleiras procedem igual às torrentes e, como elas, desencadeiam aluviões, que nenhum geólogo desconhece e sabe das tremendas conseqüências, como elemento modificador da fisionomia terrestre. Pela ação das massas congeladas de vapor, ruem as montanhas, pelos séculos afora, desgastam-se os mais sólidos picos, nivelam-se colinas. Em 1595, uma catástrofe alpestre reboou pelo Vale de Bagne e repercutiu pelas fronteiras da

pela raiz das árvores, as próprias rochas se quebravam e convertia-se em pó o desfiladeiro. A torrente marcou a velocidade de dez metros cúbicos por segundo, cifra espantosa, que os mais caudalosos rios não alcançam.

No fim do mesmo ano de 1818, as neves fecharam a garganta da montanha e uma geleira, de dois milhões de metros cúbicos, barrou a passagem do Dranse. Em 26 de agôsto de 1835, as correntes atmosférica esfacelaram uma parte do cume do Dent-du-Midi, que arrastou uma geleira de sessenta e oito metros de extensão. Muitas vêzes, a detonação de uma arma de fogo basta para sacudir uma avalanche, na neve martelada pelos ventos. Enquanto o homem satisfaz o seu instinto de ganância — locupleta-se de riquezas e perverte, com a sua raiva econômica, o curso da civilização,

a face do globo muda e desmorona-se. Detido pelos nevados sucessivos, que se solidificaram em 31 de janiero de 1840, o Vístula se desviou do seu curso e cavou novo leito entre colinas, tão amplo como o primeiro. Por aí se pode avaliar, como o relêvo orográfico da Terra mudou no passado pre-histórico e se transformará, através dos futuros milênios.

VIDA E MORTE DAS MASSAS CONGELADAS

Verificar a progressão dos rios de gêlo, exigiu dos naturalistas anos seguidos de estudos, em várias partes do globo. Como descem das montanhas as geleiras? Sabemos, depois que Horace Benedict de Saussure nos deu as suas narrativas das «Viagens nos Alpes», que as massas congeladas deslizam, pela influência da gravidade. A essa teoria, o naturalista e geólogo Jean-Louis Rodolphe Agassiz acrescentou o fenômeno da dilatação, em virtude da qual a mole cresce e, naturalmente, tende a caminhar. A êsses estudos juntaram-se as pacientes investigações do geólogo norte-americano Henry Carvill Lewis, que viajou pelos campos glaciários da América do Norte, Inglaterra e Irlanda. Múltiplas fendas rasgam as geleiras e proporcionam pontos de infiltração às águas, que as congelam com a baixa temperatura da noite. Sucede o desenvolvimento, o efeito de dilatação desdobra as fronteiras das neves persistentes, que abandonam os seus limites geográficos. Todo o movimento se deve à plasticidade da substância glaciária, ductil às curvas do terreno.

Quando se justapõem duas camadas de gêlo nas altitudes elevadas, as mesmas se fundem nos seus pontos de contato, a água aparece, em conseqüência, mas, como a temperatura desce abaixo de zero, logo se solidifica e solda as duas partes. Trata-se do regêlo, fenômeno bem conhecido e, dada essa circunstância, a geleira cresceria indefinidamente, se outro fator contrário não interviesse eficaz. Devido à ablação provocada pelo atrito com materiais mais quentes, o rio de gêlo sofre cortes periódicos na extremidade inferior. Entende-se, por isso, que a geleira, abandonando o limite das neves perpétuas, toca nos vales com temperaturas superiores a zero, o que provoca a fusão. Os ventos tépidos se encarregam de cortar a marcha da torrente fria. Além da atmosfera, as saliências do terreno desgastam o gêlo. Nos Alpes Suíços, a ablação corta seis, sete e oito metros de espessura todos os anos, sem que isso nada influa na fonte da geleira, inexpugnável ao calor do Sol. A densidade do Mar de Gêlo varia, conseguintemente, com a distância do ponto de ablação e do limite das neves persistentes, possuindo uma média de cento e cinqüenta metros.

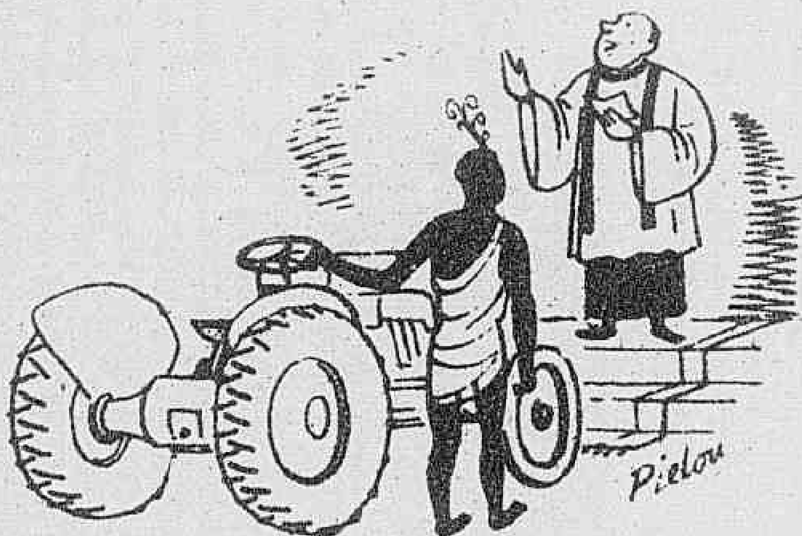
Louis Rodolphe Agassiz, um dos geólogos mais apaixonados pela origem do fenômeno glaciário, sondou geleiras com mais de duzentos metros de espessura, fato nada extraordinário, porque, na Geleira de Aar, a densidade se eleva a quatrocentos e sessenta metros. E se nos afastarmos em direção aos Polos, as espessuras duplicam com rapidez.

UMA PAISAGEM QUE DESLUMBRA O ESPECTADOR DA NATUREZA

As paisagens classificam-se pela impressão do pitoresco para o turista despreocupado, que rebusca recantos exóticos e jogos de luz entre a folhagem. E para o naturalista, obediente a uma disciplina mental, os cenários da Natureza dissimulam os segredos do passado pre-histórico e as leis da evolução natural. Nos alcantis alpestres, a atmosfera deposita, anualmente, mais de três metros cúbicos de neve, quantidade que, multiplicada pela extensão geográfica, representa considerável cifra. A Europa Central possui, nos flancos das suas montanhas, centenas de campos glaciários, que jamais se extinguem e, ao contrário, tendem a aumentar em certas zonas. A bacia do Inn contém sessenta e seis geleiras e cêrca de cento e trinta e sete podem ser enumeradas na bacia do Rodano. Nos barrancos e cimos do Tirol, onde se levanta o grupo montanhoso de Oetzthal, há duzentos e cinqüenta e quatro geleiras, número que cede lugar à bacia do Reno, ostentando trezentas e setenta áreas congeladas. Na Suíça, os fenômenos glaciários traçaram a fisionômia do país, a ponto de influir sôbre o regime fluvial da Europa, que muito deve à contribuição das neves. Enquanto em outras partes do mundo os rios decrescem durante o verão, o estio europeu traz, dos píncaros nevoentos, caudais volumosas. Diremos, finalmente, que, na sua exploração dos Alpes, que tanto fêz evoluir as ciências naturais, Benedict de Saussure anotou cêrca de duas mil geleiras, fato geológico e paisagístico, que deslumbra o espectador da Terra.

* *

GRANDE RIVAL



DA África, acaba de chegar a notícia mais sensacional, talvez, dos últimos meses: a de que as mulheres encontraram uma nova e mais séria rival: a moderna máquina auxiliar da lavoura, isto é: o possante trator.

O bispo de Lebombo é quem conta o fato e temos que acreditar *piamente*. Um velho chefe selvagem, que possuia dez espôsas, depois de comprar um trator, resolveu expulsar nove de suas mulheres, declarando:

— Quando esta máquina trabalha mais que dez mulheres juntas, para que preciso de dez mulheres?

ROCHAS COM MAGNETISMO ERRADO

ANTES de que os cientistas possam resolver o **puzzle** do principal campo magnético da terra, terão necessidade de revisar as teorias básicas relativas ao próprio magnetismo, segundo declarou o dr. Vannevar Bush, presidente do Instituto Carnegie, de New York.

Estudando o magnetismo das rochas existentes na superfície da terra, o dr. Bush pôde verificar que, nas idades passadas, parece ter havido, temporàriamente, verdadeiras revoluções nos campos magnéticos, talvez provenientes de correntes elétricas locais, com profundas raízes no interior da terra, o Norte passando a ser o Sul para o compasso, e o Sul sendo Norte.

Essas correntes locais, muito profundas no seio da terra, podem ser a causa das variações de direção, assinaladas no compasso, ano após ano.

Muitas rochas foram encontradas, há muitos anos, pelos cientistas do Instituto Carnegie, que assinalavam o Pólo Norte como se estivesse localizado no hemisfério sul. Acredita-se que as correntes elétricas, nas profundezas da Terra, dominam e modificam o campo geral magnético da Terra.

Atualmente, não ocorrem essas violentas e totais mudanças dos compassos, mas há sérios desvios do mesmo, provocando perigo de alguma gravidade para a navegação, em tôda a superfície do nosso planêta.

★

O calor do sol, em seus efeitos sôbre a terra, aumentou de um quarto de um por cento, nos últimos vinte anos.

★

PARA limpar vasilhas de cobre, esfregá-las bem com meio limão e lavar, a seguir, com água quente, secando-as, finalmente, com um trapo suave, dando-lhes brilho com uma camurça.

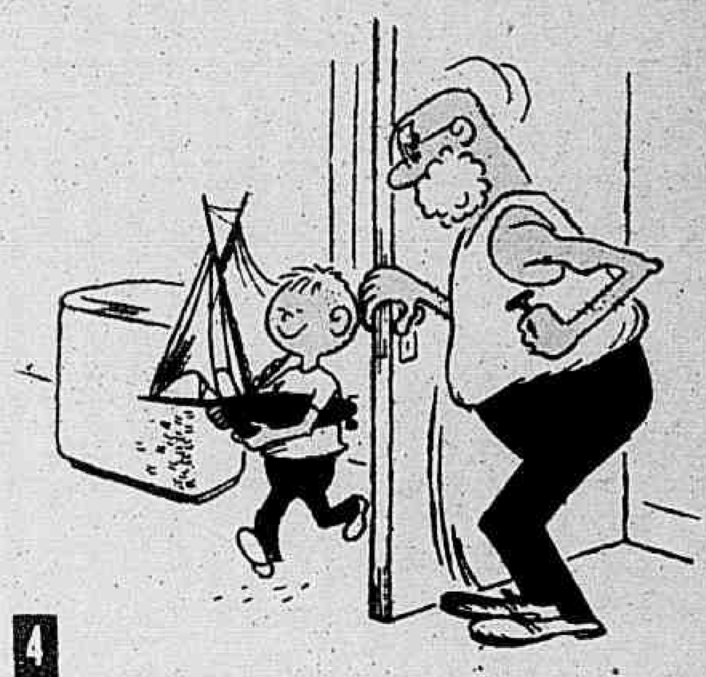
POR QUE OS HOMENS FOGEM DE CASA

Por GEORGE WOLFE

















Franceses? Hebreus? Indianos? Haitianos? Quem é responsável pela difusão da Sífilis?

O «MAL FRANCÊS»

A história da sífilis oferece curiosa particularidade. Tem que ser tomada **às avessas**, isto é: partindo da época mais recente para as épocas mais recuadas. Como é geralmente sabido, foi na Renascença que recrudesceu o «mal que espalha o terror». Na Itália, as populações não tardaram a qualificá-lo de «mal francês», enquanto os próprios franceses o chamaram de «mal de Nápoles»! Verdadeiro «jôgo de empurra».

Porém, a História se encarregou de estabelecer, de maneira formal, que os antepassados do sr. Auriol não foram responsáveis pela propagação da sífilis, como, também, foi injusta a culpa lançada pelos franceses contra os napolitanos. Todavia, como não pode haver fumaça sem fogo, segundo reza o provérbio, procuremos saber como puderam os italianos ser assim acusados.

Carlos VIII, preparando sua campanha da Itália, recrutou soldados na Espanha. Os catalãos, principalmente, foram os que se alistaram em maior número no seu exército. A seguir, essas tropas invadiram a Itália. Foi, então, que o flagelo começou a ser sentido. Os franceses da expedição acreditaram que se tratava de emanações do solo e logo passaram a chamar a sífilis de «mal de Nápoles». Os italianos, ao contrário, vendo o flagelo chegar com as tropas do rei de França, tornaram estas responsáveis e chamaram a moléstia de «mal francês».

Tal é a explicação que historiadores franceses e italianos deram ao caso, procurando inocentar-se... jogando a culpa para os espanhóis! Quem, afinal, está com a razão?

TRÊS DEPOIMENTOS SÔBRE A ORIGEM DA SÍFILIS: OVIEDO... — Quem é Oviedo? Um jovem

Em suas quatro viagens à América, Colombo trouxe os primeiros recursos europeus para o Novo-Mundo. Trouxe homens, também — e, com êles, a sífilis se instalou neste hemisfério, após rápida viagem pelo mundo, ao qual deu volta em apenas 25 anos.



POUCOS PROBLEMAS INTRIGAM TANTO O MUNDO CIENTÍFICO QUANTO OS QUE SE REFEREM À ORIGEM DE UMA MOLÉSTIA E, ENTRE ESTAS, NENHUM FÊZ CORRER MAIS TINTA QUE O DA ORIGEM DA SÍFILIS — PRINCIPALMENTE, PORQUE OS POVOS PROCURAM LANÇAR, UNS SÔBRE OS OUTROS, A RESPONSABILIDADE DÊSSE FLAGELO. —— EIS O QUE PENSA A MODERNA CIÊNCIA SÔBRE ESSA TEMÍVEL MOLÉSTIA CONTAGIOSA, QUE TANTAS VÍTIMAS FAZ.

espanhol, que viveu na côrte de Aragão, em Barcelona, estreitamente ligado aos marinheiros de Cristóvão Colombo e, em particular, a um dos pilotos da expedição. Mais tarde, serviu no exército espanhol, enviado em socorro dos italianos, contra os franceses. Oviedo escreveu, textualmente:

«Muitas vêzes, na Itália, eu ria ouvindo os italianos maldizendo-se com a sífilis e chamando a moléstia de «mal francês», enquanto os franceses a consideravam um «mal de Nápoles». Na realidade, uns e outros diriam melhor chamando a moléstia de «mal das Índias».

Índias... Trata-se, evidentemente, das Índias, que Cristóvão Colombo acreditava haver atingido pela rota do Atlântico, isto é, da América e, mais exatamente, da América Central.

Mas os historiadores são justos e sabemos que não se contentam jamais com um só depoimento, mesmo que seja o de um homem inteligente e desinteressado, como Oviedo. De que se tratava, realmente? De lançar sôbre um povo ou uma raça a responsabilidade de um mal que não cessou de castigar a Humanidade! Eis porque, mais recentemente, decidiram êles iniciar pesquisas, a fim de descobrir se não existiam outras peças a juntar ao inquérito, e capazes de fornecer novas luzes. De fato, essas peças existem, conforme se lerá a seguir.

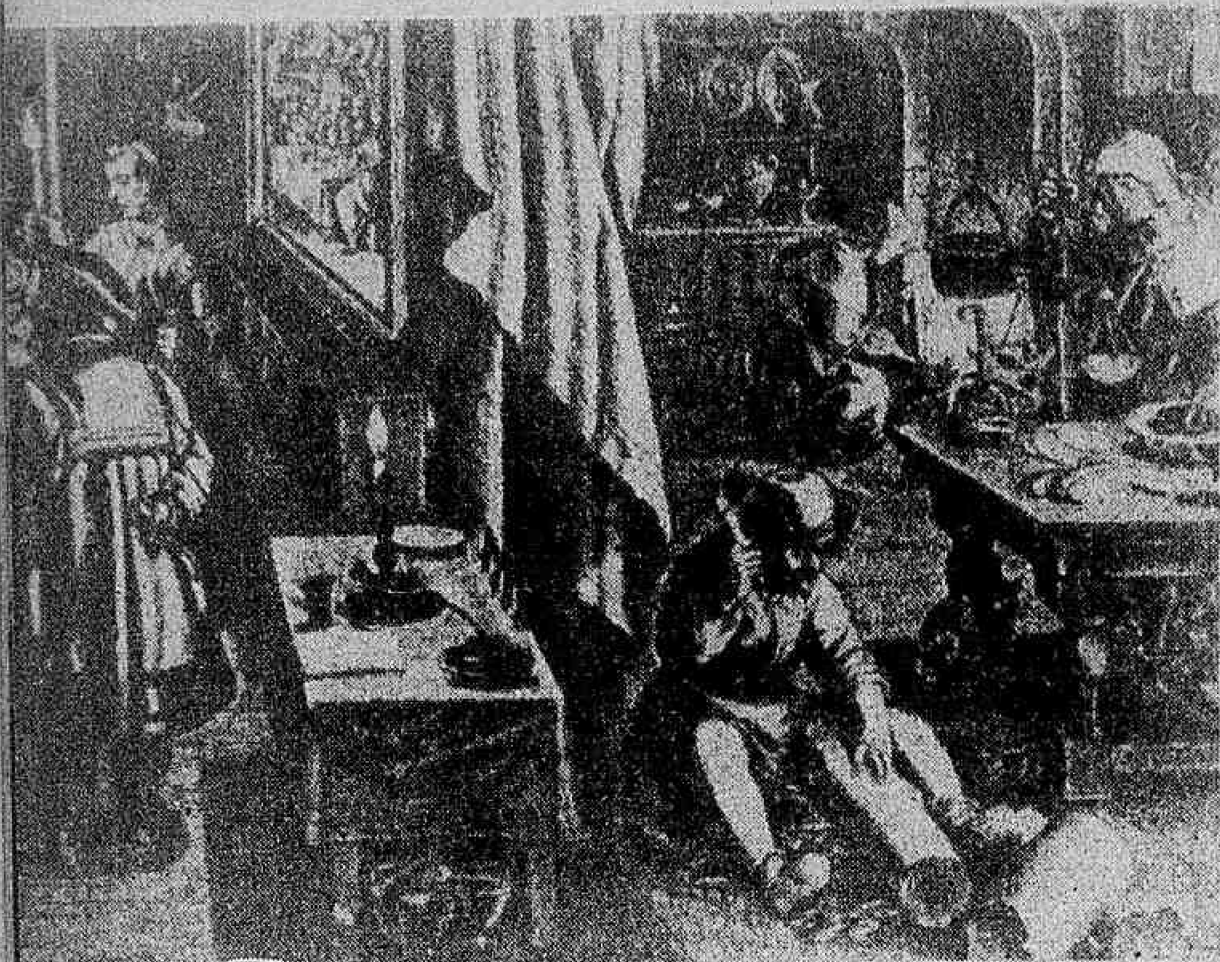
para as Americas?

...UM MÉDICO — Em Barcelona, em 1493 (data em que Colombo estêve nessa cidade), vivia um médico experimentado, de nome Ruy Diaz de Isla.

Êsse médico residiu, mais tarde, em Sevilha e Lisboa. Em 1539, publicou uma obra, dedicada ao rei Dom Manuel, de Portugal, cujo primeiro capítulo é consagrado a um estudo sôbre o aparecimento da sífilis.

«Sôbre tôdas essas coisas — escreveu — tenho grande esperiência, porque cuidei de muitos homens da primeira esquadra que descobriu esta ilha de Hispaniola (Haiti) e sôbre a qual desembarcaram os mais atingidos pelo mal, e, também, porque tratei, em Barcelona, dos enfermos sofrendo dêsse





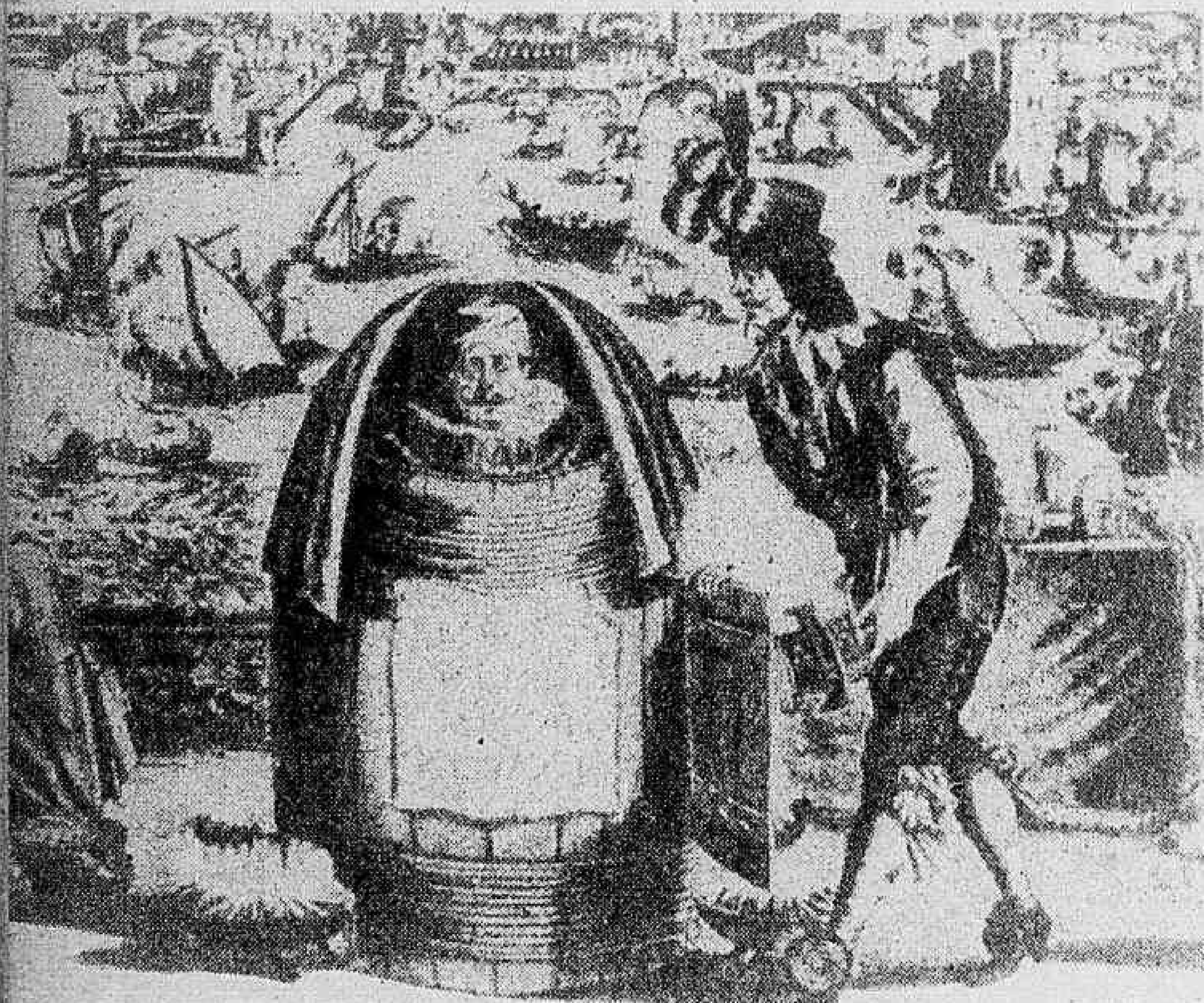
A madeira de «guaiac» (que contém o guaiacol e ainda hoje empregado como antisséptico nas infecções pulmonares) é um dos mais velhos tratamentos da sífilis. À direita, um operário corta a madeira em lascas, que são cuidadosamente pesadas. Ao fundo, um ajudante prepara um extrato por ebulição, num caldeirão. À esquerda, vemos o doente bebendo a poção de «guaiac», sob as vistas do médico. (Segundo uma gravura do século quinze.)

mal, antes que o rei Carlos, de França, entrasse em Nápoles. Poderei dar, sôbre isso, muitas provas.»

A leitura do livro de Ruy Diaz de Isla nos revela, assim, que a sífilis apareceu em Barcelona em 1493 e que, depois, infectou o mundo ocidental.

Êsses dois primeiros testemunhos poderiam parecer suficientes.

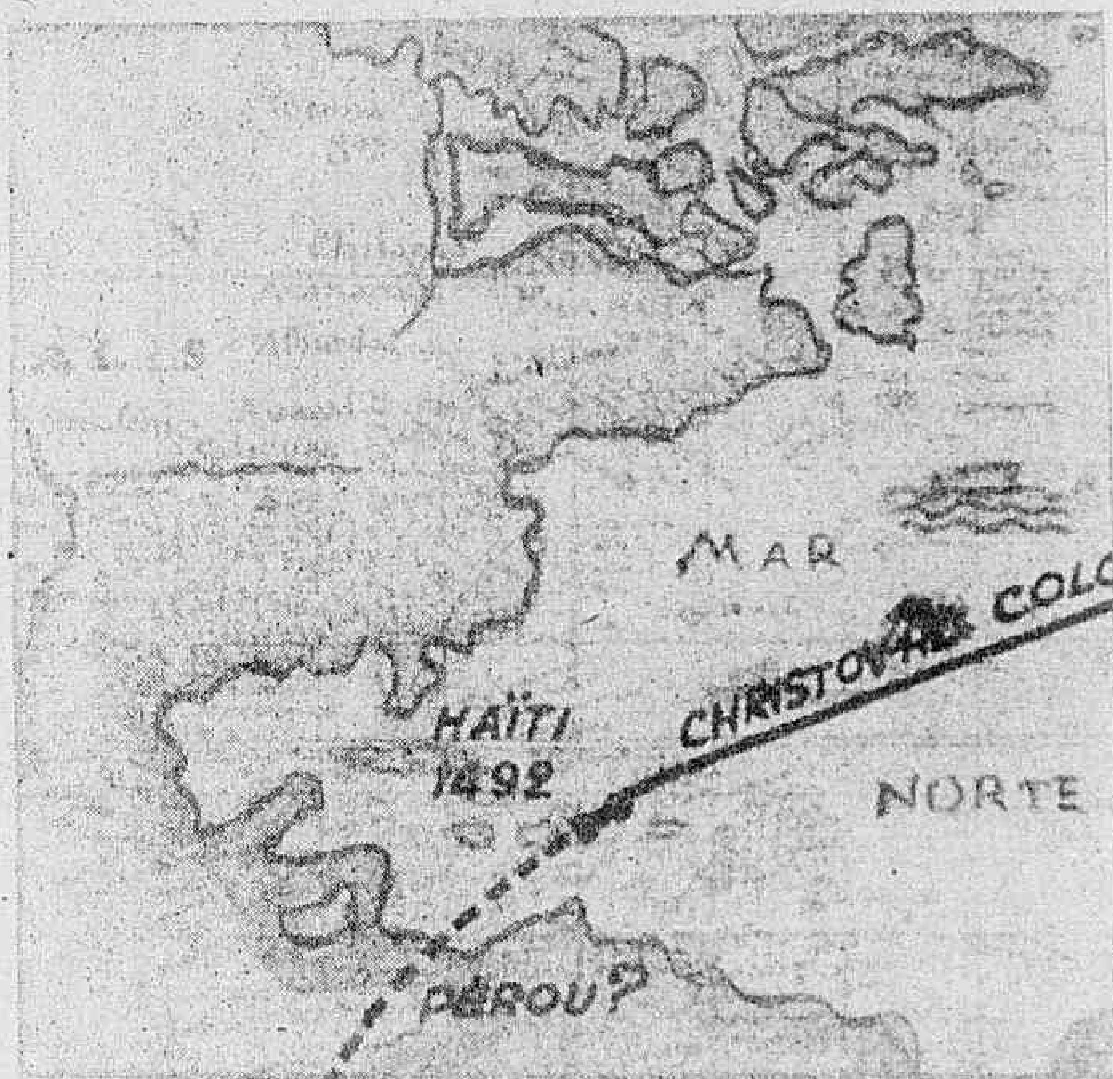
Aqui está, entretanto, um terceiro:



O espanhol atacado do «Mal de Nápoles». (Estampa satírica francesa de 1647.) O doente submetido às «fumigações mercuriais», o mais velho tratamento da sífilis. Metido num tonel e protegido por um cobertor, colocam sob seus pés um caldeirão de mercúrio. O mercúrio é, ainda hoje, empregado (evidentemente, sob forma mais moderna) no tratamento da sífilis.

...E O DE UM PADRE — Bartolomeu de Las Casas, vinte anos depois, quando Colombo desembarcou, pela primeira vez, em Sevilha, em seu primeiro retôrno da América.

Em 1498, parte para Haiti, serve de secretário ao Almirante, regressa à Europa, em 1500, torna a partir para a América, em 1502. Tocado pela graça, é êle o primeiro padre ordenado na América (1510). A partir dêsse momento, consagra sua vida à defesa dos índios e luta contra a escravidão em que caíram. No fim da vida, escreve uma **Historia General de las Indias**. Nesse livro, sustenta o mesmo ponto-de-vista já exposto pelo dr. Diaz de Isla e Oviedo. Há até um detalhe particularmente interessante: explica que os indígenas sofriam pouco dos «bubas», que hoje podemos identificar como lesões sifilíticas, enquanto os espanhóis eram fortemente afetados pelo mal.



Apenas vinte e cinco anos, segundo demonstra o

O conjunto dêsses depoimentos, emanado de homens bem informados, concorda com o que a História nos informa sôbre o desenvolvimento da sífilis na Europa, no século XVI. Assim, não é mais possível, **atualmente**, pôr em dúvida seu valor. Como veremos adiante, não é tempo ainda de se dizer que o debate sôbre a sífilis está encerrado. Significa, simplesmente, que a questão é apresentada, agora, em têrmos diferentes.

O PERIGO EXTRAORDINÁRIO DA SÍFILIS — Vejamos, primeiramente, como, partida da Espanha (segundo parece), com os voluntários da Catalunha, recrutados por Carlos VIII, a sífilis se propagou no Velho-Mundo.

Foram os médicos italianos, então os mais experimentados, os que descreveram os caracteres dêsse mal, ignorado, até então, da medicina européia. Descreveram o seu desânimo diante dos progressos de uma moléstia que não conseguiam dominar.

A expedição francesa à Itália termina em 1495. As tropas liberadas retornam ao seu país de origem. Segundo os hábitos da época, as cortesãs seguem os soldados franceses, suíços, alemães, flamengos,

espanhóis, etc., e o mal se propaga à sua passagem. Já em 1496, a sífilis é assinalada, não mais sòmente na Itália, mas na Ístria, na Trácia, no país dos Sarmatas. Em setembro de 1496, é dirigido ao Hôtel-Dieu, de Paris, um memorial apontando as despesas com o tratamento dos sifilíticos. Finalmente, em 1497, os sifilíticos são tão numerosos, que têm que ser expulsos do hospital! Curioso método, pois que, dêsse modo, êles vão acelerar a contaminação.

Pouco depois, quando a princesa de Aragão celebra seus esponsais, na Holanda, com o arquiduque Felipe, em 1496, é acompanhada por numeroso cortejo. Assim, o mal se instala, de golpe, na Holanda! Por seu lado, os mercenários alemães, tendo servido na guerra da Itália, propagam o flagelo na Alemanha; vários focos são ali assinalados, em 1497. Na Inglaterra, a sífilis «desembarca» em 1497, tendo sido uma embarcação francesa, vinda de Bordeaux, o transporte do mal. Em 1500, é êle assinalado na Húngria e, em 1502, na Dinamarca. Na África, enfim, os judeus, espulsos da Espanha, passam o mal para os mouros de Marrocos. Na bacia Mediterrânea, os navios se encarregaram de levar o mal de um pôrto para outro.

A METADE DA VOLTA AO MUNDO EM 25 ANOS! — No Extremo-Oriente, uma obra chinesa, escrita em 1520, relata observações relativas, sem sombra de dúvida, à sífilis. Um pouco mais tarde, o mal é assinalado no Japão.

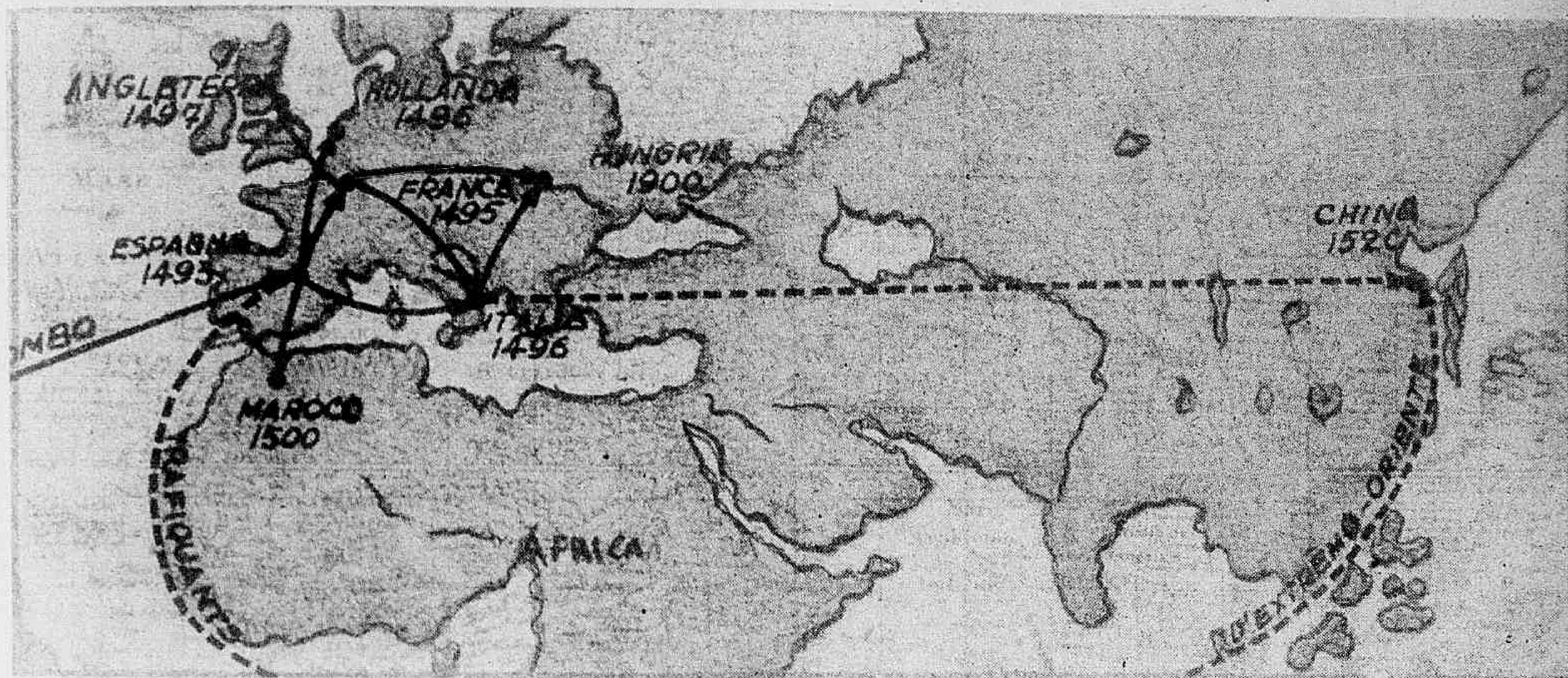
Extraordinária a marcha extremamente rápida dessa moléstia! Aparecida, segundo parece, em março de 1493, na Espanha, vinte e cinco anos depois já havia atingido a China, caminhando quase tão depressa como os raríssimos viajantes que haviam atingido êste país. Em vinte e cinco anos, havia feito a metade da volta ao mundo!

É justo assinalar outro detalhe interessante, qual o de ter sido a sífilis notada, de maneira tão nítida, em tal época, e, ainda, que os contemporâneos tenham pensado em assinalá-la por tôda a parte. Isto se explica pelas características do mal. Nessa época, ela afeta extrema violência. As crônicas do tempo à ela se referem como a um flagelo, como a uma peste, **e sòmente nos séculos seguintes a sífilis perdeu, na Europa, senão a sua gravidade, ao menos a virulência de suas manifestações visíveis**. No início, as lesões cutâneas, em particular, eram extremamente abundantes: placas, úlceras, etc. Só com o correr de muito tempo, e depois que a raça branca se habituou a ela, foi que a doença se tornou insidiosa, e que suas manifestações passaram a ser **secretas**, ao passo que a sua gravidade aumentava paralelamente.

Acrescentemos que êsse fenômeno foi observado novamente, depois, quando a sífilis atingiu uma nova raça, que se conservara, até então, indene, começando sempre com manifestações cutâneas violentas, mas pouco graves. Só progressivamente assume o caráter de gravidade escondida, que conhecemos.

Acrescentemos, igualmente, para ser justos e completos, que é aos médicos árabes, instalados na Espanha, que devemos o primeiro tratamento da sífilis: o tratamento mercurial, ainda hoje usado, em certos casos. Os árabes já empregavam êsse tratamento para lutar contra outros males e tiveram a idéia de aplicá-lo contra a nova moléstia, quando se mostrou — principalmente na época — muito eficiente.

HAITI, SIMPLES ETAPA DA SÍFILIS — Parece assim bem provável que a sífilis — mal existente em Haiti — infestou a equipagem de Cristóvão Colombo, que a espalhou, por sua vez, na Espanha. Dali, tendo o rei Carlos VIII recrutado mercenários para a Itália, a moléstia se espalhou entre as suas tropas, contaminando êste país. Enfim, dissolvido o corpo expedicionário, os soldados, retornando ao seu país, nêle espalharam o mal. Depois, pouco a pouco, por diversas vias, as regiões mais próximas, como as mais distantes, se viram, por sua vez, contaminadas.



mapa que aparece no clichê que publicamos acima, foram suficientes à sífilis para dar volta ao mundo.

Surge, assim, a ilha de Haiti, que aparece como o foco original da vaga de sífilis que se propagou na Europa, em fins do século XV. Haiti, povoada por uma raça até então separada do Velho-Mundo e do conjunto da Humanidade! Mas, Haiti está separada não apenas da Europa, mas do continente americano. Devemos supor que a própria Haiti foi contaminada por índios sul-americanos e navegadores, ou que foram os europeus que propagaram a sífilis na América, como já o haviam feito na Europa.

Podemos imaginar que êsse debate fêz correr muita tinta. Para cortá-lo, os cientistas entraram a procurar, nas Américas, traços da sífilis no período pre-colombiano, isto é: antes da chegada dos europeus.

EM BUSCA DA SÍFILIS — Há testemunhos comprovando a existência da sífilis, sôbre o continente da América latina, anteriormente à chegada dos conquistadores espanhóis e portuguêses.

Infelizmente, não existem documentos escritos. Os índios do Peru não conheciam a escritura corrente e os hieroglifos mexicanos serviam, ùnicamente, para os rituais religiosos. Um grande cronista mexicano, Sahagun, é bem verdade, consagra um capítulo ao tratamento dos «bubas» (sífilis), mal, então, existente entre os indígenas. Infelizmente, não cuidou de nos dizer se a moléstia era de importação recente ou se tinha origem antiga na região.

Os historiadores procuraram nos idiomas indígenas. Existia, entre êsses povos, uma palavra para designar a sífilis? Mais uma vez, tiveram que abandonar tôda a esperança de obter uma certeza. De fato, os dois idiomas peruanos, o **quechua** e o **aimara**, possuem um mesmo têrmo, **«huantti»**, que os espanhóis traduziram, em geral, por uma forma de varíola. Mas, na realidade, na língua indígena, êsse têrmo (e seus derivados) tem uma significação muito mais vaga: designa tôda espécie de moléstia que roi as carnes, contagiosas e, geralmente, transmitidas pelos órgãos genitais. Ora, existem outras muitas enfermidades venéreas, além da sífilis, e a palavra **«huantti»**, por si só, não prova grande coisa.

A medicina, portanto, deveria procurar noutro sentido, para encontrar a verdade.

O SEGRÊDO DOS CHAUKALAS — O primeiro trabalho trazendo novidade sôbre o problema foi a obra do professor Tello. Sua tese, sustentada em Lima, em 1908, teve a honra de ser impressa pelo Estado peruano.

O professor Tello havia extraído, de uma centena de **chaukalas** (abrigos que servem de sepultura coletiva), um número considerável de ossos humanos. Foi êle o primeiro a penetrar nesses **chaukalas**, considerados, até então, invioláveis. Entre os ossos encontrados, descobriu crânios que apresentavam sinais patológicos evidentes. E êsses crânios remontavam a uma época anterior à conquista da América latina, anterior, igualmente, ao domínio dos Incas. Essas lesões, segundo o professor Tello, tinham sido originadas pela sífilis!

Em certos crânios foram reveladas «exostoses», isto é: excrecências desenvolvidas na superfície do osso. Outros, ao contrário, apresentavam perdas ósseas, chegando até à perfuração, além de cicatrizes semelhantes às provocadas pela ósteoperiotite (inflamação do osso e do periosto). Ora, segundo sabemos, não há outra moléstia, senão a sífilis, capaz de determinar alterações iguais às observadas pelo professor Tello.

AS DUAS EXPEDIÇÕES DA YALE UNIVERSITY — Uma prova nunca vem só. Em 1912, a Yale University organizou a expedição científica que descobriria as ruínas famosas da grande cidade de Machu-Pichu, até então ignoradas pelos espanhóis. Dois anos mais tarde, uma segunda expedição, da mesma universidade, explorando uma região vizinha, retornava com bom número de esqueletos humanos, descobertos em cavernas ou em abrigos sob pedras. Levados para os Estados Unidos, foram estudados pelo grande sábio Mac Curdy, cuja atenção foi logo atraída pelos ossos apresentando lesões verdadeiramente sifilíticas. Mac Cardy, entre outros ossos, apresentou, como exemplo típico, um par de tíbias apresentando um amolgamento pronunciado e uma forte curvatura para a frente.

Entretanto, foi possível (não sem motivos) contestar os resultados da expedição, no ponto em que pretendia tirar uma prova da existência da sífilis sôbre o continente americano, anteriormente à presença dos espanhóis. Pois não é possível datar os esqueletos e sabemos que os Incas, após a conquista espanhola, continuaram a enterrar seus mortos em cavernas.

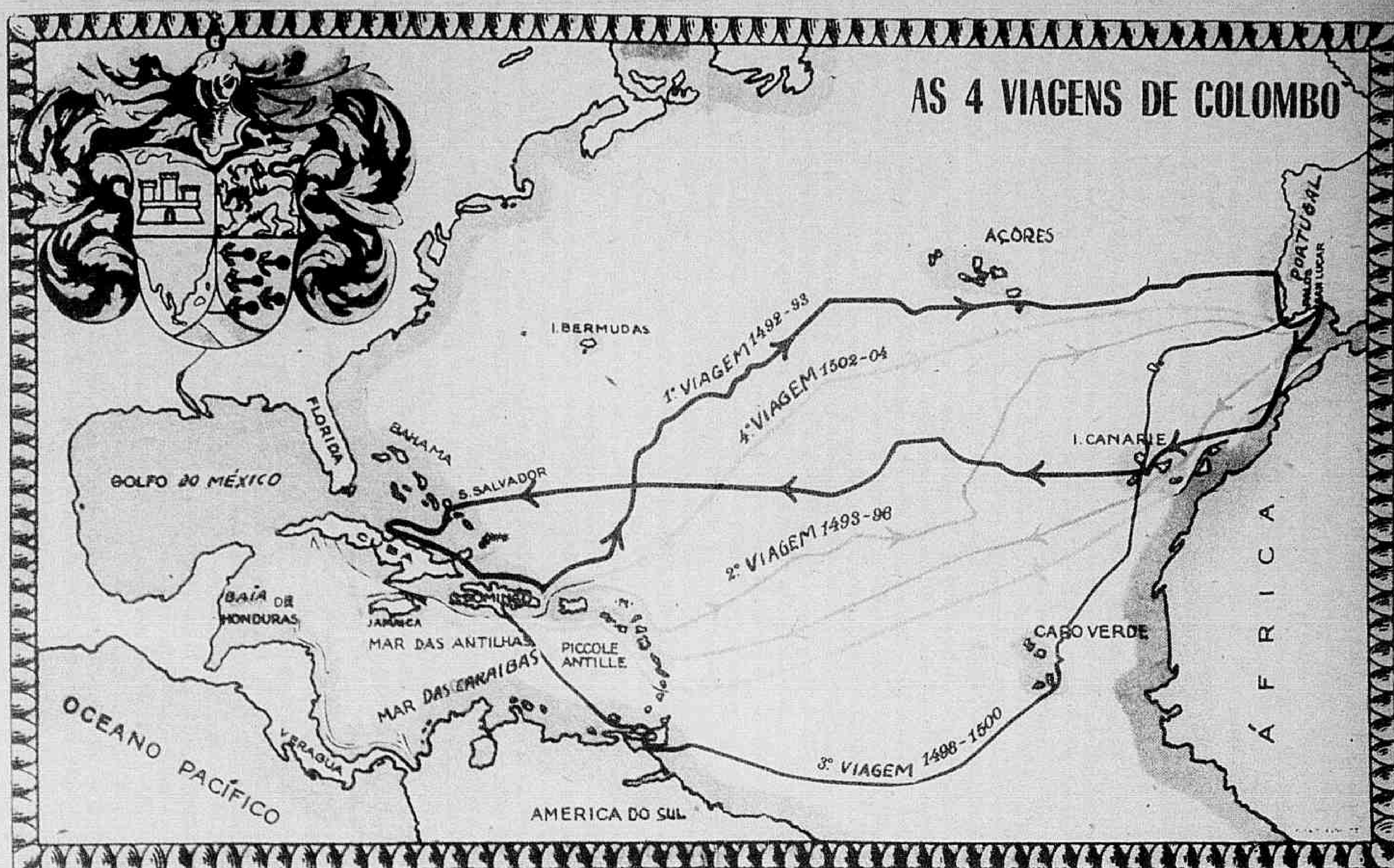
Coube, ainda, ao professor Tello, em 1929, realizar novo progresso na descoberta da verdade.

A SÍFILIS NA AMÉRICA PRE-COLOMBIANA — A península de Paracas, no oceano Pacífico, fica situada a duzentos e cinqüenta quilômetros ao sul de Lima, capital do Peru. Em 1929, Tello organizou uma expedição científica a essa península e ali descobriu, enterrados na areia, curiosos túmulos, que, cortando-se o terreno no sentido de sua profundidade, apresentavam aspetos inesperados, como o de enormes garrafas, de flancos bastante amplos. Dêles retirou múmias envôltas em vestimentas e **écharpes**, datando, muito provàvelmente, do século X ou do XI, calculados segundo a nossa era. Em conseqüência, sabemos que essas inumações remontam a uma época anterior de, pelo menos, quatrocentos anos à conquista espanhola.

Entre êsses esqueletos, descobriram os sábios, novamente, crânios e ossos **longos**, que **apresentavam traços nítidos de deformações sifilíticas!** Para maior certeza, Tello e seu associado, Willims, radiografaram êsses «longos» suspeitos, chegando mesmo a serrar dois dêles, longitudinalmente. Êsses dois métodos confirmaram a hipótese formulada. A menos que exista uma moléstia desconhecida e que produza os mesmos efeitos que a sífilis, os trabalhos de Tello e Williams (o livro que publicaram surgiu em 1930) chegam, necessàriamente, à conclusão de que a sífilis existia desde muito antes no continente do Novo-Mundo e que os **europeus não são responsáveis por sua propagação.**

Está o debate terminado? Infelizmente, ainda não, pois que, logo a seguir, nova questão é levantada.

A SÍFILIS ERA CONHECIDA, NA EUROPA, ANTES DE CRISTÓVÃO COLOMBO? — O mundo sábio admite, hoje, que a sífilis existia no Haiti,



antes da chegada dos europeus. Acabamos de verificar que devemos admitir, também, que a sífilis existia na América latina, antes da mesma ser descoberta. Todos os autores reconhecem, igualmente, que, após o contato dos espanhóis com os índios do Haiti, a sífilis se apresentou na Europa com as características de gravidade e de epidemia violenta, que impressionaram os contemporâneos e que são indiscutíveis. No entanto...

No entanto, outra teoria é admitida: a de que a sífilis **existiu**, outrora, na Europa, tendo, simplesmente, amainado e que o fato de sua recrudescência fôra devido a um germe mais virulento, que a teria despertado.

Para tirar a limpo essa questão, um sifilígrafo francês, o prof. Janselme, passou em revista todos os textos conhecidos e ligados a moléstias venéreas — e escritos **antes** do descobrimento da América.

Não podemos, naturalmente, entrar em detalhes sôbre êsse enorme trabalho. Parece, entretanto, não haver, entre êsses textos, nenhuma descrição que possa convir à sífilis. E o prof. Janselme assim termina:

«Temos o direito de concluir, a meu ver, que todos os documentos relativos à sífilis, em si mesma, e cuja data seja anterior a 1493, são apócrifos, seja porque estão antidatados, por fraude ou por êrro, seja porque muitas passagens interpeladas foram introduzidas no texto primitivo.»

UM ESQUELETO IMPEDE QUE A QUESTÃO SEJA ENCERRADA! — Assim, parece estabelecido que a sífilis era um mal **desconhecido** na Europa, antes do retôrno da expedição de Colombo. Mas, isto significará que a moléstia ali não tenha jamais existido?

Isto é coisa muito diferente! **Porque possuímos, pelo menos, um exemplo de ossadas européias pre-históricas, apresentando traços de lesões de origem sifilítica.** Êsses ossos, que pertencem ao Museu de Saint-Germain-en-Laye, França, foram descobertos nas grutas próximas do rio Marne, pelo barão de Baye. Remontam à pre-história. Williams, o colaborador de Tello, e que é um sábio norte-americano todo dedicado à pesquisa da origem da sífilis, não só na América como na Europa, estima que êsses ossos podem ser apresentados como testemunho da existência da sífilis em outra região do mundo, além da América, antes da data de 1493. Êsse testemunho fala, com eloqüência, sôbre a possível existência da sífilis na Europa na época pre-histórica.

Mas o próprio fato de se referir a uma época pre-histórica recomenda, ao mesmo tempo, prudência em nossa afirmação. Isto porque não é inverossímil, nesse caso, do qual estamos separados por tantos e tantos séculos, que tenha existido, então, uma outra afecção — hoje desconhecida — capaz de produzir lesões análogas às da sífilis. De qualquer maneira, nessa perspectiva, o problema continua aberto à História e à Ciência.

O momento é propício para tirarmos filosofia desta história. Está quase provado que a vaga de sífilis **atual** é proveniente da América e êsse fato ilustra, uma vez mais, êste outro de que **uma descoberta — seja ela de que ordem — não deixa de ter os seus inconvenientes, como uma medalha não pode ser cunhada sem reverso.**

Mas subsiste uma pergunta. A América (central, pelo menos) é, realmente, o berço da sífilis? Ou o mal já era conhecido na Europa no período pre-histórico, amainando, até desaparecer quase completamente, e despertando um dia, ao contato com os treponemas novos, levados pelas caravelas de Colombo?

Como se verifica, a questão progrediu. Mas a discussão não terminou.

OS HERÓIS, ÊSSES INCOMPREENDIDOS

AQUI vão alguns exemplos de supostos heróis, cujas missões acabaram falhando desastrosamente.

★

Os sonhos de glória e o genuíno heroísmo obrigam milhares de pessoas, anualmente, a tentar livrar um animal ou um ser humano de uma situação periclitante. Algumas vêzes, porém, as coisas não correm muito bem para o *salvador*, e alguém tem que livrá-lo do *apêrto* em que se meteu.

★



TREPANDO EM ÁRVORES — Em Canton, Estado de Ohio, um guarda policial subiu a um alto pinheiro para tentar recolher um gato. Justamente quando êle estendeu o braço para apanhar o animal, êste começou a mover-se e acabou por descer da árvore, são e salvo. Logo em seguida, o galho sôbre o qual se encontrava o policial rachou e foi necessário que os bombeiros viessem tirá-lo da incômoda posição em que ficou.

★

UM GUIA QUE SE PERDEU — Quando Charles Holk, de 12 anos, se perdeu nos bosques próximos a Lake Geneva, Estado de Winsconsin, um guia experimentado foi mandado em sua busca e salvação. Após algum tempo, o garoto apareceu, são e salvo; e, com o correr das horas, tornou-se evidente que o guia se perdera. O jovem Charles tornou então à floresta, descobriu o seu "salvador" e trouxe-o de volta ao local onde se amontoava um punhado de curiosos.

★

MOMENTOS DE AFLIÇÃO — Durante os momentos culminantes da representação de uma peça, num teatro de verão da França, uma atriz, jovem e pouco experiente, esqueceu as linhas que lhe cabia dizer. Ficou muda, "congelada" no meio do palco, apenas abanando as mãos em sinal de desespêro. Após alguns minutos, a sua substituta foi lançada à cena, a fim de salvar a situação. Mas, ocorreu que esta, também, "congelou" e ficou a olhar para a assistência, tomada de pânico. Finalmente, já desesperado, o diretor de cena se viu obrigado a entrar em cena e dizer as linhas que competiam à atriz.

★

FALTA DE RECONHECIMENTO — Eu estava caminhando pela rua — informou um homem de Chicago ao juiz do tribunal de infrações — quando divisei quatro homens corpulentos batendo num outro baixinho e franzino. Tratei de entrar na briga, tomando o partido do pequenino e os quatro homens resolveram fugir. Mas, qual o agradecimento que obtive? O homenzinho se voltou para mim e me agrediu!

★

ESPANTO DE HERÓI — Em Marselha, França, um estivador penetrou, heròicamente, num armazém em chamas, salvando um empregado que estava prêso num dos escritórios do sobrado. Depois de trazer o prisioneiro das chamas para fora, êle foi cumprimentado pelos bombeiros e um cidadão, de espírito e coração generoso, gratificou-o com 50 dólares. Aturdido, o estivador recuou, caiu do cais ao mar, e teve que ser retirado das águas por três amigos.

★

QUE PESCARIA! — Próximo da cidade de Cairo, Estado de Illinois, um homem se atirou às águas do Mississipi, a fim de salvar o seu primo, que tombara de uma canoa, em pleno rio. Como a correnteza estivesse forte, também êle acabou por se ver em apuros. Um terceiro homem se lançou às águas, para ajudá-los, mas, pouco depois, também pedia socorro. Finalmente, um pescador do local remou até ao ponto em que os três se debatiam e recolheu-os com uma enorme rêde.



É PRECISO SABER DORMIR

NÃO É BASTANTE DIZER: — QUERO DORMIR! O sono é o abandono, por completo, de tôda a vontade.

"Dormir é desinteressar-se." — *Bergson*

ENTRE os fenômenos gerais observáveis no homem, e que podemos qualificar de mecânicos, nenhum como o sono está tão submetido a variações individuais.

O ser humano passa dormindo, em média, uma têrça parte de sua vida, e, embora a psicologia e a biologia tenham realizado, neste meio século, progressos assombrosos, o sono continua sendo um mistério.

Foram estudados os estados progressivos que precedem o sono natural: pouco a pouco, tôdas as faculdades intelectuais se relaxam, o mundo exterior — embora permaneça invariável — se deforma e desaparece, paulatinamente, e chega a nos parecer tão indiferente como se não existisse. Pelo menos, em nosso consciente adormecido, êsse mundo toma formas absurdas.

Os psiquiatras dizem que «a personalidade se dilui».

De fato, embora tôdas as atividades fisiológicas do corpo continuem, sumimos num estado parecido com a morte, pois essas atividades fisiológicas não se realizam da mesma maneira que quando estamos acordados. E a circulação sofre um retardamento. Alguns músculos se relaxam, enquanto outros, ao contrário, ficam contraídos.



O sonho de criança

O sono é, com freqüência, como uma verdadeira desintoxicação. As mudanças químicas são mais rápidas, mais fáceis e mais completas durante o sono.

Alguns especialistas pretendem que as substâncias tóxicas se eliminam mais fàcilmente, enquanto dormimos.

Da mesma forma, pôde ser observado, em pessoas adormecidas, uma eliminação, relativamente rápida, dos venenos, até mesmo o da serpente.

O SONO AVIVA ALGUMAS ATIVIDADES CEREBRAIS — A atividade cerebral não cessa durante o sono: apenas fica paralisada um breve instante, durante a passagem da vigília para o sono.

Quase imediatamente, o cérebro volta a registrar fatos, mas que têm qualquer relação lógica com o espaço e o tempo.

Sonhamos.

Os psicanalistas, desde Richet a Freud, tiraram conclusões, às vêzes exageradas e fantasiosas, da interpretação dos sonhos e da



A INDÚSTRIA DO SONO — Uma touca e um par de pantufas, tudo aquecido elètricamente, são considerados indispensáveis para favorecer o sono das pessoas fatigadas por um intenso trabalho. Parece que essa aparelhagem térmica permite ao indivíduo dormir confortàvelmente, mantendo a janela aberta mesmo no inverno, seguindo os cânones prescritos pela higiene. A idéia — pois claro! — é norte-americana.

exploração do subconsciente. A verdade é que, em milhares de casos cientìficamente controlados, alguns indivíduos adormecidos tiveram sonhos premonitórios. Estando dormindo, viram, com exatidão, lugares ou pessoas que não conheciam ou das quais ignoravam quase tudo.

O sonho permitiu-lhes explorar o tempo e o espaço.

Com tôda a clareza, foram revelados, ao mesmos indivíduos adormecidos, acontecimentos felizes ou catástrofes, seja que os tenham visto em sonho ou que algum signo ou alguma voz os tenha advertido. Em tais casos não se trata de interpretação de sonhos, mas de fatos vistos em sonhos. Daí poderíamos concluir que o sono dá ao cérebro de pessoas normais, que, acordadas, não são visionárias, faculdades extraordinárias ou, também, que essas faculdades, existentes nos sêres humanos em graus diversos, mas entorpecidas em seu exercício pela razão em estado de vigília, só se liberam com o sono.

Êstes fenômenos podem ser comparados aos que interessam à clarividência ou à telepatia, que não é possível negar cientìficamente.

Os drs. Fiessinger, L'Hermitte e Pieron observaram que o homem pode adotar um determinado ritmo de sono, segundo as estações e as latitudes. Alguns camponeses russos, assim como certos animais invernantes, deitam-se para dormir, durante vários meses, na escuridão de suas choupanas, quase sem ingerir alimentos.

Êste costume de sono voluntário e prolongado não é exclusivo dos países frios; também é praticado entre as tribos negras do Queensland e índios norte-americanos, além de outros povos, que



quase não dispõem de alimento durante um largo período do ano. É uma espécie de instinto de conservação, que torna possível a vida em ritmo retardado.

Pieron e Legendre demonstraram, com suas experiências, que o sono é uma necessidade vital. No animal, a privação sistemática do sono implica a morte, da mesma forma que a privação de alimento.

AS CAUSAS DO SONO — Existem várias hipóteses no que concerne às causas do sono. O dr. Fiessinger as resume assim:

«Em princípio, acreditava-se que o sono era provocado pela fadiga do sistema nervoso central: em um ser acordado é elaborada uma substância tóxica — «ponogena» — que é eliminada quando o mesmo indivíduo dorme.

«De fato, se injetarmos sangue ou uma emulsão cerebral de cães insones em outros cães normais, êstes não poderão dormir. Isto demonstra que uma vigília prolongada dá lugar a uma intoxicação de nosso organismo, por uma substância especial que o fisiólogo Pieron, a quem devemos os primeiros trabalhos importantes sôbre o sono, chama de «hipnotoxina».

Porém, o modo brusco pelo qual passamos do sono para o despertar, e vice-versa, induz o dr. Fiessinger a acreditar que a «hipnotoxina» não é tóxica por si mesma, mas que suscita um reflexo inibidor, que detém o funcionamento dos centros sensoriais e motores. A teoria biológica de Claparade, que, suscitando inumeráveis controvérsias, também conta com muitos partidários, tem mais atração.



«O PESADELO» — (Xilografia da autoria de Honore Daumier

— A necessidade de dormir — declara Claparade — precede a da fadiga; aparece, também, como uma função ativa, que nos impede de chegar ao estado de esgotamento e, ao mesmo tempo, deixa ao ser vivente a possibilidade de escolher o momento mais favorável ou que mais lhe agrade, para dormir.»

«Se o sono fôsse, apenas, a conseqüência da intoxicação produzida pelo estado de vigília — acrescenta Claparade — como se explicaria que a criança dorme tanto tempo e a ausência de paralelismo entre a fadiga e o sono? Se êste, realmente, fôsse uma necessidade imperiosa, não saberíamos o que é uma vigília prolongada livremente, nem poderíamos estar acordados voluntàriamente, nem nos causariam sono a escuridão ou o aborrecimento.»



E como interpretar os ritmos de nosso descanso e suas múltiplas variações individuais?



A amizade que se possa ter por um animal não deve ir ao ponto de dividir com êle o nosso leito.



A «máscara-de-beleza» não deve ser usada à noite. Mesmo recomendada. É preciso pensar no marido

O centro cerebral do sono foi localizado na base do cérebro. Porém, como são exercidas as funções nervosas que comandam o sono? Como a mãe, que dorme profundamente, só é despertada pelo chôro do seu filhinho? Como o moleiro, por exemplo, desperta com **o silêncio inusitado** do seu moinho? Ninguém sabe! Tôdas estas comprovações demonstram que o sono (que, sem dúvida, pode modificar o tempo fisiológico) continua sendo um mistério. A melhor definição do sono talvez seja a de Bergson: «Dormir é desinteressar-se».



Se está atacada por um resfriado, procure dormir com a cabeça alta. Dêsse modo evitará os acessos de tosse que a atacam durante o transcorrer da noite.



A posição sôbre o ventre é recomendada se a pessoa mostra tendência para a aerofagia. Nessa posição o ar contido no estômago é expelido com grande facilidade.

Essas as causas hipotéticas do sono. Porém, o principal é poder e saber dormir. Com a vida que levamos, no ambiente em que vivemos, dormir é coisa que se torna mais e mais difícil.

Talvez, para nos ajudar sinceramente e não só com espírito comercial ou de charlatão, o chefe de uma grande indústria norte-americana acaba de lançar cêrca de vinte aparelhos, compreendendo pantufas elétricas, aquecedoras, cobertores elétricos, um aparelho de **massagens noturnas**, que imprime ao lençol um ligeiro movimento ondulatório, uma infalível máquina para provocar bocejos, que agita martelos metálicos, cujo ruído, segundo parece, força o indivíduo a bocejar, um inalador líquido soporífico, máscaras para colocar sôbre os olhos (dizem que sir Winston Churchill emprega, durante o pouco que se impõe tôda tarde, outro aparelho «para ninar»), etc.

Tudo isso, porém, é complicado e aqui estamos para dizer que a insônia pode ser vencida de maneira mais simples.



Ao contrário, em tempo ordinário, durma com a cabeça bem baixa. Facilitará a circulação e favorecerá a juventude do seu pescoço.



Os hiperclorídricos devem dormir sôbre o lado direito, com a cabeça e os ombros levantados. A posição facilita o trabalho do estômago.

AFINAL, POR QUE O LEITOR NÃO DORME? — Eliminemos os casos das grandes dores físicas. Se acaba de sofrer uma terrível operação e tem ainda os músculos retalhados, só a morfina, dada pelo médico,



Se receia a luz e se ela a desperta ao alvorecer, procure proteger os olhos com um véu. Fechar a janela, no entretanto, é desaconselhável.



É grande êrro pensar que a música faz adormecer. Na maioria das vêzes, apenas enerva as pessoas. O silêncio é preferível para um bom sono.

poderá proporcionar, durante os primeiros dias, ao menos, o sono reparador. O frio incomoda? É fácil eliminá-lo... fazendo movimento. Uma recente experiência provou que o ser adormecido mexe-se, em média, 96 vêzes por noite, mudando 36 vêzes de posição. Conserva 17 posições menos de 5 minutos, 7 de 5 a 10 minutos, 4 de 10 a 15. Além do mais, não devemos acreditar piamente nas pessoas que dizem que não dormem. Mallarme pretendia dormir, apenas, uma hora em vinte-e-quatro. Era falso, pois foi colocada uma tira de papel que se desenrolava com a marcha de um relógio, ao lado das camas de vários insoníacos, pedindo-lhe que, desde que não dormiam, anotassem, na fôlha de papel, as horas passadas em claro. Verificou-se que, entre meia-noite e oito da manhã, êles apontavam, em geral, duas ou três horas, dormindo as restantes perfeitamente. Confundiam insônia com um grande número de despertadores.



Evitem dormir com um braço levantado (ou os dois). Isso exige um esfôrço suplementar do coração para levar o sangue até à extremidade. Deixe-o em repouso.



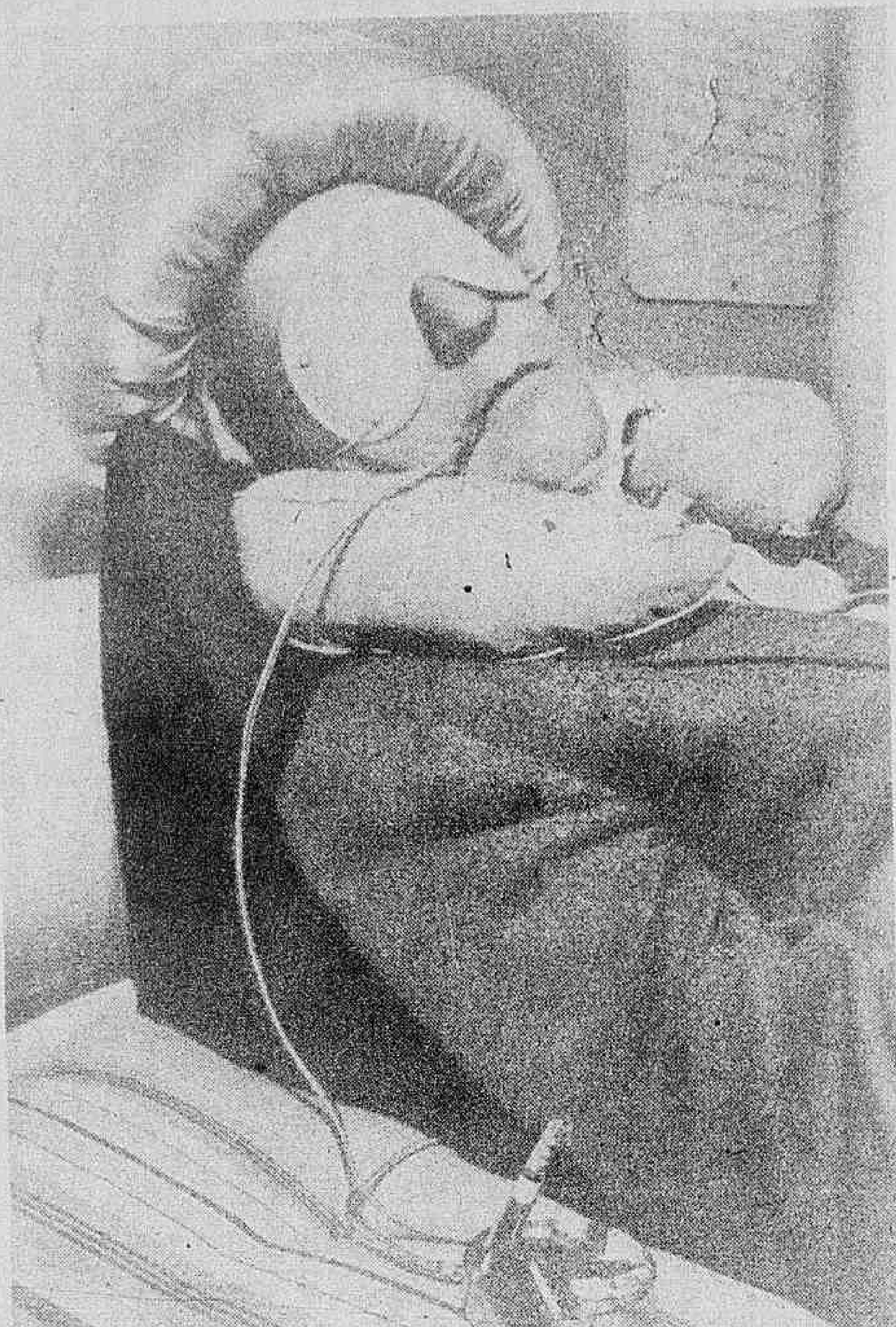
Saibam que a chamada posição «de cão de fuzil» que comprime todos os órgãos da pessoa que está dormindo, é considerada como a pior de tôdas elas.

Na maioria dos casos, a insônia tem causa muito simples. O leito comum é um dos inimigos do sono. O roncar não deve ser sequer citado, pois que hoje é um mal curável.

A grande fadiga impede de dormir. Se caminharmos, por exemplo, doze horas seguidas, teremos perdido a calma e, mesmo que venhamos a dormir pesadamente, o sono será o de um nervoso, com pontapés em tôdas as direções. A extrema fadiga, no volante de um automóvel, tem resultados piores, com o indivíduo dormindo extremamente mal. Causa freqüente de insônia é uma discussão após o jantar. Por isso, o melhor será jantar tranqüilamente com a família (e, se possível, sem ela),



A posição ideal para o sono... no verão. No inverno, naturalmente, juntem um bom cobertor.



Um dos mais curiosos «aparelhos para dormir», pôsto à venda, recentemente, em New York, é um travesseiro em forma de turbante, que acompanha os movimentos de quem dorme. Ao redor do pescoço, outra almofada, em forma de ferradura, aumenta o confôrto da cabeça. Há, ainda, uma pequena máscara, para proteger os olhos... e um canudo de borracha, para que o indivíduo não corra o risco de dormir fumando e queimar os lençóis. Que tal?



deitando-se a seguir, após leitura repousante, evitando, tanto quanto possível, dançar ou ouvir música. E, acima de tudo, sem discussão! É preciso preparar o cérebro para uma espécie de descida para o sono, porque a calma do cérebro significa a calma do corpo.

Disse certa vez Trousseau que «no sono, o corpo humano era como um cavalo de charrete, parado. O corpo sendo o cavalo e o espírito o cocheiro. Enquanto o cavalo dançar sôbre as quatro patas, o cocheiro não poderá dormir.»

É preciso, pois, para dormir, conseguir, antes de tudo, a imobilidade. Procurem deitar numa atmosfera calma, sem ruído em redor, usando mesmo as pequenas bolas de cêra dos artilheiros para fechar os ouvidos. Conquistado o silêncio, procurar distender os músculos como os Yoguis, imobilizando até à ponta dos dedos.

Fala-se mal dos barbitúricos e dos soníferos. O dr. Fussac, grande psiquiatra francês, que curou, há tempo, um insone total, em razão de explosão de obus, declarou: «Mais vale o indivíduo tomar uma droga para dormir, que não tomá-la e não dormir, nas grandes crises.»

Não se referia, é claro, a tomar doses fortes de produtos soníferos durante semanas. Tudo limitadamente: em tempo e quantidade. Não devemos, porém, esquecer o admirável exemplo de Joffre, que, depois de assinar a ordem do dia da batalha do Marne, deitou-se e dormiu oito horas a fio. É que êle sabia abandonar tôda preocupação na hora necessária.

Durante o sono, tôda a vontade é abolida. Portanto, se o indivíduo repetir, à hora de dormir: «Quero dormir», significa que a sua vontade existe. E êle não dormirá. Melhor será dizer: «Não existo mais. Nada me interessa. Não tenho fôrças. Não tenho vontade».

Êsse efeito de sugestão é muito forte entre os que dormem. Certo médico confessou que, durante meses, tomara soníferos — chegando a ingerir duas pílulas por noite.

A seguir, misturou pílulas de miolo de pão e do mesmo feitio e tamanho à caixinha da droga e, ao deitar, no escuro, ingeria duas, sem saber o que engolia, se a droga ou o miolo de pão. E dormia perfeitamente! Isto, porque estava certo de que ia dormir mesmo!

E não olhe ao deitar, para o caderno de notas, para saber o que tem que fazer no dia seguinte! Nada provoca mais a insônia do que uma preocupação moral. Pense que vai dormir e que os problemas do dia seguinte não existirão. Se tiver que ir ao dentista, imagine que êste vai quebrar uma perna, faltando ao consultório.

Isto feito, com roupas folgadas, uma temperatura bem estudada, pense que o amanhã não existe. Quanto às posições mais favoráveis para o sono, os nossos clichês aí estão, para corrigir e ensinar.

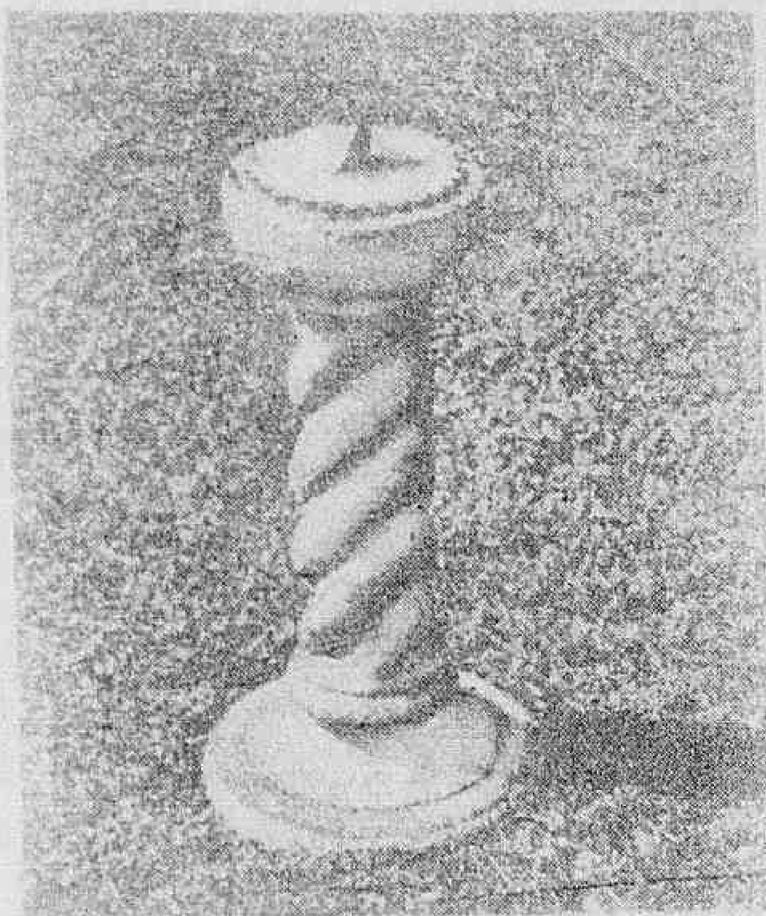
Os técnicos do sono também descobriram que devemos adormecer com a melhor disposição possível. Para isso, recomendam leituras alegres. E, para não cansar a vista ou forçar a posição, aconselham o uso dêsses óculos periscópicos, que permitem ler com a cabeça bem repousada. Só não dizem quem, depois, tira os óculos — que devem ser pesados e inconfortáveis — da pessoa que adormeceu.

E JÁ QUE FALAMOS EM DORMIR...

ALGUMAS frases oriundas da economia de tempo durante o dia.

— Quem pensar em ir para a cama antes das doze é um preguiçoso! — *Samuel Johnson*

— A *arte de dormir* é importante; ela é estritamente necessária, dada a necessidade de ficar acordado durante todo o dia. — *Nietzsche*



— Cinco horas dorme um viajante, sete um escolar, oito um comerciante, e onze todos os preguiçosos. — *Torriano*

— Encurtem a noite. Utilizem parte dela para as tarefas do dia. — *Sêneca*

— Platão condena mais o excesso de sono, do que o excesso de bebida — *Montaigne*

— O sono, a riqueza e a saúde, para que sejam bem aproveitados, devem ser interrompidos. — *Johann Richter*

— Não me importa quão inteligente possa um homem ser: êle nada pode aprender, enquanto estiver dormindo. — *Bernard F. Gimbel*

— Aquêle que levanta tarde, tem que correr durante todo o dia. — *Benjamin Franklin*

— Não encurtem a manhã, acordando tarde; olhem para ela, como se fôsse a qüintessência da vida, até um certo ponto *sagrada*. — *Schopenhauer*

— A verdade a respeito do sono é a seguinte: ninguém tem tanta necessidade dêle, quanto, realmente, pensa. E, à medida que passam os anos, o indivíduo menos necessidade tem de dormir. — *Robert Fontaine*

Talvez sejamos levados a dormir, simplesmente porque, durante tantos milhões de anos, nossos ancestrais nada tinham que fazer durante a noite. — *Ray Giles*

— Quando é hora de virar-se na cama, é hora de levantar. — *Duque de Wellington*

— Não tem base científica o que se afirma, a respeito de recuperar o sono perdido. Estudantes, que permanecem acordados por quatro a cinco noites seguidas, não necessitam do equivalente de quatro ou cinco noites de sono. Ficam recuperados, apenas com um período normal de oito a dez horas de descanso. — *J. D. Ratcliffe*

— Os grandes comilões e os grandes dorminhocos não são capazes de fazer nada que seja realmente grande. — *Henrique IV, de França*

Também pássaros, relacionados com a doença do sono!

A môsca **tsé-tsé** é conhecida, em todo o mundo, como o agente de transmissão da temível doença do sono, da África. No hemisfério ocidental, conhece-se um tipo completamente diferente de doença do sono. Essa enfermidade é caracterizada por uma inflamação do cérebro, e pode afetar não só o Homem, como, também, o cavalo e outros mamíferos.

De há muito, sabemos, nas Américas, que os mosquitos se contam entre os agentes de transporte do germe que causa essa doença.

Agora, o «Serviço de Saúde Pública», dos Estados Unidos, acusa uma outra variedade de criaturas, **os pássaros** — especificamente a **pega** e o **melro** de asas vermelhas.

Estudos, agora efetuados, demonstraram que o germe causador da enfermidade pode ser transmitido de cavalos a pássaros e depois ao Homem, pela picada do mosquito. Nos cavalos, a doença é conhecida em alguns lugares como «enfermidade de Borna». Epidemias recentes da variedade humana da doença do sono, no estado norte-americano de Califórnia, despertaram um novo interêsse em relação a essa doença, sendo divulgado que a ocorrência da enfermidade, entre norte-americanos, tem aumentado muito desde 1948.

COMO VOCÊ RESOLVERIA ISTO ?

(Resposta da página anterior)

Com a minha mão livre, desatarrachei a lâmpada do fio pendurado. A seguir, retirei uma chave-de-parafuso do bôlso da calça e coloquei a ponta no interior da tomada, fechando o circuito. Imediatamente, o fuzível queimou, lançando tôda a casa em total escuridão. Então, minha mulher veio, correndo, pedir o meu auxílio e, após substituir, por mim orientada, o fuzível queimado e restabelecer a luz, pôde, também, livrar-me da difícil posição.

QUEM SABE EXPLICAR?

O vento impetuoso de março estava gemendo, através das colinas do Cumberland, e a aurora surgia muito baixa, como esmagada pelas nuvens escuras e pesadas, quando Eduardo Cranswell, senhor de Croglin Hall, e seu jovem irmão, Michael, conduziram pequeno grupo de agricultores e trabalhadores braçais ao cemitério. Silenciosamente, nessa manhã de 1876, passaram entre as filas de pedras tumulares — vagas, ensombreadas figuras, entre a névoa forte — protegidas por pesados capotes e carregando lanternas de luz indecisa. Dirigindo-se para a parte mais aberta, penetraram na parte mais antiga do campo mortuário, onde o tempo havia apagado os nomes das pedras, abrindo profundos sulcos nas muralhas das sepulturas familiares.

Os irmãos pararam diante do rústico portão de ferro de um dos maiores jazigos, de comprimento incomum e que era o arruinado túmulo de uma casa extinta e esquecida.

— Êste é um... — disse Eduardo. — Eu vi, quando êle desapareceu por baixo dêstes degraus!

Michael, curvando-se, agarrou as corroídas barras de ferro, puxando-as com tôdas as fôrças. O portão, porém, não cedeu.

Foi, então, apanhar uma das lanternas e inspecionou as pesadas correntes, que o fechavam. Ao primeiro olhar pareciam sólidas e intatas, como se não tivessem sido tocadas em cinqüenta anos. Mas, após um instante, descobriu que um elo estava mais roído pela ferrugem e que dava passagem ao seu par.

Com gesto decidido, puxou a corrente, provocando prolongados e desagradáveis sons. Finalmente, o portão foi aberto.

Eduardo, a esta altura, tirou do cinto uma pistola, preparou-a e, voltando-se para os seus acompanhantes, perguntou:

— Quem vem conosco?

Os lavradores hesitaram, com os olhares fixados nos velhos degraus cobertos de limo e no largo buraco negro, do qual subira, repentinamente, um insuportável odor de morte. Depois, três dêles se aventuraram, avançando e juntando-se aos dois irmãos.

Cada um dos cinco homens sustentava uma lanterna, sendo que Eduardo ainda empunhava a arma, ao descer — devagar e em silêncio. Chegados ao último degrau, pararam diante de uma porta, feita de sólido carvalho e reforçada com travessões de ferro. Michael encostou um ombro na mesma, que se abriu, com um rangido de revolta.

Agora, o fétido era insuportável e todo o respeito devido ao lugar tinha que ser abandonado. Tossindo ruidosamente e comprimindo o lenço contra o nariz, penetram na câmara subterrânea.

AGONIA DE TERROR — Segundos depois, os que esperavam do lado de fora ouviram pavorosos gritos de terror. Um dos «voluntários», um jovem pastor, Jem Croswell, surgiu, subindo os degraus em saltos

O VAMPIRO DE CR



EIS MAIS UM ARTIGO DA SÉRIE DE **MISTÉRIOS**, QUE OS LEITORES ESTÃO

prodigiosos, gesticulando com os braços, como se tivesse enlouquecido, e a fisionomia contorcida numa agonia de terror. Caiu nos braços dos companheiros, bulbuciando palavras incompreensíveis. Depois, num repelão, livrou-se dos que o sustentavam e deitou a correr, como se fugisse do próprio diabo.

Os outros quatro emergiram da câmara mortuária. Estavam pálidos, com os lábios secos, respirando com dificuldade e tendo nos olhos a marca do horror.

Aparentemente surdos às perguntas, nervosas e insistentes, dos outros lavradores, caminharam, afastando-se do local como homens atacados de sonambulismo, até cair, afinal, sem sentidos, sôbre o relvado do velho cemitério. Muitos minutos passaram antes de que voltassem a si e pudessem relatar uma terrível história, que os companheiros ouviram com tremores convulsos pelo corpo, revelando pavor em suas fisionomias transtornadas.

Os irmãos Cranswell tinham chamado todos êsses homens, arrancando-os da cama, no meio da noite — a fim de que os ajudassem na captura de um terrível criminoso, possìvelmente um louco fugitivo, que penetrava nas casas e atacava as mulheres. Eduardo havia perseguido o assaltante até àquele local, e vira o mesmo entrar no túmulo: — «Um homem alto, vestido grotescamente...».

OGLIN HALL

Por VALENTINE DYALL



CONVIDADOS A RESOLVER, DADO QUE, POR NÓS MESMOS, DESISTIMOS.

Mas, o que haviam visto, afinal, tinha sido coisa totalmente inesperada — coisa tão hedionda e fora do imaginável que, no próprio dizer de Eduardo Canswell: «... por alguns momentos imaginaram haver chegado às portas do inferno!»

Tôda a câmara estava coberta pelos destroços de antigos caixões mortuários. O seu horrendo conteúdo, pouco mais do que ossos com farrapos de roupas, tecidos mumificados e raros cabelos, estava espalhado pelo chão, horrìvelmente quebrado e torcido.

Só um caixão continuava intato. Estava isolado, no meio daquela pavorosa devastação, e ligeiramente aberto num dos lados. Em seu interior, jazia o corpo de um homem alto, magro e todo enrugado, quase tão sêco como uma antiga múmia, porém inteiro. Vestia roupa datando de, pelo menos, cem anos, inclusive longa sobrecasaca. E, dos cantos de seus lábios, desciam dois filetes de sangue, rubro e fresco!

Louco de terror, o jovem Jan Cronswell fugira, gritando desesperadamente. Os demais, sofrendo terrível choque, perderam a fala durante vários minutos.

Tinham, realmente, encontrado o assaltante no fundo do túmulo — mas não se tratava de criminoso nem maníaco. Era um vampiro!

Três horas mais tarde, em plena luz do dia e reforçados por mais uma dúzia de camponeses, retornaram ao cemitério, a fim de realizar o que era comum em várias regiões da Europa, quando se tratava de garantir a morte de um vampiro: cravar um largo punhal em seu coração e, a seguir, queimar o cadáver.

ESTRANHO, MAS REAL — Esse episódio inglês recorda, poderosamente, a terrível e mundial-

mente famosa novela de Bram Stoker, referente ao conde Drácula e extraída do folclore da América Central. Apenas uma diferença, embora grande: — vasta documentação parece provar que o caso do Vampiro de Croglin Hall não é uma ficção, mas um fato e um dos maiores mistérios da história! Além do mais, «O Conde Drácula» foi escrito em 1897, enquanto o fenômeno de Cumberland ocorreu entre os anos de 1875-76.

A estranha história pode ser lida em diferentes obras, notadamente nas páginas de «Story of My Life», de Augustus Hare; «Haunted Houses», de Charles G. Harper, e «The Vampire in Europe», do Rev. Montagne Summers. Há, naturalmente, discrepâncias nas três versões, mas nenhuma milita contra a verdade essencial: datas e nomes são incertos e, sem dúvida, muitos detalhes «embelezaram» o fato, evidentemente para aumentar a emoção do leitor, mas, para todos êsses cronistas, os fatos principais foram absolutamente comprovados.

Por várias centúrias, Croglin Hall — alternativamente chamado Croglin Grange — pertenceu a uma velha família do Cumberland, chamada Fisher. Era uma curiosa e linda casa, situada na parte mais empinada de uma colina, dominando milhares e milhares de terras onduladas e de vegetação baixa, com vastos campos que se estendiam em redor da igreja, num promontório, cêrca de um quilômetro distante da propriedade. E nunca, em tôda a sua longa existência, teve a casa mais de um andar.

SETE ANOS ALUGADA — Em 1873, o proprietário, um Fisher, decidiu, embora a contragôsto, deixar a casa, pois, havendo crescido em fartura a família e, mesmo, tendo comprado um importante negócio em Londres, via-se obrigado a transferir residência para o sul do país.

Segundo parece, tôdas as tentativas para vender a propriedade falharam, o que não era de estranhar, conhecendo-se a posição remota em que se achava Croglin Hall. Porém, no outono de 1874, os irmãos Cranswell e sua irmã Amélia visitaram a casa e ofereceram alugá-la por sete anos; após ligeira discussão, os Fisher aceitaram, mudando-se para Thorncombe, próximo de Guilford, no Surrey.

Ninguém pôde saber por que os Cranswell, gente razoàvelmente culta e viajada, decidiram viver nas asperezas do Cumberland, mas há provas fartas de que ficaram encantados com a sua nova residência — pelo menos nos primeiros meses em que ali viveram. Um membro dessa família, o capitão Fisher, assim declarou:

— «Dedicaram-se a cultivar todos os prazeres sociais do distrito, tornando-se muito populares...»

Mais tarde, no verão de 1875, houve um dia de terrível calor. Após o jantar, sentaram-se em boas cadeiras, na varanda, onde assistiram o deitar do sol. Não tardou que a lua surgisse sôbre a copa das árvores, entre a casa e o cemitério, dando à noite uma rara beleza. Ali permaneceram, gozando a aragem mais fresca da noite, até depois de meia-noite.

Sendo todos os quartos no rez do chão, Eduardo Cranswell sempre insistira que tôdas as janelas fôssem bem fechadas, à noite. Amélia, porém, achou que seu quarto estava bastante quente. Não desobedeceu à órdem do seu irmão, não fechou os batentes de madeira, fechando, apenas, as que eram formadas por caixilhos de vidro e venezianas. A seguir, apagou a lâmpada de azeite e recostou-se, voltada para a janela, para gozar, ainda por alguns instantes, a beleza da noite.

Gradualmente, olhando para o entrecruzado formado pelos galhos das árvores, sua atenção foi despertada por alguma coisa fora do comum. Dois pontinhos, de brilho pouco intenso e amarelo, apareciam e desapareciam, repetidamente, como se duas lanterninhas estivessem sendo carregadas juntas, através do pequeno bosque.

PARALISADA PELO MÊDO — Ao fim de pouco tempo, os dois pontos luminosos ficaram permanentemente à vista e ela compreendeu que deviam ter emergido das árvores. E caminhavam, aproximando-se da casa, com rapidez. Em poucos instantes, já haviam cruzado o campo relvado entre o bosque e Croglin Hall. Surpreendida e amedrontada, Amélia sentou no leito e, nesse instante, com um princípio de pânico, percebeu que eram pontos pequenos e redondos e que estavam fixados numa definida substância negra.

Num movimento instintivo, começou a movimentar-se para sair da cama, mas um repentino acesso de mêdo a deteve: a porta ficava próxima da janela e as luzinhas se aproximavam velozmente das vidraças! Abriu, então, a bôca, para gritar por seus irmãos, mas qualquer coisa, em seu espírito, lhe disse que aquilo devia ter qualquer lógica explicação, que, momentos depois, tudo ficaria esclarecido e que seus irmãos haveriam de rir de seus infundados terrores.

Nesse instante, as luzes pareceram desaparecer para um dos lados, como se pretendessem dar volta à casa. Saltou da cama e correu para a porta. Estava fechada por dentro e, na sua excitação, perdeu muito tempo. Então, ouviu um som medonho — como o de um animal resfolegante, forçando e arranhando as vidraças...

Voltando-se, viu as duas luzes a menos de dois passos de distância dela mesma. Não eram duas lanternas. Eram olhos — medonhos e luminosos, encaixados num rosto terrível e escuro!

Durante alguns segundos, Amélia não pôde fazer um movimento: os dois olhos pareciam fasciná-la. Tentou gritar, porém seus pulmões pareciam endurecidos e gelados e nenhum som saiu de sua garganta. Enquanto isso, o monstro continuava atacando a vidraça, tentando entrar no quarto...

Apesar de seu terror, sentiu uma espécie de confôrto mental, em razão do conhecimento que tinha da resistência da janela. Isso lhe restituiu o poder do movimento. Frenèticamente, lutou contra a fechadura da porta. Porém, suas mãos trêmulas não acertavam com a fechadura e a chave acabou caindo no chão do quarto escuro.

Nesse instante, os ruídos de unhas contra as vidraças cessaram, sendo substituídos por outros sons. Sem voltar a cabeça, ela compreendeu que a criatura, fôsse lá o que fôsse, estava galgando o peitoril!

Agora, a voz voltava! Grito após grito encheu tôda a casa, quebrando, tràgicamente, o silêncio que reinava. Porém, os ruídos continuaram até que os dois irmãos chegaram, correndo e, antes de que tivessem vencido a porta, uma vidraça caiu no

interior do quarto. Então, um braço longo e quase sòmente osso torceu o trinco e penetrou no quarto.

Amélia pouco pôde recordar do que acontecera. O choque e a histeria empanaram a sua memória. Pôde, apenas, dizer a respeito dos olhos luminosos, que avançavam... uma figura muito alta e muito magra, curvando-se sôbre ela... com mãos tôda ossos envolvendo o seu pescoço — e depois mais nada.

Durante o ataque, os irmãos se encontravam a menos de três passos de distância, lutando contra a porta, ouvindo o duído dos móveis deslocados no interior, enquanto sua irmã lutava pela própria vida. Quando, finalmente, puderam arrombar a porta e penetraram no quarto, Amélia jazia, inconsciente, nos pés da cama, perdendo muito sangue de ferimentos profundos numa das faces, na garganta e nos dois ombros.

Michael correu para a janela aberta e avistou o assaltante, atravessando o descampado, agora banhado pelo luar. Saltando, por sua vez, o parapeito, iniciou a caçada. Porém o vulto, alto e magro, parecia executar passadas de gigante, como se deslizasse, e, ganhando mais e mais distância, desapareceu entre as árvores. Michael perdeu os seus traços e, por isso, tratou de voltar, a fim de ajudar Eduardo, que atendia a irmã.

Amélia estava sèriamente ferida. Trataram de estancar o sangue, porém a respiração dela era difícil e continuava desmaiada. Eduardo caminhou três milhas para ir chamar o médico, o qual, depois de examinar os ferimentos, declarou: «Isto foi feito com dentes! Ela deve ter sido atacada por algum animal.

ÀS PORTAS DA MORTE — Durante os dois dias em que Amélia estêve às portas da morte, seus irmãos tentaram identificar seu assaltante. O médico acreditava que os ferimentos podiam ter sido causados pelos dentes de um enorme cão, sugerindo que Michael, na excitação do momento, acreditara ver a esguia figura de um homem.

Mas, como podia um cão quebrar a vidraça da janela e torcer o trinco interior da mesma? E, como não tinham ouvido qualquer latido do animal?

Um agricultor da região, tendo ouvido falar nesse ataque, apareceu em Croglin Hall, para informar que muitos outros crimes similares tinham ocorrido naquele distrito. Sua própria casa fôra atacada, em plena noite, dois anos antes. Alguém mordera sua irmãzinha, de doze anos, ferindo-a, gravemente, no pescoço, faces e ombros — deixando-a, irremediàvelmente, desfigurada. Porém a infeliz nunca pudera descrever seu assaltante — pois nem sequer o havia visto!

Também em outras casas, segundo o testemunho de diferentes agricultores, as mulheres haviam despertado, altas horas da noite, sob o violento ataque «de um terrível monstro, parecendo um homem, tentando arrombar janelas ou já no interior dos quartos». Mas, nesses casos, as vítimas haviam podido gritar a tempo e o intruso fugira.

Quando Amélia começou a recuperar a saúde, os seus irmãos decidiram que era melhor proporcionar-lhe uma mudança de clima e de ambiente. Ela era uma criatura robusta e de boa disposição, que não acreditava em fantasmas nem tinha o terror dos supersticiosos.

— O que aconteceu — disse ela, revelando coragem — foi coisa extraordinária... Mas, sem dúvida, tem uma explicação e gostaria de ficar aqui mesmo, a fim de tudo esclarecer. Com certeza, algum lunático fugiu de um asilo e veio para cá. Vocês vão ver que estou com a razão.

(Cont. na pág. 117)

COMO VOCÊ RESOLVERIA ISTO?

EU trabalhava na minha garagem, numa fria noite de inverno, quando, descuidando-me, fiquei com dois dedos presos às ferragens. Não distante da garagem ficava a nossa cozinha, onde eu podia ver a minha espôsa cuidando do jantar. Podia, igualmente, ouvir muito bem o rádio que ela havia ligado, mas, por isso mesmo, ela não podia ouvir os meus gritos desesperados!

Eu usava uma lâmpada de extensão, pendurada por um fio ao teto da garagem e ligada ao circuito da casa. Tentava ajustar uma peça no trator, mas, não tendo luz suficiente para verificar a posição da rôsca, resolvi apelar para o tato e introduzi a mão entre as ferragens. Neste momento, com um movimento inadvertido da mão direita, movi o mecanismo da roda livre do trator, que prendeu dois dos meus dedos. Estava prêso, sem remédio, a não ser que obtivesse a ajuda de alguém, que fizesse o mecanismo mover em sentido contrário. Por isso, comecei a gritar por minha mulher. Minha voz foi inútil e acabei rouco e mais irritado ainda. Não me ouvia! Então, refleti e usei a minha cabeça.



Sabe o leitor como resolvi a minha situação? Na página seguinte encontrará a resposta.

TUDO pode acontecer na vida de um casal, inclusive o marido não comer o almôço da espôsa. Por isso, os tribunais se vêem esmagados, sob um aluvião de casos de difícil solução.

★

INSULTO IRREPARÁVEL — Depois de haver a espôsa trabalhado como escrava, a tarde inteira, cozinhando um bom jantar para o marido, pode êste chegar ao lar trazendo sanduíches e comêlos, desprezando os "quitutes" feitos em casa? — Não. Um marido deve procurar homenagear a arte culinária da espôsa, mesmo que isso venha a matá-lo. O contrário será um insulto irreparável! — sentenciou a Côrte Suprema da. Flórida, EE. UU.

★

ALGUMAS "CONTINHAS" — Pode um homem queixar-se porque a sua espôsa continua a gastar em roupas tanto quanto gastava antes do casamento? — Não. Na sociedade moderna é, geralmente, aceitável que o marido passe a vestir-se com mais economia, depois do casamento — decidiu o Tribunal Superior de Berlim, a capital alemã.

★

E ESTA? — Pode uma noiva negar-se a iniciar a "lua-de-mel" até que o marido se decida a raspar o bigode? — Não. Porque o decôro exige que ela espere, pelo menos, vinte e quatro horas, antes de começar a reformar o marido — decidiu a Côrte de Apelação de Kentucky.

★

O MARIDO E' QUEM ESCOLHE — Tem o marido o direito de escolher as amigas de sua espôsa?

— Êle talvez não deva dizer à espôsa que amigas pode ter, mas, certamente, pode dizer que amigas *não* pode ter! — sugere, tranqüilamente o Superior Tribunal de Londres.

★

É PRECISO HAVER TEMPO PARA OS BEIJOS, TAMBÉM — Pode um marido gastar todo o seu tempo ganhando dinheiro?

— Não, porque "um dos vícios mais desprezíveis é o de amar o dinheiro. Um homem afetado por êsse vício, ao ponto de esquecer os seus deveres de amigo e companheiro afetuoso de sua espôsa, merece ser apontado como péssimo marido" — sentenciou o Tribunal Superior de New York.

A "LUA DE MEL" E A LEI...



Quem deve economizar com as roupas, depois do casamento. O leitor não sabe?

REGIME DA FOME — Pode um homem deixar de sustentar a sua espôsa, até que ela se resolva a ser menos faladora e implicante?

— Não, porque a fome não melhora a disposição de uma espôsa! — declarou o Tribunal Superior de Paris.

★

ELA, PRIMEIRO! — Se a mulher desmaia quando o marido está tomando o café matinal, pode êle acabar de sorver a rubiácea antes de ir levantá-la do chão?

— Não! Nem mesmo que o café venha a esfriar! — sentenciou a Suprema Côrte do México.

O PRÍNCIPE QUE TROCOU O TRONO POR UM AMOR.

O QUE NÃO DISSE O DUQUE DE WINDSOR

(VII) — DUELO DE MORTE: BALDWIN CONTRA O REI.

A hora é trágica e difícil para todos. Enquanto os quatro irmãos discutem, sem testemunhas, em Forte Belvedere, em Londres, considerável multidão aguarda, diante do Palácio de Picadilly, onde habitam o duque e a duquesa de York.

Hoje, ainda, êles são apenas duque e duquesa. Que serão amanhã?

Os primeiros visitantes oficiais vão surgindo. Todos trazem flores para a duquesa.

À tarde, vários milhares de pessoas se comprimem diante do Parlamento. Todo o mundo espera...

★

Segundo a tradição, a sessão do Parlamento é iniciada com uma prece pelo rei Eduardo.

Nos camarotes destinados ao Corpo Diplomático, como na bancada de Imprensa, não há um lugar vago.

Às 14 horas, mr. Baldwin desce do seu automóvel e, sem olhar para os lados, penetra na Casa do Parlamento. Um secretário o acompanha, sobraçando uma pasta entulhada de documentos. Um dêles é o discurso que vai pronunciar; outro, uma comunicação do rei, que êle passa ao **speaker** da Câmara dos Comuns, o capitão Fitzroy, revestido da longa pelerine e tendo a cabeça coberta pela peruca branca.

A comunicação do rei, no entanto, não será lida antes de 15 horas e 45 minutos, a fim de que as proclamações possam ser lidas, ao mesmo tempo, em todos os Domínios.

Às 15 horas e 43 minutos, mr. Baldwin se ergue da cadeira presidencial e anuncia:

— Tenho uma comunicação a fazer a esta Casa, da parte de Sua Majestade.

Nesse instante, o capitão Fitzroy se levanta e lê:



Mr. Baldwin retorna a Downing Street, número 10, com o documento da abdicação sob o braço



Implacável e astucioso, o homem de negócios do Império Britânico, Baldwin, se dirige para a primeira recepção do rei George VI.

«Após madura reflexão, resolvi renunciar ao trono ao qual acedi por morte de meu pranteado pai. Hoje, submeto ao Parlamento a minha decisão irrevogável.

«Plenamente consciente da minha decisão, resta-me, apenas, esperar que o povo venha a compreender a decisão que me vi forçado a tomar, assim como as razões que a inspiraram.

«Não quero, agora, exprimir meus sentimentos íntimos, mas apenas rogar ao meu povo que reflita sôbre êles: o pêso que repousa, de maneira contínua, sôbre os ombros de um monarca é tão pesado, que não posso suportá-lo nas circunstâncias atuais.

«Não creio haver faltado ao meu dever. Coloco acima de tudo o interêsse comum e declaro estar plenamente consciente de não mais poder cumprir, de maneira satisfatória, meu dever, relativamente ao meu povo. Eis porque assinei, esta manhã, um ato de abdicação nos têrmos seguintes:

— «Eu, Eduardo VIII, rei da Grã-Bretanha e da Irlanda, dos Domínios britânicos de ultramar, imperador da Índia, faço conhecer a minha resolução irrevogável de renunciar ao trono, por mim e por meus descendentes; é meu desejo absoluto que êste ato de abdicação entre imediatamente em vigor.

«Para dar ao mesmo todo o seu valor, aqui assino, hoje, décimo dia de dezembro de 1936, em presença das testemunhas, cujas assinaturas aqui ficam, igualmente, apostas. — Assinado: Eduardo R. I.

«As testemunhas que assinam são meus três irmãos, os duques de York, de Gloucester e de Kent.



A fisionomia angustiada do duque de Windsor mostra quão profundamente foi êle ferido pela tragédia.

«Antes de me decidir a tomar uma tal decisão, pesei tôdas as conseqüências.

«Despeço-me de todos, esperando que a minha decisão possa consolidar o trono e o Império e assegurar a felicidade de meus povos. Sou muito grato, a todos, pela estima que por mim revelaram após a minha acessão ao trono. Espero que a reservem na mesma medida para o meu sucessor.

«Desejo, de todo o coração, que nenhuma dificuldade venha a atrasar a execução dêste ato, a fim de que o meu sucessor legal, meu irmão, o duque de York, suba ao trono. Assinado: — Eduardo, R. I.»



Essa proclamação, lida um pouco ràpidamente, sem intonação especial, a ninguém surpreende. No entanto, todos os que ali se encontram têm a sensação de assistir a uma tragédia sem precedente.

Um silêncio de morte, que se prolonga durante mais de um minuto, sucede a essas palavras.

Mr. Baldwin se ergue, finalmente.

— Quando retornei de viagem — disse êle — estava inquieto. Havia recebido numerosas cartas de súditos britânicos e, também, de norte-americanos de origem britânica. Tôdas exprimiam inquietação a respeito da publicação, na imprensa dos Estados Unidos da América do Norte, do caso Simpson. Alguém tinha que procurar o rei, a fim de o colocar em guarda.

«Nestas circunstâncias, considerei que era eu o único que podia discutir com Sua Majestade a respeito da situação. Não procurei o conselho de qualquer dos meus colegas do ministério. Disse ao rei que desejava falar-lhe, em particular, no castelo de Fort Belvedere.

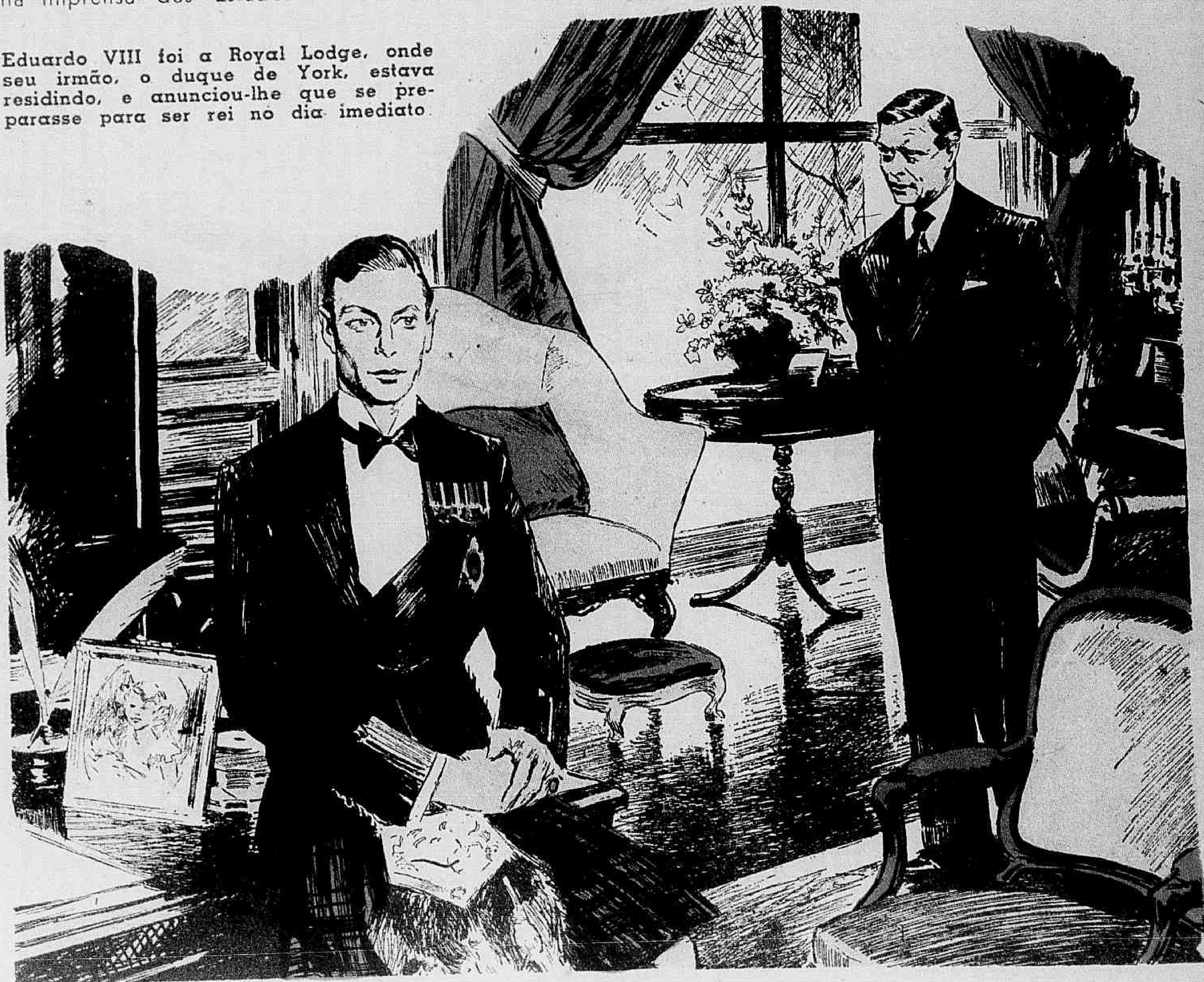
«De fato, ali conversamos na terça-feira, 20 de outubro. Declarei, então, a Sua Majestade, que o caso Simpson começava a me causar sérias preocupações. Críticas incessantes surgiam na imprensa norte-americana e dos Domínios, principalmente no Canadá. Sem dúvida, não tardariam a ter forte repercussão na própria Inglaterra.

«No correr da conversação, o rei me afirmou, várias vêzes:

«— Devemos tratar dêste caso entre nós. Absolutamente entre nós. Desejo que ninguém mais tome parte.»

«Roguei, então, ao rei, que refletisse sôbre tudo o que lhe dissera. Não lhe pedi, então, nenhuma resposta...

«Tornei a ver Sua Majestade na segunda-feira, 16 de novembro, no palácio de Buckingham, logo após o divórcio de mrs. Simpson ser anunciado.



Eduardo VIII foi a Royal Lodge, onde seu irmão, o duque de York, estava residindo, e anunciou-lhe que se preparasse para ser rei no dia imediato.



Alijada, violentamente, das proximidades da côrte e recusada, com escândalo, do trono, Wally Simpson resignou-se a ser a duquesa de Windsor e, desde então, coleciona outros cetros, talvez mais caros a tôdas as mulheres: o de rainha da elegância. De fato, desde o grande drama, é ela a cabeça da lista das dez mulheres mais elegantes do mundo, segundo a opinião dos cronistas internacionais especializados.

abdicação irrevogável, Eduardo VIII, chorando, abraçava-se a sua mãe, a Rainha Mary (que não foi chamada quase nunca de Rainha-Mãe, pois não ficou envôlta, depois da morte de George V, na nebulosa familiar do que poderíamos chamar as classes passivas da coroa; continuava sendo a Rainha Mary, uma grande figura, um dos exemplares humanos mais assombrosos de sua época).

Discute-se, agora, depois de sua morte recente, se a rainha Mary prolongava o tom de severidade de Buckingham Palace do tempo da rainha Vitória ou havia entrado na evolução para uma maior liberdade e simplicidade de normas. Esta última versão se origina nos velhos líderes da massa operária socialista, interessados na conservação do respeito pela Monarquia, como símbolo da unidade e continuidade da nação e da Commomwealth. Qual a opinião da rainha Mary sôbre a atitude do filho?

Aqui damos a palavra ao próprio Eduardo VIII, hoje duque de Windsor, que assim nos conta em seu livro, «História de um Rei».

«— Nem minha mãe, nem minha irmã (Mary, também) condenavam o meu amor por Wallis e, no íntimo, simpatizavam com a minha causa. Porém, quando lhes falei da oposição do primeiro ministro e do govêrno, relativamente ao meu casamento, e quando compreenderam que

«O rei solicitara minha presença em palácio e conversamos cêrca de vinte minutos, relativamente a um eventual casamento. Disso dei ciência a apenas quatro de meus colegas do Gabinete.

«Na mesma ocasião, revelei a Sua Majestade a minha opinião. Êsse casamento não seria aprovado pelo grande público, dado que a espôsa do rei da Inglaterra tinha que ser, forçosamente, uma mulher acima da espôsa de qualquer cidadão inglês. Para a escolha de uma rainha, a voz do povo tinha que ser ouvida. Da decisão do rei dependia, portanto, a segurança e o bem-estar de todo o Império...

«A isto, o rei replicou o que repito aqui com a sua autorização:

«— Desposarei mrs. Simpson e estou pronto a me afastar!»

Nessa mesma hora, no instante mesmo em que o Parlamento tomava conhecimento oficial da

nem sequer a perspectiva de abdicação me desviaria do meu propósito, compreendi que ficavam consternadas. Minha mãe foi educada no cumprimento do dever acima de qualquer outra coisa na vida, com a interpretação estóica do dever da época vitoriana. Do ponto-de-vista da virtude e da correção, contempla o resto da Humanidade como do alto de uma fortaleza. Para ela, a Monarquia é coisa sagrada e o soberano uma personagem à parte. A palavra DEVER caiu entre nós. Mas não se tratava de que eu abandonara o meu dever. O que nos separava era um conceito diferente de realeza. Eu estava disposto — e bem disposto — a servir a meu povo em tudo aquilo que se espera de um rei e de um chefe de Estado. Assumira, com imenso orgulho, o conjunto de responsabilidades que identificam o rei com tôdas as fases da vida nacional e imperial. Porém, insistia no direito de casar-me de acôrdo com os meus sentimentos pessoais.»

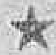
Eduardo VIII, porém, continuava sendo o seu David, o seu primogênito, o filho que ela criara, juntamente com o marido, para, por sua vez, subir ao trono...

«Apesar do domínio sôbre si mesma — prossegue o duque de Windsor, no citado livro — minha mãe não podia ocultar sua grande desventura. Porém, não fêz o menor esfôrço para dissuadir-me. Talvez a sua atitude passiva se devesse a que, conhecendo-me tão bem, imaginava que não conseguiria evitar o irremediável, e que eu não retrocederia de seu propósito. Porém, havia algo mais... Sabia, também, que eu não era apenas o seu filho mais velho e o seu favorito. Era, também, o rei!



No próximo número:

O CLÍMAX DO DRAMA

EM SUBMARINO, A QUILÔMETRO E MEIO... ACIMA DO NÍVEL DO MAR

AS equipagens dos submarinos do último modêlo poderão, a qualquer momento, respirar um "ar de montanha", tão rareificado como o de qualquer cidade ou região situada a quilômetro e meio acima do nível do mar. Isto, é claro, em razão da existência do tubo "snorkel", pelo qual o submarino respira, com a ajuda dos seus poderosos "diesels". Quando, *na superfície*, as vagas envolvem, temporàriamente, a parte de tomada de ar do "snorkel", um alçapão obstrui a passagem, automàticamente. Em poucos instantes, por seus tubos de "escape", os motores "diesels" podem evacuar, ao mesmo tempo, uma quantidade de ar suficiente para colocar a pressão atmosférica, no interior do submarino, ao nível da que se tem, geralmente, a uma altitude de 1 500 metros acima do nível do mar.



CONSELHOS DE UMA QUITUTEIRA

GRACIELA ELIZALDE



PASTEL DE LIMÃO AMBRÓSIA

1 xícara e meia de açúcar
1/2 colherinha de creme de tártaro
4 claras de ovos
4 gemas de ovos
1 colher de limão ralado
1/8 de colher de sal
2 xícaras de creme grosso batido
3 colheres de suco de limão

Misture o açúcar e o creme de tártaro. Ponha as claras num recipiente pequeno e bata-as durante doze minutos, até que o suspiro tome um aspeto sedoso e fique bastante duro, para que se possa dar-lhe forma. Ajunte o açúcar, pouco a pouco, sempre batendo muito, para que o suspiro se conserve duro.

Unta-se uma fôrma e vai-se formando com o suspiro uma concha ôca no centro e bem alta para os lados, tendo-se o cuidado de não deixar o suspiro prender nos lados da fôrma. Põe-se o suspiro no forno, durante uma hora, e deixa-se esfriar, depois.

Poem-se as gemas de ôvo numa caçarola pequena e bate-se, ligeiramente, ajuntando-se meia xícara de açúcar, o suco de limão, a casca de limão ralada e o sal. Cozinha-se essa mistura em fogo brando, até ficar bem grossa e deixa-se esfriar, depois. Bate-se o creme, até que fique bem grosso, e divide-se em duas partes, misturando metade com o creme de limão. Enche-se a concha de suspiro com o creme de limão e, em seguida, usa-se o resto do creme batido para enfeitar o doce. Deixa-se no refrigerador, durante 24 horas, antes de servir.

LARANJADA GELADA

6 xícaras de suco de laranja
4 xícaras de sorvete de baunilha
4 talhadas de laranja

A laranjada gelada se prepara separadamente. Em seguida, coloca-se o suco de laranja em quatro copos, coloca-se uma porção de sorvete em cada copo, enfeita-se com as talhadas de laranja e serve-se imediatamente.

ONDE EXISTEM, REALMENTE, TELEFONES...

(DADOS OBTIDOS NO ANO DE 1950)

A Companhia Telefônica de New York instalou, há pouco tempo, o quinto milionésimo aparelho telefônico no Estado de New York, que conta, agora, com quase um oitavo dos 41 790 000 aparelhos existentes nos Estados Unidos. Isto significa que, naquele país, existem 26 telefones para cada 100 pessoas, comparados com a média de 22,8 da Suíça, que é o país no qual existe maior número de aparelhos dêsse tipo, depois dos Estados Unidos. De acôrdo com os relatórios daquela Companhia Telefônica, o Estado de New York apresenta a média de 35,5 aparelhos para cada 100 pessoas e a cidade de New York vem em primeiro lugar, entre tôdas as do mundo, com a média de 37 telefones para cada 100 cidadãos.



★

PELOS serviços telefônicos que lhes foram prestados, os residentes no Estado de New York pagaram, em 1952, a quantia de 441 479 740 dólares, tornando a Companhia Telefônica o maior contribuinte do impôsto sôbre a renda, em todos os Estados Unidos. Êsses serviços auxiliaram, também, o pagamento de 250 000 000 de dólares aos 71 000 empregados da Companhia. Dessa grande quantidade de pessoas, 9 220 estão lotadas na cidade de New York, como operadores e, sòmente no Estado de New York, existem 22 274 operadores; em todos os Estados Unidos, 210 000 mulheres trabalham como telefonistas, nas chamadas locais e a longa distância.

★

NO mês de junho de 1950, o número médio de chamadas telefônicas, realizadas cada dia, nos Estados Unidos, elevou-se a 87 000 000. Durante os cinco anos seguintes, houve um aumento de 63 por cento, aumentando essa média de chamadas telefônicas para 142 000 000, ou seja, quase uma chamada diária, para cada habitante do país.

★

PROVÀVELMENTE, o maior número de telefonemas já feito para um só número teve lugar em abril de 1945 (quando terminou a guerra na Europa). Em quatro dias, 841 491 pessoas discaram Meridian 7-1212, a fim de obter as últimas notícias mundiais. Ordinàriamente, apenas 261 000 chamadas telefônicas seriam feitas para êsse mesmo número, num período de tempo semelhante.

★

O maior número de telefonemas, já feito na cidade de New York, em um único dia, foi registrado em 29 de dezembro do ano de 1947, quando a Companhia Telefônica e as demais companhias que com ela trabalham em conexão registraram a fabulosa soma de 18 292 516 chamadas. Crê-se que êsse imenso número de telefonemas foi acarretado pela maior tempestade de neve já ocorrida naquela cidade dos Estados Unidos, a qual teve lugar no dia 26 daquele mês e ano.

A mais demorada chamada telefônica de longa distância, já registrada, foi a que durou cento e setenta e sete minutos, de Washington, D. C., para a cidade de Buenos Aires.

A maior distância já alcançada numa chamada telefônica transcontinental, foi a que se realizou de Los Angeles para Hobart, na Tasmânia.

Estendeu-se por dezessete mil, seiscentos e noventa e oito milhas aéreas, via New York, Londres e Sydney.

POR TRÁS DA PORTA AMARELA

Romance de VALENTIM WILLIAMS

Deteve-se, pensativo, depois prosseguiu:

— Ela bem poderia ter feito uma parada em casa de Barry, antes de seguir para a Ópera. Mas, duvido. Ela disse a Manderton haver viajado num táxi, que Frank tinha ido chamar, e não disse isso levianamente, pois que o inspetor, com facilidade, acabaria encontrando o veículo, a fim de confirmar seu depoimento. Mas, depois do espetáculo?

— Não vejo como teria tempo. Ela declarou ao inspetor que, às onze horas e vinte e cinco, havia trocado algumas palavras com o porteiro da embaixada americana. Os Bryce, em seguida, a levaram de automóvel.

—. *Convent Garden* não fica distante de *Mayfair Row*. Ela poderia ter escapado alguns instantes do teatro...

— Sem que os Bryce o notassem?

— Ou de conivência com êles.

— Por que teria necessidade de fazer isso? Você e eu sabemos que Gerry tinha ido muitas vêzes, antes do jantar, à residência de Barry, sem precisar de pretextos ou de fazer as coisas escondidas. De resto, o estado de Barry, com o pé fraturado, lhe daria um bom pretexto.

— Quem nos diz que ela não telefonou, esta manhã, aos Bryce?

— Como? Com os jornais cheios de notícias do assassinato? Não diga tolice, Rod!

Êle protestou, amargo:

— Decididamente, você está do lado dela...

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Miss Innesmore, Aline Innesmore, norte-americana, em visita a amigos em Londres, Sir Charles Rossway e lady Julia Rossway, vive com êles na majestosa e aristocrática mansão de Mayfair, conhecida por Frant House, onde também vivem os filhos do casal, Sholto, atualmente numa propriedade da Kenia, na África Oriental; Geraldine (Gerry), espôsa de Sholto e que não quis ficar ao lado do marido nas terras estranhas, e Rodney, o filho mais moço, solteiro. Num anexo de Frant House vive Barrasford Sweje, solteirão, qeu alugou êsse apartamento a seus velhos amigos Rossway. Entre Sholto e Gerry a situação estava esfriando bastante, com grande desgôsto de lady Julia, que via também, com grande desagrado, as relações, exageradamente cordiais, entre Swete e sua nora, Gerry. À tarde, preparando-se para a grande recepção desta noite, no palácio real, onde seria apresentada à côrte, por lady Julia, Aline recebe um recado de Swete e, visitando-o, verifica que êle sofreu um acidente, ferindo-se num pé, o que o impediria de ir, à noite, apreciar a sua toilette de côrte, na casa dos Rossway. Aline promete-lhe, então, que, ao regressar de Buckingham Palace, iria visitá-lo, em companhia de Gerry, para que êle pudesse ver como era lindo o seu vestido. Tudo corre conforme o combinado, tendo apenas Gerry faltado ao encontro, por se haver aborrecido com Rodney que, em nome de lady Julia, pedira-lhe, e quase exigira, que deixasse de visitar Swete. Mesmo assim, Aline despede-se de lady Julia, que se prepara para dormir, e sai para tirar fotografias e, em seguida, visitar Swete, embora ligeiramente, para cumprir a sua promessa. Ao chegar, porém, ao patamar superior, encontra a porta fechada e nota que a luz que vira brilhar, ao saltar do automóvel, se extinguira, reinando, agora, completa escuridão no interior do apartamento. Desce, decidida a voltar diretamente para casa, quando verifica, juntamente com o «chauffeur», que a barra do seu vestido está empapada de sangue, assim como os sapatos. Nesse instante, surge Rodney, que também regressava para casa e, ao ver o que ocorria, sobe com o «chauffeur», derrubam a porta e encontram Barry inanimado ou morto, banhado em sangue. Na sua mão direita está um revólver. Rodney manda o «chauffeur» chamar o dr. Pargetter, médico da família, e procura acalmar Aline, que julga ter visto alguém sair do apartamento, perdendo-se logo no «fog». O dr. Pargetter aumenta o alarma declarando que aquilo não fôra suicídio, mas assassinato, pois a pistola não está descarregada e o seu calibre não era o mesmo da arma com que Swete fôra assassinado. Rodney diz a Aline que esconda a sua visita ao apartamento, pois êle dirá à polícia que tinham ido juntos visitar Swete. Isto a livraria de aborrecimentos futuros. Pouco depois, surge um policial que, avisado pelo «chauffeur», vinha colhêr detalhes e, pouco depois, surge o próprio inspetor Manderton, com o legista e o técnico de impressões digitais. Manderton, o inspetor-chefe, interroga os criados, o médico, rebusca a casa inteira, auxiliado por Dene, um jovem policial, especialmente encarregado das impressões digitais e que encontra pó-de-arroz diante do grande espelho da lareira. Tudo isso assusta cada vez mais Aline, que pensa apenas em Gerry. Pouco depois, Manderton interroga lady Julia e esta, com superioridade e sorrindo, não deixa o detective tomar pé. O mesmo não acontece com Gerry, que se rebela contra a insistência com que o inspetor deseja saber detalhes e responde com altivez, irritando o policial, que, por sua vez, teima em apanhá-la em contradição. Quem mais se preocupa com a situação de Gerry é Aline. Para refletir melhor sôbre os fatos, recolhe-se ao «court» de tênis, onde é surpreendida pelo assistente de Manderton, que com ela conversa banalidades, embora, no fundo, quisesse sondar seus pensamentos. Quando vai mostrar uma curiosa berlinda do século XVII, que ali é guardada, recua e, com uma desculpa, despede o policial. Surge Rod e Aline faz uma trágica revelação. No interior da berlinda há um revólver, escondido sob uma almofada. Interrogam Larking, que se perturba, mas afirma ignorar a quem pertence a arma. A seguir, surge Gerry. Ao ver a arma declara que lhe pertence. Fôra um presente de Sholto. E essa arma só podia ter sido roubada, na véspera, da gaveta do seu «boudoir», onde a guardava. Quem sabia da existência da arma? Quem a tirara do quarto de Gerry? Rod declara que vai entregar o revólver a Chass e fará o que êste resolver que se faça. Depois do almôço, Aline e Rod vão a um jardim público, onde tratam de elucidar os próprios movimentos da véspera e chegam à conclusão de que possuem bons alibis. Os outros, procurariam saber, depois. Quanto a Gerry, seus passos pareciam bem esclarecidos. Rod informa nesse momento que, por conta própria, telegrafara a Sholto, em Nápoles, pedindo o seu imediato regresso.

— Claro! Que atitude achava você que eu devia assumir?

— Pois seja! Agora, continuemos... Estávamos falando de...

Novamente, seus olhares se cruzaram.

— De Larking.

— Sim, Larking! Que tem você a dizer sôbre êle?

— Êle estava no *hall*, quando voltamos da côrte. Foi êle quem entregou a lady Julia a correspondência noturna. Também êle fêz questão de me ver sair. Frank também.

— Pelo que vejo, resta Murchie, na nossa lista de suspeitos. Você sabe que êle estava ciente da existência dêsse revólver... Portanto, pergunto: que diz a seu respeito?

— Êle lá estava, quando saí para ir ao fotógrafo.

Rodney ficou um instante refletindo e observando o gramado.

— Se voltássemos para casa? — propôs, afinal. — Conversaríamos um pouco com Larking. Por êle saberíamos, ao menos, o que fizeram os outros, depois que você saiu. O momento é bom, com Chass e mamãe fora de casa. Se, por outro lado, a sorte nos fizesse encontrar Murchie, sondaríamos, também, do lado dêle. Vamos?

— Vamos, sim — respondeu Aline.

Êle se ergueu e a seguir ofereceu-lhe a mão para que fizesse o mesmo.

Quando atravessavam o relvado, na direção de Park Lane, ela tornou a falar:

"— Eu gostaria, se você permitisse, de ser útil. Estou há pouco tempo neste país, não pertenço à família e, por assim dizer, faço figura nula. Por isso mesmo, posso julgar melhor uma parte a que não pertenço. Você não concorda? E, no entanto, consentiria que caminhássemos juntos, na dificuldade atual?

Havia corado ao falar. Seus olhos calmos estavam sérios e graves.

— Se isso lhe causa prazer, confesso que ficaria muito contente, por minha parte, Aline — respondeu Rodney, sem muita convicção.

— Não se trata disso — replicou ela, em tom firme. — No fundo, creio mesmo que você compreendeu... O transe diz respeito a todos nós. Uma vez a polícia tendo apanhado o revólver, como podemos prever o que ela fará? Você poderá ser suspeitado, como eu também... Pois bem, à medida que os acontecimentos forem progredindo, prometamos, um ao outro, que tudo revelaremos, sem cuidado por nós mesmos, sem cuidado, também, pelos outros! Só assim saberemos em que estamos e, talvez, dessa maneira, conseguiremos alcançar a verdade. Vamos fazer um pacto? Ou pensa você que estou divagando? Se assim acredita, pode dizer com tôda a franqueza, pois não me zangarei.

— Não penso tal coisa — protestou êle, com emoção. — Admirei você em todo êste sinistro assunto; com sinceridade, só posso ficar entusiasmado e grato a você pela nossa aliança. Preciso, absolutamente, de alguém a quem me confiar, sem o que seria capaz de explodir, receio muito. Tudo o que eu sabia, contei a você. Você fêz o mesmo?

Chegavam à extremidade da avenida que se volta para o *Arco de Mármore*. E Rodney parou diante de Aline.

— Sim — disse ela, voltando para êle os seus olhos que nada tinham a dissimular.

— Mas conservando para você mesma — objetou Rodney, com malícia — alguns detalhes, como, por exemplo, *certa história de um lenço perdido*?

Ela corou fortemente.

— Você entendeu o que me dizia Gerry?

— Naturalmente.

— Rod — prosseguiu ela, segurando-o por um braço — por favor... Deixe Gerry em paz. Mesmo que ela tenha ido visitar Barry, na noite do drama, tenho a certeza de que ignora tudo a respeito do crime! Sei que, se soubesse — um pouquinho que fôsse — já nos teria falado!

Êle respirou fortemente, antes de dizer:

— Que dificuldade saber em quem devemos acreditar!

— Então, é negócio concluído? — perguntou ela, oferecendo-lhe, timidamente, a mão.

— Sim. Estamos associados — replicou êle, com um sorriso afetuoso.

E suas mãos se juntaram.

— Agora — continuou ela — preciso confessar que conquistei um aliado que nos poderá ser muito útil: o auxiliar de Manderton!

— Hein? O rapazinho de Cambridge, Dene?

— Êle mesmo! Desde o princípio êle se mostrava... complacente comigo.

— Complacente?

Rodney compreendeu, muito tarde, que tinha sido pouco galante com a sua surprêsa.

"— Quero dizer... — disse gaguejando.

Porém, o riso de Aline cortou sua palavra.

— A culpa foi minha. Creio que devo preveni-lo desde já... Sou uma mulher fatal! Uma dessas criaturas que provocam uma revolução. Vim à Europa com a missão secreta, do meu govêrno, de corromper os jovens policiais inocentes.

— Perdão, Aline! — suplicou Rodney, corando. — Você bem compreendeu o sentido da minha surprêsa. Fiquei escandalizado com a ousadia dêsse rapaz. Quem diria! Um detectivezinho...

— Êle não é um detective qualquer. Parece até muito sagaz, e está, segundo receio, bem informado.

— Onde você o conheceu?

O tom da pergunta era peremptório. Baixando os olhos, miss Innesmore fingia acanhamento.

— Esta manhã... Eu me encontrava no "court" de tênis, sem pensar mal, quando, inesperadamente, um rapaz...

— Se você deixasse dessas zombarias e falasse sério, Aline?

Retomando, enfim, o tom grave, que a tornava ainda mais bonita, Aline contou como ocorrera o seu encontro com Dene.

— Isto, aliás, poderá não ter maiores conseqüências — disse ela. — Só uma coisa é certa: êle se mostra mais bem disposto por nós que o seu chefe.

— Não deve ser difícil...

A seguir, com ar protetor, Rodney a tomou por um braço.

— Vamos. É tempo de ir falar com o velho Larking.

E, enquanto assim caminhava com ela, na direção de Grovernor Square, entre a onda tumultuosa do tráfego, comprimia-lhe o braço e encostava-se mais a ela do que exigiam as circunstâncias.

Capítulo XVIII

O BONÉ

Quatro horas e meia começavam a soar, quando chegaram a Frant House. A casa estava silenciosa como uma igreja. Todavia, do gabinete de trabalho, cuja porta estava fechada, vinha o tiquetaque da máquina de escrever.

— Murchie está aí dentro — disse Rodney, a meia voz. — É êle, portanto, que vamos sondar em primeiro lugar. Espera-me um instante, sim? Vou subir, a fim de procurar o revólver. Pede, por favor, a Larking para servir o chá no gabinete. Já toquei a campainha.

Lançou-se, a seguir, pela escada.

Frank apareceu no lugar de Larking, que, segundo explicou, havia saído. Aline pediu o chá, depois foi retocar o *make-up* diante do espelho. Finalmente, Rodney tornou a descer, saltando sôbre os degraus. Chegado que foi junto de Aline, tomou-a por um braço e avançaram, lado a lado. Ao ruído que fizeram, entrando, o secretário levantou a cabeça.

— Ah! — exclamou, retirando os óculos, cujas lentes começou a limpar, com o seu lenço pouco asseado. — Estava, justamente, desejando vê-lo, Rodney. Encontraram a bala!

— Sim?

— Passei pelas "Galerias Goyas", ao retornar da cidade; Manderton acabava de deixar Cohen, depois de lhe anunciar a novidade. A bala é um projétil de calibre 9 milímetros, sem envelope, atirada por um revólver de ordenança, segundo já suspeitava Pargetter.

Rodney permaneceu impassível.

— Hum... — fêz êle, a guisa de comentário.

Aline esperava que êle tirasse o revólver do bôlso. Porém, Rodney não o fêz. Apenas disse, com ar indiferente.

— Você sabia que Manderton procedeu a um longo interrogatório geral?

O homenzinho se inclinou.

— Em sua conversa com a sra. Sholto, entendo?

Respirou profundamente, fitando Aline.

— Eu previ o que aconteceria.

— Pessoalmente — prosseguiu Rodney, quase não pude suportar. O animal quase fêz Gerry chorar, esta manhã. Se são alibis que êle quer, certamente que os terá. Segundo êle está pensando — e mesmo confessou a Chass — Barry foi assassinado entre onze horas e onze e meia da noite. Procuro, portanto, estabelecer onde estava, a essa hora, cada uma das pessoas desta casa. Comprende?



— O Ricardo já pode casar comigo, papai. Ganha dois mil cruzeiros por mês. Quando tiver sessenta e cinco anos terá ganhado, em total, quase um milhão e meio. É, portanto, um rapaz de futuro, não acha?

Nesse instante, a porta foi aberta, empurrada pelo lado de fora; Frank entrou, empurrando à sua frente o carrinho com o chá. Avançou uma cadeira para Aline, que aceitou, com um sorriso agradecido.

— Aline e eu já nos interrogamos, mùtuamente — prosseguiu Rodney, logo que o mordomo se retirou. — Quanto a nós, está tudo perfeitamente elucidado, cronometrado mesmo, até o instante em que deixou você para ir ao fotógrafo. Eram, então, onze horas. Você, Chass e os outros, estavam no *hall*, segundo Aline informou. Que ocorreu depois? Por quanto tempo mais vocês jogaram *bridge*?

— Terminávamos, justamente, uma partida, quando lady Julia e miss Innesmore voltaram da côrte. O almirante se sentia atacado de resfriado e, assim, decidimos parar com o jôgo.

— E o tio Eustáquio?

— Retirou-se, com o almirante.

— E você?

— Fui com êles. Costumo fazer, antes de dormir, uma esticada, a pé, em redor do quarteirão. Pedi ao almirante a permissão de acompanhá-lo até à porta de sua residência.

— A que horas foi isso?

— Miss Innesmore havia partido poucos minutos antes. Depois de levarmos o almirante, lord Blaize me convidou para fazer o mesmo com êle e seguimos até Bury Street. Dali voltei diretamente para casa.

— A que horas você deixou tio Eustáquio?

— Não prestei atenção.

— Isso é importante, Murchie!

— Por quê?

— Você ainda pergunta? Não vê que você tem um excelente alibi enquanto estêve em companhia de meu tio, mas que, entre o instante em que o deixou e o momento em que voltou para casa, há uma grande lacuna?

— O chá está esfriando — disse, repentinamente, Aline.

Rodney foi apanhar a sua xícara e a de Murchie, aproveitando para trocar com Aline um olhar de inteligência.

— Tudo o que sei — dizia nesse instante mr. Murch — é que voltei antes de meia-noite; uns dez minutos antes, talvez. Sir Charles estava em seu gabinete de trabalho, lendo. Perguntei-lhe se tinha cartas para enviar e êle respondeu que havia enviado Larking ao correio.

— Larking? — repetiu Rodney surpreendido, enquanto com o olhar procurava descobrir a impressão que essa resposta havia causado a Aline.

— Sim. Você não ignora que Larking costuma levar a correspondência noturna. Depois disso, sir Charles foi deitar. Eu tinha que arrumar uma papelada de que êle necessitaria para a reunião desta manhã, de sorte que ainda ali fiquei, depois dêle. Ouvi bater meia-noite e, também, a meia hora. Depois, também fui dormir.

— Muito bem — aprovou Rodney. — E sabe a que horas Larking voltou?

— Não posso dizer exatamente. Mas, ao subir para o meu quarto, vi, repentinamente, que acendiam a luz, que eu havia apagado, no *hall*, isto é: *no fundo do hall*, junto da escada. Curvei-me sôbre a rampa do corrimão e vi Larking, embaixo. Trazia o cachimbo na bôca. Vinha do corredor, que conduz ao "court" de tênis.

Rodney esvaziou sua xícara, pousando-a, a seguir, sôbre a mesa.

— Sim. Êle sempre verifica, antes de deitar, se tôdas as janelas estão bem fechadas. Estava de chapéu?

— Não. Mas conservava ainda o sobretudo dobrado sôbre um braço.

Tendo falado, Murchie tragou um gole de chá.

"— Depois, levantou a cabeça e me avistou. *"Boa-noite, Larking"* — disse-lhe eu. E êle respondeu: *"Boa-noite"*. Depois, desligou a luz e eu acabei de subir a escada.

— Notou, por acaso, a direção que êle tomou, depois de apagar a luz?

Murchie mergulhou a ponta do nariz no interior da xícara e só depois que a esvaziou foi que respondeu:

— Sim. Dirigiu-se para a parte anterior do *hall*.

— No escuro?

— Tinha em mão a lanterna de bôlso. A luz feriu-me a vista e tornei a curvar a cabeça sôbre a rampa. Larking fecha sempre, por último, a porta da entrada e você sabe a barulheira que êle faz com as chaves e os ferrolhos...

— Êle não pode ter ido à porta da entrada para a fechar! — objetou Rodney, vivamente. — Não ignorava que muitos de nós ainda estavam fora. E a prova de que êle não a fechou com o ferrôlho é que pude, eu mesmo, abri-la, quando, uma hora ou duas, mais tarde, voltei em companhia de Aline.

Mr. Murch piscou os olhinhos.

— Tenho a certeza, porém, de que a última vez em que o vi, êle se encaminhava para a parte anterior do *hall*...

Houve um instante de silêncio. Aline observava Rodney. Êste havia pousado sôbre a mesinha a xícara vazia e parecia interrogar o espaço.

— Que horas podiam ser? — perguntou, enfim, ao secretário.

— Pouco mais de meia-noite e meia. Larking mesmo poderá dizer, exatamente. Por que não o manda chamar?

E mr. Murch já estendia a mão para a campainha.

— Espere! — pediu Rodney, com tal sofreguidão que o secretário colocou, precipitadamente, os óculos sôbre o nariz e o fitou, verdadeiramente impressionado.

Aline, porém, sentiu a inutilidade de alarmar Murchie.

— Larking não está na casa, neste momento — disse ela. — Quer mais um pouco de chá, sr. Murchie? Vejo que o senhor nada comeu! Isto não pode ser!

Sua intervenção serviu para apaziguar a situação de alerta. O homenzinho agradeceu e, com a xícara em mão, caminhou, com o seu passinho miúdo, em busca de uma torrada. Um defeito de sua dentadura o obrigava a mastigar com precipitação. Fitava Rodney com ar severo e o ruído de sua mastigação parecia reforçar o seu protesto.

Rodney compreendera, imediatamente, a intenção de Aline.

— Não sabia que Larking havia saído. Além do mais, não tenho, no momento, nenhuma vontade de interrogar o mordomo.

Acrescentou, com ar displicente, mas sempre espreitando o secretário com o canto dos olhos.

"Você não notou, suponho, se, quando êle caminhou para a parte anterior do *hall*, abriu a "berlinda"?

Ruidosamente, Murchie engoliu o último pedaço de torrada, ajudado por um gole de chá. Pousou, finalmente, a xícara, respirou profundamente, inclinou-se diante de Aline, num mudo agradecimento, depois, ajustando os óculos, voltou-se para Rodney.

— Não — disse êle. — Não prestei atenção. E estou, aliás, muito surpreendido com essa pergunta que me faz sôbre os movimentos de Larking. Ouso mesmo dizer que sir Chass, se soubesse que você procura lançar qualquer suspeita contra Larking, ficaria profundamente aborrecido.

— Mas, meu velho — respondeu Rodney, aparentando bom-humor — não procurou lançar qualquer suspeita contra Larking nem sôbre quem quer que seja! Faço, apenas, as perguntas que Manderton pessoalmente poderá fazer...

— Por quê? Que tem a "berlinda" com êste caso?

Rodney foi apanhado de surprêsa. Corou, antes de poder falar:

— É cá uma idéia que tive... — disse, com esfôrço.

— Pois saiba que não posso entender que idéia é essa! — declarou mr. Murch.

E, tendo falado, abotoou o paletó e caminhou para a porta, sem olhar para trás.

— Aí está! — disse Rodney, no momento em que o secretário fechava a porta. — Que diz você, Aline?

A norte-americana apenas ergueu os ombros.

— Por que não falou com Murchie sôbre a arma? — perguntou, depois.

— Julguei preferível estabelecer, antes, o seu alibi. Tio Eustáquio deve vir, à noite, e eu o interrogarei, por sua vez.

Caminhou até à janela e ali parou, com as mãos enterradas nos bolsos, as pernas afastadas, o olhar perdido ao longe.

— Vejo, pelas suas costas, que você está bastante preocupado — disse Aline, tranqüilamente e com malícia.

Êle teve um vago gesto de desculpa.

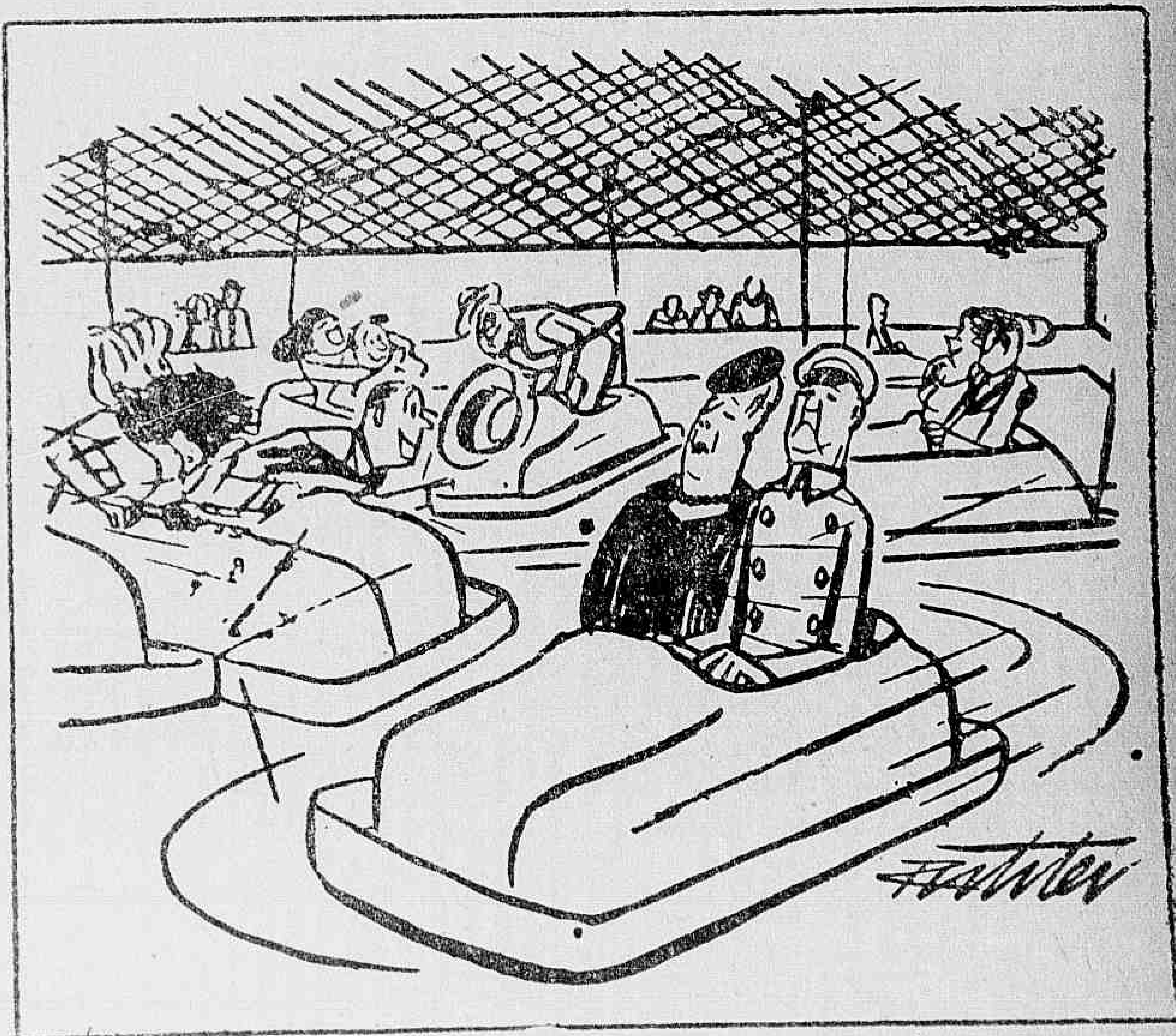
— O campo de conjeturas se estreita, Aline. E, francamente, não estou muito satisfeito com isso.

— Sinceramente, Rod, você não suspeita de Murchie?

— Penso mais em Larking. Que fêz êle, desde o momento em que Chass o enviou ao correio e até ao momento em que Murchie o viu, no *hall*? E que fazia êle no *hall*? Admitindo que tio Eustáquio confirme o alibi de Murchie, você vai concordar comigo em que há duas pessoas cujos movimentos precisamos verificar cuidadosamente...?

— Larking, naturalmente. E o outro?

— Chass.



Aline desatou a rir.

— Você está louco! Nestas condições, lady Julia também estava em casa!

— Estava deitada! Mas, Chass estava no gabinete de trabalho. Nada o impedia, uma vez os demais fora de casa, de ir até à residência de Barry e voltar ainda a tempo para mandar Larking ao correio, sem que alguém notasse sua ausência.

Com a respiração quase cortada pela emoção, Aline se refugiou no fundo de uma poltrona.

— Vocês, inglêses, me decepcionam!

— Claro que não suspeito! — respondeu Rodney, com irritação. — Infelizmente, a questão não é a de saber de quem desconfio, mas de quem o horroroso Manderton venha a desconfiar!

Lançou um rápido olhar ao relógio de estante.

Seis horas menos um quarto. Talvez fôsse melhor ir verificar se Larking já voltou. Não quero que êle saiba que tenho isto comigo!

"Isto" era o revólver.

"— Que disse Edgar Poe? Que, para esconder um objeto, o melhor lugar é sempre o que estiver mais "à vista"! — acrescentou.

E, tendo dito, foi guardar a arma na gaveta da mesa que suportava a máquina de escrever. A seguir, foi apanhar um cigarro sôbre a mesinha em que fôra servido o chá.

— Se Larking já voltou, sem dúvida o encontraremos na copa.

No *hall*, sempre acompanhado por Aline, empurrou uma porta, pintada de vermelho, vizinha de outra, que dava acesso ao "court" de tênis.

"— Se êle não estiver na copa, tocaremos a campainha."

A copa era estreita, com janelas gradeadas, longas prateleiras, tendo por baixo uma dezena de gavetas e um pequenino armário, num dos cantos. Num grampo, por trás da porta, estava suspensa a casaca do mordomo. Larking não estava. Mas, sua roupa profissional, imagem própria da sua reduzida pessoa, parecia, em sua ausência, zelar sôbre o seu asilo sagrado.

— Nunca entro aqui — disse Rodney — sem que logo um longo passado volte à minha memória. Em nossa casa, de Kensington, quando éramos ainda, Sholto e eu, jovens colegiais, gostávamos de ir, de tempos a tempos, conversar com Larking, na sua copa. Êle consentia que limpássemos a louça; e nada nos divertia tanto! Ah, que dois garotos terríveis eram Sholto e eu! Onde guardará êle os óculos?

Com o cigarro apagado entre os dedos, Rodney rebuscava em todos os cantos, abria gavetas. Repentianmente, disse:

— Veja só, êste boné! Que elegância...

De uma gaveta retirou um boné, examinando-o em todos os sentidos.

"— E forrado a sêda!"

— Espere, Rod... — disse Aline, tomando-lhe das mãos o boné.

Era um boné dêsses que gostam de usar os jogadores de gôlfe, de "tweed" claro, de tom quase amarelo palha.

— Você se lembra do homem, que eu vi, ontem, à noite, sair correndo da casa de Barry? Pois bem... *Tinha um boné dêsse tipo!*

— Eu já desconfiava, Aline, desde o instante em que você descreveu êsse desconhecido e o boné que usava...

Tornou a apanhar o boné e, repentinamente, sua fisionomia se alterou.

— Mas... É o boné de Chass! Êle só compra na casa André. Veja, aqui está a marca! Em geral, êsse boné fica atirado em algum canto do *hall*. E, agora, o encontro sob um monte de panos de copa. Quem poderia trazer êsse boné para aqui?

Nesse instante, no *hall*, ouviu-se uma voz. Sir Charles chamava Larking.

Capítulo XIX

A DECISÃO DE SIR CHARLES

Filho de um ferreiro de aldeia, sir Charles era, na aparência, como nos gestos, um *gentleman*. Com uma saúde vigorosa, os cabelos brancos como a neve, o rosto corado, sua cortesia encantadora e seu grande ar autoritário causavam sôbre Aline, embora esta conhecesse a sua nobreza recente, o mesmo efeito que poderia causar um duque de longa linhagem.

Causou, mais uma vez, quando, penetrando no *hall*, atrás de Rodney, sempre com o boné em mão, viu o senhor de Frant House ocupado em contar um gordo maço de dinheiro.

— Onde está êsse patife do Larking? — perguntou êle ao filho. — Na cidade sofri um calor terrível e tomaria, de bom grado, um *whisky*. Mas, que faz você com o meu boné?

— Acabo de encontrá-lo na copa!

— Na copa? Como isso é possível?

— Isto, não sei dizer. Achei-o numa gaveta...

— Um excelente boné, que não desejaria perder por nada neste mundo! Mas, por favor, Rod, arranje-me um bom *whisky!*

Enquanto Rodney se dirigia para a sala-de-jantar, Aline notou que sir Charles não insistia a propósito do boné.

Mas, já sir Charles a tomava por um braço.

— Venha comigo ao meu escritório, menina. Ali poderemos *flirtar* tranqüilamente. Estou precisando de me distrair.

Levou-a, em passos lentos, e, mal chegado ao gabinete de trabalho, deixando-se cair sôbre uma poltrona e estirando as pernas, palpou as próprias faces, com as duas mãos.

— Senhor... Como estou fatigado! Um triste caso, êsse, minha filha! E lamento ver você envolvida...

— Não pense em mim — suplicou Aline. — Lady Julia, sim, deve ter sofrido bastante.

Êle respirou profundamente, antes de dizer, com convicção:

— Ela é uma criatura admirável. Mas, reconheço que o golpe a feriu bastante. Se nada manifesta, significa que sofre mais que nós; sofre sem desabafar. É a sua maneira. Há pouco telefonou para o meu escritório, porque sabia que eu mesmo me atormentava, preocupado com o estado dela. Mas, senti que, embora se esforçasse para revelar coragem, havia, em sua voz, bastante tristeza. Bem que gostaria de afastá-la dêsse escândalo, enviando-a, hoje mesmo, para Bloadlet. Não fôsse o inquérito de amanhã, você poderia partir com ela...

— Oh, sir Charles! Espero não ter que depor...?

— Também espero. O inspetor parece ser um homem razoável, embora um tanto bronco. Conversei com êle. Não tem a intenção de chamar você para depor; mas, deseja tê-la ao alcance da mão, para o caso do "coroner" desejar fazer alguma pergunta... Mas, julgo também isto improvável.

— Se lady Julia viajasse para Broadlet, Gerry iria em sua companhia?

— Não. Manderton faz questão de que ela fique. Parece acreditar, Deus sabe por que, que Gerry está em condições de lançar alguma luz sôbre o drama.

Rodney havia trazido para o pai o *whisky* pedido e sir Charles o tomou, ràpidamente.

— Ah! Eu precisava de beber assim, bem geladinho — disse êle. — A seguir, tirando do bôlso um estôjo próprio para charutos, indagou:

— Que há de novo? Manderton voltou?

— Não — respondeu Rodney. — Mas sei que encontraram a bala. Uma bala sem envelope, atirada com um revólver de ordenança. De acôrdo com o que havia previsto Pargetter.

— Agora — disse sir Charles, escolhendo um charuto — só lhes resta encontrar a arma.

Com voz enrouquecida, Rodney começou:

— Chass... Há uma coisa que eu gostaria que o senhor soubesse...

Aline, que se sentara no braço da poltrona ocupada por sir Charles, levantou-se.

— É melhor que eu deixe você a sós com seu pai, Rod.

Porém, Rodney a forçou a ficar.

— Foi você quem o descobriu. Melhor será que você mesma fale, Aline.

— Descobriu... o quê? — perguntou sir Charles.

A êsse tempo, Rodney se dirigira para a mesinha da máquina de escrever, abrindo a gaveta. Uma exclamação saltou dos seus lábios. Voltou-se, muito pálido, para Aline.

— Você viu quando o coloquei nesta gaveta, não foi mesmo?

— Sim.

— Pois bem. Desapareceu!

— Afinal... Que foi o que desapareceu? — perguntou sir Charles, com voz irritada.

Aline correu para junto de Rodney. A gaveta continha papéis diversos, dois lápis, uma caixinha de grampos. Mas o revólver desaparecera.

— Talvez... Murchie? — sugeriu Aline.

— Então? — exclamou sir Charles colérico.

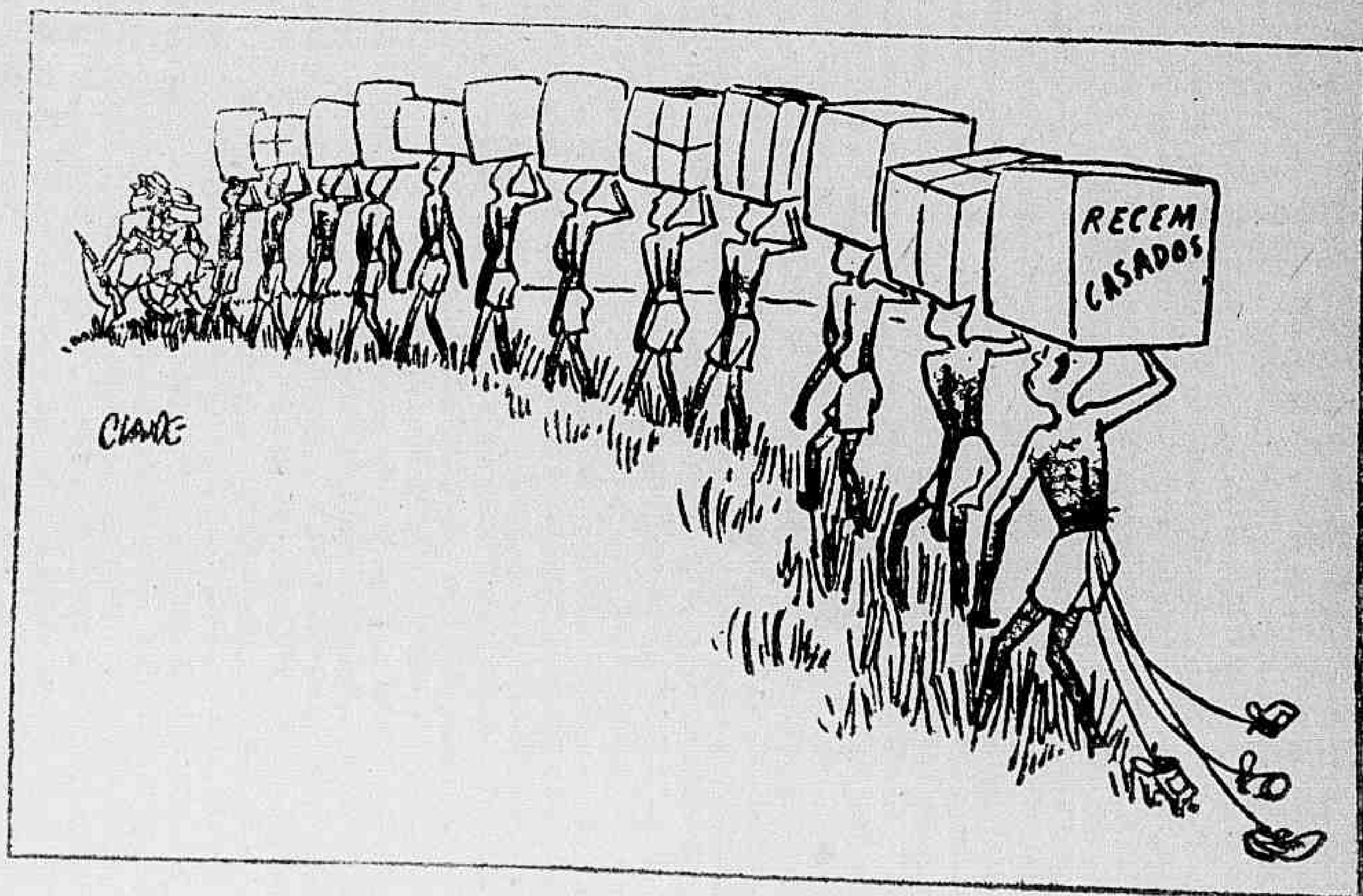
— Impossível! Êle não estava aqui — respondeu Rodney.

Sir Charles não se conteve mais. Sua voz se elevou ao tom mais enfurecido.

— Vocês se resolvem ou não a explicar? Que andam remexendo nessa gaveta? E por que estão assim, nervosos e pálidos?

— O revólver de Gerry... Um revólver que Sholto deu a ela, de presente... Eu o coloquei nesta gaveta, há menos de dois minutos. Não está mais aqui!

— Não sabia que Gerry tinha um revólver — disse sir Charles. — Mas não



compreendo porque se excitam tanto por uma banalidade...

— É que, à noite passada, alguém apanhou o revólver, retirando-o da gaveta do "boudoir" de Gerry, e hoje mesmo foi êle encontrado no interior da "berlinda", escondido sob uma das almofadas. E, ainda por cima, êsse revólver tinha sido utilizado... recentemente. Falta uma bala e vestígios de pólvora, ainda frescos, estavam no interior do cano.

— Quero ser enforcado, se entendo alguma coisa do que você diz! Quem poderia roubar êsse revólver do quarto de Gerry para ir escondê-lo na "berlinda"?

— Reflita, Chass. Êsse revólver era do tipo usado pelo exército, atirando balas sem envelope!

A fronte de sir Charles enrugou profundamente, enquanto os seus olhos azuis se inflamavam ameaçadoramente.

— Que está você dizendo? Não pretende, espero, que...

— Quem pode decidir é a polícia, que já descobriu a bala.

— Você comunicou êsse fato a Manderton?

— Não... Esperava, primeiro, conversar com o senhor.

— E a sua mãe?

— Também não.

— Então não diga nada, Rod; nem você nem Aline. Quem mais está informado?

— Gerry sòmente, e Larking.

É preciso recomendar a todos... Mas, Rod, meu filho, tudo isto é inconcebível. Onde está Gerry? Não saiu, pelo menos?

Sir Charles apontou para o telefone interno.

"Por favor, Rod, diga a Gerry para descer. Então, foi você, Aline, quem encontrou a arma? Conte como foi isso...

Aline fêz a sir Charles uma narrativa do fato. Depois de ouvi-la, o velho industrial voltou a interrogar o filho.

— E você disse que guardou o revólver na gaveta da máquina de Murchie... e que, em seguida, a arma desapareceu?

— Sim. Fomos, Aline e eu, até à copa, para interrogar Larking. Foi coisa de um ou dois minutos apenas, pois logo voltamos. O revólver já havia desaparecido.

Um objeto tão pesado, como um revólver, não pode voar assim, como uma fôlha de papel. Talvez Murchie o tenha guardado em outro local. De resto, não se trata disso. O que convém, antes de tudo, é saber quem tirou o revólver do quarto de Gerry.

Sir Charles notou, neste instante, que esquecera de acender o charuto. Levantou-se para ir apanhar fósforos; mas, vendo aparecer Gerry, deu volta à mesa e, pesadamente, deixou-se cair sôbre a poltrona, com o charuto sempre intato entre os dedos.

Prevenida pela atmosfera reinante no escritório, Gerry parou no limiar, o tempo necessário para consultar Rodney, com um olhar de desconfiança e de censura. Sir Charles esperou que ela tivesse fechado a porta, depois disse, à queima-roupa:

— Que história é essa que acabam de me contar, Gerry, a propósito de um revólver pertencente a você?

Sentindo-se importuna, Aline se refugiou no banco junto da janela. Dali observou, palpitante, o combate que se iniciava entre sir Charles e Gerry. O sôgro ouvia as palavras da nora com ar severo e os dois punhos crispados sôbre a mesa. Gerry, porém, mantinha completo domínio dos próprios nervos e suas palavras brotaram sinceras e firmes. Mas, o seu desejo de aparecer calma e lhe dava um ar quase de provocação, que, visìvelmente, agia contra os nervos de sir Charles. Êste a ouvia, com impaciência crescente.

— Segundo entendi, você notou, desde hoje, cedo, a ausência do revólver?

— Exatamente.

— Por que, neste caso, ter esperado que a arma fôsse encontrada para então falar?

— Eu pretendia falar, sim, é claro! Porém, aquêle brutal inspetor, com seus modos grosseiros, me amedrontou. Eu pretendia informar, primeiramente, ao senhor mesmo, Chass. Mas o senhor havia saído. Preferi nada dizer a lady Julia.

— Graças a Deus, nada disse a ela! Livre-se de contar o fato a minha mulher! Mas, Gerry, apesar de desejar ser indulgente com você, devo preveni-la de que está em situação muito delicada. Suponhamos que venha a ficar provado que Barry foi assassinado com essa arma...?

— Não é possível...

— É inútil opor ilusões ao que parece evidente. A primeira coisa que a polícia desejará saber de você é quem apanhou a arma no seu quarto.

— O senhor pretende, então, entregar a arma à polícia?

— Se pretendo? Claro que pretendo! A propósito, não foi você, não é verdade, quem apanhou a arma da gaveta de Murchie?

— Eu? Quando?

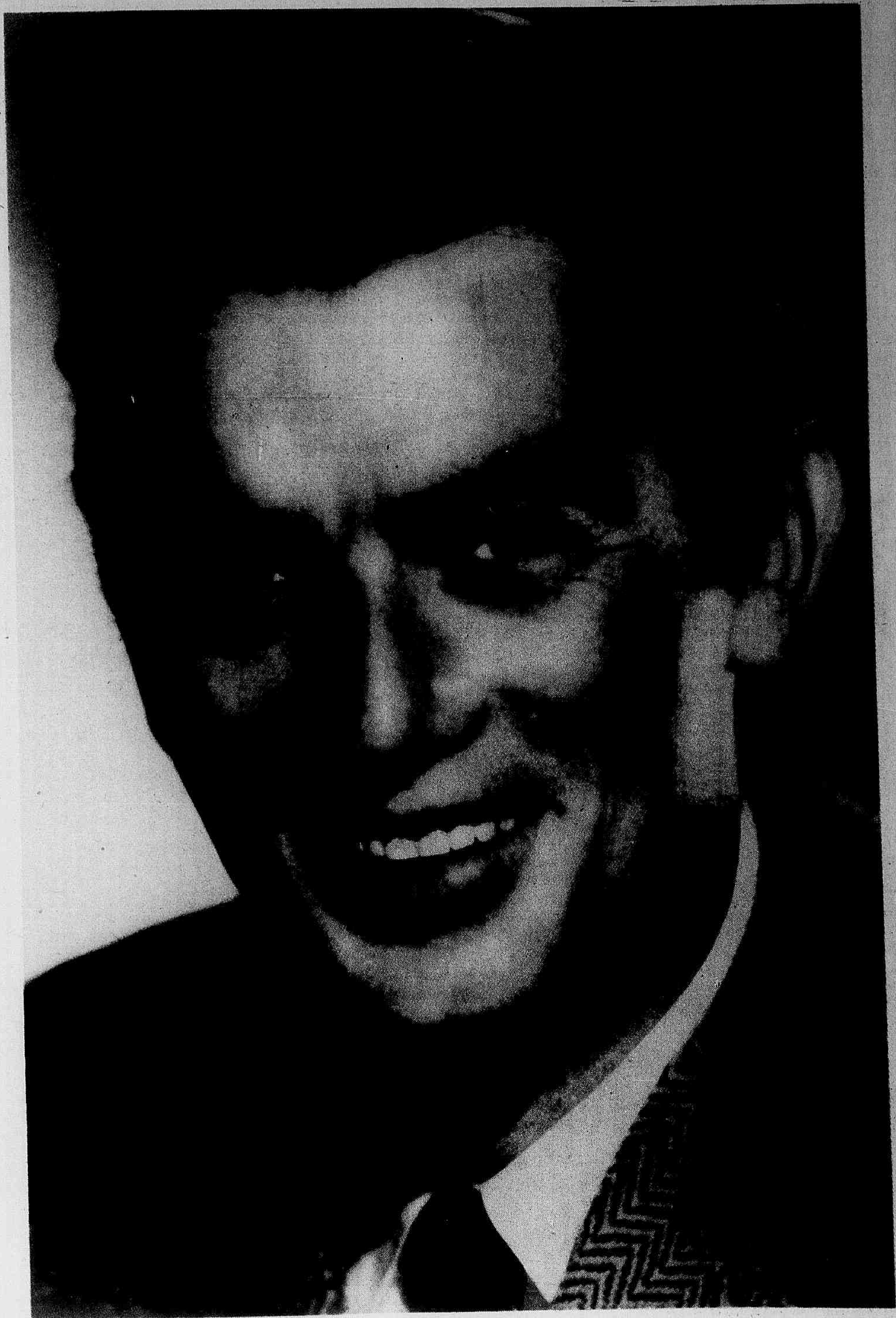
— Eu havia guardado a arma, há pouco — explicou Rodney. — Desapareceu!

— Nada sei a êsse respeito. Eu repousava. Dormia mesmo, quando me chamaram por telefone.

— Um instante, Rodney — pediu sir Charles, que, a seguir, voltando-se novamente para a sua nora, insistiu:

"Desejo repetir, Gerry... É preciso refletir! Manderton deseja saber quem apanhou a arma no seu quarto!

(Continua no próximo número)



GREGORY PECK

Sua carreira é quase tão fabulosa como quantas tem vivido na tela. Teve início com o papel de príncipe numa peça teatral: "Pandora'a Box", numa escola ginasial de La Jolla, na Califórnia. Como ator cinematográfico, no espaço de poucos anos, conquistou três prêmios da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas, de Los Angeles, por seus desempenhos em "Quando Fala o Coração". (Spellbound), "Chaves do Reino" (Keys Of The Kingdom) e "Twelve O'Clock High".

Antes de Hollywood, ocupou diferentes cargos na indústria e no comércio. Porém, desde menino, sempre sonhou com o palco e com o cinema.

A natação foi, sempre, o seu esporte favorito, naturalmente por ter nascido à beira-mar, em La Jolla, Califórnia, no dia 5 de abril de 1916.

Filho de um farmacêutico, Greg orientou seus estudos com a finalidade de vir a ser médico. Entretanto, quando já cursava a Universidade da Califórnia, sentiu que a profissão de doutor em medicina não fôra feita para êle. Deixou a Universidade e foi empregar-se como "chauffeur" de um dos caminhões da Union Oil Company. Ao fim de oito meses foi promovido a despachante. Mas, também, não gostou dêsse emprêgo e, como continuava interessado pela arte dramática, não perdia um bom espetáculo.

Foi um amigo, que auxiliava a direção de uma peça de Eugene O'Neill, "Anna Christie", quem auxiliou seu ingresso na carreira de ator. Estudou arte dramática e, em 1939, munido de uma carta do próprio pai para um amigo influente, para um teatro da Feira Mundial de New York. Notando o seu agradável aspecto e a sua elevada estatura, o "manager" ofereceu-lhe o emprêgo de "anunciador" dos programas, à porta do teatro, com o que Greg ganhou, sòmente, uma laringite. Foi ser, então, "guia" para os turistas, em Rockfeller Center, levando-os até o terraço de Rádio City, assim permanecendo um ano. Ali conheceu gente de teatro e ganhou uns pequenos papéis, até ser "descoberto" por Guthrie Mc Clintic, que lhe ofereceu um bom papel em "The Male Animal", surgindo, logo a seguir, em outras peças, com Diana Barrymore. Em breve, estava assediado por vantajosas propostas dos produtores de Hollywood. Preferiu, porém, ser um artista independente, assinando contrato, ùnicamente, para um ou dois filmes com cada produtora. "Days of Glory", da RKO, foi seu primeiro filme. A seguir, fêz "Chaves do Reino", para a 20th Century-Fox. Ao fim de ano e meio já era um dos mais queridos artistas da tela, tendo feito, também, "Captain Horatio Hornblower" e "Only the Valiant".

Peck casou com Greta Rice, em Nova York, em 4 de outubro de 1942. Ela não é atriz. O casal tem três filhos: Jonathan, nascido em 1944, Stephen, nascido em 1946, e Carey, nascido em 1949.

Seu verdadeiro nome é Gregory Peck mesmo e seus filmes mais recentes são: "O mundo em seus braços", "David e Betsabá", "Avent. do Capitão Horatio Hornblower", "The Gunfighter", "Twelve O'Clock High", "Only the Valiant", "Yellow Sky", "Gentleman Agreement", "The Paradine Case", "The Macomber Affair", "Duelo ao Sol", "The Yearling", "Quando fala o coração", "Vale da decisão", "Chaves do reino", "Dias de Glória" e "As neves do Kilimanjaro".

FAMOSOS CASOS JUDICIÁRIOS

PENAS SEVERAS PARA OS ASSALTANTES DE BANCOS — Depois de comparacer a dois julgamentos, resultantes do assassinato de dois guardas, no assalto à «Brink's Inc.», de Chicago, ocorrido em junho de 1949, Richard Tamborski foi considerado culpado da morte do guarda Joseph Den e sentenciado a 17 anos de prisão. Anteriormente, David Edgerly e James Hoyland foram condenados a 60 anos cada um, e Joseph Jakalski a 199 anos de prisão, como resultado do mesmo crime!

UM INOCENTE COMETE SUICÍDIO — Robert J. Cassinetti, acusado do latrocínio praticado contra o sargento da Fôrça Aérea, Martin Bursey, em agôsto de 1951, na cidade de Colorado Springs, Estado de Colorado, foi encontrado morto em sua cela, enforcado, no dia seguinte aos seus protestos de inocência perante a acusação. Meses depois, verificaram as autoridades que Robert era, de fato, inocente.

CRIME POR CONTRÔLE REMOTO — Max Ammerman (o mandatário) foi eletrocutado, e Jerry Killinger (o autor do homicídio), de 18 anos de idade, teve a mesma pena comutada para prisão perpétua, pela morte de Harold Mast, ocorrida em outubro de 1950, próximo a Medina, Estado de Ohio.



BELEZA LIMITADA

Pode uma espôsa viver com o rosto coberto por cosméticos e passar várias horas do dia nos salões de beleza?

— Não. Uma mulher não precisa de se enfeitar tanto... depois de casada! — decidiu a Suprema Côrte de Washington.

Distrações para tôdas as idades

É sempre delicioso saber aquilo que os outros não sabem. Principalmente, êsses truques e segredinhos que podemos usar em casa, «assombrando» a família e as visitas. São incontáveis os amadores de «mágicas» e «truques» e, para êles, que sempre gostam de estudar os mistérios do mundo que os cerca, damos aqui algumas instruções.

Há, naturalmente, os que gostam, apenas, das coisas sérias. Êstes, em geral, começam com frações do átomo para terminar com o universo inteiro. Porém, boa parte dessa ciência verdadeira diz respeito ao mundo sensível à vista, ao ouvido e ao tato. Assim, é muito possível — e divertido — estudá-la em casa, muito simplesmente. Garrafas de leite poderão servir de bocais; simples copos, também, servirão de receptáculos e a casa ou o apartamento se transformará em laboratório.

I — QUE É O QUE SUSTENTA A ÁGUA?

Imaginemos que, neste mesmo instante, estamos no fundo do oceano. O ar em que vivemos, realmente, é muito parecido com um oceano.

Ora, êsse ar, que enche o espaço em redor de nós, possui, na realidade, um pêso, exatamente como a água. Se estendermos a mão, com a palma para cima, sôbre ela se eleva uma imensa coluna de ar, que sobe muito além da nossa vista e que, sôbre cada centímetro quadrado da nossa palma, exerce, para baixo, uma pressão de quase um quilo.

Não sentimos o pêso, é claro! Mas, como isso é possível, se êsse ar pesa tanto? Vamos, imediatamente, elucidar o mistério.

Encham um copo de água até o bordo e coloquem sôbre êle um pedaço de cartão ou de papel impermeável. Que é o que sustenta êsse cartão? O vidro, evidentemente. Apanhem, agora, êsse mesmo copo, com a mão direita e pousem a palma da mão esquerda sôbre o cartão. Retornem, ràpidamente, o copo, tendo o cuidado de manter o cartão no lugar. Que é o que sustenta, agora, o cartão? A mão, sem dúvida.

Mas, continuando a sustentar o copo, firmemente, com a mão direita, retirem, lentamente, a mão esquerda. Que é o que mantém, agora, o cartão no lugar?

Aconselhamos que esta experiência seja feita sôbre uma pia ou banheira, pois poderá não ser feita corretamente, provocando a brusca queda da água e do cartão.

Mas, agora que êsse cartão não cai e retém a água no interior do copo, o espectador e o operador se assombram, considerando o fato um golpe de «magia». Nada disso, entretanto, acontece, sendo êsse, apenas, um dos inumeráveis fenômenos que podemos observar em redor de nós e que nos parecem maravilhosos. Eis, agora, a explicação.



É preciso não esquecer que o ar constitui como um oceano, cujo fundo habitamos. Exerce sôbre nós e contra o vidro uma pressão em tôdas as direções, sôbre o alto, os lados, no fundo, etc. Se êste copo estivesse no fundo de um oceano, sofreria, da mesma forma, a pressão da água sôbre tôdas as suas paredes exteriores; ora, embora o ar exerça a sua pressão em todo o redor, o copo, sendo rijo, o impede de manifestar-se sôbre a água, no interior. Embaixo, onde se encontra o cartão, o ar o comprime para cima. O operador espera que a água tombe, porque sabe que a fôrça do pêso a atrai; mas, o ar exerce uma pressão superior à do pêso e, como o cartão está colocado contra o vidro, de maneira que o ar nêle não possa penetrar, para exercer, também ali, a sua pressão para baixo, o cartão continua «colado» ao copo, prendendo a água.

Mas, que aconteceria, se deixássemos penetrar, no seu interior, um pouco de ar? Experimentem. Afastem um pouco o copo do cartão, para que nêle se introduza uma ou duas bôlhas de ar: cartão e água cairão, exatamente como temíamos, antes da operação.

Compreendem, agora, por que não sentimos a pressão do ar sôbre a palma da mão? Justamente! Porque ela exerce, tanto para baixo quanto para cima, a sua pressão, e foi por isso que conservou o cartão colado ao copo. Na realidade, o ar manifesta sua ação em tôdas as direções e até mesmo do interior da nossa mão para o exterior!

Agora, perguntamos: tem o leitor a consciência de usar sapatos? Provàvelmente, não: está tão acostumado! É, justamente, a razão pela qual não sentimos a pressão do ar, e êsse hábito é tão grande porque nascemos e vivemos sob essa «pressão atmosférica».

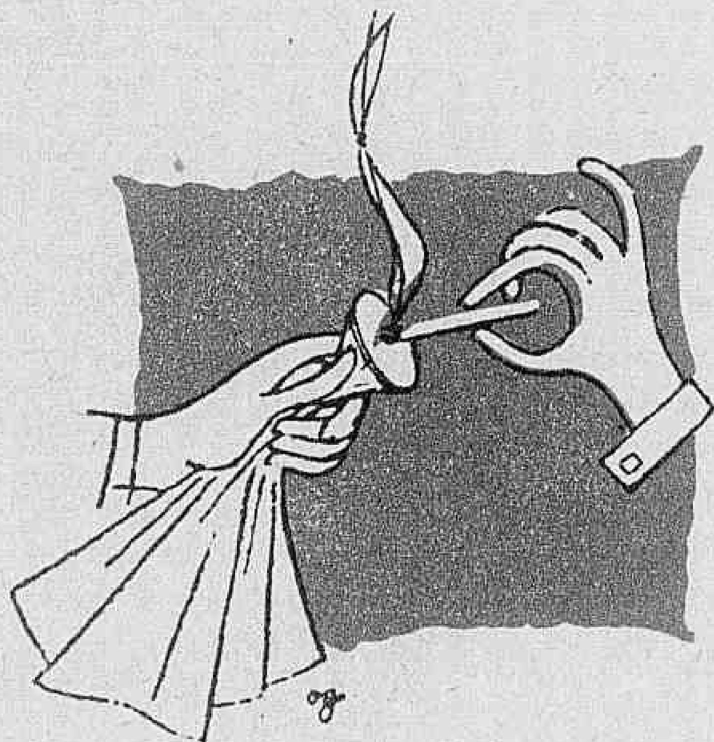


2 — UM CALOR QUE NÃO QUEIMA

Há diversas maneiras de esquentar. Uma consiste em conduzir o calor de onde se encontra para o local que desejamos.

Por exemplo, coloquemos uma moeda sob um lenço, que se envolve bem apertado, tendo o cuidado de estender perfeitamente o tecido do mesmo sôbre a superfície da moeda.

Com surprêsa geral, se calcarmos contra o tecido a ponta de um cigarro aceso, não surgirá o buraco queimado que muitos imaginam. E, se quiserem provar que não foi usado um tecido inqueimável, recomecem a operação, mas sem a moeda. Logo verificarão que o lenço foi queimado e que, desta vez, foi feito um buraco no mesmo; por isso mesmo recomendamos que seja usado um pano qualquer, imprestável!



Parece, então, que o queimado e o furo no tecido dependem da presença da moeda. Mas, por quê?

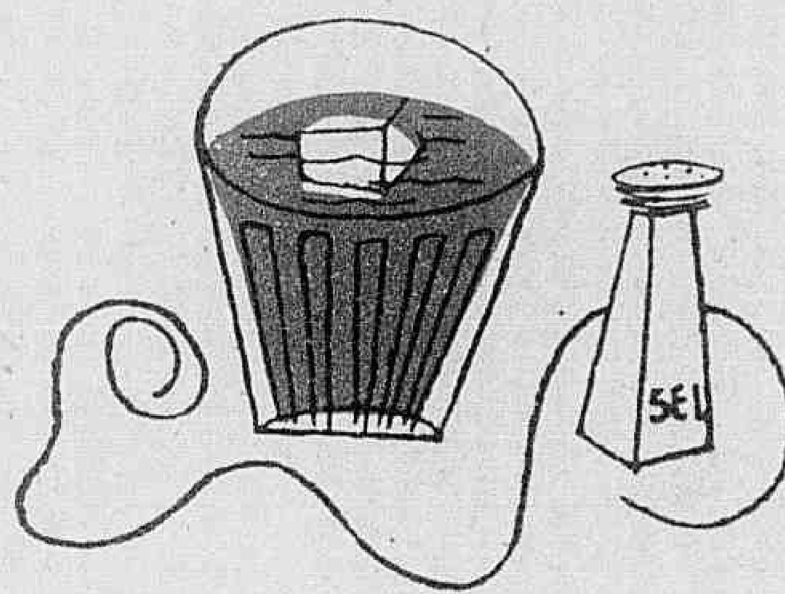
Para queimar, uma substância deve ser submetida a uma certa temperatura. Ora, o calor que se desprende do cigarro se comunica ao lenço e, dali, à moeda; porém, os metais sendo melhores condutores do calor que o tecido, o que se desprende do cigarro se espalha para a peça de metal tão fàcilmente e tão depressa que não resta bastante para esquentar o tecido, que não atinge, assim, a temperatura necessária para que comece a queimar.



3 — BOM PRETEXTO PARA APOSTAR

Eis um problema para resolver por meio de um cubo de gêlo, tomado de um refrigerador, além de um copo d'água e um pedaço de barbante.

Quando vemos êsse cubo flutuar sôbre a água, propomos que alguém tente retirá-lo com a ajuda



do barbante, sem fazer um nó e sem a ajuda dos dedos.

O primeiro pensamento do desafiado será, talvez, formar uma laçada com o barbante, a fim de levantar o gêlo; mas, um segundo de reflexão demonstrará a impossibilidade dessa manobra, pois será necessário conservar o centro de gravidade, exatamente sob o cubo de gêlo.

Como o leitor já deve ter imaginado, há um truque, um truque científico, e aqui está como devemos proceder: umedecer a ponta do barbante na própria água do copo e pousá-la, a seguir, sôbre o cubo de gêlo, sôbre o qual deverá, então, ser lançado um pouco de sal, dos dois lados do barbante.
Aí está o segrêdo da «mágica»!

Aguarda-se cêrca de meio minuto e, então, será possível retirar o cubo de gêlo da água, porque o barbante estará, agora, gelado e aderente ao gêlo!



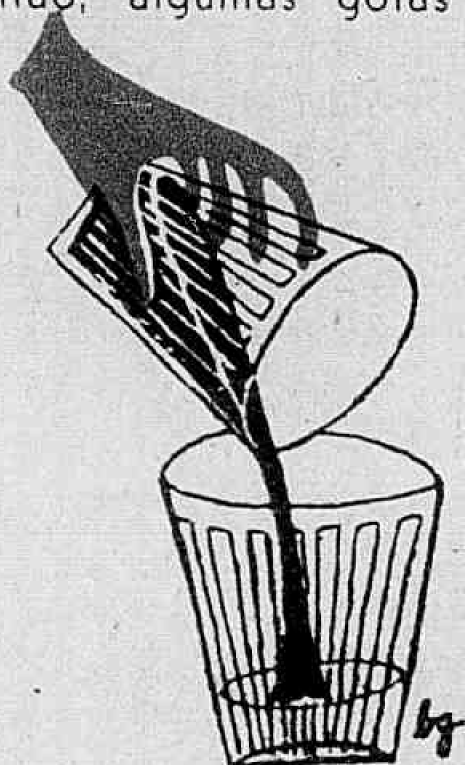
4 — MUDAR O VINHO EM ÁGUA

Quando desejamos nos desembaraçar de uma grande cesta de papéis velhos, costumamos queimar tudo no fundo do quintal. Parte dêsse papel se transforma em um gás invisível, quando combinado com o oxigênio, no correr da combustão. Seria, igualmente, cômodo retirar a tinta de um

tecido, combinando-o com o oxigênio, a fim de metamorfoseá-lo em uma substância invisível. Isto, porém, é impossível, porque queimaríamos, ao mesmo tempo, êsse tecido. Utilizemos, portanto, o oxigênio contido não no ar, mas na água.

Sabemos que a água se compõe de hidrogênio e oxigênio e, nessas condições, constitui uma fonte de oxigênio: ao invés de usar um tecido manchado de tinta, utilizemos essas substâncias de maneira a conseguir um truque sensacional.

Encham até à metade um copo de água e juntem suficiente tinta para a colorir. Ponham, então, algumas gôtas de descolorante no fundo de outro copo. Para os assistentes, êsse outro copo estará vazio. Mostrem bem que o primeiro copo contém «vinho»; a seguir, com alguma palavra mágica e apropriada para a «desoxidação», deitem a água colorida pela tinta no outro copo: a côr desaparecerá e o operador terá, assim, transformado «vinho» em «água».



Êsse truque é tão antigo como a própria **mágica**, mas, na realidade, nada tem de **mágica**. Sem dúvida, os leitores conhecem as propriedades do oxigênio; mas, a maneira como é extraído da água é muito mais interessante que o truque em si mesmo. Eis o que, realmente, ocorre: o descolorante contém cloro que, quando se junta à água, combina-se com o hidrogênio que ela contém e libera o oxigênio. Êste oxigênio, por sua vez, combina com as matérias colorantes da tinta, que logo se tornam incolores.

Êsse fenômeno se chama «branqueamento», mas não é, pròpriamente, o descolorante que embranquece: apenas entra em combinação com o hidrogênio da água e é o oxigênio que age.



5 — FARINHA EXPLOSIVA

Como se sabe, uma oxidação rápida provoca uma explosão; porém a simplória farinha, que se encontra no armário da cozinha, não corre o risco de explodir... porque não se apresentam as condições para isso. Eis como reunir essas condições:

Será necessária uma grande caixa de ferro, vazia, com um funil, ao qual se adaptará um tubo de borracha. Deitar, em seguida, uma colher, das de sopa, de farinha no funil, colocado na posição conveniente no fundo da caixa. Acender uma vela e colocá-la, também, no fundo da caixa, fechando-se, a seguir, a tampa. Sopre, então, com fôrça, no tubo, a fim de provocar uma explosão espetacular.

Mas, não tenham mêdo. Essa explosão não apresentará qualquer perigo, se se tiver o cuidado de conservar o rosto fora do alcance da chama, que sairá pelo alto da caixa. Atenção, também, com essa tampa; não vá a mesma cair sôbre a cabeça do operador, embora se tal coisa ocorrer não venha a causar grande mal.

A colherada de farinha não queima, quando dela aproximamos um fósforo aceso, porque não



recebeu ar bastante para isso; mas, quando soprarmos fortemente, no tubo de borracha, espalharemos essa farinha no ar interior da caixa.

Cada minúscula partícula disporá, então, em seu redor, de bastante ar e, em conseqüência, de oxigênio. Nas proximidades da vela, a farinha, sendo suficientemente aquecida para queimar, inflamará, por sua vez, o restante da farinha e assim por diante. Tudo isso, naturalmente, ocorre com extrema rapidez e os gases, formados pela combustão da farinha, farão saltar a tampa da caixa.



6 — OUÇA BATER O PRÓPRIO CORAÇÃO

Acabamos de estudar certos mistérios em nosso redor; agora, seremos nós mesmos o alvo de observação.

Aqui está como é possível ouvir bater o próprio coração. Será suficiente um pequeno funil e um pedaço de tubo que a êle se adapte. Encaixem a pequena extremidade do funil no tubo de borracha, cuja extremidade deverá ser mantida junto da orelha. Coloquem o pavilhão do fuzil sôbre o peito. Movam, então, êsse estetoscópio feito em casa, um pouco para a direita e para a esquerda, até que sejam perceptíveis as pancadas do coração.



Descobrirá, então, que o coração se encontra, mais ou menos, no centro do peito, ao contrário do que, geralmente, se acredita. O ruído é causado pelas vibrações propagadas no corpo, quando as válvulas se abrem e fecham à proporção que o sangue é aspirado e enviado aos diferentes órgãos do corpo.

Porque, por muitas razões, o nosso corpo constitui o maior de todos os mistérios.

7 — O BRINQUEDO QUE VOLTA MISTERIOSAMENTE

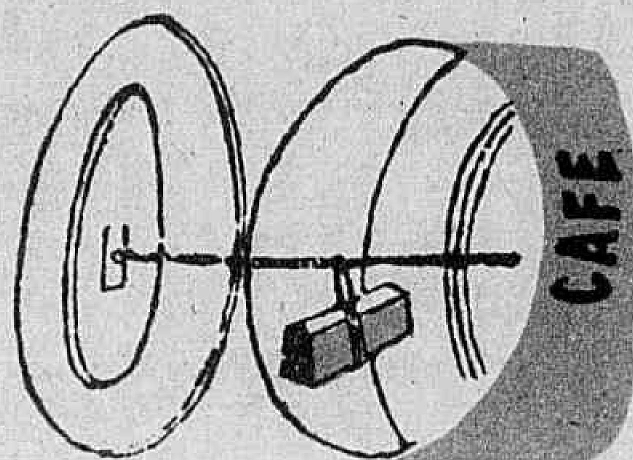
Qualquer pessoa pode fabricar uma caixa que, quando é rolada para longe do operador, volta a êle e, aprendendo assim o mecanismo de um tipo de brinquedo, aliás bastante vendido no mercado, poderá «assombrar» os amigos.

Será suficiente uma caixa cilíndrica, preferentemente de latão, com a respectiva tampa.

Fazer passar a tira de elástico pelos orifícios e prendê-la de cada lado.

Fixar, então, sòlidamente, o pêso no centro da mesma tira elástica.

Quando a caixa é rolada sôbre o soalho, o pêso continua suspenso no seu ponto de suporte. Não rodará com a tira elástica, torcendo-a à medida que a caixa rola.



Quando a fôrça comunicada à caixa torceu o elástico ao máximo, aquela começará a rolar, mansamente, em sentido contrário e voltará ao seu ponto de partida!

Para os que não sabem o que existe no interior, essa caixa há de parecer misteriosa.

★ ★

COMBINAÇÃO PERIGOSA

OS sábios da famosa escola médica medieval de Salerno acreditavam ter uma possante cura para a tuberculose — uma combinação de leite de cabra e de camelo, medicamento certeiro para "aliviar os pobres mortais consumidos pela tísica". Mas, nem o leite nem dezenas de outros remédios conseguiram extirpar a Peste Branca, através dos séculos que se seguiram.

Só nestes últimos anos foi que a Ciência pôs nas mãos dos médicos agentes terapêuticos poderosos contra o resistente bacilo da tuberculose. Uma combinação de dois dêles, a estreptomicina e a isoniazida — que, agora, se obtém como um único preparado químico denominado estrepto-hidrazida — se revelou particularmente eficaz e acredita-se seja uma solução para o problema da resistência às drogas, desenvolvida por algumas variedades dos germes da tuberculose. Recentemente, segundo comunicações médicas, o tratamento com estreptomicina-isoniazida produziu "benefícios terapêuticos surpreendentes" em um grupo de pacientes gravemente enfermos de pneumonia tuberculosa.

Assim, contrastando com seus antecessores medievais, a estrepto-hidrazida promete ser a combinação que, realmente, aliviará muitos pobres mortais atacados pela Peste Branca.

A LÁGRIMA E A DOENÇA

QUASE todos os homens conhecem, de há muito tempo, e para seu mal, o poder persuasivo das lágrimas da mulher. A lágrima é contada entre as armas mais poderosas do arsenal de guerra do chamado sexo frágil. Cientificamente, contudo, parece, agora, que tôdas as lágrimas, as dos homens e as das mulheres, são, igualmente, poderosas: não contra o sexo oposto, mas contra um inimigo comum e muito real — várias bactérias causadoras de enfermidades. De acôrdo com as pesquisas médicas, uma substância chamada lisozima, encontrada em grande abundância nas lágrimas humanas, tem grande poder na exterminação de bactérias.

Deveras, êsse composto que constitui as lágrimas é tão potente, que, mesmo depois de ser diluído, à razão de 1 parte para 6 000, ainda pode matar mais de 100 tipos diferentes de micróbios.

★

OS costumes da velha Irlanda eram um entremeado de superstições, algumas das quais ainda subsistem. Assim, por exemplo, o rei do Ulster não podia assistir a uma feira de cavalos, nem ouvir o canto de certos pássaros, nem beber água depois de anoitecer, nem montar cavalo cinzento ou manco. Obedecendo estas prescrições, dizia a lenda, podia estar certo de viver 90 anos em paz com seus vassalos. Em caso contrário, veria abater-se sôbre o reino as piores calamidades.

★ ★

AZAR DE MECÂNICO — Guiando ao longo de uma estrada do interior, fora dos limites de Hamburgo, Alemanha, um mecânico, que regressava do trabalho, viu outro veículo estacionado ao longo da estrada, aparentemente enguiçado. Sem poder resistir a um nobre impulso, o mecânico se ofereceu para ajudar. Pouco depois, quando estava deitado sob o automóvel enguiçado, ouviu o motor do seu próprio veículo roncar. Quando virou a cabeça, ainda pôde ver o automóvel de sua propriedade desaparecer ao longo da estrada, com o desconhecido, a quem fôra ajudar, na direção.

NOS DOMÍNIOS DA GRAMÁTICA

«Há muito que considere fútil a preocupação da vernaculidade. É inegável, porém, que zelar a pureza da linguagem importa em trabalhar pelo prestígio das tradições pátrias.» — SOUSA BANDEIRA

QUESTÕES PRÁTICAS

Com o objetivo de ser útil a maior número de leitores, ou de ser mais útil a cada leitor, neste século XX, em que as soluções devem ser práticas e imediatas, porque as condições de vida não permitem grandes indagações, e só aos especialistas sobra tempo para analisar os fenômenos em suas causas, inicio hoje a publicação de série de questões práticas, em que as formas corretas são apresentadas sem discussões, principalmente quando se tratar de matéria pacífica entre os gramáticos. Se o leitor desejar conhecer o porquê de alguma forma recomendada, poderá consultar-me.

Em assunto ortográfico, prevalecerá, por motivos óbvios, o que estiver consubstanciado no **Vocabulário Ortográfico da Academia Brasileira de Letras.**

Escreva:

1) **a fim de** e não **afim de**

Obs.: existe o adjetivo **afim: parentes afins**.

2) **averiguar**, **verificar** e não **constatar** (gal.)

3) **minúcias**, **pormenores** e não **detalhes** (gal.)

4) **trabalhos**, **labores** e não **afazeres** (gal.)

5) **burburinho** e não **borborinho**

6) **traz** (verbo trazer) e não **trás**

7) **atrás** e não **atraz**
detrás » » **detraz**
atrasar » » **atrazar**

8) **prezar** (estimar) e não **presar**
prezado (estimado) » » **presado**

Obs.: existe **presar** (= aprisionar); por isso, temos **preso**, v., e **prêso**, s..

9) **fôlha** (s.) e não **folha**
fôlhas » » **folhas**

Obs.: acento diferencial, porque existe **folha**, verbo **folhar**.

10) **flor** e não **flôr**
flores » » **flôres**

11) **côr** e não **cor**
côres » » **cores**

Obs.: acento diferencial, porque existe **cor** (saber de cor) e **cores**, v. **corar**.

12) **dor** e não **dôr**
dores » » **dôres**

Obs.: não cabe acento tônico nem diferencial.

13) **gôta** e não **gota**
gôta a gôta » » **gota a gota**

Obs.: acento diferencial, porque existe **Gota**, top.
O verbo é **gotear**.

14) **exceção** e não **excessão**

Obs.: lamentàvelmente a cacografia **excessão** está invadindo até os domínios da redação oficial. Influência, possível, de **concessão**.

15) **batizar** e não **batisar**
batizado » » **batisado**

Obs.: a cacografia **batisado** talvez se explique por influência de **batismo**, em que há **s**.

16) **jeito** e não **geito**
jeitoso » » **geitoso**
ajeitar » » **ageitar**

17) **majestade** e não **magestade**

18) **alvíssaras** e não **alvíçaras**

19) **pretensão** e não **pretenção**

20) **descansar** e não **descançar**
cansado » » **cançado**

Obs.: a cacografia **descançar** parece resultar de influência de **alcançar**.

21) **entre mim e êle** e não **entre eu e êle**

22) **para eu ler** e não **para mim ler**

23) **propositado** e não **proposital**
propositadamente » » **propositalmente**

24) **intemerato** = íntegro, puro, imaculado.
intimorato = destemido, valente.

25) **nem um**, quando a idéia se opõe a **muitos**: não diga **nem uma** palavra.
nenhum, quando a idéia se opõe a **algum**: **nenhuma** ciência explica isso.

JOSÉ RICARDO NETO

A TERRA, ESSA

Só há mapas topográficos da décima parte da terra

HOJE, é comum ouvir dizer que «a Terra não guarda segredos», nem reserva qualquer surprêsa para nós, que a conhecemos em todos os seus recantos e que o trabalho dos que nos precederam fizera desaparecer dos mapas aquêles espaços desnudos — que tanto exaltavam a imaginação dos homens de ação — onde se lia: — «Terra ignota».

Afirmam, mesmo, que ainda restam as selvas do Amazonas, as estepes siberianas, algumas zonas desérticas da Austrália, manchas ínfimas no mapa do mundo, que permitem dar rédea sôlta ao espírito de aventura.

Porém, na Europa, na África, na América do Norte e na maior parte da América do Sul, da Ásia e da Austrália, são conhecidas.

MAPAS INEXATOS E INCOMPLETOS — Isto, naturalmente, depende do que entendamos por «conhecer». É certo que o homem já não tem, nem mesmo junto dos polos, grandes continentes que descobrir; sobrevoou ou cruzou tôdas as terras. Mas, pode dizer que conhece essas mesmas terras, só por isso? Os geógrafos e outras muitas pessoas autorizadas afirmam que não.

Logo o leitor pensa nas vastas extensões situadas além dos Urais, das quais o mundo ocidental não pode possuir mais que mapas antigos... e, provàvelmente, muito incompletos. Pensa, também, no vale imenso do Amazonas, talvez no emaranhado da selva com ilhas misteriosas e rochas inexploradas da Insulíndia ou em algumas regiões centro-africanas.

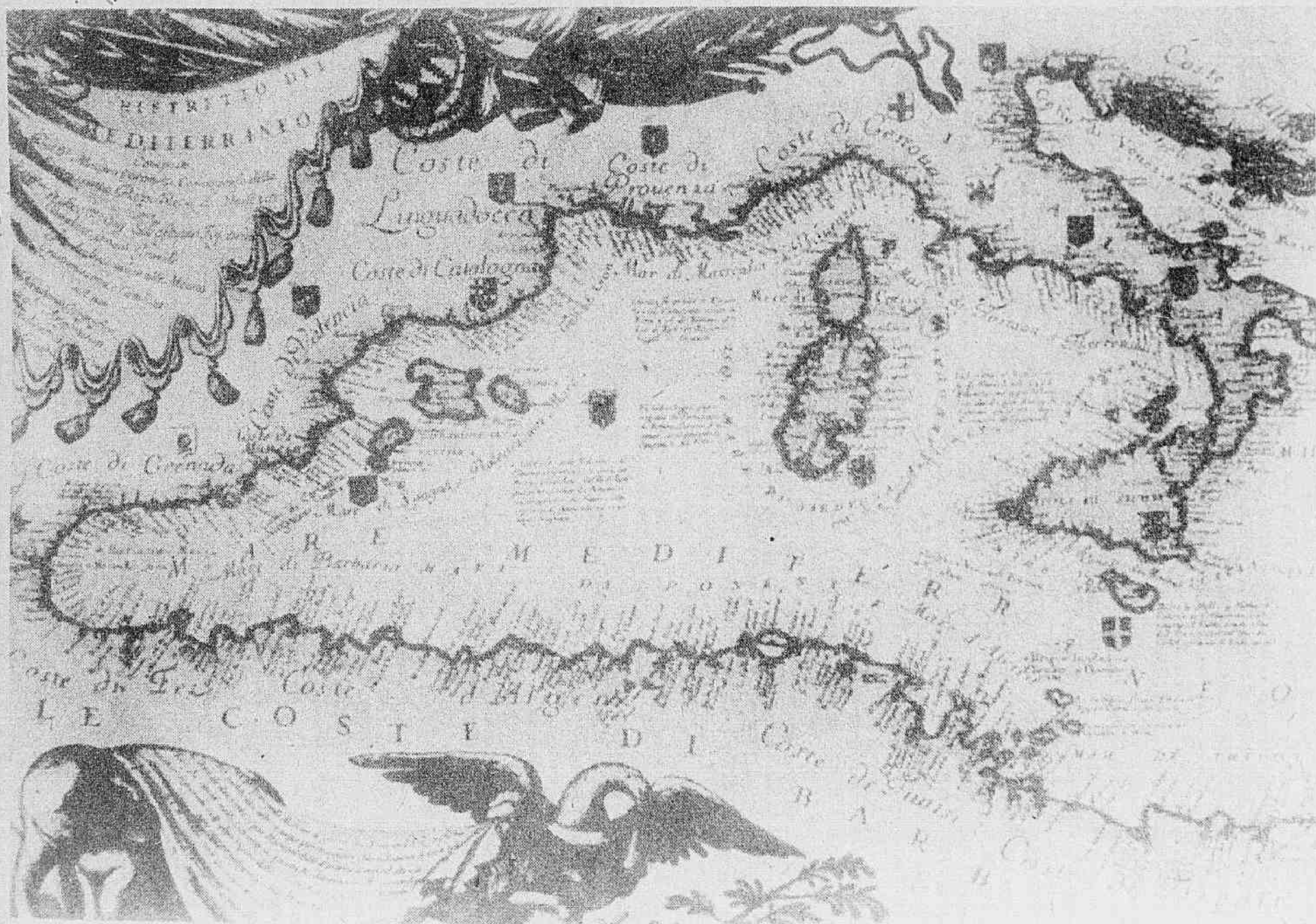
Porém, tudo isso, em conjunto, não forma nem sequer as nove décimas partes das terras emergidas.

Poucas pessoas imaginam — ou sabem — que, até mesmo a Europa e América do Norte, continua havendo, ainda, em certo sentido, «terras ignotas». No entanto, esta é a verdade.

No mundo inteiro, apenas a Grã-Bretanha, a Alemanha, a Áustria, a Holanda, a Bélgica, o Luxemburgo, a Suíça e a França estão, topogràficamente, cartografadas com exatidão. Mesmo no que diz respeito à França, teríamos que fazer algumas exceções, como veremos mais adiante.

Os Estados Unidos estão menos cartografados do que a Índia ou o Japão. Os mapas, em grande escala, que possuem, correspondem a menos da quinta parte de sua extensão. Apenas dois Estados estão cartografados totalmente: Rhode Island e Massachussetts. Índia, Geórgia, Flórida, Oklahoma, Dakota do Sul são, do ponto-de-vista topográfico, terras por descobrir. Calcula-se que, nos Estados Unidos, restam, por topografar, uns novecentos milhões de acres de terreno.

O Canadá, ao iniciar, recentemente, o levantamento de novo e mais perfeito mapa de sua costa norte-este, descobriu, no que em seus mapas figurava como um mar deserto, arquipélagos cuja superfície total chega aos oito mil quilômetros quadrados.



DESCONHECIDA

e mapas geológicos de menos de dois por cento.

Os mapas da América do Sul são incompletos, pouco detalhados e, além do mais, inexatos; nos mapas de certo país aparece, por exemplo, um lago marinho, onde, na realidade, se eleva um pico. A ilha dos Pinos, ao sul de Cuba, que os aviões reconhecem, ao aproximar-se de La Habana, está assinalada nos mapas com erros diversos, até de vinte quilômetros.

Os mapas da Austrália indicam lagos que estão completamente secos há mais de um século. Os mapas da costa atlântica do Panamá datam de 1854.

Porém, há coisa mais extraordinária ainda: durante a última guerra, verificaram os técnicos que a Córsega não ocupava, nos mapas, seu verdadeiro lugar no Mediterrâneo. No entanto, a ilha é conhecida há mais de três mil anos, centenas de milhares de navegantes a ela aportaram, tomando-a como um ponto de referência e milhares de aviadores a sobrevoaram.

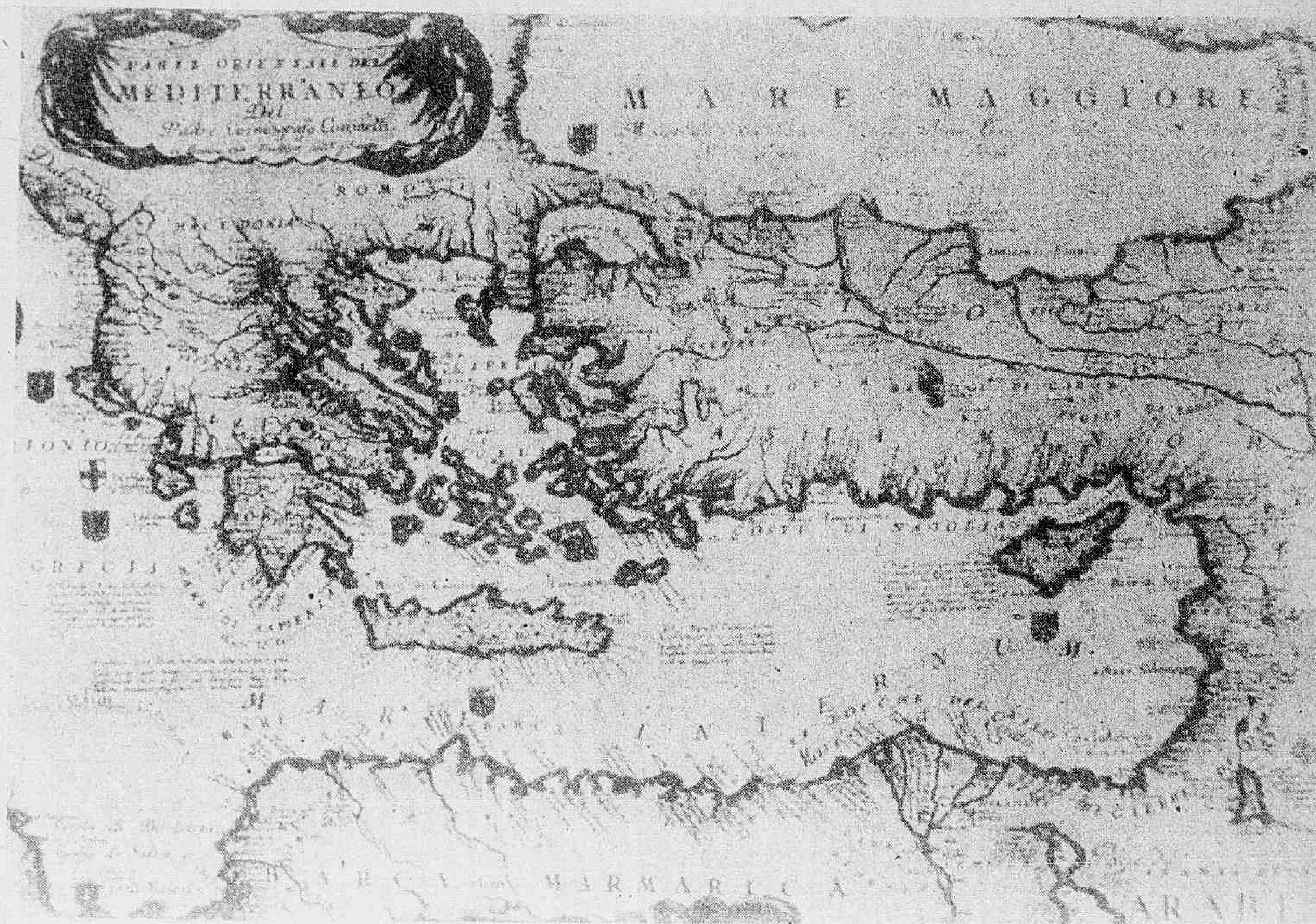
OS MAPAS GEOLÓGICOS — Até aqui, só tratamos de mapas topográficos, isto é: dos que indicam a configuração do terreno. Porém, se passarmos para os mapas de usos particulares — mapas geológicos, mapas das águas subterrâneas, mapas dos bosques, dos climas, do estado físico do solo, etc., as cifras são ainda mais desanimadoras — e surpreendentes. Sòmente dois por cento das terras emergidas são conhecidos, exatamente, de todos os pontos-de-vista.

Esta ignorância apresenta inconvenientes?

Não só inconvenientes, mas, também, perigos. Se imaginarmos, por exemplo, o caso de um aviador que, sem nenhuma visibilidade, procura fazer uma aterrissagem forçada na ilha de Pinos (que não está onde indica o mapa), ou para essa laguna que é, em realidade, uma montanha, ou para êsse lago, que não passa de um areal, compreenderemos, imediatamente, que o aviador tem muitas probabilidades de encontrar, apenas, a morte.

Pois é o que ocorre em outras muitas partes do nosso globo. Na América do Norte e do Sul estão ainda por cartografar numerosas cadeias de montanhas. Temos que assinalar que os mapas geológicos brasileiros são muito incompletos.

Nos Estados Unidos, os engenheiros calcularam que a ausência de mapas topográficos custa, em vinte anos, mais de dois milhões de dólares, por obrigar êsses mesmos engenheiros a traçar as obras quase ao acaso: estradas muito longas ou que cruzam terrenos impróprios, etc. Porém, um dos melhores exemplos, dos inconvenientes que apresenta a ausência de mapas exatos, temos no plano britânico do cultivo do cacau nos milhões de acres de terras virgens, em Tanganica, que permitiria abastecer de «matérias gordurosas» a tôda a população das Ilhas Britânicas. Em quatro anos, o govêrno inglês gastou mais de trinta e seis milhões de libras, mas não colheu nem para pagar o preço da semente.



Que acontecera?

Simplesmente, que os autores do projeto escolheram um vasto território, do qual não existia qualquer mapa geológico; nem um só mapa que indicasse a natureza do solo. Um território que tinha a vantagem do fácil acesso, pois que estava ligado por via-férrea com o pôrto de Dar-es-Salaam. No entanto, aquêle terreno continha uma forte proporção de quartzo, contra o qual se estropiavam os dentes dos arados, e uma forte proporção de ferro, que tornava a terra tão dura que os brotos não conseguiam romper a crosta. Bons mapas teriam evitado ao Estado britânico o gasto inútil de quantias enormes e até lhe teria proporcionado lucros respeitáveis.

O MAPA INTERNACIONAL DO MUNDO — Esta falta de informações exatas e fáceis de consultar, referentes à configuração, ao estado físico, geológico, climático, etc., da Terra, em 1891, inspirou ao jovem professor de geografia da Universidade de Viena, Albrecht Penck, a idéia de realizar um mapa internacional do mundo. No mesmo ano, expôs o seu projeto ao Congresso Internacional de Geografia. Ficou, então, decidido que o mapa seria a 1 : milionésima; porém, até 1909, a decisão estêve em suspenso. Detalhes foram longamente discutidos, sem que os técnicos chegassem a um acôrdo; os inglêses não queriam adotar o sistema métrico decimal, os franceses se negavam a adotar o meridiano de Greenwich, e assim por diante. Em 1909 chegaram a um acôrdo e começaram a levantar mapas parciais. A primeira guerra mundial acelerou a redação do mapa da Europa (com exceção da Espanha e Portugal), desde os Urais até o Atlântico, pois os estados maiores, todos, necessitavam de bons mapas detalhados. Em 1938, quarenta e oito nações apresentaram sua colaboração para a realização do mapa internacional do mundo, chegando a ser publicada uma quarta parte do mesmo.

Finalmente, temos, hoje, publicados, quatrocentos e sessenta e um mapas dos novecentos e sessenta e um, que formarão a obra completa.

Todos os Estados da América do Sul estão cuidando dos seus respectivos mapas, em colaboração com o Departamento de Defesa dos Estados Unidos. As inumeráveis dificuldades, que surgem ante êsse trabalho, explicam porque não se fêz antes. Embora os geógrafos disponham, hoje, da fotografia e da observação aéreas, a observação terrestre continua sendo indispensável. Os dados geodésicos (latitude, longitude, elevação) só podem ser obtidos por equipes científicas, providas de instrumentos delicados e aperfeiçoados, que devem instalar em estações de observação, na linha de cada meridiano. Seriam necessárias duas mil estações em cada arco norte-sul; algumas teriam que ser instaladas no coração da selva, nos pântanos, nas montanhas. Meses e meses serão necessários para consegui-lo; meses e meses para reunir as condições de boa visibilidade, necessárias para levantar os dados exatos.

É de esperar que, um dia, o homem possa ter, à sua disposição, uma cartografia conveniente do globo.

Antes de pretender a conquista de outros planêtas, deveria aplicar-se a conhecer a terra em que vive.

* *

A «BOA RESPOSTA» DO MÊS



HÁ muitos anos, quando eram comuns as **charrettes** e outras carruagens de tração animal, em certa cidade do interior, uma velhota muito bem vestida, apertada numa **toilette** de sêda preta e tendo um chapéu, igualmente, prêto, equilibrado no alto do volumoso penteado, foi apanhada, repentinamente, por forte chuva. A fim de escapar ao dilúvio, dirigiu sua carruagem para um alpendre, onde se guardavam ferramentas, à beira da estrada.

Ao se aproximar, foi detida pelo fazendeiro, que saiu para o meio da estrada, levantando a mão.

— A senhora não pode entrar nesse alpendre! — avisou, com ar sério.

— E por que não posso? Gostaria de saber! — replicou, nervosamente a velhota, muito zangada. — Não quer, com certeza, que eu fique aqui, apanhando tôda esta chuva!

E, quando viu o homem continuar a mover a cabeça negativamente, acrescentou, com crescente furor:

— Pelo que vejo, o senhor não sabe com quem está falando! Sou a viúva Vasconcelos! Veja bem!

— Não duvido, madame — disse o homem do campo, levando a mão, ligeiramente, à aba do chapéu. — Mas, nem por isso, conseguirá colocar essa **charrette** naquele alpendre. É muito alta e não cabe lá dentro!

NOSSAS IRMÃS DA AMÉRICA (SUAS FONTES DE RIQUEZA)

EQUADOR: Uma sortida despensa na metade do mundo

Por LUIZ A. MENDOZA MOREIRA
Chefe de redação de «El Universo», de Guayaquil.

O Equador deve o seu nome à linha equinocial, que cruza pelo norte de seu território, dividindo-o em duas partes desiguais: a setentrional, pequena, e a meridional, extensa, até alcançar os 5 graus de latitude, circunstância que torna sensível, nesse setor, as influências das estações dominantes na zona temperada do sul.

O solo equatorial teve mais de um milhão de quilômetros quadrados, ao constituir-se a Real Audiência de Quito, por Cédula de 1563. Porém, em virtude do Protocolo de Paz, Amizade e Limites, assinada com o Peru, em 1942, a extensão superficial do país ficou reduzida a uns 267 844 quilômetros quadrados, sôbre os quais se distribuem cêrca de 3 200 000 habitantes, com uma densidade de cêrca de 12 pessoas por quilômetro quadrado, o que indica a existência de áreas suficientes para receber uma poderosa imigração. A Cordilheira dos Andes, que atravessa, de norte a sul, o território do Equador, é fator determinante das variadas condições fisiográficas, climáticas, econômicas e sociais, registradas no país.



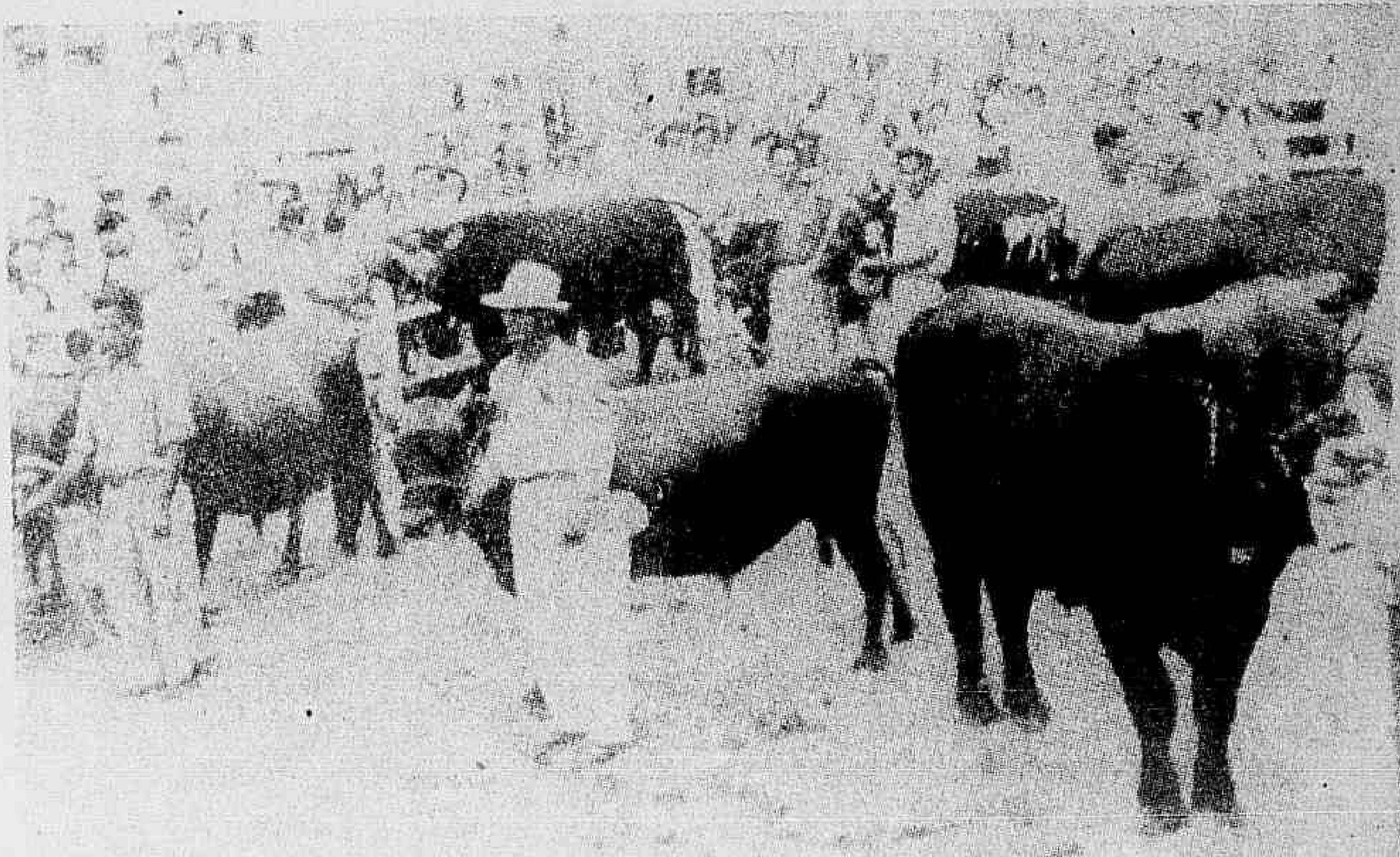
Posição em que se encontra o Equador, no mapa da América do Sul.

A grande muralha andina favoreceu a formação de três regiões continentais: o Litoral, geralmente baixo, de clima cálido; a Serra, alta, de acidentada topografia e com temperaturas que variam desde o calor tropical, sentido nos vales profundos e fechados, até ao frio dos cumes nevados, entre os quais sobressai o Cjimborzao, com seus 6 310 metros de altura; finalmente, a Região Oriental, constituída pelos flancos andinos do levante e pela planície amazônica, baixa, alagadiça e quente, sulcada por rios caudalosos, que, às vêzes, formam o único meio de comunicação na região e cujas águas vão deitar no Mar Doce, que Orellana descobriu, com apoio equatoriano, em uma das mais memoráveis façanhas da História.

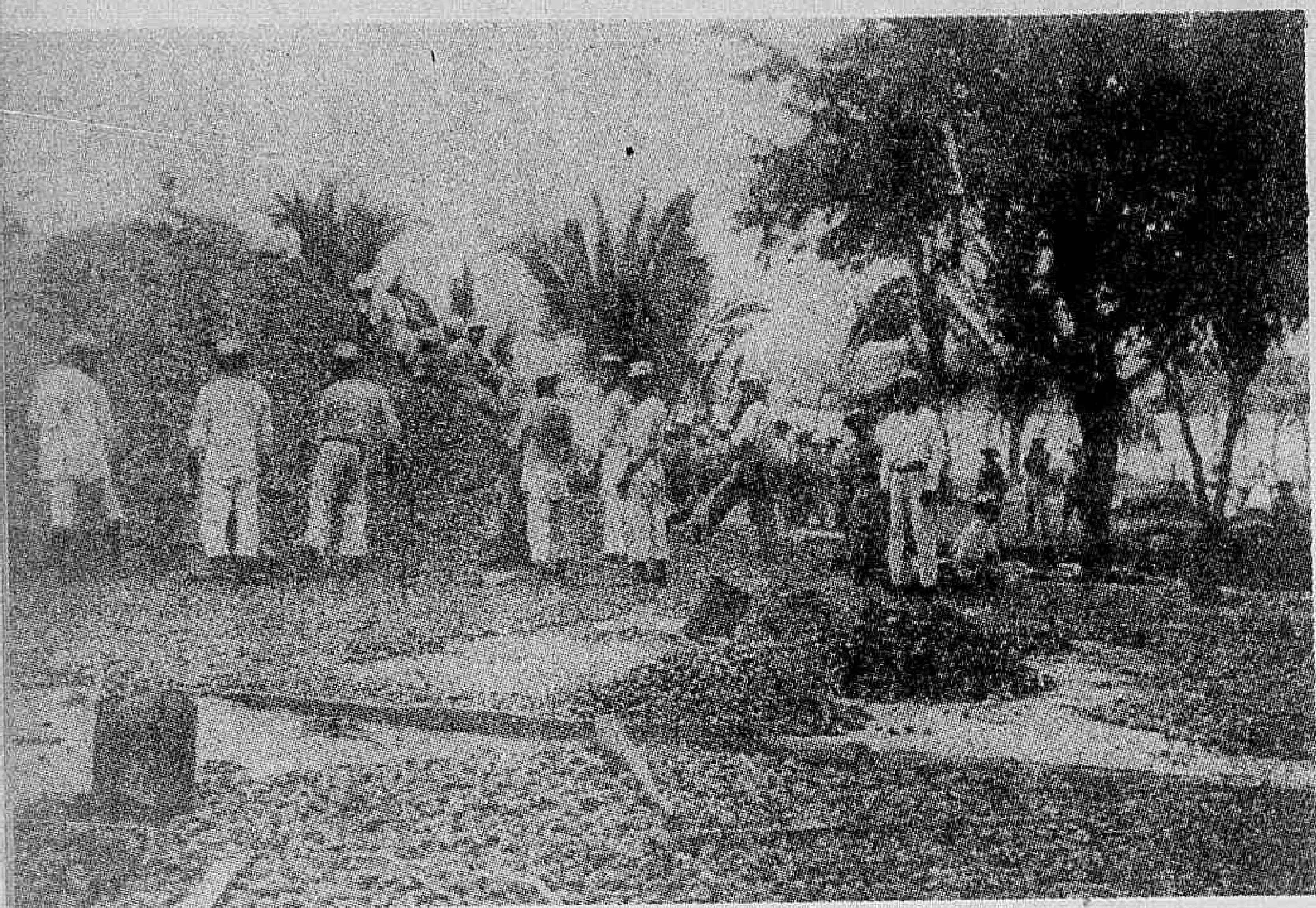
Patrimônio do Equador é, também, a Região Insular de Galapagos, arquipélago formado por 13 ilhas e 17 ilhotas de origem vulcânica, sustentadas numa vasta plataforma submarina, a 600 milhas da costa continental do país.

Êsse arquipélago foi descoberto, em 1535, pelo bispo espanhol frei Tomás de Berlanda e, oficialmente, passou a ser dependência equatoriana, no dia 12 de fevereiro de 1832.

Com sua variada topografia e suas distintas expressões climáticas, o Equador é cenário de riquezas que, em parte, satisfazem as necessidades do viver interno e, em parte, vão aos mercados de ultramar, para alimentar povos e surtir fábricas.



Vista parcial de uma exposição pecuária, realizada em Guayaquil, em 1952.



Tagua, ou marfim vegetal — um dos principais produtos de exportação.

A Região Litoral é a zona agrícola. Os campos, inundados pelos rios e as chuvas, são produtores de arroz, um dos elementos sustentadores da economia e do bem-estar nacionais. Os melhores arrozais estão localizados na enseada do rio Guayas, de mais de 30 000 quilômetros quadrados de extensão, sulcada por correntes fluviais navegáveis e com linhas de estradas que facilitam o transporte do grão aos mercados de consumo interno e aos portos de exportação. As colheitas anuais do arroz flutuam entre um milhão e meio a dois milhões de quintais, dos quais 900 000 são utilizados na alimentação nacional.

Com o fim de baratear os custos de produção do grão e fazer frente, com êxito, à concorrência do mercado exterior, o país entrou na renovação dos métodos e processos de plantio e colheita: a mão-de-obra, escassa e cara, está sendo substituída pela maquinaria agrícola, e a esta evolução é devido o aumento seguro da exportação de arroz, que deixa ao país apreciável volume de divisas.

O grão nacional não apenas chega aos mercados dos Estados Unidos, como, também, vai à Ásia, a fim de compensar o "deficit" de produção dos países que cultivam a mesma riqueza.

O cacau é outro dos fortes alicerces da economia equatoriana. Assim tem sido desde a época colonial, logrando mesmo impor-se no conceito exterior por sua alta qualidade. Há mais de vinte anos os cacaueiros foram atacados pelas pestes conhecidas com os nomes de Escôva de Feiticeira e Monilla, em forma tal que estêve a ponto de desaparecer esta riqueza.

Milhões de plantas secaram, milhares de proprietários ficaram quase na ruína: as exportações do grão, que, em 1914, chegaram a 47 milhões de quilos, foram reduzidas para a quarta parte, em 1933; a decadência da produção deixou centenas de peões sem trabalho, enquanto a economia fiscal sofreu gravíssimos contratempos.

O Equador se havia inclinado pela monocultura, convencido de que o cacau — a "pepa de oro", como então foi chamado — seria uma eterna fonte de prosperidade; porém, as pestes foram o mais duro desengano para o povo e para o govêrno, que logo entrou na solução do problema econômico por três caminhos: a salvação das plantações afetadas, o repovoamento cacaueiro, com variedades imunes às pestes, e a incorporação de outras fontes de riqueza ao âmbito agrícola.

A luta foi muito dura na defesa do que restava, após a ação devastadora da peste e para adaptar ao meio geográfico as variedades de cacau imunes ou resistentes às enfermidades: porém, afinal, triunfou o esfôrço dos agricultores e hoje já estão colhendo os frutos da constância e da inteligência aplicadas a essa aspiração. Pouco a pouco, vão aumentando as cifras da produção cacaueira e, por conseguinte, as exportações do precioso grão. As colheitas de cacau representam, anualmente, cêrca de 50 000 quintais e, à medida que progridem as experiências de reprodução asexual e a defesa contra as plantações novas, os rendimentos vão sendo maiores.

Por isso, podemos dizer que o Equador lutou, heròicamente, por sua riqueza cacaueira e logrou salvá-la.

As devastações sofridas pelas fazendas de cacau levaram, também, o agricultor a buscar compensação para essas perdas no incremento e variação de outros produtos e, assim, foi que se desenvolveu, com intensidade, o fomento do café, embora, dadas as condições físicas em que êste grão evolui, nem todo o cenário ocupado pelo cacau serviu para a nova experiência; porém, como os problemas existentes eram de âmbito nacional, era preciso olhar, também, com sentido nacional, a iniciativa privada. Províncias

como as de Guayas, Los Rios e El Oro, onde as enfermidades do cacau tinham causado os maiores estragos, encontraram zonas adequadas para o incremento cafeeiro. Até então, a Província de Manabi e o Cantón Zaruma, da Província de El Oro, tinham sido quase os únicos provedores do grão para o mercado externo.

O café prosperou nos últimos tempos, impulsionado por dois fatôres: o aumento do consumo mundial e a melhoria dos preços nos Estados Unidos. A produção equatoriana de café gira em redor dos 500 000 quintais, e sua exportação, em dólares, corresponde aos 31% da exportação total. O Equador não só se preocupou por intensificar a produção do grão, como, também, aplicou processos modernos de lavagem, em cujo ensino participaram técnicos colombianos.

As partes baixas e úmidas do Litoral são, também, cenários de um importante cultivo de bananeiras, cujo fomento se afirmou a partir de 1950. A exportação dêsse produto alcançou, em 1951, a 10 milhões de cachos, sendo provável que tenha aumentado, incessantemente, em 1952 e 1953, quando deverá atingir a cifra superior a 13 milhões de cachos.

Se a economia equatoriana pudesse ser simbolizada por uma mesa, as extremidades que suportariam a mesa seriam: o arroz, o café, o cacau e a banana.

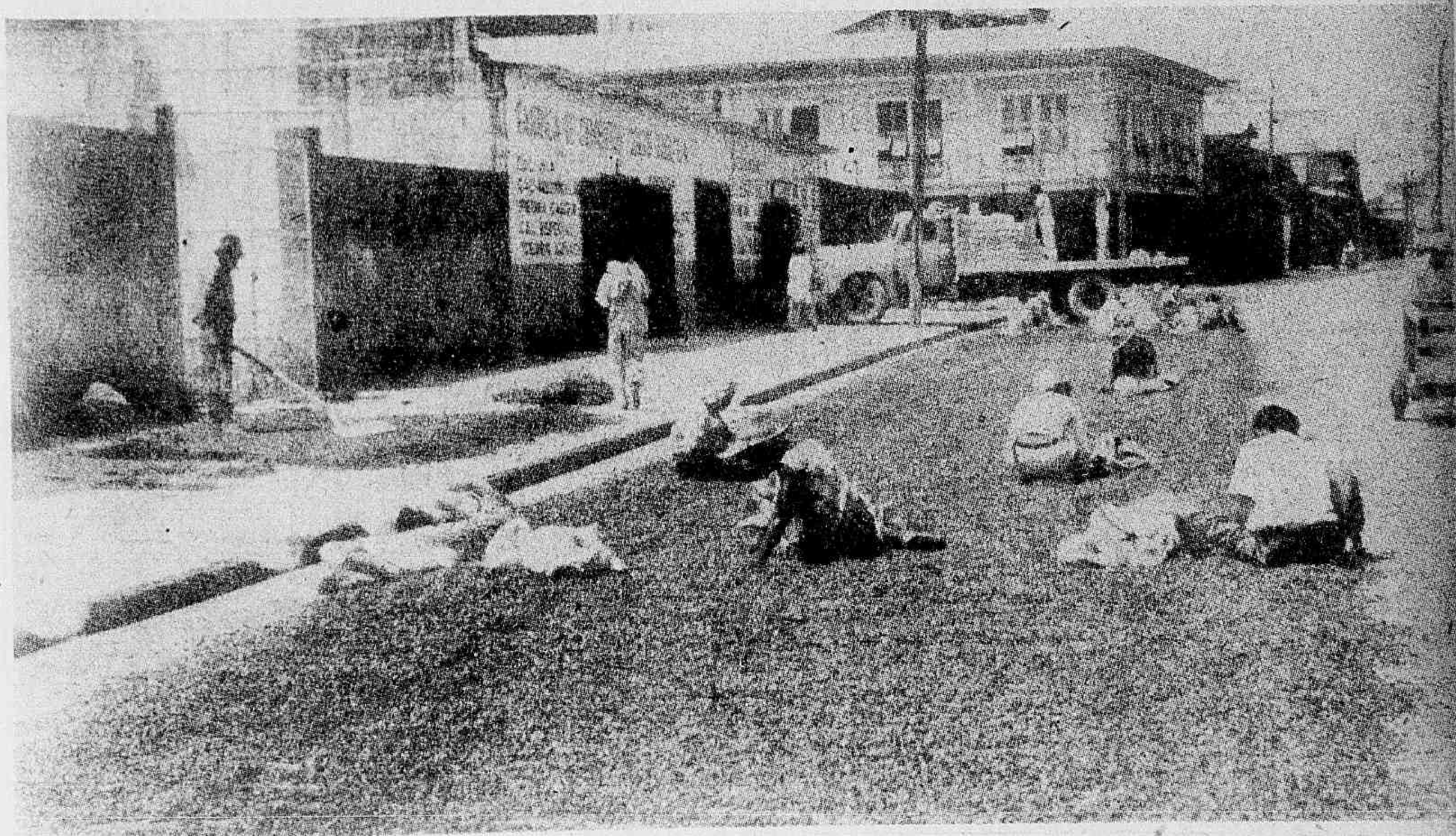
Porém a riqueza do Litoral compreende algo mais: a cana de açúcar, aproveitada por vários engenhos; o algodão, o pau-de-balsa, os frutos oleoginosos (figueira, mani, palma real, pinhão, côco, girassol, etc.), que deram origem a importantes fábricas de gorduras e óleos comestíveis e industriais; as laranjas, os limões, limas, papayas, de constante demanda no mercado chileno; as madeiras finas e de construção, que ornamentam as faldas e cimos das montanhas; a palha "toquilla", matéria-prima com a qual são tecidos os chapéus de Panamá, são, entre outros, signos da fertilidade do solo e da pujança humana do Litoral.

Quase a totalidade dos 1 240 milhões de "sucres", exportados pelo Equador, em 1952, correspondem a frutos dessa região.

A Serra é, principalmente, produtora dos artigos de consumo interno, avaliados, mais ou menos, em mil milhões de sucres anuais. Conta com sete milhões de hectares apropriados para a agricultura, porém, só 324 000 estão entregues ao cultivo. Na região andina prosperam: o trigo e o milho, a cevada e o centeio, assim como as hortaliças, os legumes e as frutas de zonas temperadas, etc.

O Equador é um excelente produtor de trigo, cereal introduzido nos tempos coloniais, pelo padre Jodoco Ricke, e cuja adaptação foi fácil e remuneradora. Infelizmente, a erosão das terras andinas e as periódicas perturbações meteorológicas afetaram a produção.

Há quarenta e três anos, o Equador só importou 602 quilos de trigo; porém, em 1951, necessitou de 9 753 222 quilos. Como consequência da diminuição da produção, houve, necessàriamente, um aumento da



Para secar o cacau, os equatorianos se servem de lonas, que estendem nas ruas. Cena comum em Guayaquil.

importação da farinha. Em 1910, foram comprados... 5 345 786 quilos; em 1951, as compras do artigo ascenderam a 32 649 457 quilos e o país teve que suportar a drenagem de consideráveis divisas para cobrir as compras.

Já agora, porém, o país reduziu a importação de farinha de trigo, graças ao estabelecimento de moinhos modernos e potentes, fabricados, em Guayaquil, pela Empreza Harinas del Ecuador, a mesma que está fornecendo ao mercado nacional um artigo de alta qualidade. A fábrica se abastece com matéria-prima do país e do exterior e elevou as possibilidades de trabalho da população. Está assim o Equador conquistando a sua independência quanto às importações de farinha. Os dados, que apresentamos a seguir, revelam a importância do estabelecimento fabril a que aludimos.

Capacidade atual da produção: 3 000 quintais diários de farinhas de diferentes classes.

Média mensal atual da produção, de acôrdo com as vendas: 50 000 sacos.

Valor da fábrica com as suas instalações completas e por completar: 5 milhões de dólares.

A Serra produz, também, gado, o que dá base a várias indústrias, como as de elaboração de queijo e manteiga, leite em pó, cortumes e tecidos. Alcançaram renome mundial os tecidos de casimiras e diversos panos fabricados pelos índios de Otavalo, província de Imbabura.

A colonização das terras do Oriente têm um louvável processo de constância e de esperança e, à medida que o homem penetra na região para travar luta com o pântano e a selva, vão sendo mais variados os signos de riqueza daquele grandioso cenário. Fazendas povoadas de gado, ricas em vegetais essenciais, proclamam, ali, a magnitude do esfôrço colonizador.

O Arquipélago de Galápagos é uma região de pesca. Para ela, vêm, periòdicamente, frotas pesqueiras de San Diego (Califórnia), prover-se de atum. Alcança proporções extraordinárias a captura do bacalhau, consumido pela população continental do país. Nas terras do Arquipélago, existem, também, milhares de cabeças de gado em estado selvagem, como expressão de fracassados ou mal dirigidos esforços colonizadores.

Êste é o Equador. Despensa sortida e aberta não só para a satisfação das necessidades internas, mas, também, para atender aos reclamos iniludíveis da cooperação, mercê da qual é possível assegurar a paz e o bem-estar do mundo.

DISTRIBUIÇÃO DE CRATERAS NA LUA

OS direitos exclusivos de colonização das crateras da Lua foram, recentemente, concedidos aos participantes do 10º Congresso do Romance Científico, ligado ao Festival do Trabalho, realizado em Chicago. Cada um dos seus membros recebeu uma cratera, da maneira mais imparcial, de acôrdo com a ordem de antiguidade, ficando as mais importantes para os membros fundadores da sociedade.

«Em estrito direito, o nosso satélite não pertence, absolutamente, a êste congresso, que não tem, por conseqüência, nenhuma qualidade para dêle dispor» — reconheceu, muito ajuizadamente, o comité organizador. — «Mas, não devemos esquecer — concluiu — que semelhantes escrúpulos não impediram, até ao presente, que os autores de romances científicos tomassem, para seus respectivos países, as melhores partes da Lua.»

O SARAMPO É RÁPIDO

UM médico, recentemente, fêz uma pergunta interessante ao «Jornal da Associação Médica Norte-Americana».

— «Quanto tempo, em realidade, é necessário para que uma pessoa contagie outra com o sarampo?»

A resposta afirmou:

— «Apenas dez segundos. Mas, as condições têm que ser perfeitas, para que a infecção se dê em tão pouco tempo. Parece que os estágios, onde o contágio é mais fácil, em relação a essa doença da infância, são os períodos **logo antes e imediatamente depois** de aparecer a conhecida e familiar erupção, que caracteriza a manifestação externa do sarampo. Durante êsses estágios — declara o «Jornal» — um contato aproximado, até ao mínimo de dez segundos, pode resultar numa infecção.

ERRO — Em Turim, ouvindo alguém gritar, altas horas da noite, diante da sua casa, um operário salta da cama e corre para a rua, a fim de ver o que havia. Ali encontra dois homens, lutando e rolando pela calçada. Um era alto e forte, enquanto o outro era pequeno e franzino. Sem hesitar, atira-se contra o primeiro e, com um sôco feliz, põe o gigante sem sentidos. Vê, então, com surprêsa, que o franzino se levanta muito depressa e lhe oferece duas notas de mil liras.

— Mas não, senhor — protesta o operário. — Nada quero!

— Sim, sim — insiste o pequenino. — O que é justo, é justo! Eu roubei dez mil liras dêsse homem. Duas mil tocam a você!

OLHANDO O MUNDO HÁ SESSENTA DIAS

MEMENTO de EU SEI TUDO

OS FATOS OCORRIDOS EM SETEMBRO DE 1953

1 — TERÇA-FEIRA — O govêrno da Iugoslávia envia a Roma um protesto contra as demonstrações armadas italianas nas proximidades de sua fronteira, dizendo não se responsabilizar pelas conseqüências se "não cessarem as provocações". ★ O govêrno italiano responde à nota iugoslava, justificando a sua atitude como "medida de precaução e proteção". ★ Um membro do govêrno de Bonn assevera que milhares de comunistas, que penetraram na Alemanha Ocidental, muitos dos quais foram detidos, levavam instruções para interferir violentamente no pleito eleitoral de domingo próximo. ★ E' pedido ao judiciário que se julgue ilegal o Partido do Reich Alemão, formado pelos neo-nazistas. ★ O ex-Presidente Laureano Gomez dirige uma carta ao Presidente Rojas Pinilla manifestando desejos de regressar à Colômbia. ★ O Presidente Perón faz um apêlo à unificação nacional na Argentina. ★ O sr. Presidente da República assina decreto designando o sr. Osvaldo Aranha para representar o Brasil no Conselho de Governadores do Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento. ★ Encerra-se a I Conferência Brasileira de Seguros Privados.

2 — QUARTA-FEIRA — As três grandes potências ocidentais convidam a União Soviética para uma conferência, a se realizar a 15 de outubro, em Lugano, Suíça, com o objetivo de discutir a maneira de resolver o problema da Alemanha. ★ O govêrno italiano volta a advertir o govêrno iugoslavo para que acabe com os incidentes de fronteira, no Território de Trieste, e repele o protesto de Belgrado por supostas violações daquelas fronteiras pela Itália. ★ Violentos conflitos na Alemanha Ocidental, entre comunistas e anti-comunistas, acreditando-se que aquêles foram enviados da parte Oriental para criar um clima de perturbação às vésperas do pleito de domingo. ★ O Ministro de Estado da França, François Mitterand, renuncia, em sinal de protesto, pela demora do govêrno em conceder maior autonomia à Tunísia e ao Marrocos. ★ O Delegado italiano à Comissão de Prisioneiros de Guerra da O.N.U. diz que existem ainda 65 mil prisioneiros italianos em poder da União Soviética. ★ Com a idade de 71 anos, falece o general Jonathan Wainwright, herói de Bataan e de Corregidor durante a segunda guerra mundial. ★ O govêrno do Chile resolve reatar relações comerciais com a Rússia e todo o bloco soviético. Por decretos assinados pelo sr. Presidente da República, são designadas as Delegações brasileiras ao VI Congresso de Leprologia a realizar-se em Madri e ao II Congresso da Liga Internacional contra a Epilepsia.

3 — QUINTA-FEIRA — O sr. Foster Dulles recomenda um rearmamento mais vigoroso do Japão, acentuando que êsse país podia e devia participar mais ativamente em sua própria defesa. ★ Churchill revela as esperadas modificações no Gabinete britânico, não afetando, porém, a posição de Anthony Eden como Secretário do Foreign Office. ★ E' rejeitada a proposta árabe-asiática para a inscrição da questão marroquina na agenda do Conselho de Segurança da O.N.U. ★ A Itália, Alemanha Ocidental e o Japão informam às Nações Unidas que a Rússia ainda mantém em seu poder cêrca de dois milhões de homens aprisionados na segunda guerra mundial,

O pêlo nas pernas, braços e axilas compromete em a sua presença na rua, nas praias e nas reuniões elegantes. Para eliminar os pêlos supérfluos não use navalha: use RACÉ, o maravilhoso e eficiente depilatório em pó perfumado. Elimina com incrível rapidez os pêlos incômodos.

Racé

LABORATÓRIOS VINDOBONA DO BRASIL LTDA

Racé

A venda nas boas perfumarias.

Laboratórios VINDOBONA

Rua Uruguaiana n. 104 - 5.º - Rio

O perfeito destruidor do pêlo

Queira enviar-me o folheto grátis referente ao depilatório «Racé».

NOME ....

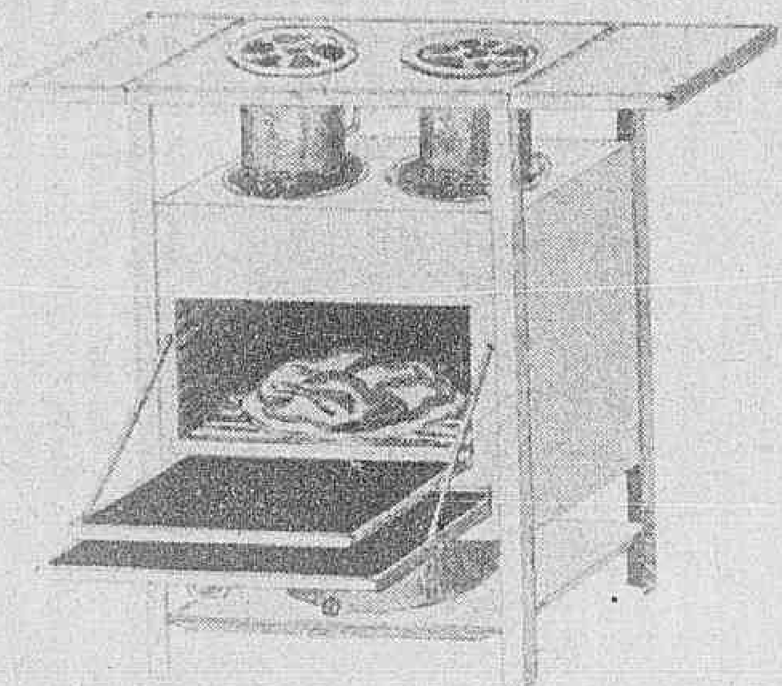
RUA ....

CIDADE ....

ESTADO ....

E.S.T. — R-5

FOGÕES E FOGAREIROS
o gás de óleo cru ou querosene
REI



A venda nas boas casas do ramo
INDÚSTRIAS "REI"
RUA DAS MARRECAS, 5
Fabricantes do afamado
CHUVEIRO ELÉTRICO "REI"

entre italianos, alemães e japonêses. ★ Realiza-se, no Itamarati, a cerimônia da assinatura de uma Declaração conjunta dos governos da República dos Estados Unidos do Brasil e a República Federal da Alemanha. ★ O sr. Presidente da República assina decreto nomeando o sr. João Carlos Muniz, Embaixador do Brasil nos Estados Unidos. ★ Assinado decreto pelo sr. Presidente da República designando a delegação do Brasil à VIII Sessão da Assembléia Geral das Nações Unidas, a realizar-se em Nova York. ★ Falece o escritor e historiador Luís Camilo de Oliveira Neto.

4 — SEXTA-FEIRA — A Iugoslávia ameaça tomar "medidas correspondentes", se a Itália não se resolver a retirar suas concentrações de tropas ao longo da fronteira internacional. A ameaça é feita em uma nota enérgica dirigida ao govêrno italiano e entregue, em Roma, pela legação da Iugoslávia. ★ Anuncia-se em Teerã que o processo contra o ex-chefe do govêrno, Mohammed Mossadegh, e seus colaboradores, começará provàvelmente hoje. ★ Os Estados Unidos solicitam formalmente ao govêrno sueco que convide a China comunista a assistir a conferência de paz coreana, a 15 de outubro. ★ O Conselho de Segurança das Nações Unidas rejeita o apêlo de um grupo de nações asiáticas e africanas para que a questão do Marrocos fôsse colocada na agenda. — Os nacionalistas marroquinos manifestam a opinião de que isso pode determinar uma revolução naquele Protetorado. ★ E' repatriado o major-general William Dean, a mais alta patente aliada capturada pelos comunistas durante a guerra coreana. ★ O Chanceler Konrad Adenauer propõe que os seis Estados que fazem parte dos planos do Exército Europeu e Schuman assinem um pacto de não agressão com o bloco soviético e iniciem negociações para o intercâmbio comercial entre os dois grupos de nações. ★ Assinado, no Palácio Itamarati, o acôrdo com a Alemanha sôbre propriedade industrial e direitos autorais atingidos pela Segunda Guerra e feita a troca de notas sôbre transferência de capitais alemães para o Brasil para fins de investimentos. ★ Instala-se no Palácio Itamarati o Instituto de Cultura Brasil-Síria. ★ Realiza-se no Copacabana Palace Hotel a "festa do homem livre" em homenagem ao jornalista J. E. de Macedo Soares, fundador do "Diário Carioca".

5 — SÁBADO — Vinte e cinco milhões de eleitores da Alemanha Ocidental acudirão hoje às urnas, para decidir se o govêrno pro-ocidente, do Chanceler Konrad Adenauer, deverá ou não permanecer no poder durante os quatro próximos anos. ★ Os comunistas intensificam uma campanha de intrigas visando incompatibilizar Adenauer, tendo sido mobilizados cem mil policiais para prevenir quaisquer perturbações da ordem. ★ O govêrno de Teerã celebra novo acôrdo comercial com a União Soviética. ★ O presidente Eisenhower concede ao novo govêrno do Irã um auxílio de emergência de 45 milhões de dólares. ★ Sabe-se que Lavrenti P. Beria, Chefe da Polícia Secreta Soviética, deposto no mês de junho passado, como "traidor", pelo Kremlin, foi denunciado como tal pela sua própria espôsa. ★ O sr. Presidente da República preside, no Palácio Itamarati, à solenidade de entrega dos diplomas aos novos diplomatas, que concluíram o curso no Instituto Rio Branco. ★ O sr. Presidente da República envia mensagem ao Senado Federal, submetendo à sua apreciação a indicação do nome do sr. Orlando Leite Ribeiro, para Embaixador do Brasil na Argentina.

6 — DOMINGO — Apesar da rumorosa campanha dos comunistas, a coligação democrática, chefiada por Adenauer, conquista esmagador triunfo nas eleições realizadas na Alemanha, para a renovação do Parlamento. ★ Os comunistas, decepcionados com os resultados do pleito, alegam que houve fraudes e violências. ★ Terminam as operações de troca de prisioneiros de guerra na Coréia, tendo os comunistas devolvido cêrca de treze mil soldados aliados.

7 — SEGUNDA-FEIRA — O marechal Tito declara que a única solução, para a questão ítalo-

CURSO DE LATIM por correspondência
Solicite folhetos
Caixa Postal 6821
São Paulo

iugoslava, era a incorporação de Trieste à Iugoslávia. ★ As declarações do marechal Tito são recebidas desfavoràvelmente na Itália, onde a imprensa acoimou o discurso do Chefe do Govêrno de Belgrado como insolente e arrogante. ★ O sr. Foster Dulles conferencia com Eisenhower sôbre importantes assuntos, inclusive a questão de Trieste e o resultado das eleições na Alemanha. ★ O sr. Presidente da República assiste à parada militar do "Dia da Pátria" e, à tarde, comparece às solenidades da Hora da Independência, tendo proferido um discurso.

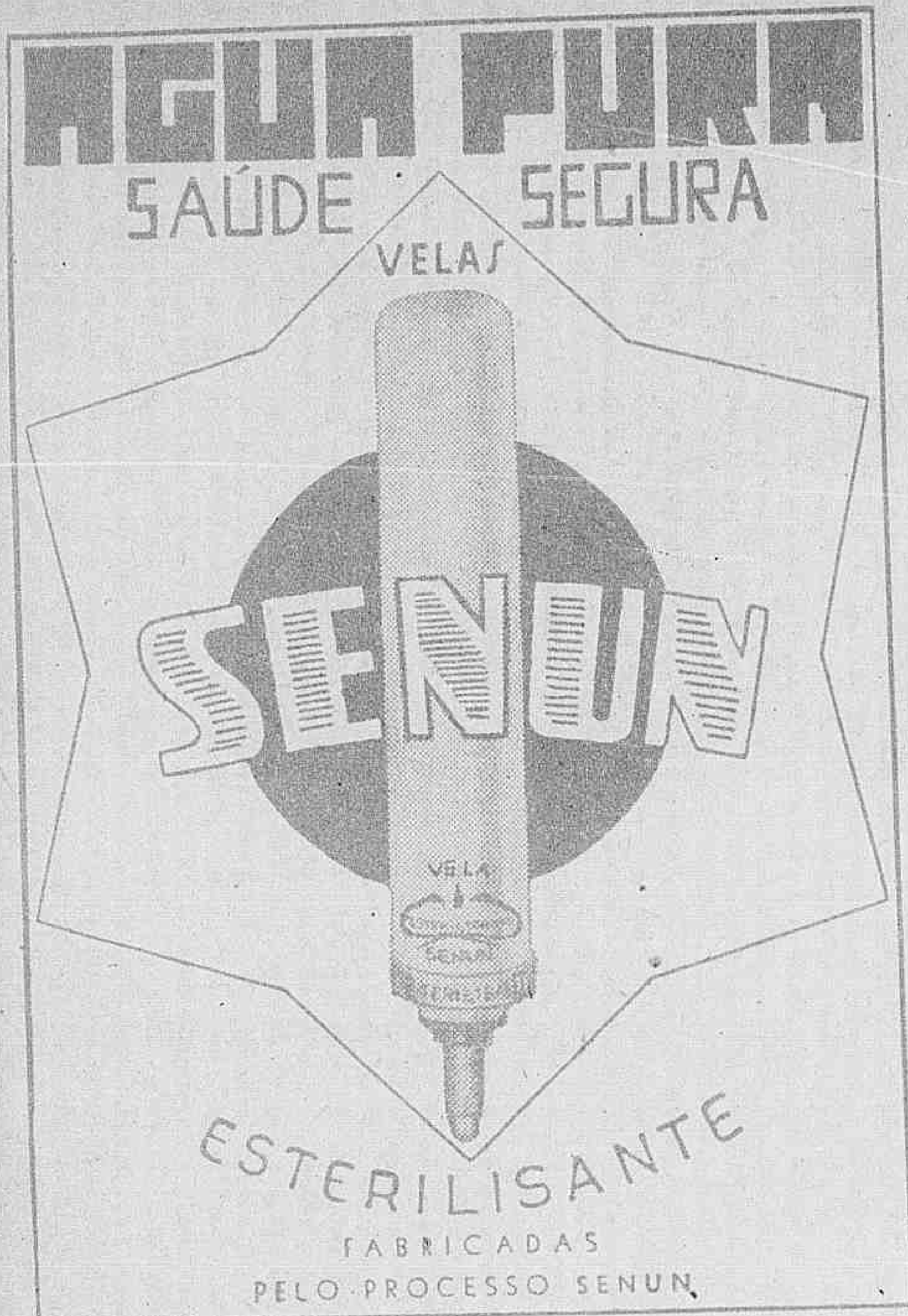
8 — TERÇA-FEIRA — O Chanceler Adenauer, que acaba de conquistar retumbante vitória eleitoral na Alemanha, declara que sua principal preocupação é conseguir libertar os 18 milhões de alemães que vivem escravizados na zona russa. ★ A Rússia começa a retirar as suas tropas de ocupação da Áustria, sugerindo aos aliados igual gesto. ★ Adianta-se que, até outubro, estará completa a evacuação das fôrças soviéticas, permanecendo em território austríaco apenas um batalhão, a título simbólico. ★ Falece em Washington o sr. Fred Moore Vinson, Presidente da Côrte Suprema dos Estados Unidos. ★ O Primeiro Ministro da Coréia declara que deverão ser gastos 628 milhões de dólares na reconstrução do país.



9 — QUARTA-FEIRA — O Papa Pio XII declara que o comunismo está a ponto de fracassar e concita a modificação dos homens de boa vontade para apressar o seu fim. ★ Um polonês, membro do grupo neutro de inspeção na Coréia, abandona os seus companheiros e pede asilo às autoridades norte-americanas. ★ Em mensagem dirigida aos delegados das 55 nações representadas na reunião do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional, o Presidente Eisenhower promete pleno apoio aos esforços internacionais destinados a desenvolver os recursos naturais e estabilizar as moedas. ★ O Embaixador João Carlos Muniz declara que parece assegurada a eleição do Brasil para integrar o Conselho de Segurança da O.N.U., contando para isso com o apoio de quase todos os 20 membros do bloco latino-americano.

10 — QUINTA-FEIRA — O govêrno norte-americano recebe com interêsse as declarações do "premier" búlgaro, demonstrando o desejo de ver Washington em boas relações com Sofia. ★ Diversas localidades da ilha de Chipre são sacodidas violentamente por tremores de terra. ★ As primeiras notícias revelam que pereceram mais de 40 pessoas e que são enormes os danos materiais. ★ O Chanceler da Áustria declara que o seu país deseja participar das conversações relativas à elaboração do Tratado de paz austríaco. ★ Pelo sr. Presidente da República foi assinado decreto nomeando Embaixador do Brasil na França o sr. Caio de Melo Franco.

11 — SEXTA-FEIRA — A crise entre a Itália e a Iugoslávia, a propósito de Trieste, evolui para



o terreno diplomático, e Vladimir Popovic, embaixador iugoslavo nos Estados Unidos, declara que seu país não lutará por Trieste e território adjacente, caso fracassem as negociações com a Itália. ★ Um fanático atira o seu automóvel sôbre a guarda montada que escoltava ao Sultão pro-França, de Marrocos, derrubando o Soberano de seu cavalo, tentando, em seguida, assassiná-lo a punhal, tendo sido, entretanto, abatido, antes de concluir a sua tentativa. ★ Anuncia-se que um dos principais objetivos de Adenauer, logo que forme o seu novo govêrno, será o de melhorar as relações com a França. ★ O Primeiro Ministro da Coréia Setentrional, Kim Il Sung, é recebido pelo "premier" George Malenkov, no Kremlin. ★ O sr. Presidente da República assina decreto designando os Delegados do Brasil ao VI Congresso Internacional de Microbiologia, a realizar-se em Roma. ★ A Áustria envia nota às quatro grandes potências, pedindo o direito de se fazer representar nas futuras conversações sôbre o tratado de paz austríaco. ★ O presidente Eisenhower nomeia o general John Hull para substituir o general Mark Clark no Comando Supremo das Fôrças dos Estados Unidos e das Nações Unidas no Extremo Oriente. ★ Eugene Black, presidente do Banco Internacional, declara que o total de empréstimos feitos pela entidade mundial no Hemisfério Ocidental se eleva à soma de 422.825.000 dólares.

12 — SÁBADO — A agência búlgara de imprensa anuncia que o govêrno da Bulgária pediu à Grécia o restabelecimento de relações diplomáticas entre os dois países. ★ O ministro egípcio da Orientação Nacional declara que vários políticos, dos que foram expulsos do poder, haviam mantido contato com a embaixada britânica durante os dias em que ocorreram as conversações sôbre o Canal de Suez. ★ A rádio de Moscou anuncia a nomeação de Nikit para primeiro secretário do Comité Central do Partido Comunista Soviético. ★ A Inglaterra, protestando junto à China Comunista, classifica o canhoneio da lancha britânica perto de Hong Kong, ocorrido na quarta-feira passada, como ataque sem provocação e desnecessário, acrescentando que considera o govêrno chinês responsável pela morte de sete súditos britânicos e por ferimentos em outros cinco. ★ Presente o sr. Presidente da República, realiza-se na ilha das Enxadas a entrega de espadas à primeira turma de guardas marinha do Centro de Instrução de Oficiais da Reserva da Marinha. ★ Por decretos assinados pelo sr. Presidente da República são nomeados os srs. Luís Corrêa da Silva, diretor-geral do S. A. P. S. e Roberto Acioli, presidente do I. P. A. S. E.

13 — DOMINGO — As autoridades militares da Organização do Atlântico Norte consideram que, no caso de uma guerra, a Rússia trataria de cercar os exércitos aliados na França e que seu principal objetivo militar seria a Grã-Bretanha. ★ O Xá do Irã ordena que o ex-Premier do país, Mohammed Mossadegh, seja julgado por um Conselho de Guerra, dizendo-se que Mossadegh acusou a alguns de seus colaboradores de "traição". ★ Inaugurado, oficialmente, o pavilhão brasileiro na Feira Suiça de Indústrias, em Lausance.

AGORA SIM!
Sugestões
MAIZENA
resolve o
seu
PROBLEMA.
Uma valiosa
coletânea
de receitas
uteis, econômicas
e saborosas
INTEIRAMENTE GRATIS.
Peça hoje mesmo o seu
exemplar do novo livro
Sugestões
MAIZENA

Amido de milho "MAIZENA" 55
Caixa Postal, 8006 - São Paulo
GRATIS! Peço enviar-me o livro Sugestões "MAIZENA"
NOME
RUA
CIDADE ESTADO

14 — SEGUNDA-FEIRA — Os comunistas chinêses e norte-coreanos repelem as recomendações da Assembléia Geral da O.N.U., sôbre quais os países que deverão participar da Conferência da Paz Coreana. Os vermelhos declaram que a Rússia, Índia, Indonésia, Paquistão e Birmânia também deverão participar da citada Conferência, como países neutros. ★ O Ministério italiano de Assuntos Estrangeiros dirige uma nota às embaixadas da França, Inglaterra e Estados Unidos, assim como à Legação da Iugoslávia, propondo a essas quatro potências reunirem-se com a Itália, a fim de discutir as condições de organização de um plebiscito no território livre de Trieste. ★ Noticia-se que a União Soviética é agora possuidora não só das bombas atômica e de hidrogênio, mas também da bomba de cobalto, tida como a mais terrível das novas armas.






15 — TERÇA-FEIRA — A Assembléia Geral das Nações Unidas rejeita, por esmagadora maioria, uma moção da Rússia para considerar imediatamente a questão da admissão da China Comunista na Organização Mundial. ★ A Tchecoslováquia anuncia uma reorganização radical no govêrno e no Comité Central de seu Partido Comunista, do qual surge como figura poderosa o misterioso Rudolf Barak, que desempenhou as funções de Vice-Primeiro Ministro durante os últimos cinco meses. ★ E' proclamado o estado de emergência no Cairo, como medida de precaução, depois da acusação feita por membros do govêrno, no sentido de que uma potência estrangeira conspirava para derrubar o regime do general Naguib. ★ Instala-se, sob a presidência do sr. Ministro da Agricultura, a I Reunião da Associação Regional Sul-Americana de Meteorologia. ★ Vítima de um colapso cardíaco, falece o general Isaías Medina Angarita, ex-Presidente da Venezuela.

16 — QUARTA-FEIRA — A sra. Pandit, Chefe da Delegação da Índia às Nações Unidas e irmã do Primeiro Ministro Nehru, é eleita Presidente da Assembléia Geral da O.N.U. ★ Anuncia-se nos Estados Unidos que serão enviados para a Europa, com a finalidade de reforçar as defesas da NATO, mais de 6 grupos norte-americanos de artilharia atômica. ★ A Casa Branca anuncia que o "premier" francês, Joseph Laniel, visitará Washington, a fim de conferenciar com o Presidente Eisenhower sôbre "assuntos de interêsse comum", relacionados com a Indochina, a Defesa da Europa e a Paz na Coréia. ★ A condessa Tolstoi, filha do famoso escritor russo dêsse nome, de regresso de uma excursão pela Europa, declara em Nova York que o comunismo está agonizante. Disse mais que os russos temem a guerra, e que se pode esperar, a qualquer momento, uma revolução por trás da "cortina de ferro". ★ O Vice-Primeiro Ministro egípcio, tenente-coronel Gamal Abdel Nasser, declara que, se a Inglaterra deixasse o Canal de Suez, reforçaria o prestígio bri-

A BELEZA DOS SEIOS BÉL-HORMON
Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Aquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. - Rua da Carioca, 33 - Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ......

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

tânico e poria fim ao comunismo no Egito. ★ O Chanceler alemão ocidental, Konrad Adenauer, escreve ao Ministro do Exterior francês, Georges Bidault, propondo o reinício das discussões franco-germânicas sôbre questões de interêsse mútuo. ★ Inaugura-se o LVIII Salão Nacional de Belas Artes.

17 — QUINTA-FEIRA — O ex-Primeiro Ministro Mohammed Mossadegh, submetido atualmente a interrogatório, em um centro militar de detenção, será julgado pùblicamente, dentro de dois meses, informa o jornal "Keyhay", tendo o Xá aprovado os nomes dos juízes que integrarão a Côrte Marcial, que julgará o ex-governante. ★ Duas pessoas informam aos detectives suiços, haver visto a sra. Melinda Mac Lean e seus três filhos sairem de Lausance sexta-feira última, em um trem que partiu às 18 horas para Zurich. A sra. MacLean é a espôsa do diplomata britânico Donald MacLean que, com seu colega Guy Burgess, desapareceu logo após desembarcar de um navio, procedente da Inglaterra, na costa francesa do Canal da Mancha. ★ A Grã-Bretanha e a França reduzem seus tipos de descontos bancários, com o propósito de melhorar suas condições financeiras. O Banco da Inglaterra rebaixa o tipo britânico de 4 por cento, em que foi fixado em princípios do ano passado, para fortalecer a libra esterlina, para 3 1/2 por cento. O Banco da França fêz a mesma redução, a pedido do govêrno, para facilitar as operações de crédito. Os demais tipos de juros ficam relacionados com o tipo bancário de desconto. ★ O sr. Prefeito do Distrito Federal nomeia Secretários Gerais de Educação e Cultura e do Interior e Segurança, respectivamente, os srs. Mourão Filho e Salomão Filho. ★ Inaugura-se a exposição do "Palácio da Descoberta", no Ministério da Educação.

18 — SEXTA-FEIRA — Os Estados Unidos, em nome das nações que combateram na Coréia, solicitam aos comunistas chinêses e norte-coreanos que dêm uma "pronta resposta" quanto ao local e data que lhes são aceitáveis para a conferência política coreana, "uma vez que é essencial que os preparativos para a conferência tenham início imediato". ★ A França abandona o recinto da Assembléia Geral das Nações Unidas, ao ser criticada sua política na África do Norte pelo Ministro de Relações Exteriores do Paquistão, sir Mohammed Zafrullah Khan. ★ O representante da maior tribo do Iran anuncia que já se acham concentrados 70.000 fuzileiros, que entrarão em ação se o chefe do govêrno, Fazollah Zahedi, não atender ao "ultimatum" que lhe foi enviado para que ponha em liberdade o ex-Primeiro Ministro Mohammed Mossadegh. ★ A União Soviética anuncia que foram coroadas de todo êxito as provas de armas nucleares realizadas nas últimas semanas, "com vários tipos de novas armas atômicas". ★ Nova onda de greves ameaça a França, estando os operários comunistas e não-comunistas irritados com o govêrno do sr. Joseph Laniel, porque não aumentou tanto quanto êles desejavam os salários dos empregados dos serviços e emprêsas do Estado. ★ Solicita asilo aos Estados Unidos, como refugiado político, o sr. Marek Korowickz, primeiro delegado suplente da Polônia na Assembléia Geral das Nações Unidas. ★ A emissora comunista de Varsóvia diz que um ex-funcionário do govêrno polonês declarou que o Cardeal Spellman atuou, durante a Segunda Guerra Mundial, como agente da Alemanha nazista e dos EE. UU., na guerra contra a União Soviética. ★ O sr. Presidente da República assina decreto nomeando Embaixador do Brasil no Peru o sr. Edgard Bandeira Fraga de Castro.

Sensacional!
CR.$ 50 — Álbum Rubro Negro
CR.$ 40 — Álbum do Crack
CR.$ 5 — Vida do Crack
VIDA DO CRACK: Ademir, Biguá, Zizinho, Castilho, Santos, Pinga
Pedidos pelo Reembôlso Postal à Editôra Brasilidade Limitada. Rua da Quitanda nº 59-2º and. Rio de Janeiro — C. Postal 2733
À venda nas bancas de jornais

19 — SÁBADO — O ex-"premier" Clement Attlee declara que os Estados Unidos, no que se refere à sua atitude sôbre o Oriente Médio, é responsável pela desastrosa situação internacional. ★ O secretário norte-americano da Marinha, sr. Anderson, manifesta a esperança de que se revelaria tão grande o poder da destruição das armas atômicas, que desencorajaria as nações do mundo a utilizarem essas armas diante da ameaça de sua destruição total. ★ O comandante em chefe das fôrças aéreas das Nações Unidas, na Coréia, declara que aviadores russos pilotaram os "Migs" comunistas que enfrentaram os caças a jato "Sabre" norte-americanos durante a guerra na península. ★ O govêrno do Irã anuncia que repelirá pelas armas qualquer tentativa de libertação de Mossadegh pela fôrça. ★ O Presidente Perón, convidado pelo govêrno do Paraguai, seguirá para Assunção no fim do corrente mês, a bordo do iate presidencial "Tecuala", em companhia de várias personalidades, entre as quais o Ministro do Exterior. ★ Prosseguem, em Curitiba, os trabalhos do I Congresso Florestal Brasileiro.

20 — DOMINGO — O "Pravda", o "Izvestia" e todos os jornais soviéticos publicam na primeira página o comunicado que marca o fim das conferências coreano-soviéticas, que se realizaram de 11 a 19 em Moscou, bem como os discursos do sr. Malenkov e do marechal Kim Ir Sen, Primeiro Ministro norte-coreano. O Presidente do Conselho de Ministros da U.R.S.S. pôs em relêvo a parte tomada pela China na libertação da Coréia do Norte, havendo frisado: "que não se pode deixar por mais tempo a China à parte dos grandes problemas mundiais, tanto como das grandes organizações mundiais".

21 — SEGUNDA-FEIRA — O sr. Presidente da República assina decreto, conferindo a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul ao sr. general Carlos Ibañez del Campo. ★ Pelo sr. Presidente da República foi assinado decreto conferindo a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul ao sr. Joseph Saouda. ★ Realiza-se, no salão nobre do Palácio Guanabara, a cerimônia de posse dos srs. Antônio Mourão Filho e Salomão Hansen Handam Filho, respectivamente, nos cargos de Secretário de Educação e Cultura e do Interior e Segurança, para os quais foram recentemente nomeados pelo Prefeito.

22 — TERÇA-FEIRA — A rádio oficial iraniana revela a possibilidade de que o ex-Primeiro Ministro Mohammed Mossadegh seja condenado à morte. Acrescenta que Mossadegh e os funcionários que colaboraram com êle serão severamente castigados. ★ As autoridades comunistas comunicam ao Comando das Nações Unidas que ainda têm sob a sua guarda, aproximadamente, 300 prisioneiros de guerra coreanos, uns vinte norte-americanos e um britânico. ★ Um porta-voz do Departamento de Estado, interrogado sôbre os boatos concernentes à presença de Beria em um país neutro, repete que "o Departamento de Estado não tinha nenhum comentário a fazer a êsse respeito". ★ Por 11 votos contra 2, a Comissão Geral das Nações Unidas rejeita a solicitação soviética de se reabrir, na Assembléia Geral, o debate sôbre a composição da conferência política sôbre a Coréia.

23 — QUARTA-FEIRA — O Canadá, através de seu representante, Lester Pearson, que discursou como porta-voz da Comunidade Britânica, adverte aos comunistas que não devem retardar a Conferência de Paz coreana, dizendo que não havia nenhum motivo para um boicote vermelho contra o conclave. ★ As perspectivas de um ajuste entre o Egito e a Inglaterra, sôbre a zona do Canal de Suez, são mais alentadoras do que nunca. Os negociadores dos dois países se reunem, na residência do general sir Brian Robertson, em Londres, Comandante-Chefe das Fôrças Britânicas do Oriente Médio. ★ A imprensa de Madri informa que Lavrenti Beria, ex-alto funcionário do Kremlin, "expurgado" depois da morte de Stalin, desceu em paraquedas na Espanha, com uma lista de agentes comunistas que operam no mundo inteiro. A notícia não foi confirmada pelos meios competentes. ★ Fontes bem informadas manifestam que, se bem que se espera seja a pena de morte proferida contra o ex-

"AMARALINA"



(O famoso tônico capilar descoberto e industrializado na Bahia)

Já se encontra à venda em tôdas as farmácias, drogarias e perfumarias. Se, entretanto, não existe na cidade, não perca tempo, pedindo imediatamente pelo Reembôlso Postal — O preço de "AMARALINA" é, em qualquer parte do Brasil, de Cr$ 35,00 e pelo Reembôlso Postal custa Cr$ 45,00, livre de porte.

"AMARALINA", certeza absoluta de que os cabelos tornarão a nascer. Na paralisação da queda de cabelos é francamente extraordinário êste produto descoberto por brasileiro e fabricado com erva nacional. Centenas de pessoas atestam suas nunca igualadas qualidades.

Pedidos a M. M. BURLE & CIA. LTDA.
AVENIDA RIO BRANCO, 137 — SALA 616

OS PEDIDOS PARA O DISTRITO FEDERAL DEVERÃO SER DADOS PELOS TELEFONES: 32-9415 e 32-9309

COMO APRENDER A DANÇAR



5ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.
Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.
Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Rua da Liberdade número 120 —— São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 — S. Paulo.
À venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

Primeiro Ministro Mohammed Mossadegh, é provável que o Xá comute a sentença e ordene que Mossadegh fique sob vigilância, no Irã.

24 — QUINTA-FEIRA — Aumenta a lista dos soldados das Nações Unidas prisioneiros dos sino-coreanos e dos quais não há notícias. ★ Os Estados Unidos oferecem a restituição "a quem de direito" do caça a jato "Mig-15", a bordo do qual um pilôto norte-coreano aterrissou recentemente na retaguarda das linhas aliadas. ★ A história publicada pelo jornal "ABC", de Madri, sôbre a presença de Beria na Espanha, não fôra aprovada pela censura, conforme se divulgou de início. A reportagem fôra enviada ao censor de manhã cedo, mas êle não estava na repartição. Assim, o jornal resolveu publicar mesmo sem licença. Embora tôdas as emissoras tenham transmitido ontem a notícia, os outros jornais madrilenhos foram proibidos pela censura de publicá-la. ★ Chega a esta capital, em visita oficial ao nosso país, o sr. Presidente da Nicarágua, a quem foram prestadas grandes homenagens. ★ Em cerimônia realizada no Palácio do Catete, os Chefes dos governos do Brasil e da Nicarágua assinam uma declaração conjunta, realçando a tradicional amizade entre os dois países e protestando pela sua perpetuidade.

25 — SEXTA-FEIRA — A França propõe ao Kremlin a conclusão de tratados, que tenham por fim impedir o renascimento do militarismo alemão, na esperança de conseguir que a União Soviética concorde em participar de negociações para pôr um paradeiro à guerra fria. ★ Milhares de residentes em Nuremberg procuram os refúgios, quando os peritos em operações de demolições desartilharam um torpedo aéreo britânico que se encontrava enterrado na cidade desde a segunda guerra mundial. ★ O avião "Mig", de propulsão a jato e de construção russa, conduzido a um aeroporto aliado por um pilôto norte-coreano, será devolvido à Coréia do Sul, para que seja restituído aos comunistas. ★ Visita a Câmara o sr. general Anastasio Somoza, presidente da Nicarágua. Igual visita é feita ao Senado. ★ O sr. Presidente da República oferece, no Palácio Itamarati, um banquete, seguido de recepção, ao sr. Presidente da República da Nicarágua, que recebe as insígnias do grande colar da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul. ★ No Hotel Glória realiza-se a sessão de encerramento da I Reunião da Assembléia Regional Sul-Americana de Meteorologia.

26 — SÁBADO — A Espanha e os Estados Unidos assinam um pacto militar e econômico destinado a reforçar as defesas do mundo ocidental. Pela primeira vez na História, as duas nações se convertem em aliados. ★ A Assembléia Consultiva do Conselho da Europa resolve aceitar a moção em que se propõe que as quatro grandes potências realizem uma conferência e concluam um pacto de segurança mútua. ★ A União Soviética propõe aos Estados Unidos e à Grã-Bretanha retirarem as fôrças que têm destacadas no território livre de Trieste. ★ O Papa Pio XII proclama o "Pequeno Ano Santo" católico romano, a ter início no próximo dia 8 de dezembro, quando será iniciada a comemoração do centenário do dogma da Imaculada Conceição da Virgem Maria. ★ Chegam ao território da República Federal Alemã, vindos da Rússia, 468 antigos prisioneiros de guerra alemães. ★ O tribunal de Praga condena a 25 anos de prisão, 5 tchecos que viajavam a bordo de um avião de passageiros, no qual seis pessoas procuravam refúgio no Ocidente, em um "vôo até a liberdade" em março último. ★ O sr. Presidente da República sanciona Lei prorrogando o regime de licença prévia. ★ O sr. Presidente da República comparece à recepção que o Exército ofereceu ao sr. general Anastasio Somoza, a quem fêz entrega da condecoração da Ordem do Mérito Militar. ★ O Presidente da Nicarágua visita a Academia Militar das Agulhas Negras. ★ Falece o dr. Viana do Castelo, ex-Ministro da Justiça do govêrno Washington Luís.

27 — DOMINGO — Falando ante a Assembléia Geral das Nações Unidas sôbre a questão da admissão de novos membros, o Embaixador da Argentina, Rodolfo Muñoz, declara que tal problema "transformou-se num dos principais motivos de crítica da Organização Mundial", e acrescenta: "Se é que pretendemos nos tornar guardiães da Paz e da segurança internacionais; se é que pretendemos que a Organização tome, como tem tomado, medidas no sentido de orientar a conduta internacional de outros Estados, quando fôr considerada contrária aos fins e objetivos da Comunidade de Nações, não podemos continuar como uma Organização fechada, constituída, só, por determinado número de países. ★ A Rádio de Varsóvia anuncia que "o govêrno polonês proibiu ao Cardeal Etienne Wysaynsky o desempenho de seu cargo religioso.

28 — SEGUNDA-FEIRA — Em nota enviada à Itália, a Iugoslávia rejeita, formalmente, a pro-

posta italiana para a realização de um plebiscito no território livre de Trieste. A nota iugoslava, entregue à Legação italiana em Belgrado, é uma resposta à nota italiana de 13 de setembro, na qual o Primeiro Ministro Giuseppe Pella propunha uma conferência de cinco potências, para organizar o plebiscito nas duas zonas de Trieste. As cinco nações sugeridas são: Itália, Jugoslávia, Estados Unidos, França e Grã-Bretanha. ★ O sr. Presidente da República assina decreto criando a Embaixada do Brasil na Indonésia.

29 — TERÇA-FEIRA — A Rússia propõe uma conferência de cinco potências, inclusive a China Comunista, para considerar a maneira mais prática de reduzir a tensão internacional. ★ A sra. Vijaya Lakami Pandit, Presidente da Assembléia Geral das Nações Unidas, julga improcedente uma tentativa russa para que se volte a examinar a questão da admissão da China. ★ Apresentaram seus pedidos de demissão, ao Rei Frederico, o Primeiro Ministro Erik Eriksen e o Chanceler Ole Bjoern Kraft. Finaliza, assim, o govêrno de coalisão liberal-conservador. O soberano convoca o ex-"premier" Hans Hedtoff, dirigente do Partido Social Democrata, para que organize um govêrno de coligação social-democrata-liberal-radical. ★ A China dará início, dentro em breve, a um gigantesco programa de armamentos e de produção industrial, "com a ajuda de técnicos soviéticos". ★ Toma posse e entra em exercício no cargo de Presidente do Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado o sr. Abilon de Souza Neves. ★ O sr. Presidente da República comparece ao Aeroporto Santos Dumont, ao embarque, para Salvador, do sr. general Anastasio Somoza, Presidente da Nicarágua. ★ Pelo sr. Presidente da República é assinado decreto designando a delegação do Brasil à IV Sessão do Comité Executivo da Organização Meteorológica Mundial. ★ Apresenta credenciais ao sr. Presidente da República o sr. Waclaw Frankowaki, novo Ministro da Polônia no Brasil.

30 — QUARTA-FEIRA — A França se compromete oficialmente a desfechar uma ofensiva total na Indochina, para conseguir a vitória, em troca da ajuda dos Estados Unidos para tal fim, e imediatamente determina o envio, ao teatro de operações indochinês, de regimentos marroquinos e argelianos, que se encontram presentemente na Alemanha. ★ O Primeiro Ministro britânico, sir Winston Churchill, convida o Presidente Eisenhower, dos Estados Unidos, e o Presidente do Conselho de Ministros da França, Joseph Laniel, para uma conferência dentro de breve prazo. ★ Andrei Vishinsky, delegado soviético ante a Organização das Nações Unidas, declara que não pode haver conferência de paz coreana, a menos que se dê a devida consideração às proposições comunistas para que sejam admitidos neutros entre os beligerantes de ambas as partes na reunião. ★ O govêrno brasileiro efetua um pagamento de 5.500.000 dólares como parte de sua dívida a título de "Empréstimo e Arrendamento". ★ Em Londres admite-se seja concluído dentro de alguns dias o acôrdo anglo-brasileiro, para o pagamento das dívidas comerciais acumuladas pelo Brasil e para o reinício do comércio entre os dois países. Os negociadores no Rio de Janeiro teriam chegado à redação do acôrdo.

TRABALHOS GRÁFICOS

★ LIVROS
★ FOLHETOS
★ PROSPECTOS
★ RÓTULOS
★ BULAS
★ CARTAZES

E QUALQUER SERVIÇO DO RAMO GRÁFICO
TRABALHO RÁPIDO E LIMPO

Cia. Editôra Americana

RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — TELEFONE 22-8647 — RIO DE JANEIRO

84 LIVROS VIVOS 'A SUA ESCOLHA

LIVROS VIVOS, SÃO LIVROS DE PRIMEIRA NECESSIDADE!

PEÇA HOJE!

POR PREÇOS BARATOS, OFERECEMOS A PRIMEIRA E MAIOR COLEÇAO DE LIVROS JA PUBLICADA NO BRASIL!

VENDAS:

RIO: AV. RIO BRANCO, 25 e RUA DO OUVIDOR, 150

SÃO PAULO: RUA CONS. CRISPINIANO, 403

BELO HORIZONTE: RUA DA BAHIA, 884

SALVADOR: PRAÇA DA SÉ, 20 e 22

RECIFE: RUA DA PALMA · LOJA · 6 (EDIFICIO DOS COMERCIARIOS)

INTERIOR: PEÇA PELO REEMBÔLSO POSTAL ENVIANDO SEU PEDIDO PELO TALÃO AO LADO, PARA O RIO

EDITÔRA GERTUM CARNEIRO S/A

Avenida Rio Branco, 25 – Dep. 9-B - Rio de Janeiro

Peço enviar pelo REEMBOLSO POSTAL, os livros, cujos números indico abaixo:

....

....

....

....

....

BASTA INDICAR O NUMERO

NÃO MANDE DINHEIRO, OU SELOS. NADA ADIANTADO.

Nos pedidos abaixo de Cr$ 100,00, há aumento de 10%.

(Não temos catálogos)

NOME ....

RUA ....

LOCALIDADE ....

ESTADO ....

QUEBRA CABEÇAS

Diretor: Dr. LAVRUD — Secretário: DABLIÚ — ANO XXXVII — Nº 6 — NOVEMBRO — 1953
Dicionários adotados nesta seção: Simões da Fonseca — Hildebrando — Gustavo Barroso. Pequeno Brasileiro, 5ª edição — Papyrassu, Monossílabos — Sylvio Alves, Breviário — Dicionário de Nomes Próprios, de Lidaci — Provérbios Originais, do Dr. Lavrud.
Tôda correspondência sôbre charadas deve ser dirigida para a redação de EU SEI TUDO — Rua Visconde de Maranguape, 15 — e endereçada ao redator desta seção.

4.º TORNEIO

OUTUBRO A DEZEMBRO

LOGOGRIFO

— 54 —

Tem prazer o charadista
— 4-6-5-7-3
Em fazer um bom trabalho.
Que **bolada** há que resista
— 2-1-6
Quando o assunto vem a talho?

Se não se **alia** ou se ajusta
— 10-8-6-4-3
Ao tema tôda a clareza,
— **Torno a fazer** (diz), não [custa. — 9-5-8-7-11
— Quero valor e beleza.

Mas depois de tudo feito,
Com cuidado, tão esperto,
Descobre o autor que o conceito
Ficou dúbio, vago, **incerto**...

Pompeu Júnior — R. P. (Botucatu)

———

CHARADAS NOVÍSSIMAS

55 — Duas, duas — No exame êle **emudece** ante a pergunta: E' forte a **doença das plantas**?

Asclepios (Rio)

———

56 — Três, duas — **Rescindi** a cláusula contratual porque êle com o **direito de demandar** em juízo requereu a **rescisão**.

Cysneirense Junior

———

57 — Uma, três — **Mas** que salário ótimo tem o **aposentado**!

Fiote (Cuiabá)

Ao talentoso El Principe

58 — Duas, duas — Pelo **nome dado na Índia a algumas personagens fabulosas, interpreto o sentido do conchavo político**.

Heron Silpes (Canavieiras)

MOLÉSTIAS DA BEXIGA

A irritação intolerável e os ardores produzidos pelos distúrbios da bexiga, devem ser combatidos, logo de inicio Sendo a bexiga a porta de saida das substâncias tóxicas e impurezas que os rins separam do sangue, sofre-se dores cruciantes quando esse delicado orgão está inflamado, devido ao contacto com tais substâncias. O exagerado desejo de aliviar a bexiga, os ardores e as irritações das vias urinárias devem ser combatidos, tomando, ainda hoje, as Pilulas de Witt para os Rins e a Bexiga. Sua ação calmante e antisética, faz-se sentir logo na bexiga, nos rins e em todas as vias urinárias.

As Pilulas De Witt são fabricadas especialmente para as doenças dos Rins e da Bexiga.

59 — Quatro, uma — **Estou irresoluto** se compro **afinal** esta **armação de madeira de pouca solidez**.

Sefton (Rio)

———

60 — Duas, duas — Coisa **importante** é o **diploma da constituição de um país**.

Tony (Campo Florido)

———

61 — Duas, uma — **Em verdade** vos digo: de **tal modo** é muitíssimo pior a mentira que o **furto**.

Zytho (Rio)

———

62 — Uma, uma — **Proferir** poucas palavras e **comprar** sossêgo é **cintilar** na vida.

Zoraco

———

63 — Duas, duas — **Buraco na meia, puro buraco na meia**, é o que é.

Evadio (Rio)

———

64 — Três, uma — **A roça, aqui** é considerada como uma **fazendola**.

Segon (Rio)

———

65 — Duas, duas — **Na lista** do Tesouro há o aumento do preço da **barba, para efeito da arrecadação de impôsto**.

Guilherme Tell (Rio)

A TINTA
Stephens
AINDA É A MELHOR

Pilulas
DE WITT
para os Rins e a Bexiga
Em vidros de 40 e 100 pilulas
O grande é mais econômico


BIGODE
de SENHORAS e VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
GUILHERME KLOTZ
AV. BRIG. LUIZ ANTONIO, 4289 - S. PAULO
FUNDADO 1926
PEÇA PROSPECTOS

66 — Duas, duas — **Provoca** briga, o que **causa** revolta, o indivíduo que vende **cocada.**

José Balsamo (Rio)

---

67 — Uma, duas — **A infeliz** mulher do **valentão** acabou recorrendo a **Xangô.**

Paulistinha (Rio)

---

68 — Duas, uma — O cheiro do **cachimbo** estonteou o **porco** que só melhorou depois de surra de **vergasta.**

Iza Abel (Rio)

---

69 — Uma, duas — **Naqueles** povos indígenas a mulher **morena** é a que tem mais **lábia.**

Segon (Rio)

ENIGMAS

— 70 —

Se coisa desconhecida
Antes da trama que faço
Alguém puzer, eu garanto
Que não terá embaraço,
Nem canseira, nem quebranto
Na árdua **luta pela vida** (*)

(*) — Verbos).

Dr. Barreto Cardoso — G.C.N. (Maceió)

— 71 —

Aqui só tem bom conceito,
Quem de fato é habilidoso,
Faça, portanto, tudo perfeito,
Que o **chefe** é **meticuloso**...

P. Del Debbio — C.E.P (S. Paulo)

fixbril
ASSENTA E DÁ BRILHO AO CABELO!
Cabelos sedosos, brilhantes e bem penteados com o uso constante de FIXBRIL, asseguram o complemento indispensavel para sua elegância.
★ AGORA TAMBEM EM BISNAGA
DE WITT · RIO · LONDRES · NOVA YORK · BUENOS AIRES

— 72 —

Se a mulher está em êrro
Fica a gente apreensivo,
Triste com cara de entêrro
De modo assás **defensivo.**

Bisilva (Manaus)

— 73 —

Se você atar a uva,
Vá saindo, pois, senão,
Vem a dona da parreira
Que é uma célebre viúva
Conhecida por grosseira
A berrar de **exaltação.**
Onde?

Irahydes (Rio)

— 74 —

E' mole que nem pamonha
êsse **negrinho** sapeca;
nada faz e tudo sonha
enquanto joga peteca.
Onde?

KTQZ (S. Paulo)

CHARADAS SINCOPADAS

75 — Três (duas) — **O caboclo** da Amazônia quase sempre é **misântropo.**

Bisilva (Manaus)

---

76 — Três (duas) — No seu **relatório escrito,** afirmaram os peritos ter sido o cofre aberto com um **verrumão de carpinteiro.**

Conselheiro (S. J. de Mipibu)

---

77 — Três (duas) — Depois da ventania, o chão estava coberto de **fôlhas de pinheiro** postas em **camadas.**

Edur G. Monteiro (Cuiabá)

---

78 — Três (duas) — Nos **postos policiais** é comum ver-se um **homem** detido por embriaguês.

Ecêbê (Maceió)

---

79 — Três (duas) — Num **montão** de ruínas não foi **inútil** o esfôrço para encontrar a pedra preciosa.

Farani (Salvador)

---

80 — Três (duas) — Bom **jurisconsulto,** réu **jubiloso.**

Fusinho (Bangu — Rio)

---

81 — Três (duas) — Posso **indagar** o motivo de tua **falta de elegância?**

Gumercindo Leite (Paraíba)

LUTO EM 5 MINUTOS
TINGE SAPATOS
TIC-TAC
TINGE BOLSAS
Á VENDA NOS ARMAZENS E CASAS DE FERRAGENS

82 — Três (duas) —

Quem é **velhaco** ou ladrão,
O seu destino me aflige,
Pois acaba na prisão,
Se não se **vence** ou corrige.

J. D. Mingo (Bonfim)

---

83 — Três (duas) — **Sujeito que desenha plantas e projetos sem entender do assunto,** não pode esperar uma sorte **agradável.**

Lutércio (Rio)

---

84 — Três (duas) — Bêbedo com **aguardente de mandioca?** isso é **fita.**

Nilva (Rio)

---

85 — Três (duas) — A carestia de vida chegou a tal ponto, que se acha em perigo a **família** brasileira.

Nomísio Nuno (F. de Santana)

---

86 — Três (duas) — Quem é **violento** arrisca-se a ir um dia parar na **cadeia.**

O Sineiro (S. Paulo)

CHARADAS SINCOPADAS

87 — (Três (duas) O **laço** de **estrangular** trouxe o **indivíduo moreno.**

Oduanref (Santa Cruz — Rio)

---

88 — Três (duas) — **Palavreado chocho** não é **alocução** convincente.

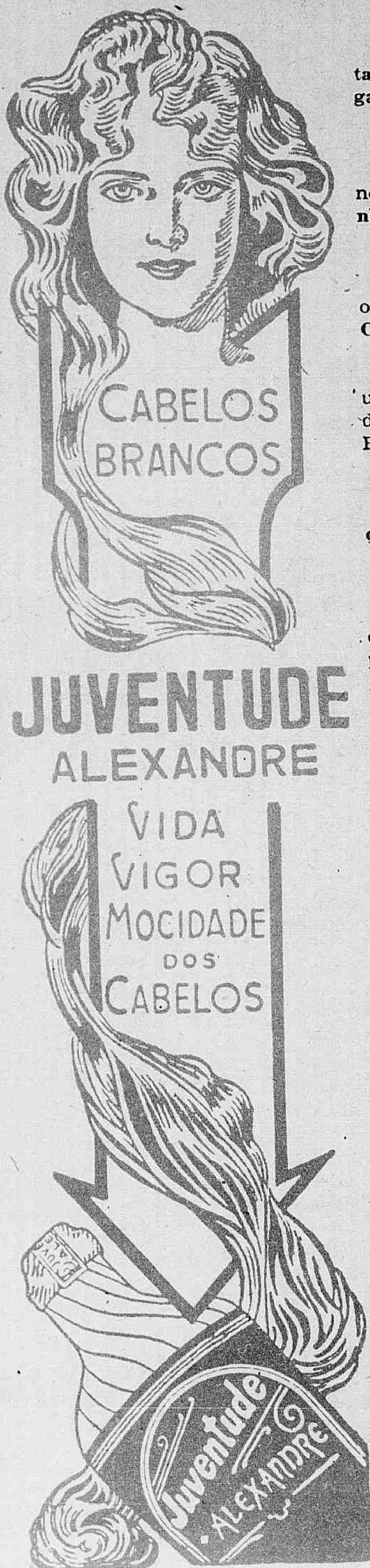
P. Del Debbio (S. Paulo)

CHARADA ANTIGA

— 89 —

Se a vida não **analisa** — 2
com jeito e perspicácia
ou destemor e audácia,
com certeza **sofre** à guisa — 2
daquele que, em **debandada,**
foge da sina por nada...

KTQZ (S. Paulo)



CHARADAS CASAIS

90 — Três — **Observa atentamente** o rumo a **seguir** e **chegarás ao fim.**

Anchieta — R.P. (S. Paulo)

---

91 — Três — E' **reincidente** no êrro de abandonar o **rebanho de porcos no pasto.**

Atelito Lebre (Rio)

---

92 — Três — **Respeito muito** o sr. **Vieira.**

Carsioli (Angico - Mairi - Ba.)

---

93 — Duas — Na **traseira** de uma viatura do Exército, li: 15 de Novembro — **proclamação** da República.

Cysneirense

---

94 — Três — **Sem interrupções** foi o **terreno murado.**

Dopasso (Recife)

---

95 — Três — **Pessoa ridícula** quando tem **conhecimentos superficiais de alguma coisa,** se julga um sábio.

El Principe (Uberaba)

---

96 — Três — Você me **irrita,** só vive de **calundu!**

Emidlej (Salvador)

---

97 — Três — **A arte aplicada** à charada não é obra de **teimoso.**

KTQZ (S. Paulo)

---

98 — Três — **Descompostura** não corrige; é método já em franca **decadência.**

Plá (Rio)

---

99 — Duas — **Deito à conta** de um descuido a **obra mal feita.**

Malba Tantan (Santos)

---

100 — Três — A **rapariga anima-o** tanto, que êle se sente **apaixonado.**

Oarcim (Rio)

---

101 — Três —

Quanta **criança** infeliz
Vadia pela cidade.
Nos doi se o pobre diz
Que não há mais caridade?

Roama (Guapiaçu)

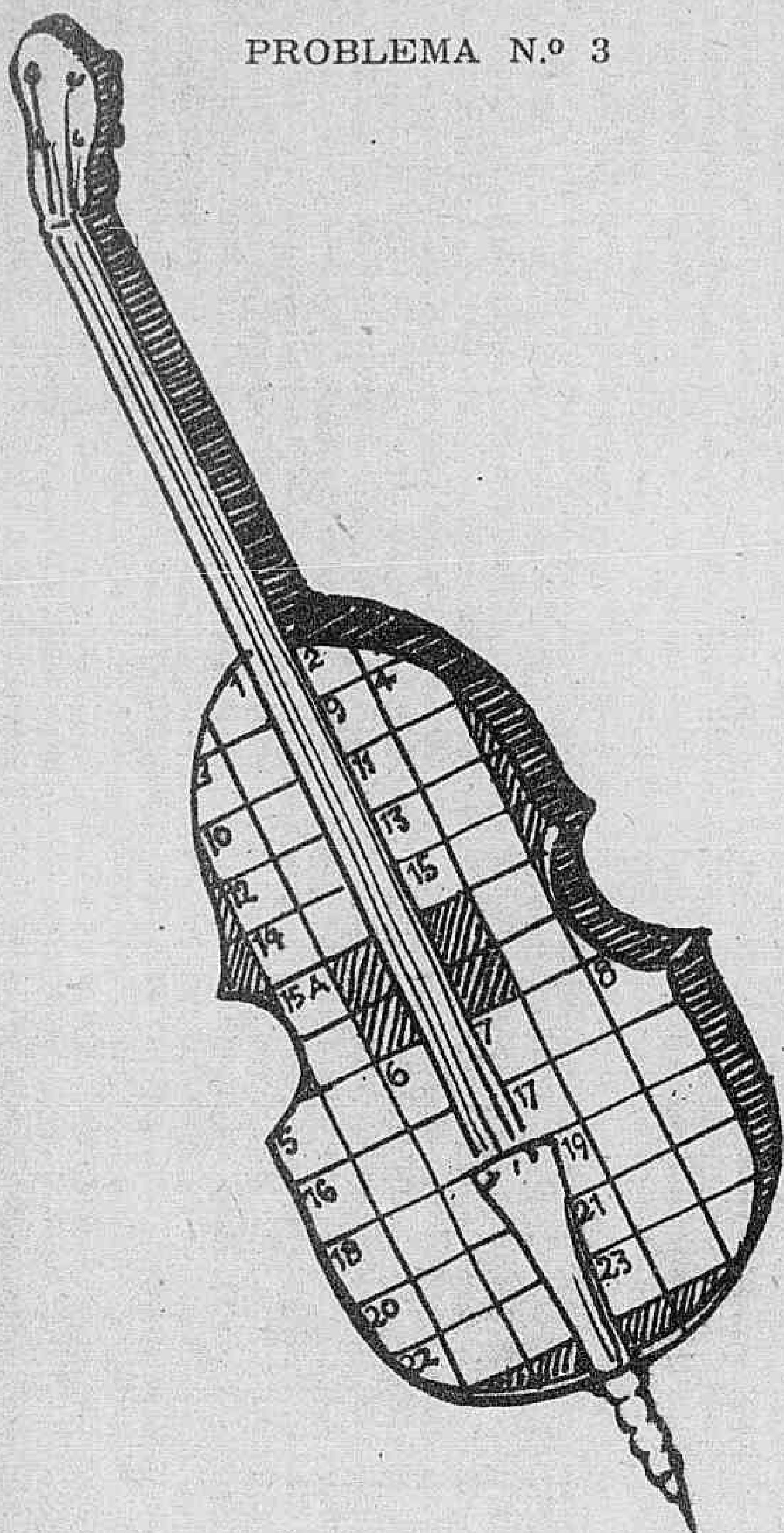
---

102 — Duas — Quem **critica** merece **censura.**

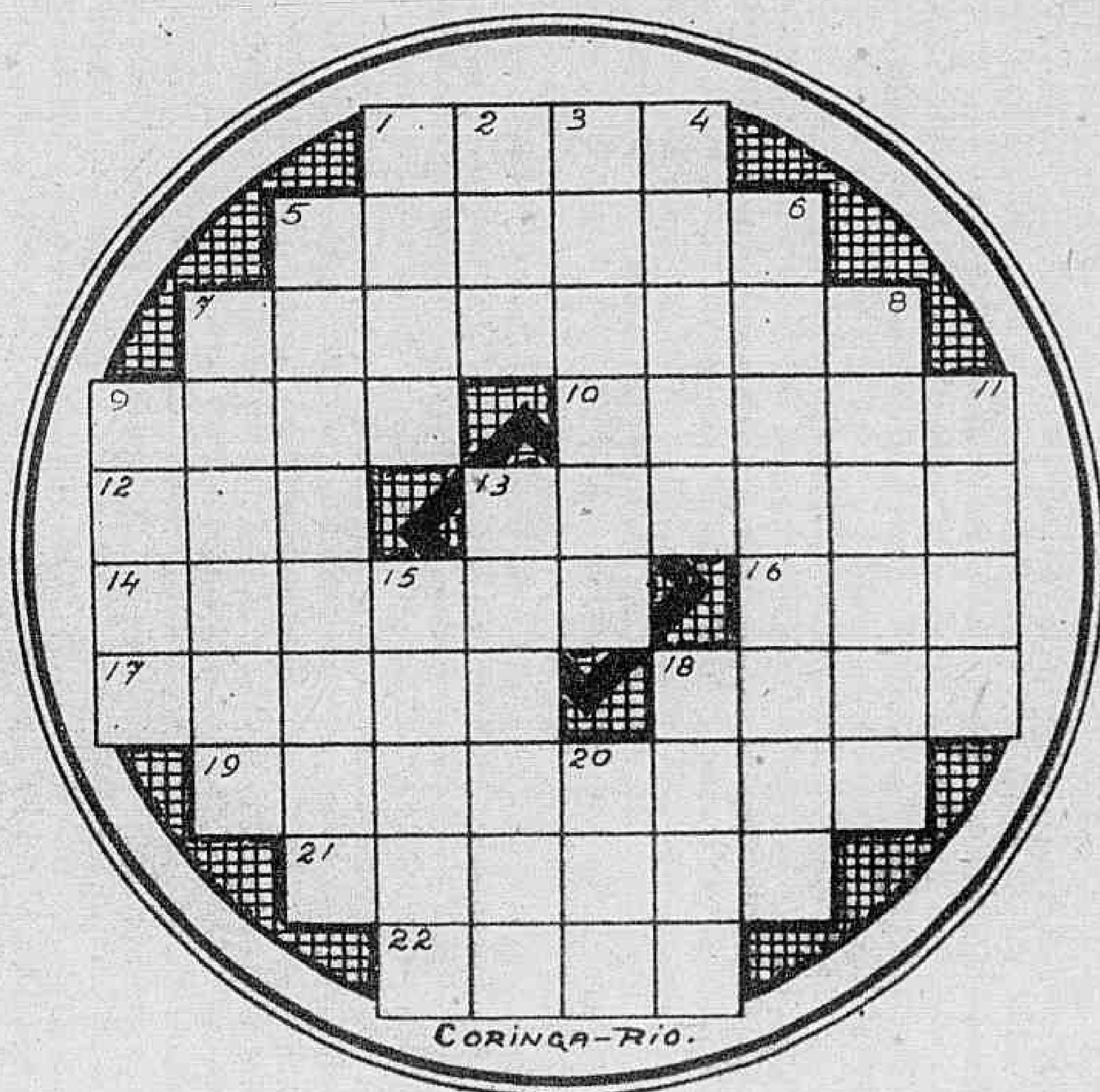
Sertanejo II (Lavras)

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 3



STEPHENS'
TINTA PARA ESCREVER
OS PEDIDOS DOS SENHORES REVENDEDORES DEVEM SER DIRIGIDOS À SECÇÃO DE VENDAS DA FÁBRICA:
PRODUTOS STEPHENS' LTDA.
R. BOA VISTA, 88 - 5.º AND. - S/ 517 - TELS. 33-1799 E 33-4311
CAIXA POSTAL, 1511 - SÃO PAULO



Zoraco (Divinópolis)

Ao Sertanejo II, retribuindo

HORIZONTAIS: 1 — Décimo oitavo; 2 — Erre; 3 — Pancada no alto da cabeça; 5 — Sem gôsto; 7 — Rema para trás; 9 — Gesto; 10 — Designativo de uso; 11 — Crédito; 12 — Símbolo do sódio; 13 — Pref; abreviatura de ambi; 14 — Sob; 15 — Oitava letra do alfabeto armênio; 15-A — Símb. do iôdo; 16-A — Ene; 16 — Maior; 17 — Fôlha; 18 — Malha de côr diferente, redonda, no pêlo da rés; 19 — Então; 20 — Rio da Noruega Central; 21 — Pequena bigorna de aço usada nas casas de cunhagem de moedas; 22 — Um dos quatro cavalos do sol; 23 — Que denota extensão.

VERTICAIS: 1 — Minhocão (animal fantástico); 2 — Ficar no fio; 3 — Assembléia de cardeais presidida pelo Papa; 4 — Vira-voltas; 5 — Isento; 6 — Gado bovino gordo, bom para o corte; 7 — Cidade do Ceará; 8 — Amacio.

Coringa (Rio)

HORIZONTAIS: 1 — Ardente; 5 — Esperteza; 7 — Macilento; 9 — Cascalho consolidado em rocha na mineração; 10 — Incursão súbita de gente; ou de outros animais; 12 — Árvore da família das Rosáceas; 13 — Cidade, promotório da ilha de Chipre; 14 — Procura ensinar ou convencer; 16 — Nome próprio masculino; 17 — O sentido íntimo; o ponto mais profundo de qualquer questão ou matéria; 18 — Depósito de matérias que se forma em várias partes do corpo no curso da gôta; 19 — Remendara mal; 21 — Sonega, cala; 22 — Língua dos índios carijós.

VERTICAIS: 1 — Sociedade de várias pessoas no jôgo ou para compra ou realização de alguma coisa; 2 — Exclamação irônica; 3 — Trocista, levada da breca; 4 — Orixalá; 5 — Em forma de cabeça; 6 — Abranda, suaviza; 7 — Tira seca de lombo de atum; 8 — Gorgeta; 9 — Soma, substância; 11 — Nome próprio masculino; 13 — Que não faz dano, Inocente; 15 — Nome com que os índios tembés designam o canal principal de um rio; 18 — Assim aconteceu; 20 — Rio da Rumânia.



Alivio rápido para
HEMORROIDES
Man-Zan é a pomada que alivia, na hora, as dôres e os pruridos causados pelas hemorroides. Man-Zan acalma e refresca. MAIS ATÉ: Man-Zan é antisséptico suave para os tecidos, mortal para as bactérias. Por isso, Man-Zan também previne as infecções e outros graves males consequentes das hemorroides.
Um produto De Witt - à venda em tôdas as farmácias.
Coadjuvante para Hemorroides
Pomada ManZan
Aprovado pelo Depto. Nacional de Saúde, sob n. 77, em 12/2/41.

103 — Não é **censurável** gostar de **doce de pimenta**.

Seama (Santos)

Ao caro **Sertanejo II**

104 — Três — Acabo de concluir **um perfeito estudo das coisas espirituais.**

Zigomar — B. B. (B. Horizonte)

CORRESPONDÊNCIA

Cartas recebidas até 20 de setembro.

A TODOS — Pedimos colaboração, lembrando, entretanto, que damos sempre preferência aos trabalhos fáceis e que não aceitamos verbo empregado como substantivo, e mais: que os conceitos sejam rigorosamente de acôrdo com os dicionários.

ASIL (Salvador) — A sua inscrição foi aceita imediatamente.

R. SAID (Salvador) — Inscrito para todos os efeitos.

FVA DIO (Rio) — Não encontramos os conceitos dos seus trabalhos nos dicionários que indicou, o que nos fêz perder tempo.

POMPEU JÚNIOR (Botucatu) — Gratos pelos ótimos trabalhos enviados.

POLÍGONO SANTISTA — Anotada a mudança do título do antigo Pentágono Santista.

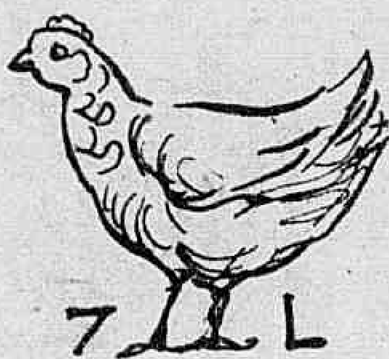
PRAZO

Para as soluções de cada mês, Distrito Federal e Niterói, 45 dias; demais Estados, 90.

Tôda a correspondência para esta secção deve ser enviada ao seu diretor.

DR. LAVRUD

ENIGMA FIGURADO — 105





4 L



8 L



Sefton (Rio)

ENIGMA FIGURADO — 106



Oarcim (Rio)



APARELHAMENTOS DE PROTEÇÃO CONTRA TODOS — OS PERIGOS: NA TERRA, NO MAR E NO AR —

INDÚSTRIA BRASILEIRA

Óculos para esmeril e soldas — Capacetes para jato de areia — Extintores e cargas de todos os tipos e tamanhos — Capacetes e escudos de fibra para solda elétrica e oxigênio — Capuzes, luvas, aventais e roupas de abestos e couro para fornalhas — Escafandros e artigos para mergulhadores — Máscaras contra poeira "Delta" — Máscaras contra gáses industriais.

DIAS GARCIA IMPORTADORA S. A.

Rua Visc. de Inhauma, 23-25 — Tel.: 23-2017 — End. Tel.: GARCIA — RIO DE JANEIRO



ATENÇÃO! AGUARDEM!



Um manancial de informações, contendo entre outros mil assuntos: Informações sôbre o ANO CRISTÃO, CATÓLICO, EVANGÉLICO, ISRAELITA, AERONAUTICO, CIENTÍFICO, ARTÍSTICO, EX-LIBRISTICO, AGRICOLA, HOROSCÓPICO, CALENDARIOS CATÓLICO, ISRAELITA E EVANGÉLICO.

★

Informações de interêsse geral, para os amantes de: CIÊNCIA, HISTÓRIA, TEATRO AMADOR, NOVELAS POLICIAIS, HISTÓRICAS E DE AMOR, FABULAS E CONTOS INFANTIS, AGRICULTURA, QUEBRA-CABEÇAS, EX-LIBRIS, ECONOMIA DOMÉSTICA, TESTES E DECIFRAÇÕES, AVENTURAS, ESTATISTICAS, GEOGRAFIA, MEDICINA, ARQUITETURA, VIAGENS, ASSUNTOS RECREATIVOS, AUTOMOBILISMO, MECÂNICA, AVIAÇÃO, INVENÇÕES, etc. UM ROMANCE COMPLETO. UMA COMÉDIA PARA REPRESENTAR E OUTROS ASSUNTOS.

★

As origens do mundo e da vida. A verdadeira história da Legião Estrangeira. Como foram decifrados os hieróglifos do antigo Egito. Os restos da Atlântida. Que é moeda?

Almanaque

EU SEI TUDO

COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA — RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — LAPA.

NEM SINAL DE CRIME (Cont. da pág. 18)

sedativas: uma caixinha inteira delas. Deixei a caixa no seu quarto. Coloquei uma pílula, que era o máximo que êle devia tomar, na mesinha-de-cabeceira. E, a caixinha, deixei sôbre uma outra mesa, no quarto, junto com outros remédios — suspirou. — Eu estive, sòzinha, com êle, durante tôda a noite.

— E onde estava Bob?

— Saíra para ver a namorada. Eu insistira com a governanta, a sra. Stevens, para que fôsse ao cinema. Ela fôra muito prestativa, durante todo o têmpo em que Henry estêve doente.

«Como Wilkins, pensei. O fiel Wilkins. Êle era como Abby: sempre pensando no confôrto alheio.»

— Henry não denotava qualquer coisa do terrível pensamento que lhe devia atormentar o cérebro. Estava, até, bastante animado. E, então... (Abby remexeu no seu tricô, verificando até que ponto ia adiantado.) Quando o encontramos, na manhã seguinte, as cápsulas haviam desaparecido. Tôdas elas. Apenas a caixa ainda permanecia sôbre a mesa, mas vazia.

— Onde está a caixinha das minhas pílulas? — perguntei, apressado e nervoso.

Ela me lançou um olhar de surprêsa.

— Oh, já guardei. Coloquei-a em lugar seguro. Não que eu pense que você... Mas, desde o caso de Henry, fiz disso uma regra.

Não dei muita importância ao que ela dizia. Perguntei, novamente:

— E você acha que o filho adotivo, Bob, voltou para casa e deu as pílulas a Henry?

Ela fitou o fogo, distraìdamente, por alguns momentos.

— Não havia outra pessoa na casa, compreende? Bob é um rapaz difícil de compreender. Creio que se julga eternamente deslocado, em posição inferior aos demais membros da família, e que não devia ter herdado tanto de Henry, sendo, apenas, um filho adotivo. Ouvi Bob entrar em casa, cêrca das vinte-e-três horas. Mas, nada pude ouvir mais.

— E a governanta?

— Oh, ela permaneceu com a filha casada durante tôda a noite. Com certeza, só estávamos Bob e eu na casa, quando o desenlace deve ter ocorrido. Na manhã seguinte, quando o encontramos... foi sòmente, então, que trocamos algumas palavras.

Minha prima entrou a tricotar com rapidez.

— Não pude evitar o que me ia no íntimo. Ainda mais quando Bob me disse palavras ásperas. Cometi, de fato, um grave êrro, deixando a caixinha de pílulas no quarto. Mas, eu não podia ter idéia do que poderia ocorrer.

— E Bob herdou todo o dinheiro?

— Houve outras pequenas porções, como a que me coube, por exemplo. Mas, êle ficou com quase tudo!

— E você o acusou, diretamente?

— Sim. No momento, não compreendia o alcance das palavras que dizia. Estava quase fora de mim, pelas ofensas que me fizera. As palavras foram saindo, e não pude me conter!

— Mas, como Bob podia induzir Henry a ingerir tantas cápsulas?

— Não sei. Bob chegou quase a acusar a mim de haver ministrado as pílulas a Henry! — Os óculos de Abby brilhavam, na pouca luz do quarto.

— A você?

— Foi, então, que perdi a calma! Disse-lhe que, se alguém matara Henry, êle tivera uma excelente oportunidade e só teria a lucrar com isso. Disse-lhe que julgava ser homicídio e contei-lhe por quê. Ficou furioso e informou que escreveria a você.

— Mas, não o fêz — tornei a explicar. — Para mim, tudo isso é novidade. Escute! Se tem qualquer motivo verdadeiro... Irra! Se Henry foi assassinado, temos que fazer alguma coisa!

— Temo que o motivo que me leva a pensar ter sido a morte de Henry provocada, não serviria, talvez, para satisfazer um júri, por exemplo. Foi uma coisa que meu pai contou, certa vez.

— Como é isso?

— Creio que os médicos faziam coisas, naquela época, não praticadas pelos da atualidade. Nos dias de hoje, se um médico não sabe o que fazer em presença de algum caso, tem a faculdade de consultar um colega. Naqueles dias, um facultativo tinha que decidir, sòzinho, o que fazer, e de imediato. Suas mãos jogavam com a vida e a morte.

— Mas, os médicos ainda têm a vida e a morte dos clientes em suas mãos...

— Sim, mas... antigamente, não se falava em eutanásia. Meu pai discorria a êsse respeito, mas, apenas, comigo. Dizia que até mesmo um paciente sofredor e incurável sempre prefere lutar até ao fim. Essas eram as suas palavras.

— Pelo que vejo, seu pai avançou bastante, no campo da medicina. Por que dizia isso?

— Por que jamais aceitaram o caminho que êle lhes oferecia, para que se livrassem do sofrimento!

Sentei-me na cama, espantado.

— Não compreendo o sentido de suas palavras!

— Bem; como sabe, êle não era ortodoxo! Fazia o que achava melhor, mesmo que escandalizasse às demais pessoas. E... quando se convencia de que um paciente sofria de algum mal incurável, costumava oferecer ao mesmo uma oportunidade de... escapar.

— Mas, sôbre que está falando? — perguntei, sentindo-me bastante transtornado.

— Êle colocava, vamos dizer, quatro pílulas na mesa, ao alcance do paciente. E dizia: «Se estiver sofrendo, esta noite, tome uma cápsula. Tome duas, se fôr preciso. Mas, se tomar quatro, jamais sentirá qualquer dor, novamente»!

Fitei-a, ainda mais espantado. Ela, apenas, fêz um meneio brusco de cabeça.

— Pois é. Isto era o que meu pai costumava dizer. Depois saía, deixando um número suficiente de pílulas, de modo que, se o paciente tomasse quatro delas, nunca mais teria qualquer sofrimento. Naturalmente, era terrível que meu pai procedesse dessa forma. Mas, acontecia...

— Isso era um verdadeiro crime! — interrompi.

— Sim — prosseguiu ela. — Mas, acontecia que nenhum dos pacientes se animava a desertar da vida. E nunca nenhum dêles tomou quatro pílulas. Nunca!

— Mas isso era completamente fora de ética! Isso era... nenhum médico, em sã consciência, seria capaz de um ato dêsses!

— Mas ninguém, jamais, se animou a tomar as quatro pílulas — repetiu a prima Abby, mais uma vez, com voz suave.

Concentrei-me um pouco no assunto. Êsse era um magnífico exemplo das características do espírito humano. Uma delas era a vontade de lutar até ao fim.

A prima Abby interrompeu meus pensamentos, tornando:

— Êste o motivo pelo qual eu sabia que o primo Henry não poderia ter cometido suicídio. E foi isso que expliquei a Bob, quando êle... Bem, como já deve ter deduzido, êle me acusou diretamente. Disse que eu deixara as pílulas ao alcance do seu pai adotivo. E disse... disse, finalmente, que eu lhe ministrei as pílulas!

Eu quase nada sabia a respeito dêsse rapaz, que tinha meios, oportunidades e motivos para tirar a vida ao seu benfeitor. Por isso, indaguei:

— E o assunto foi deixado... **assim, no ar?**

— Sim! Que podia eu fazer? Não havia prova possível.

— E você pensa, realmente, que Bob o matou? **A sangue frio?**

— Não posso deixar de lembrar o que meu pai sempre dizia. Ninguém se aventurou a tomar as pílulas que êle, por muitas dezenas de vêzes, deixou ao alcance do paciente. Ninguém! Mas, desde então, tenho sido muito cuidadosa. Jamais deixo os remédios no quarto da pessoa de quem estou cuidando. Jamais! — Devete-se e olhou para mim, de modo severo.

«— A caixa, de onde proveio a sua pílula, está em meu quarto, trancada! — concluiu.

— Não se preocupe — redargui. — Não sou como os pacientes de seu pai. Para mim não há motivo de desertar da vida.

— Eu sei, primo James! Bem, já falei demais. Seu leite esfriou. Vou buscar um outro copo.

Abby deixou o material de tricô sôbre a cadeira, em que estivera sentada, e afastou-se na direção da copa, que ela improvisara num pequeno compartimento do corredor. Ouvi o ruído do comutador, quando ela ligou um fogareiro elétrico.

Continuei deitado, atordoado, pensando na história que ela relatara. Provàvelmente, Henry fôra a exceção, tomando as quatro ou mesmo mais pílulas. De qualquer forma, era algo que deixava qualquer pessoa arrepiada.

Senti-me um pouco melhor quando ouvi Abby retornando ao meu quarto; ela entrou e colocou um novo copo de leite quente sôbre a mesa. Em seguida, foi até ao banheiro e, munida de uma toalha, veio enxugar, cuidadosa, como sempre, e esfregou o copo até que êste ficou brilhando.

— Pronto — ela disse, com um olhar quase maternal. — Durma bem.

Assim dizendo, lançou um último olhar pelos quatro cantos do quarto, a fim de se certificar de que tudo estava em ordem, disse **boa-noite** e fechou a porta atrás de si, ao sair. E a casa voltou a ficar mergulhada naquele estranho e enervante silêncio.

Entretanto, eu não podia tirar do pensamento os fatos relativos ao primo Henry. Fiquei satisfeito ao rememorar o que Abby me contara: quando Bob a atacara, com palavras rudes, chegando a acusá-la de haver assassinado Henry, ela rebateu suas ofensas acusando-o, por sua vez, da autoria daquela estranha morte. A melhor defesa é a investida, e ela soubera fazê-lo. Mas, em seguida, o rapaz pensara melhor e não me escrevera. Talvez porque ela não voltara a falar no assunto? Ou porque êle era, de fato, culpado da morte do seu protetor?

Após alguns minutos, estiquei o braço, a fim de apanhar o copo de leite. A prima Abby, usualmente tão cuidadosa e ordenada, não se lembrara de remover o primeiro copo de leite, que já esfriara completamente. A luz fraca do abajur caía sôbre uma impressão digital de minha prima, na face externa do copo. Sorri, ao recordar o modo ansioso como esfregara o segundo copo de leite, no qual eu não notara qualquer gôta, do lado de fora. Apanhei o copo de leite quente. E, nesse momento, o tricô, que minha prima deixara sôbre o braço da cadeira, começou a escorregar, vagarosamente, e alguns pontos começaram a sair da agulha, pois encontravam-se próximos da ponta. Fiquei olhando, por alguns segundos, antes de compreender que devia impedir aquela evasão. Alguns pontos que saíssem da agulha acarretariam um trabalho dobrado e exaustivo, pois minha prima teria que refazer o tricô, segundo me informara certa vez.

Tornei a sorrir e, sentando na cama, olhei, outra vez, para o copo de leite. Apanhei-o e provei um gole. Estava morno, mas o gôsto era um tanto amargo. Estirei as pernas para fora da cama e calcei os chinelos; caminhando, em seguida, até ao outro extremo do quarto, a fim de recolher o tricô. Levantei-o, com cuidado, no sentido de evitar que outros pontos se desfizessem. Parecia uma jaqueta muito fina .Os contornos já iam tomando forma.

E, então, vi a caixinha! Estava sôbre o braço da cadeira, **e vazia**. Era uma caixa de remédio. Li o meu nome no rótulo, e a indicação: **uma ou duas, para dormir**.

Não sei quando tudo se tornou claro para mim. Mas, foi como se uma luz brilhasse em meu cérebro. Tudo aquilo sôbre que Abby discorrera, as conclusões a que me forçara a chegar, **por indução, tudo** fôra muito bem planejado!

Ela precisava de esclarecer três fatos, todos de real importância para o seu plano: primeiro, tinha que estar certa de que Bob não me escrevera, e que nenhuma carta do rapaz poderia aparecer entre os meus papéis e documentos, após a minha morte. Em segundo lugar, precisava de estar convencida de que eu não suspeitava dela e, mesmo contando tudo o que ocorrera, em relação a Henry, sabia que, após aquela noite, **eu não estaria em** condições de dizer, a quem quer que fôsse, aquilo de que ficara sabedor.

Além disso, minha prima precisara ficar ciente de que eu lhe deixara **qualquer coisa**, em meu testamento. Em terceiro lugar, tinha que dispor as coisas de modo que só as minhas impressões digitais fôssem encontradas no copo. Daí o seu cuidado em «limpar» a face externa do mesmo. Òbviamente, eu beberia o leite **quente** e não o que já havia esfriado, cujo copo trazia, inocentemente, as suas próprias impressões digitais. Finalmente, como «chave-de-ouro» para o seu plano

bem concebido, a caixa das pílulas seria encontrada em meu quarto, **vazia**, na manhã seguinte!

Voltei para a cama, sentando na borda da mesma. Que longa trilha de crimes! Como morrera a pobre Leila? O motivo, talvez, fôsse o ciúme. Mas, a tia Sofia — não havia meio de saber qualquer coisa a respeito da sua morte. E Bob se convencera de que devia estar enganado, pois não me escrevera qualquer carta.

Que quantidade daquele leite venenoso eu ingerira? E o que haveria em seu conteúdo?

Teria mesmo, a monstruosa Abby, derramado os venenos de seu pai pela pia da cozinha, conforme havia afirmado? Ou teria utilizado os mesmos para envenenar-me?

Naquele momento, ocorreu-me o pensamento de que, apesar de haver bebido tão pouco do leite, eu já podia estar irremediàvelmente envenenado.

Meus dedos se fecharam, em tôrno do aparelho telefônico. Enquanto eu ouvia a campainha, na outra extremidade do fio, ocorreu-me o que alguém dissera, certa vez:

«Há certos golpes que matam, **mas não deixam vestígios de crime**.»

*

ESTAVA pensando, agora, no último olhar que a prima Abby lançara em redor, ao se retirar do meu quarto. Seu último olhar, para mim, aparentemente cândido, fôra o olhar vitorioso para mais uma de suas vítimas — que pouco depois empreenderia a última jornada.

Sentia-me já um tanto **mole**, em vias de cair na inconsciência. Lembro-me de que ouvi a voz do médico, do outro lado do fio, mas não recordo quais as palavras que pronunciei.

Muitas horas depois, quando pude, novamente, falar e entender o que me diziam, tudo **já** havia passado. E, para minha quase infelicidade, a prima Abby não derramara todos os venenos de seu pai, pela pia da cozinha, segundo a Polícia pôde descobrir.

* *

O VAMPIRO DE CROGLIN HALL

(Cont. da pág. 69)

DE VOLTA A CASA — Quando se sentiu mais forte, viajaram para o continente e estiveram vivendo algum tempo na Suíça, onde Amélia se distraiu estudando a sério a história do pequenino país, visitando seus lagos, galgando suas montanhas e conhecendo a sua gente. Como curiosa da botânica, colheu plantas e executou uma centena de desenhos. Finalmente, com a chegada do outono, foi das primeiras a desejar a volta para Croglin Hall.

— Afinal — disse ela a seu irmão Eduardo — alugamos aquela casa por sete anos e ali estivemos apenas um. É tão difícil encontrar uma casa ao nosso gôsto, com um só andar... E os lunáticos não se evadem todos os dias...

Em meados de setembro, retornaram ao Cumberland. Porém, agora, Eduardo e Michael passaram a dormir mais próximos do quarto da irmã e, antes de deitar, colocavam duas pistolas carregadas ao alcance da mão. Amélia, por sua vez, passou a deixar a porta do seu quarto apenas fechada com o trinco, nunca se esquecendo de bem fechar a janela, mas, como em muitas velhas casas, esta deixava sem defesa uma larga seção superior.

As noites de inverno passaram em perfeita calma. Porém, em março de 1876, Amélia foi despertada pelos sinistros ruídos que não pudera esquecer e que lhe gelaram o sangue nas veias. Alguém forçava a vidraça.

Olhando para o alto, pôde ver os mesmos dois pontinhos luminosos e a mesma face horrenda e escura. Desta vez, não teve um segundo de hesitação: gritou, com tôdas as fôrças dos seus pulmões.

Eduardo e Michael saltaram da cama e apanharam as pistolas. Seguindo, então, um plano cuidadosamente organizado, separaram-se no corredor. Michael penetrou no quarto de Amélia, enquanto Eduardo saía de casa, a fim de cercar o assaltante. Quando o mais velho dos irmãos chegou ao exterior, viu uma estranha criatura correndo na direção das árvores. Detendo-se, Eduardo apontou, com cuidado, a sua arma e fêz fogo. A figura alta e esguia cambaleou um instante e, a seguir, recomeçou a fugir, porém, agora, com mais dificuldade e vagar. Eduardo se lançou em sua perseguição.

Mais uma vez, o desconhecido desapareceu entre as árvores, mas, agora, seu perseguidor o acossava de perto. Emergindo do outro lado do pequeno bosque, Eduardo pôde ver o assaltante trocando passos com dificuldade e procurando galgar a rampa, que cercava o cemitério.

Menos de dez passos os separavam, quando a figura sombria chegou ao muro. Eduardo deixou escapar um grito de triunfo, certo de que, ferido como estava, o assaltante de sua irmã nunca conseguiria escalar aquela barreira. Mas enganava-se. Com espantosa facilidade, o monstro pareceu passar sôbre as pedras, desaparecendo!

Preciosos segundos foram perdidos por Eduardo, contornando a muralha, até alcançar a porta do cemitério. Mas, ainda chegou a tempo para ver a estranha criatura passar entre os túmulos e encostar-se, cambaleante, a uma árvore. Depois, penetrando em algum velho túmulo, desaparecer em seu interior. Eduardo ainda tentou persegui-lo, mas, depois, desistiu. Nada sabia sôbre a natureza do seu inimigo. Melhor seria não se arriscar, sòzinho, naquela escuridão. Voltou, correndo, para casa.

Foi, então, que, acompanhado por Michael e um pequeno grupo de vizinhos e lavradores de sua propriedade, que foi arrancar da cama, voltaram, ao velho túmulo, para apanhar o monstro. E foi, então, que acabaram descobrindo que o adversário não era nem criminoso nem maníaco, nem sequer algum monstruoso animal, como um gorila ou coisa parecida. Não poderia haver dúvida sôbre as características do vampiro — dentes longos e encurvados... e o sangue fresco escorrendo da bôca, além do notável estado de preservação e os demais caixões quebrados, os corpos mutilados, etc.

Os supersticiosos camponeses conheciam essas características, pois que as lendas sôbre vampiros não pertencem, ùnicamente, aos povos da Europa Central, sendo mesmo universal, datando do próprio alvorecer da História. Por outro lado, para homens cultos e inteligentes, como os irmãos Cranswell, a idéia de um cadáver reanimado pela sucção do sangue dos cadáveres recém-enterrados e, também, dos vivos, parecia coisa impossível. Por isso mesmo, antes de se resignar a aceitar a divulgação dessa história, em que figuravam como parte saliente, trataram de encontrar-lhe uma explicação mais natural.

Mas não encontraram nenhuma. Talvez que hoje, revendo êsses fatos à luz da moderna criminologia e também da medicina, seja possível encontrar uma resposta sensata para o mistério do Vampiro de Croglin Hall.

Quem sabe explicar?

Muitos investigadores, antes de nós, tentaram provar que o corpo intato, no velhíssimo caixão, morrera, positivamente, cem anos antes. Sugeriram, então, que o verdadeiro criminoso — absolutamente vivo — costumava encontrar refúgio naquele túmulo. Lambusara, com o próprio sangue do ferimento que sofrera, os lábios do verdadeiro cadáver e preparara o espetáculo dos demais caixões e corpos estraçalhados, a fim de lograr os seus perseguidores. Porém, tôdas essas teorias ruem diante de outro fato, verdadeiramente espantoso. Quando os irmãos Cranswell e seus acompanhantes levaram o corpo do «vampiro» para fora do túmulo e, ali, à luz do dia, o queimaram, até reduzí-lo a cinzas, encontraram um orifício redondo na carne mumificada da perna esquerda. Sondando o local, com um canivete, dêle extraíram a bala de uma pistola, que foi identificada como pertencente à arma que Michael comprara na Suíça!

Quem sabe explicar?

EU SEI TUDO

Nº 438 — ANO XXXVII Nº 6 — NOVEMBRO DE 1953

SUMÁRIO:

Frontispício: Uma Estranha Criatura (Conto) 7
Os Touros, Agora, São Mais Perigosos 10
Os Dois Átomos Mais Pesados do Mundo 10
Caminhemos Com as Pernas 11
Mas que «Pêso» (Episódio real) 14
Nem Sinal de Crime (Conto) 15
Temos que Pagar 19
Quando a Imaginação Viaja: Um Repórter na Lua 20
Um Recorde Gelado 26
Setenta e Quatro Caracteres Alfabéticos — Brrr! 26
E Se a Sua Casa Pegar Fogo? (Os cinco primeiros minutos podem ser os mais importantes em sua vida! No entanto, quando o fogo começa, você, talvez, tenha tempo, de sobra, para salvar sua casa ou a família.) 27
Resolva os Seus Problemas 31
As Empregadas de Einstein São Mais Caras que as Nossas 32
A Fôrça de um Juramento (Romance, continuação) 35
Natureza Tranqüila (Policromia) 43
Maravilhas da Ciência: Os Rios de Gêlo, Espetáculo Impressionante. As Torrentes Glaciárias Marcham com Beleza e Terror 45
Grande Rival 50
Por Que os Homens Fogem de Casa 51
Rochas com Magnetismo Errado 51
Quem Trouxe a Sífilis para as Américas? 52
Os Heróis, Êsses Incompreendidos 58
É Preciso Saber Dormir 59
E Já que Falamos em Dormir... 65
Também os Pássaros, Relacionados com a Doença do Sono 65
Quem Sabe Explicar? — O Vampiro de Croglin Hall 66
Como Você Resolveria Isto? 69
A Lua-de-Mel e a Lei 70
O Príncipe que Trocou o Trono por Um Amor — O Que Não Disse o Duque de Windsor (VII) — Duelo de Morte: Baldwin Contra o Rei 71
Em Submarino, a Quilômetro e Meio... Acima do Nível do Mar 75
Conselhos de Uma Quituteira 75
Por Trás da Porta Amarela (Romance, continuação) 77
Gregory Peck (Policromia) 85
Famosos Casos Judiciários (Penas severas para assaltantes de bancos — Um inocente comete suicídio — Crime por contrôle remoto.) 87
Beleza Limitada 87
Distrações Para Tôdas as Idades (Que é o que sustenta a água? — Um calor que não queima — Bom pretexto para apostar — Mudar o vinho em água — Farinha explosiva — Ouça bater o próprio coração — O brinquedo que volta misteriosamente.) 87
Combinação Perigosa 90
A Lágrima e a Doença 90
Azar de Mecânico 90
Nos Domínios da Gramática 91
A Terra, Essa Desconhecida 92
A «Boa Resposta» do Mês 94
Nossas Irmãs da América (Suas fontes de riqueza) — Equador: Uma sortida despensa na metade do mundo 95
Distribuição de Crateras na Lua 98
O Sarampo é Rápido 98
Êrro 98
Olhando o Mundo há Sessenta Dias. Memento EU SEI TUDO. Os fatos ocorridos em setembro de 1953 99
Quebra-Cabeças 109

CORRESPONDÊNCIA



Olinda Bosse (Canoinhas — Sta. Catarina) — O seu pedido vai ser atendido, pelo reembôlso postal.

Washington Starret (Diamantina, M. Gerais) — Muito difícil o que nos pede. Se nos indicasse, aproximadamente, embora, o ano em que foi publicado o assunto do seu interêsse?

Pedro Pereira de Campos (São Paulo) — O assunto foge, inteiramente, ao nosso programa. Infelizmente, não podemos abrir exceção, para evitar futuras dores de cabeça e melindres inevitáveis. Apesar de tudo, agradecemos o seu interêsse.

Carlos de Lima Bustamante (B. Horizonte, M. Gerais) — O seu pedido será atendido pelo reembôlso postal.

Maria do Carmo Grael (D. Federal) — Não cremos que possa encontrar. A tradução é feita, especialmente, para EU SEI TUDO. Quanto ao segundo pedido, será, imediatamente, atendido, pelo reembôlso postal.

Antônio Faria (Belém, Pará) — Muito agradecemos as referências a EU SEI TUDO. Verificamos que se trata de leitor bastante observador e muito sensato. Aguarde um pouquinho mais e terá a informação solicitada e referente a um bom espelho.



A CAPA: — Chegou o calor — e de assustar! A zona sul já dobrou de população, invadida que foi pelos moradores da zona norte, em busca das suas praias, dos seus recantos pitorescos, das suas largas avenidas a beira-mar, com muitos sorvetes e ventos fartos. E aí está, na imaginação feliz de Ramon, um aspeto do que vai acontecendo em Copacabana.

BOLOS, BISCOUTOS e MINGAUS de
CREME de MILHO LUX



Em pacotes de celofane de um e meio quilo

Produto muito imitado, mas nunca igualado, alimento ideal para adultos e crianças, em mingaus, bolos e biscoutos



ÓLEO DE PEROBA, dá longa vida aos móveis novos e vida nova aos móveis velhos



